A maioria das pessoas faria de tudo para evitar ser uma DUFF.
Mas Bianca Piper não é a maioria...

DUFF

designated • ugly • fat • friend

KODY KEPLINGER



GLOBO Alt

DUFF

KODY KEPLINGER

Tradução
Fal Azevedo

GLOBO Alt

Copyright © 2010 by Kody Keplinger
Copyright da tradução © 2015 by Editora Globo S.A.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão dos detentores dos *copyrights*.

Título original: *The Duff*

Editora responsável **Eugenia Ribas-Vieira**
Editora assistente **Sarah Czapski Simoni**
Editor digital **Erick Santos Cardoso**
Capa **Renata Zucchini**
Imagem da capa: **Ilya Zonov/Shutterstock**
Diagramação **Eduardo Amaral**
Projeto gráfico original **Laboratório Secreto**
Preparação **Jane Pessoa**
Revisão **Laila Guilherme e Vanessa C. Rodrigues**

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº- 54, de 1995).

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K46d

Keplinger, Kody
Duff / Kody Keplinger ; tradução Fal Azevedo. - 1. ed. - São Paulo : Globo
Livros, 2015.
Tradução de: The Duff
ISBN 978-85-250-6215-4
1. Ficção juvenil americana. I. Azevedo, Fal. II. Título.

15-24415 CDD: 028.5
CDU: 087.5

1ª- edição, 2016

Direitos de edição em língua portuguesa
para o Brasil adquiridos por Editora Globo S.A.
Av. Nove de Julho, 5.229 — 01407-200 — São Paulo — SP — Brasil
www.globolivros.com.br

Sumário

Capa
Folha de rosto
Créditos
Dedicatória
capítulo 1
capítulo 2
capítulo 3
capítulo 4
capítulo 5
capítulo 6
capítulo 7
capítulo 8
capítulo 9
capítulo 10
capítulo 11
capítulo 12
capítulo 13
capítulo 14
capítulo 15
capítulo 16
capítulo 17
capítulo 18
capítulo 19
capítulo 20
capítulo 21
capítulo 22
capítulo 23
capítulo 24
capítulo 25
capítulo 26
capítulo 27
Agradecimentos

Para Aja,
cujo aniversário nos trouxe boa sorte

capítulo 1

Aquilo estava ficando chato.

Mais uma vez, Casey e Jessica estavam fazendo papel de bobas, sacudindo o traseiro como se estivessem dançando em um clipe de rap. Mas acho que os garotos adoram essa idiotice, não adoram? Sinceramente, dava para sentir meu qi despencando enquanto me perguntava, pela centésima vez naquela noite, por que tinha permitido que minhas amigas me arrastassem para esse lugar outra vez.

Toda vez que vínhamos ao Nest, era exatamente a mesma coisa. Casey e Jessica dançavam, flertavam, atraíam a atenção de todos os homens do lugar e acabavam sendo tiradas dali por sua melhor amiga protetora — eu —, antes que algum daqueles cães excitados se aproveitasse delas. Enquanto esperava pelo fim previsível, eu me acomodava no bar, tagarelando com Joe, o bartender de trinta anos, sobre "os problemas dos jovens nos dias de hoje".

Supus que Joe se ofenderia se eu dissesse que aquele maldito lugar era um dos maiores problemas. O Nest, que costumava ser um bar de adultos, havia sido convertido, há três anos, em um clube noturno para adolescentes. O balcão de carvalho, meio bambo, tinha sido mantido, mas Joe servia apenas bebidas da Coca-Cola enquanto garotos e garotas dançavam na pista de dança ou escutavam bandas ao vivo. Eu odiava aquele lugar porque ele fazia minhas amigas, que eram bem bacanas na maior parte do tempo, agirem como idiotas. Mas, em defesa delas, devo dizer que não eram as únicas. Metade dos alunos do ensino médio da escola Hamilton aparecia ali nos fins de semana, e ninguém deixava o Nest com a dignidade intacta.

Sério, onde estava a graça nessa história toda? Dançar a mesma batida techno uma semana depois da outra? Claro! Talvez, quem sabe, eu esbarre naquele jogador de futebol americano suado e meio tarado. E talvez tenhamos discussões significativas sobre política e filosofia enquanto nos esfregamos na pista de dança. Eca. É, até parece.

Casey despencou no banco do meu lado.

— Você devia vir dançar, B! — disse ela, sem fôlego pela sua agitação. — É

tão divertido!

— Ah, deve ser mesmo — murmurei.

— Ai meu Deus! — Jessica ocupou a banqueta do meu outro lado, seu rabo de cavalo loiro balançando contra seus ombros. — Vocês viram aquilo? Vocês *viram mesmo* aquilo? Harrison Carlyle está dando em cima de mim! Vocês *viram*? Ai. Meu. Deus.

Casey fez uma careta.

— Harrison perguntou onde você comprou as suas sandálias, Jess. Ele é completamente gay.

— Harrison é lindo demais pra ser gay.

Casey fingiu que não ouviu, mexendo o dedo atrás da orelha como se fizesse cachinhos no cabelo. Era um hábito que tinha desde antes de adotar seu corte atual, bem curtinho.

— B, você devia dançar. Trouxemos você aqui pra passar um tempo *com você*… Não que o Joe não seja divertido — ela piscou para o bartender, provavelmente esperando conseguir algumas bebidas de graça —, mas somos suas amigas. Você devia mesmo vir dançar. Né, Jess?

— Ah, é, claro, claro… — concordou Jessica, ainda de olho em Harrison Carlyle, sentado do outro lado do bar. Ela fez uma pausa e se virou na nossa direção. — Espera aí… O quê? Eu não estava prestando atenção.

— Você parece tão entediada, B. Quero que também se divirta.

— Estou bem — menti. — E estou me divertindo. Vocês sabem que eu não sei dançar. Só vou atrapalhar. Vão… Podem ir, façam umas coreografias engraçadas, sei lá. Vou ficar bem, aqui.

Casey estreitou os olhos cor de avelã na minha direção.

— Tem certeza? — perguntou.

— Claro que sim.

Ela franziu a testa, mas depois de um instante deu de ombros e puxou Jessica pela mão, rebocando-a até a pista de dança.

— Ei, pelo amor de Deus! — reclamou Jessica. — Vá mais devagar, Case! Você vai arrancar meu braço! — Então, animadas, abriram caminho até o centro da pista, sincronizando sua dança com a batida techno.

— Por que você não contou a elas que está triste? — perguntou Joe,

empurrando um copo de Coca Light na minha direção.

— Eu não estou triste.

— Você é uma péssima mentirosa — respondeu ele, antes que um grupo de calouros começasse a pedir bebidas, fazendo baderna na outra ponta do balcão.

Dei um gole na minha Coca-Cola, de olho no relógio pendurado na parede do bar. O ponteiro de segundos parecia estar paralisado, o que me fez rezar para que aquela coisa maldita estivesse quebrada ou algo assim. Não pediria a Casey e Jessica para sairmos dali antes das onze da noite. Qualquer horário mais cedo, e eu seria considerada uma estraga-prazeres. Mas de acordo com o relógio não eram nem nove horas, e eu já podia sentir uma enxaqueca se instalando, alimentada pela música techno e pela luz estroboscópica. *Trabalhe, ponteiro dos segundos! Ande com isso!*

— E aí?

Fiz uma careta e me virei para encarar o intruso inoportuno. Isso acontecia, às vezes. Algum garoto, quase sempre chapado ou suado e nojento, vinha se acomodar do meu lado e tentava, desajeitado, puxar conversa. Isso sempre deixava claro que o sujeito não tinha herdado o gene da observação, porque meu rosto e minha linguagem corporal deixavam claro que eu não estava a fim de gracinhas com menino algum.

Mas, por incrível que pareça, o garoto sentado ao meu lado não cheirava a maconha ou suor. Na verdade, o que farejei no ar poderia até ser loção pós-barba. Acontece que minha birra só fez aumentar quando me dei conta de quem era o dono da loção pós-barba. Eu preferia que fosse um maconheiro chapado.

Wesley. Babaca. Rush.

— O que você quer? — perguntei, sem me preocupar em ser educada.

— Como você é amigável — disse Wesley, cheio de ironia. — Na verdade, vim bater um papo com você.

— Bem, então você tem um problema. Não estou conversando com as pessoas esta noite. — Dei um gole ruidoso no meu refrigerante, esperando que ele captasse a dica-não-tão-sutil e sumisse da minha frente. Não tive essa sorte. Ainda podia sentir seu olhar cinza-escuro percorrendo meu corpo. Ele podia pelo menos fingir estar me olhando nos olhos, não podia? Credo!

— Fala sério — Wesley me provocou. — Não precisa ser tão fria comigo.

— *Me deixe em paz* — sibilei, trincando os dentes. — Vá tentar esse teatrinho barato com alguma vagabunda com baixa autoestima, porque eu não caio nessa.

— Ah, não estou interessado em vagabundas — afirmou ele. — Esse não é meu tipo.

Eu ri.

— Qualquer garota que lhe diga as horas, Wesley, é definitivamente uma vagabunda. Nenhuma pessoa com bom gosto, classe ou dignidade acharia você, de fato, atraente.

Tudo bem. Isso foi uma mentirinha.

Wesley Rush era o riquinho pegador mais repugnante a manchar a reputação da escola Hamilton… Mas ele era meio que um gato. Talvez se você conseguisse obrigá-lo a calar a boca… e se lhe cortasse as mãos… talvez, e só talvez, ele pudesse se tornar tolerável. Caso contrário, ele era um merda. Um babaca cheio de tesão.

— E você, suponho, *tem* gosto, classe e dignidade, né? — perguntou ele sorrindo.

— Isso mesmo.

— Que pena.

— Você está tentando me passar uma cantada? — perguntei. — Porque se está, falhou. Miseravelmente.

Ele riu.

— Minhas cantadas nunca falham. — Ele correu os dedos pelo cabelo escuro, encaracolado, e aumentou seu sorrisinho falso e arrogante. — Só estou sendo amigável. Tentando estabelecer uma conversa gentil.

— Desculpe. Não estou interessada. — Dei as costas e tomei outro gole da minha Coca Light. Mas ele não se mexeu. Nem um centímetro sequer. — Você pode ir agora — falei com firmeza.

Wesley soltou um suspiro.

— Tudo bem. Você está sendo mesmo muito pouco gentil, sabe? Então acredito que devo ser honesto com você. Você é mais inteligente e mais obstinada que a maior parte das garotas com quem converso. Mas estou aqui por um pouco mais que uma conversa sagaz. — Wesley voltou sua atenção para a

pista de dança. — Eu, na verdade, preciso da sua ajuda. Olha, suas amigas são gatas. E você, querida, é uma Duff.

— E isso significa alguma coisa?

— Uma sigla em inglês para *Designated Ugly Fat Friend*, ou seja, a amiga feia e gorda — explicou ele. — Sem querer ofender, é isso que você é.

— Eu não sou uma…!

— Ei, não fique na defensiva. Não que você seja uma ogra ou coisa assim, mas comparada a elas… — Ele encolheu os ombros largos. — Pense no seguinte: por que suas amigas insistem em trazê-la se você não dança? — Wesley teve a cara de pau de se aproximar de mim e dar um tapinha no meu joelho, como se estivesse me consolando. Eu me afastei, e ele ergueu a mão para tirar alguns cachos do rosto. — Olha só — recomeçou —, você tem amigas lindas… Amigas *muito lindas*. — Wesley fez uma pausa, desviando o olhar para a pista de dança por um instante, antes de me encarar mais uma vez. — O lance é que os cientistas já provaram que todo grupo de meninas tem um ponto fraco, a Duff. E garotas bonitas tendem a se dar bem com garotos que se enturmam com as suas Duffs.

— E agora todos os drogados estão autorizados a chamar a si mesmos de cientistas? Isso é novidade pra mim.

— Não seja rancorosa — disse ele. — Só estou dizendo que garotas bonitas, como suas amigas, acham inspirador quando os garotos mostram alguma sensibilidade e são gentis com a Duff. Então, conversando com você, eu duplico minhas chances de conseguir transar esta noite. Por favor, colabore. Converse um pouquinho comigo e finja estar se divertindo.

Eu o encarei, boquiaberta, por alguns instantes. A beleza era mesmo uma coisa superficial. Wesley Rush até podia ter o corpo de um deus grego, mas sua alma era tão sombria e vazia como o meu armário. Que babaca!

Com um movimento ligeiro, fiquei de pé e joguei o que restava da minha bebida na direção de Wesley. O jato de Coca Light o atingiu, manchando sua camiseta polo branca que parecia cara. Respingos do líquido escuro salpicavam seu rosto e manchavam seu cabelo castanho. Seu rosto brilhava de ódio, e ele trincava os dentes.

— Ei! Por que você fez isso? — gritou Wesley, limpando o rosto com a mão.

— O que você acha? — gritei de volta com os punhos fechados.

— Sinceramente, Duff, não tenho a mínima ideia.

A raiva fez meu rosto ficar vermelho.

— Se você pensa que vou deixar alguma amiga minha sair deste lugar com você, Wesley, você está muito, muito enganado — afirmei. — Você é um pegador nojento, babaca, e eu espero que minha Coca-Cola tenha estragado sua camisa polo de riquinho. — Antes de me afastar, olhei por cima do meu ombro e acrescentei: — E meu nome não é Duff. É Bianca. Estamos na mesma turma desde o ensino fundamental, seu idiota presunçoso.

Nunca pensei que eu fosse dizer isso, mas graças a Deus a maldita música techno tocava alto pra caramba. Ninguém, com exceção de Joe, testemunhou meu pequeno chilique, e ele provavelmente achou a coisa toda engraçadíssima. Precisei empurrar um monte de gente para avançar na pista de dança lotada até alcançar minhas amigas. Ao encontrá-las, agarrei Casey e Jessica pelos braços, puxando-as em direção à saída.

— Ei! — reclamou Jessica.

— O que foi? — perguntou Casey.

— Estamos indo embora deste lugar — respondi, arrastando seus corpos relutantes comigo. — Explico tudo no carro. Mas não aguento ficar neste buraco infernal nem mais um segundo.

— Eu não posso nem me despedir do Harrison? — resmungou Jessica, tentando livrar o braço.

— Jessica! — Dei um mau jeito no pescoço quando me virei para olhá-la. — Ele é *gay*! Você não tem a mínima chance, desista logo dessa história. Eu *preciso mesmo* sair daqui. Por favor.

Eu as arrastei por todo o estacionamento, onde o ar gelado de janeiro parecia congelar a pele de nossos rostos. Cedendo, Casey e Jessica se juntaram a mim. Devem ter achado suas roupas, que pretendiam ser sexy, insuficientes para protegê-las do frio. Caminhamos juntas até meu carro, só nos separamos quando alcançamos o para-choque dianteiro. Acionei o botão de destravar no meu chaveiro para que pudéssemos entrar sem demora no Golf, que começava a ficar aquecido.

Casey aconchegou-se no banco do passageiro e perguntou, batendo os

dentes:

— Por que estamos indo embora tão cedo? B, são só, tipo, nove e pouquinho da noite.

Jessica, emburrada no banco de trás, enrolou-se em uma manta antiga, como se estivesse em um casulo. (O aquecimento do meu carro era um lixo, raramente funcionava, então eu deixava algumas mantas no banco de trás.)

— Eu discuti com uma pessoa — expliquei, enfiando a chave na ignição com mais força do que o necessário. — Atirei minha Coca-Cola na cara dele, e não quis ficar por ali esperando a resposta.

— Com quem? — perguntou Casey.

Eu estava com medo dessa pergunta, porque sabia a reação que as meninas teriam.

— Wesley Rush.

Dois suspiros sonhadores foram a única resposta que recebi.

— Ah, fala sério — reclamei. — Wesley é um babaca. Eu não suporto ele. Dorme com qualquer coisa que se mexa e guarda o cérebro dentro da calça, o que significa que tudo ali é minúsculo.

— Duvido muito — disse Casey, suspirando mais uma vez. — Meu Deus, B, só você pra encontrar alguma coisa errada em Wesley Rush.

Eu a encarei com irritação quando virei a cabeça para dar ré no estacionamento.

— Ele é um imbecil.

— Isso não é verdade — retrucou Jessica. — Jeanine contou que ele falou com ela recentemente, em uma festa em que estava com a Vikki e a Angela. Disse que Wesley se aproximou e se sentou ao lado dela e que foi bastante gentil.

Aquilo fazia sentido. Jeanine, sem sombra de dúvida, era a Duff quando estava com Angela e Vikki. Eu me perguntei qual delas foi embora com Wesley naquela noite.

— Ele tem charme — acrescentou Casey. — Você só está se comportando como a Pequena Miss Cética, como sempre. — Ela me deu um sorriso gentil do outro lado da cabine. — Mas o que diabos ele fez pra fazer você jogar sua Coca-Cola nele? — *Agora* ela parecia preocupada. Até que enfim. — Ele disse alguma

coisa errada pra você, B?

— Não — respondi, mentindo. — Não foi nada. Ele só me tirou do sério.

Duff.

A palavra piscava em minha mente quando acelerei pela rua 5. Não consegui contar às minhas amigas sobre o novo e maravilhoso xingamento que acabara de ser incorporado ao meu vocabulário, mas, quando vi meu reflexo no espelho retrovisor, a fala de Wesley de que eu era a acompanhante (ou melhor, a seguidora) pouco atraente e indesejável parecia correta. O corpo perfeito, em ampulheta, e os olhos castanhos e doces de Jessica. A pele perfeita e as longas pernas de Casey. Eu não poderia me comparar a nenhuma delas.

— Bom, então digo que devemos ir a outra festa, já que ainda é tão cedo. — sugeriu Casey. — Soube de uma em Oak Hill. Alguns universitários estão em casa para as férias de Natal e decidiram fazer uma farrinha. Angela me falou dela hoje de manhã. O que vocês acham, vamos?

— Sim! — Jessica se aprumou debaixo da manta. — Claro que devemos ir! Nas festas universitárias há *garotos* universitários. Isso não seria legal, Bianca?

Dei um suspiro.

— Não. Pra ser sincera, não.

— Ah, pelo amor de Deus. — Casey se inclinou na minha direção e sacudiu meu braço. — Dessa vez não vamos dançar, tudo bem? E Jess e eu prometemos manter todos os garotos lindos longe de você, já que evidentemente você os odeia. — Ela sorriu, tentando me fazer ficar de bom humor.

— Não odeio os garotos lindos — falei. — Só aquele. — Depois de um instante, suspirei e peguei um retorno, para seguir pela rua principal. — Tudo bem, vamos. Mas vocês duas me devem um sorvete. Duas bolas.

— Fechado.

capítulo 2

Não há nada mais tranquilizador do que a paz de um sábado à noite — ou uma madrugada do domingo. Os roncos abafados de papai ecoavam pelo corredor, mas o resto da casa parecia bem quieto quando entrei rastejando, alguma hora depois da uma da manhã. Ou talvez eu tivesse ficado surda com o volume da música na festa de Oak Hill. Sinceramente, a ideia de perder a audição não me incomodava muito. Se isso significasse que nunca mais ouviria techno de novo, tudo bem por mim.

Tranquei a porta atrás de mim e atravessei a sala escura e vazia. Vi o cartão-postal sobre a mesa de centro, enviado sabe-se lá de qual cidade mamãe estava agora, mas nem me dei ao trabalho de lê-lo. Ele ainda estaria ali pela manhã, e eu estava morta de cansaço, então me arrastei escada acima até o meu quarto.

Reprimindo um bocejo, pendurei o casaco nas costas da minha cadeira e me joguei na cama. A enxaqueca começou a incomodar menos quando tirei meu All Star e chutei-o para o outro lado do quarto. Eu estava completamente exausta, mas meu TOC gritava meu nome. A pilha de roupas limpas no chão, junto ao pé da cama, precisava ser dobrada antes que eu pudesse finalmente dormir.

Com cuidado, peguei cada peça de roupa e a dobrei com uma precisão embaraçosa. Em seguida, fiz pilhas separadas para camisas, jeans e roupa íntima. Por algum motivo, o ato de dobrar a roupa amassada me acalmava. Enquanto fazia aquelas pilhas perfeitas, minha mente ficou mais clara, meu corpo relaxou, e a irritação que eu sentia, depois de uma noite de música alta, repleta de babacas ricos que só pensavam em sexo, diminuiu. A cada peça dobrada em sua pilha, eu ia renascendo.

Depois que terminei de dobrar tudo, me levantei deixando as pilhas separadas no chão. Tirei o suéter e o jeans, que fediam a uma noitada sufocante, e os joguei no cesto de roupas sujas no canto do meu quarto. O banho podia esperar até amanhã de manhã. Estava muito cansada para enfrentar o chuveiro.

Antes de me enfiar debaixo dos lençóis, dei uma boa espiada no espelho de corpo inteiro na parede do quarto. Examinei meu reflexo com novos olhos, sob um novo ponto de vista. Cabelo castanho-avermelhado incontrolavelmente

cacheado. Nariz comprido. Coxas grandes. Peitos pequenos. Sim. Definitivamente um corpo de Duff. Como eu não tinha notado?

Quer dizer, nunca me achei particularmente atraente, e não era difícil notar que Casey e Jessica, loiras e magras, eram belíssimas, mas mesmo assim… ser meu o papel da amiga feia daquela dupla de garotas incríveis nunca tinha passado pela minha cabeça. Graças a Wesley Rush, agora eu podia encarar essa realidade.

Às vezes, a ignorância é uma bênção.

Puxei o cobertor até a altura do queixo, escondendo meu corpo nu da análise do espelho. Wesley era a prova viva de que a beleza é uma característica superficial, então por que suas palavras me afetaram tanto? Eu era inteligente. Era uma pessoa bacana. Então, por que me importar se alguém me considerava uma Duff? Se fosse atraente, eu teria de aguentar sujeitos como Wesley *dando em cima de mim*. Credo! Por esse lado, ser uma Duff tinha lá suas vantagens, não tinha? Ser pouco atraente não era assim tão horroroso.

Maldito Wesley Rush! Não conseguia aceitar que ele tinha feito com que eu me preocupasse com uma coisa idiota, sem sentido e fútil.

Fechei os olhos. Não pensaria nisso amanhã. Não pensaria nessa palhaçada de Duff *nunca mais*.

O domingo foi fantástico: agradável, tranquilo, uma delícia do começo ao fim. Óbvio, as coisas costumavam ser bem calmas quando a minha mãe não estava em casa. Quando ela estava, o lugar era mais barulhento. Sempre tinha música ou risadas ou alguma bagunça acontecendo. Mas parecia que ela ficava em casa pouco mais de alguns meses seguidos e, no momento em que saía, o silêncio retornava. Como eu, meu pai não era lá uma pessoa muito sociável. Ele costumava ficar enfiado no trabalho ou assistindo à televisão. E isso significava que a casa da família Piper era bem silenciosa.

E, na manhã seguinte a uma noitada barulhenta e infernal, uma casa tranquila era o mais próximo que eu poderia chegar do céu.

Mas a segunda-feira foi uma droga.

Todas as segundas-feiras são uma droga, claro, mas aquela segunda-feira *realmente* foi horrenda. Começou logo cedo, quando Jessica apareceu na aula de

espanhol com o rosto marcado por lágrimas e máscara para cílios.

— Jessica, o que foi? — perguntei. — O que aconteceu? Está tudo bem?

Eu admito; sempre fiquei maluca nas poucas vezes em que Jessica chegava à sala de aula parecendo estar menos do que incrivelmente feliz. Quero dizer, Jessica estava sempre saltitante, sempre dando risadinhas. Por isso, quando ela chegou com um ar tão deprimido, fiquei apavorada.

Jessica sacudiu a cabeça tristemente e desabou em sua carteira.

— Tudo bem, mas eu… eu não posso ir ao Baile de Boas-Vindas! — Mais lágrimas brotaram em seus grandes olhos cor de chocolate. — Minha mãe me proibiu!

Era isso? Ela me deu esse susto por causa daquela bobagem de Baile de Boas-Vindas?

— Por que sua mãe proibiu? — perguntei, ainda na tentativa de ser simpática.

— Estou de castigo. — Jessica deu uma fungadela. — Ela viu meu boletim no meu quarto hoje cedo, descobriu que fui reprovada em química e teve um ataque! É muito, muito injusto! O Baile de Boas-Vindas da equipe de basquete é, tipo, meu baile favorito do ano… depois do Baile de Formatura e do Baile de Boas-Vindas Sadie Hawkins, em que as meninas tiram os meninos pra dançar… Ah, e do Baile de Boas-Vindas da equipe de futebol.

Baixei o rosto e olhei para ela fazendo graça.

— Uau, você tem quantos bailes favoritos?

Jessica não respondeu. Nem riu.

— Sinto muito, Jessica. Sei que deve ser terrível pra você… Mas eu também não vou. — Não mencionei que considerava bailes escolares um processo degradante, ou que eram um desperdício enorme de tempo e dinheiro. Jessica já conhecia minha opinião sobre o assunto, e não achei que falar de novo sobre isso faria com que ela se sentisse melhor. Mas eu estava bem feliz em saber que não seria a única garota a perder a festa.

— E se fizéssemos assim: vou pra sua casa e assistimos filmes a noite toda. Você acha que sua mãe deixaria?

Jessica concordou e enxugou os olhos com a manga da blusa.

— Sim — disse ela. — Minha mãe gosta de você. Acha que você é uma boa

influência pra mim. Ela vai deixar. Obrigada, Bianca. Podemos assistir a *Desejo e reparação* outra vez? Ou já está cansada desse filme?

Sim, eu estava muito cansada dos romances bobocas pelos quais a Jessica desmaiava, mas podia aguentar. Sorri para ela.

— Nunca me canso do James McAvoy. Podemos assistir a *Amor e inocência* se você quiser. Faremos uma sessão dupla.

Ela sorriu — até que enfim — no mesmo instante em que a professora foi para a frente da sala e começou a ordenar obsessivamente os lápis sobre a mesa, antes de fazer a chamada. Jessica deu uma olhada na professora magricela. Quando olhou de volta para mim, novas lágrimas brilharam em seus olhos castanho-escuros.

— Sabe o que é pior, Bianca? — sussurrou. — Eu ia convidar Harrison para ir comigo. Agora, tenho de esperar até o Baile de Formatura pra chamá-lo.

Em respeito ao estado frágil em que Jess se encontrava, decidi não lembrá-la de que Harrison não se interessaria por causa dos peitos dela, digamos assim… os grandes peitos dela. Em vez disso, eu disse:

— Eu sei. Sinto muito, Jessica.

Assim que aquela pequena crise foi superada, a aula de espanhol correu tranquila. As lágrimas da Jessica secaram, e quando o sinal tocou ela estava rindo feito uma boba enquanto Angela, uma de nossas amigas, contava sobre seu novo namorado. Descobri que tinha conseguido um A na minha última *prueba de vocabulario.* Além disso, entendi como conjugar verbos regulares no presente do subjuntivo. Realmente estava de muito bom humor quando Jessica, Angela e eu deixamos a sala de aula.

— E ele trabalha no campus — tagarelava Angela enquanto abríamos caminho para atravessar o corredor lotado.

— Onde ele estuda? — perguntei.

— Na Faculdade Comunitária de Oak Hill. — Ela pareceu um pouco envergonhada e, no mesmo instante, acrescentou: — Ele vai tirar um diploma lá, antes de ir pra alguma universidade. E a FCOH não é uma faculdade ruim nem nada disso.

— Eu também vou estudar lá — disse Jessica. — Não quero me mudar pra muito longe de casa.

Jessica e eu éramos o oposto uma da outra, e isso às vezes era meio engraçado. Você sempre poderia saber o que uma de nós ia fazer escolhendo o contrário do que a outra tinha feito. Eu queria era dar o fora da Hamilton o mais rápido possível. Terminada a formatura, no instante seguinte eu iria a Nova York para cursar a universidade.

Mas a ideia de viver tão longe de Jessica — não vê-la saltitante por aí todos os dias nem ouvi-la matraqueando sobre bailes e meninos gays — subitamente me assustou. Eu não sabia muito bem como lidar com isso. Jessica e Casey eram uma espécie de ponto de equilíbrio para mim. Não tinha certeza de que encontraria mais alguém disposto a aturar o meu cinismo quando fosse embora da cidade.

— Precisamos ir pra aula de química, Jess — disse Angela, enquanto soprava sua franja comprida e escura para longe dos olhos. — Você sabe como o sr. Rollins fica quando a gente se atrasa.

Elas dispararam na direção do departamento de ciência, e eu desci o corredor para a aula de organização política avançada. Minha mente divagava por outros lugares, por um futuro sem minhas melhores amigas para me manter nos eixos. Nunca tinha pensado nisso, e, agora que pensava, a ideia toda me deixava muito nervosa. Sabia que elas ririam de mim por isso, mas eu teria de encontrar uma forma de me manter em contato com elas o tempo todo.

Acho que meus olhos se desligaram do meu cérebro, porque quando voltei a mim, estava esbarrando em Wesley Rush.

Meu bom humor acabou ali.

Cambaleei, e todos os meus livros e cadernos acabaram no chão. Wesley me segurou pelos ombros, suas mãos grandes me contiveram antes que eu tivesse a chance de tropeçar em meus próprios pés e seguir meu material.

— Ei, cuidado — disse ele, mantendo-me de pé.

Nós estávamos *muito* perto um do outro. Tive a sensação de que insetos rastejavam sob minha pele, espalhando-se por onde as mãos dele me tocavam. Estremeci de desgosto, mas ele interpretou mal minha reação.

— Ei, Duff, calma aí — disse ele, baixando o rosto para me encarar com um sorriso arrogante. Wesley era mesmo muito alto; tinha me esquecido disso, naquela noite sentada ao lado dele no Nest. Ele era um dos únicos garotos da

nossa escola mais alto do que Casey — tinha pelo menos 1,88 metro, trinta centímetros a mais do que eu. — Deixo você de pernas bambas, é isso?

— Até parece. — Eu me espremi para longe dele, sabendo muito bem que tinha falado como Alicia Silverstone em *As patricinhas de Beverly Hills*, mas não me importei com isso. De joelhos no chão, comecei a juntar meus livros, e para meu imenso desprazer Wesley fez a mesma coisa. Ele estava fazendo seu papel de cara bacana, claro. Aposto que esperava que alguma líder de torcida bem linda, como Casey, passasse por ali bem naquele momento e pensasse que ele estava sendo um cavalheiro. Que nojento. Sempre tentando se dar bem.

— Espanhol, é? — perguntou ele, lendo meus papéis enquanto os juntava. — Você consegue falar alguma coisa legal?

— *El tono de tu voz hace que quiera estrangularme*. — Eu me levantei e esperei que Wesley me desse os papéis que tinha recolhido.

— Isso parece bem sexy — disse ele, levantando-se e me entregando a pilha de deveres de espanhol que tinha juntado. — O que você acabou de dizer?

— *O tom da sua voz faz com que eu queira me estrangular.*

— Hum, que menina malvada.

Sem dizer mais nada, arranquei os papéis de suas mãos, enfiei-os dentro de um dos meus livros e me afastei, saindo em disparada na direção da sala de aula. Precisava manter a maior distância possível entre aquele babaca mulherengo e eu. *Duff?* Jura? Ora, ele sabia meu nome! O idiota egocêntrico não podia simplesmente me deixar em paz. Sem mencionar que minha pele *ainda* formigava nos pontos onde ele tinha me tocado.

A turma de organização política avançada do sr. Chaucer tinha apenas nove alunos, e sete deles já estavam na classe no momento em que entrei pela porta. O professor me olhou feio através dos olhos semicerrados, para deixar claro que o sinal soaria a qualquer momento. Estar atrasado era um delito grave na opinião do sr. Chaucer, e estar *quase* atrasado também era, ainda que menor. Mas não fui a última a aparecer, o que ajudou um pouco.

Ocupei meu lugar no fundo da sala e abri o caderno, pedindo a Deus que o sr. Chaucer não me desse uma bronca enorme pelo meu quase atraso. Do jeito que estava nervosa, eram grandes as chances de que eu o xingasse. Mas ele não gritou comigo, o que poupou um bocado de drama.

O último aluno da turma entrou exatamente no mesmo instante em que o sinal soou.

— Desculpe, sr. Chaucer. Eu estava pregando os cartazes da cerimônia de inauguração da próxima semana. O senhor ainda não começou a aula, começou?

Meu coração pulou quando ergui os olhos e vi o garoto que tinha acabado de entrar.

Tudo bem, não é segredo algum que odeio os adolescentes que namoram no ensino médio e vivem em estado delirante, falando sem parar sobre o quanto amam seus namorados ou suas namoradas. Admito honestamente que odeio as garotas que dizem que amam alguém antes mesmo do primeiro encontro. Não escondo minha opinião: o amor leva anos — cinco ou dez, no mínimo — para se desenvolver, e, para mim, relacionamentos do ensino médio são totalmente idiotas. Todo mundo sabia que eu pensava assim… Mas o que ninguém sabia é que eu era *quase* uma hipócrita.

Bom, tudo bem, Casey e Jessica sabiam, mas elas não contavam.

Toby Tucker. Se deixássemos de lado a trágica aliteração, Toby era perfeito em todos os sentidos. Não era um jogador de futebol imerso em testosterona. Não era um hippie-meigo-tocador-de-violão. Não escrevia poesia, nem usava lápis de olho. Claramente Toby não poderia ser considerado uma beleza, mas isso era uma vantagem para mim, certo? Os esportistas, membros de bandas e garotos emo não olhavam duas vezes — como Wesley tinha afirmado com tanta gentileza — para uma Duff. Era mais provável que eu tivesse uma chance com caras inteligentes, politicamente ativos e, como o Toby, de algum modo socialmente inadequados. Certo?

Errado, errado, *errado*.

Toby Tucker era o cara perfeito para mim. Infelizmente, ele desconhecia esse fato. Isso se devia, em grande parte, à minha incapacidade em formar frases coerentes cada vez que ele se aproximava. Eram grandes as chances de Toby acreditar que eu era muda ou alguma coisa do tipo. Ele jamais me olhou ou falou comigo, nem sequer pareceu reconhecer minha existência no fundo da sala de aula. Para uma garota com uma bunda tão grande, eu me sentia completamente invisível.

Mas eu percebi a presença de Toby. Notei seu antiquado, mas encantador,

cabelo loiro cortado no estilo tigela e sua pele pálida, cor de marfim. Notei seus olhos verdes escondidos sob as lentes de óculos ovais. Notei que ele usava um casaco que combinava *com tudo*, e notei a forma comovente como mordia o lábio inferior enquanto pensava muito em alguma coisa. Eu estava… bem, não apaixonada, mas certamente gostando dele. Eu estava *gostando* bastante de Toby Tucker.

— Ah, tudo bem… — murmurou o sr. Chaucer. — Trate de ficar de olho no relógio amanhã, sr. Tucker.

— Pode deixar, senhor.

Toby se sentou na primeira fila, ao lado de Jeanine McPhee. Como uma stalker, prestei atenção na conversa deles, enquanto o sr. Chaucer escrevia os pontos principais da aula no quadro-negro. Não costumo me comportar de forma tão esquisita, mas bem… *gostar* de alguém leva as pessoas a fazer umas coisas malucas. Pelo menos essa é a desculpa que se ouve por aí.

— Como foi seu fim de semana, Toby? — perguntou Jea- nine, que estava sempre com o nariz entupido. — Algum programa emocionante?

— Foi bom — disse Toby. — Meu pai levou Nina e eu para fora do estado. Fomos visitar a Universidade Southern Illinois. Foi bem divertido.

— Nina é a sua irmã? — perguntou Jeanine.

— Não. É a minha namorada. Ela estuda na escola Oak Hill. Nunca falei dela? Bom, fomos aceitos lá, então quisemos dar uma olhada. Estou visitando outras universidades, mas estamos juntos há um ano e meio e queremos ir para o mesmo lugar para evitar o problema do namoro a distância.

— Que amor! — exclamou Jeanine. — Eu, na verdade, estou pensando em fazer apenas alguns cursos na FCOH antes de decidir para qual universidade ir.

Minha pele não estava mais formigando, mas agora meu estômago dava cambalhotas idiotas. Pensei que ia vomitar, e precisei lutar contra o impulso de sair correndo da sala de aula com a mão na boca. Por fim, acabei vencendo a batalha para manter o meu café da manhã no lugar devido, mas ainda me sentia péssima.

Toby tinha uma namorada? Já fazia um ano e meio? Ai meu Deus! Como nunca soube disso? E eles iam para a universidade *juntos*? Isso significava que ele era um desses românticos estúpidos e cafonas de quem eu vivia zombando?

Esperava muito mais de Toby Tucker. Esperava que ele fosse tão cético quanto eu sobre a natureza do amor adolescente. Esperava que encarasse a universidade como uma decisão muito importante, e não como alguma coisa a ser escolhida de comum acordo com o namorado ou a namorada. Esperava que ele fosse… bem, *esperto*!

Mas de qualquer forma, ele jamais namoraria com você, sussurrou uma vozinha dentro da minha cabeça, aflitivamente parecida com a voz de Wesley Rush. *Você é a Duff, lembra? A namorada dele é provavelmente mais magra do que você e tem peitos grandes.*

Ainda nem era a hora do almoço, e eu já queria pular de um precipício. Ah, tá, tudo bem, sou meio que chegada a um drama. Mas, definitivamente, queria voltar para casa e ir para a cama. Queria esquecer que Toby tinha namorada. Queria limpar a sensação das mãos de Wesley em minha pele. Mas queria, mais do que tudo, apagar a palavra *Duff* da minha mente.

Ah, sim, e as coisas conseguiram piorar nesse dia.

Lá pelas seis da tarde, o cara do telejornal começou a falar de uma tempestade de neve que aconteceria “no começo da manhã”. Acho que o Conselho Escolar teve pena de nós, já que não tínhamos enfrentado nenhum dia de neve até então, porque suspendeu as aulas do dia seguinte antes mesmo de a tempestade chegar. Por isso, Casey me ligou às sete e meia da noite e insistiu para irmos ao Nest, já que não teríamos de levantar cedo no dia seguinte.

— Não sei, não, Casey — falei. — E se as ruas estiverem ruins? — Eu admito. Estava procurando *qualquer* razão que servisse como desculpa para não ir. Meu dia tinha sido bem ruim até ali. Não sabia se conseguiria suportar mais algumas horas naquele lugar infernal.

— B, a tempestade não deve chegar antes de, tipo, três da manhã por aí. Desde que estejamos em casa até essa hora, vai ficar tudo bem.

— Tenho um monte de lição de casa.

— Mas você não precisa entregar nada até quarta-feira. Pode fazer amanhã, pode passar o dia *todo* fazendo lição se quiser.

Eu dei um suspiro.

— Você e a Jessica não conseguem outra carona? Realmente não estou a fim. Foi um dia péssimo, Casey.

Eu sempre podia contar com Casey se adiantando ao menor sinal de problemas.

— O que houve? — perguntou. — Você está bem? Você não parecia muito bem no almoço. É alguma coisa sobre a sua mãe?

— Casey…

— Conte o que aconteceu.

— Nada — garanti. — Mas hoje o dia foi uma droga, entende? Não aconteceu nada importante ou coisa assim. Só não estou com paciência para ir para a farra com vocês esta noite.

Houve um momento de silêncio do outro lado da linha. Finalmente, Casey disse:

— Bianca, você sabe que pode contar qualquer coisa pra mim, né? Sabe que pode conversar comigo se precisar. Não fique guardando as coisas pra você. Isso não é saudável.

— Casey, estou be…

— Você está *bem* — ela me interrompeu. — Certo, sei disso. Só estou dizendo que, se tiver um problema, estou aqui pra ajudar.

— Eu sei — murmurei. E me senti culpada por deixá-la aflita com algo tão estúpido. Eu tinha o péssimo hábito de esconder as minhas emoções, e Casey sabia disso muito bem. Ela sempre estava tentando cuidar de mim. Sempre tentando fazer com que eu compartilhasse meus sentimentos para que depois eles não explodissem na minha cara. Aquela intromissão podia ser bem irritante, mas saber que alguém se preocupava comigo… bem, era bacana. Não podia me irritar de verdade com isso. — Eu sei, Casey. Mas estou bem. É só que… hoje eu descobri que Toby tem namorada e fiquei meio desanimada. Só isso.

— Ah, B — murmurou ela. — Que droga! Sinto muito. Talvez, se você vier com a gente esta noite, Jessica e eu conseguimos animar você. Sabe, com duas bolas de sorvete e tudo o mais.

Dei uma risadinha.

— Obrigada, mesmo assim, não. Acho que vou ficar em casa esta noite.

Desliguei o telefone e fui para o andar de baixo, onde encontrei meu pai usando o telefone sem fio na cozinha. Eu o ouvi antes mesmo de vê-lo. Ele estava gritando. Fiquei parada na porta, achando que ele me veria e

imediatamente falaria mais baixo. Pensei que algum atendente de telemarketing estivesse levando uma bronca de Mike Piper, mas aí meu nome foi citado.

— Pense na Bianca e no que você está fazendo com sua filha! — Os gritos de meu pai, imagino que de raiva, soavam mais como uma súplica. — Isso não faz bem para uma garota de dezessete anos. Ela precisa de você em casa, Gina. *Nós* precisamos de você aqui.

Escapuli para a sala de estar, surpresa em vê-lo falar assim com mamãe. Para ser sincera, não sabia como deveria me sentir a respeito das coisas que ele dissera. Quer dizer, claro que sentia falta da minha mãe. Se ela estivesse sempre em casa, a vida seria muito legal, mas àquela altura já estávamos acostumados a ficar sem ela.

Minha mãe era palestrante motivacional. Quando eu era pequena, ela escreveu um livro de autoajuda, inspiracional, desses que ensinam você a fortalecer sua autoestima. Não tinha vendido muito bem, mas ela recebia convites para falar em universidades, grupos de apoio e formaturas por todo o país. E, como o livro não era um campeão de vendas, as palestras dela não eram tão caras.

Durante um tempo, minha mãe aceitou apenas palestras na região. Das que podia fazer e voltar para casa dirigindo, assim que terminasse de ensinar as pessoas a se amarem. Mas depois da morte da minha avó, quando eu tinha doze anos, mamãe ficou meio deprimida. E meu pai veio com a ideia de ela tirar umas férias. Queria que ela desse uma escapadela por umas duas semanas.

Quando mamãe voltou, contou sobre os lugares que tinha visto e as pessoas que tinha conhecido. Acho que talvez tenha sido isso que instigou sua mania de viajar. Porque, depois de suas primeiras férias, minha mãe começou a agendar palestras em todo canto. No Colorado e em New Hampshire. Eram verdadeiras turnês de palestras motivacionais.

Só que a turnê em que estava agora tinha sido a mais longa. Ela estava longe de casa havia quase dois meses, e eu nem sabia mais por onde ela andava.

Obviamente era por isso que o meu pai estava tão irritado. Porque ela estava ausente havia muito, muito tempo.

— Droga, Gina! Quando você vai deixar de se comportar como uma criança e voltar pra casa? Quando você volta para nós… para ficar? — A forma como

meu pai hesitou para pedir aquilo quase me fez chorar. — Gina… — murmurou ele. — Gina, nós amamos você. Bianca e eu sentimos sua falta e queremos que volte.

Eu me espremi contra a parede que me separava de meu pai, mordendo o lábio. Deus, aquilo estava ficando patético. Quero dizer, por que eles simplesmente não pediam o divórcio? Eu era a única que enxergava que as coisas não iam bem? Por que continuavam casados se mamãe estava sempre indo embora?

— Gina… — disse papai, e pareceu que ele ia cair no choro a qualquer instante. Então o ouvi desligar o telefone. A conversa tinha acabado.

Dei a ele alguns minutos antes de entrar na cozinha.

— Oi, papai. Tudo bem?

— Sim — respondeu ele. Deus, ele mentia muito mal. — Ah, está tudo bem, Abelhinha. Acabo de falar com a mamãe e… ela mandou dizer que ama você.

— Onde ela está agora?

— Ah… em Orange County — disse ele. — Visitando a sua tia Leah enquanto dá palestras em uma escola de ensino médio de lá. Bacana, né? Você pode dizer aos seus amigos que a sua mãe está lá em *O. C.* Você gosta dessa série, não?

— Sim — concordei. — Bem, gostava… mas foi cancelada há alguns anos.

— Ah, bem… parece que estou atrasado, Abelhinha. — Segui o olhar dele para o balcão, onde ele tinha deixado as chaves do carro. Ele notou e desviou o olhar no mesmo momento, antes que eu pudesse dizer alguma coisa. — Quais são seus planos pra hoje à noite? — perguntou meu pai.

— Bom, eu poderia fazer alguma coisa, mas… — Limpei a garganta, sem saber como continuar. Papai e eu não estávamos realmente acostumados a conversar. — Eu poderia ficar em casa também. Quer que eu fique e, tipo, assista televisão com você ou alguma coisa assim?

— Ah, não, Abelhinha — disse ele com um sorriso nada convincente. — Vá, divirta-se com as suas amigas. Até porque acho que hoje vou dormir bem cedo.

Olhei dentro dos olhos dele, esperando que mudasse de opinião. Meu pai sempre ficava muito triste depois das brigas com mamãe. Eu estava preocupada com ele, mas não sabia muito bem como dizer isso.

E, lá no fundo, eu tinha medo. Era bobagem, na verdade, mas não conseguia apenas esquecer. Meu pai era um alcoólatra em recuperação. Quero dizer, ele tinha parado de beber antes de eu nascer e não tinha bebido sequer uma gota desde então… mas às vezes, quando as brigas com a minha mãe ficavam feias, eu realmente me assustava. Tinha medo de que ele pegasse o carro e fosse direto para a loja de bebidas ou qualquer coisa desse tipo. Eu disse que era bobagem, mas era um medo do qual não conseguia me livrar.

Papai interrompeu nosso contato visual, parecia desconfortável. Deu as costas para mim e foi até a pia lavar o prato no qual tinha comido espaguete. Eu queria ir até lá, tirar o prato da mão dele — sua desculpa patética para evitar uma conversa — e jogá-lo no chão. Queria lhe dizer que toda essa história com a mamãe era estupidez. Queria que ele percebesse que enorme perda de tempo eram todas essas brigas e discussões idiotas, que ele só precisava admitir que as coisas não iam bem.

Mas, é claro, não podia fazer isso. Tudo o que consegui dizer foi:

— Pai…

Ele me encarou, balançando a cabeça, com um pano úmido na mão.

— Saia daqui, vá se divertir — disse ele. — Falo sério, quero que vá. Só se é jovem uma vez.

Não tinha como discutir. Aquela era a maneira sutil de meu pai me informar que ele queria ficar sozinho.

— Tudo bem… — respondi. — Se você tem certeza… Vou telefonar pra Casey.

Subi a escada para o meu quarto. Apanhei meu celular em cima da cômoda e chamei o número de Casey. Depois de dois toques, ela atendeu.

— Oi, Casey. Mudei de ideia sobre irmos ao Nest… E… você acha que estaria tudo bem se eu dormisse na sua casa esta noite? Conto tudo mais tarde, mas… é que não quero ficar em casa hoje.

Dobrei novamente as roupas limpas do chão antes de sair, mas isso não me ajudou tanto quanto costumava ajudar.

capítulo 3

— Mais uma, Joe. — Deslizei meu copo vazio pelo balcão na direção do bartender, que o apanhou sem dificuldade.

— Sem chance, Bianca.

Revirei os olhos sem acreditar.

— É Coca Light!

— Que pode ser ainda mais perigosa do que uísque! — Ele colocou meu copo em um balcão atrás do bar. — Chega. Você vai me agradecer mais tarde. Enxaquecas induzidas por cafeína são uma droga, e eu sei como vocês, garotas, são. Quando você tiver dores de cabeça horríveis, vai colocar a culpa em mim.

— Ah, certo, tudo bem. — E daí se eu tivesse dores de cabeça e ficasse insuportável? Eu já era uma Duff, e o único cara que eu queria impressionar estava namorando. Eu podia virar a pessoa mais mal-humorada do mundo, e ainda assim a coisa não ficaria pior do que estava.

— Um minutinho, Bianca. — Joe foi até a outra ponta do balcão, onde Angela e sua melhor amiga, Vikki, o esperavam para pedir suas bebidas.

Tamborilei os dedos no balcão de madeira, meus pensamentos andavam bem longe da música alta e das luzes estroboscópicas. Por que não tinha insistido em ficar em casa com meu pai? Por que não o obriguei a conversar comigo? Não parava de pensar nele arrastando-se por aí, infeliz, sozinho…

Mas era assim que nós, os Piper, lidávamos com a tensão.

Sozinhos.

Por que tinha de ser assim? Por que nenhum de nós conseguia se abrir? Por que papai não podia simplesmente admitir que ele e mamãe estavam passando por uma fase ruim? E por que eu não conseguia confrontá-lo sobre isso?

— Olá, Duff.

Por que aquele imbecil tinha de se sentar justo ao meu lado?

— Dê o fora, Wesley! — rosnei, encarando minha mão que não parava de se mexer.

— Não posso — disse ele. — Sabe como é, Duff, não sou de desistir fácil. E estou determinado a ficar com uma das suas amigas. De preferência, com aquela

que tem uns peitos sensacionais.

— Então vá até lá e converse com *ela* — sugeri.

— Eu iria, mas Wesley Rush não vai atrás das garotas. Elas é que vão atrás dele. — Ele sorriu para mim. — Mas tudo bem. Daqui a pouco sua amiga vai estar aqui *implorando* para que eu durma com ela. Conversar com você só vai acelerar o processo. Até lá, concederei a incrível honra de minha adorável companhia a você. E, para minha sorte, não há um copo com bebida gelada em suas mãos esta noite. — Ele ia dar uma risada, mas parou de repente. Eu podia sentir seus olhos sobre mim, mas não olhei de volta. — Você está bem? Não parece tão nervosinha quanto de costume.

— Me deixe em paz, Wesley. Estou falando sério.

— O que há de errado?

— Se manda.

A ansiedade acumulada no meu peito precisava de uma válvula de escape, tinha de ser liberada de alguma forma. E não podia mais esperar até que Casey e eu fôssemos para a casa dela para conversarmos. Eu precisava desabafar *naquele momento*. Mas não queria chorar, não na frente de metade da escola, e não havia a menor possibilidade de eu contar o que estava acontecendo comigo a Joe ou àquele palhaço sentado ao meu lado. Além disso, eu ia acabar me metendo em confusão se socasse a cara de alguém em busca de alívio. Não conseguia pensar em mais alternativas, mas sentia que ia explodir se não fizesse alguma coisa, e rápido.

Mamãe estava na Califórnia.

Papai estava por aí, afogando as mágoas.

E eu era covarde demais para fazer alguma coisa a respeito.

— Tem alguma coisa incomodando você — insistiu Wesley. — Você está com cara de quem vai cair no choro a qualquer instante. — Ele pôs a mão em meu ombro e me obrigou a olhar para ele. — Bianca?

Foi então que eu fiz uma coisa muito idiota. Em minha defesa, quero dizer que eu estava sob uma inacreditável quantidade de estresse e vi uma chance de liberá-lo.

Eu precisava de alguma coisa para me distrair — qualquer coisa que me distanciasse do drama que meus pais estavam vivendo —, só por um tempinho.

E, quando vislumbrei uma chance, não parei para pensar que poderia me arrepender daquilo depois. Uma oportunidade se apresentou no banco do bar ao lado do meu e me atirei nela. Literalmente.

Eu beijei Wesley Rush.

Em um segundo, a mão dele estava sobre meu ombro, e ele me encarava com seus olhos cinzentos, e um instante depois minha boca estava na dele. Meus lábios estavam ávidos por toda aquela emoção reprimida, e Wesley parecia tenso, seu corpo congelado em estado de choque, mas isso não durou muito. Em um piscar de olhos, Wesley compartilhou de meu gesto impensado, suas mãos voando na direção do meu quadril e me puxando para ele. Parecia uma batalha entre nossas bocas. Minhas mãos o agarraram pelo cabelo encaracolado, puxando-o mais forte do que era necessário, e os dedos dele estavam cravados na minha cintura.

Funcionou melhor do que socar alguém na cara. Não apenas me ajudou a liberar uma pressão agonizante, como, definitivamente, acabou me distraindo. Quero dizer, é difícil pensar em seu pai quando você está se agarrando com alguém.

E por mais perturbador que possa soar, Wesley beijava *muito* bem. Ele se inclinou na minha direção, e eu o puxei com tanta força que ele quase caiu do banquinho do bar. Naquele momento, nenhuma proximidade entre nós era o suficiente. Nossos assentos separados por poucos centímetros pareciam estar a quilômetros de distância.

Todos os meus pensamentos evaporaram, e eu me tornei alguém que só estava ali para viver o momento. Minhas emoções desapareceram. Nada existia, apenas nossos corpos e nossos lábios beligerantes estavam no centro de tudo. Um alívio! Foi maravilhoso não pensar em coisa alguma.

Nada! Nada… até que Wesley estragou tudo.

A mão dele começou a se deslocar, subindo da minha cintura para as costelas e, de lá, direto para o meu peito. A consciência voltou, e de repente lembrei exatamente quem eu estava beijando. Afastei minhas mãos do cabelo dele e o empurrei o mais forte que pude. Raiva… uma raiva intensa e efervescente tomou conta de mim, substituindo a preocupação e a ansiedade que eu sentia um minuto antes. Ele baixou as mãos, deslocando-as para os meus joelhos, enquanto se

afastava. Wesley parecia surpreso, mas bem alegrinho também.

— Uau, Duff, isso foi…

Dei um tapa em sua cara. Bati nele com tanta força que a palma da minha mão ficou formigando.

Wesley tirou a mão de meu joelho e a colocou no próprio rosto.

— Ei! Por que diabos você fez isso?

— Seu babaca! — gritei.

Pulei do meu banco e disparei na direção da pista de dança. Não queria admitir, mas estava mais brava comigo do que com ele.

capítulo 4

A cama queen-size de Casey era inacreditavelmente quentinha. Os travesseiros eram macios, e, por mim, afundaria na maciez daquele colchão e ficaria ali para sempre. Mas eu não conseguia dormir. Virei para lá e para cá do meu lado, tentando não perturbar Casey. Contei carneirinhos. Tentei aquela mentalização em que você vai relaxando cada parte do corpo, começando pelo dedão do pé. Tentei até me lembrar das aulas de organização política avançada.

Mas nada me ajudava a pegar no sono.

Eu estava entrando de novo em um estado de ansiedade, mas dessa vez não tinha nada a ver com o que acontecia em minha casa. O que me afligia no casamento dos meus pais, eu tinha conseguido arrancar do meu peito depois que Casey e eu deixamos Jessica na casa dela mais cedo naquela noite.

— Estou ficando preocupada com meu pai — falei. Esperei Jessica sair do carro para dizer isso. Sabia que ela não ia entender. Jessica vinha de uma família feliz e bem ajustada, com pai e mãe morando juntos. Casey, por outro lado, já tinha assistido ao casamento dos seus pais ruir. — Ele é tão sem noção. Quer dizer, não é óbvio que o relacionamento deles não está funcionando? Eles não deveriam só ir em frente com essa droga de divórcio e resolver tudo?

— Não diz isso, B — disse Casey. — É sério, você não devia nem pensar desse jeito.

Dei de ombros.

— Tudo vai se resolver — continuou ela, esticando o braço para apertar minha mão enquanto seguíamos na direção de sua casa. A neve ainda não tinha começado a cair, mas eu podia ver nuvens flutuando, escondendo as estrelas no céu escuro acima de nós. — Ela vai voltar para casa, eles vão conversar e fazer sexo pra se reconciliar e…

— Meu Deus! Que nojo, Casey!

— ... e tudo vai voltar ao normal. — Ela fez uma pausa quando enfiei o carro na garagem de sua casa. — E, enquanto isso não acontece, estou aqui. Se quiser conversar, você sabe que estou sempre pronta.

— É, eu sei.

Era o mesmo discurso “Deixe tudo com a Casey” que eu ouvia nos últimos doze anos, sempre que qualquer problema, por menor que fosse, aparecia na minha vida. Não que eu precisasse disso naquela noite — não mesmo. Sinceramente, nem estava mais tão preocupada com meu pai desde que tinha saído do Nest. Eu tinha me livrado de todo o estresse naquele beijo com Wesley.

E, agora, era isso que me impedia de dormir. Não consegui parar de pensar no que tinha feito no Nest. Minha pele coçava. Meus lábios pareciam esquisitos. Além disso, não importava quantas vezes eu tivesse escovado os dentes no banheiro de Casey (depois de meia hora, ela bateu na porta para se certificar de que estava tudo bem), o gosto nojento daquele idiota pegador ainda estava na minha boca. Ugh! Mas a pior parte era saber que eu é que tinha feito aquilo comigo.

Eu beijei *Wesley*. Sim, ele me acariciou, mas o que eu podia esperar? Wesley Rush não tinha exatamente a reputação de um cavalheiro. Ele podia ter sido um idiota, mas eu sabia que a responsabilidade daquela situação era minha. E saber disso não me fez me sentir muito bem.

— Casey — sussurrei. Certo, acordá-la às três da madruga não era uma coisa bacana de fazer, mas era ela quem estava sempre me dizendo para compartilhar ou desabafar, ou sei lá eu o quê. Então, tecnicamente, a culpa era toda dela. — Ei, Casey?

— Hum?

— Você está acordada?

— A-hã.

— Se eu lhe contar uma coisa, você jura não dizer a ninguém? — perguntei. — E você promete não surtar?

— Claro, B — murmurou ela. — O que foi?

— Eu beijei alguém esta noite — falei.

— Bom pra você. Agora volte a dormir.

Respirei fundo.

— Foi Wesley… Wesley Rush.

Casey sentou-se retinha na cama.

— Como é?! — Ela balançou a cabeça e afastou o sono esfregando os olhos castanhos arregalados. — Tudo bem, agora estou acordada. — Ela se virou para

mim, seu cabelo loiro curto eriçado e apontando para todas as direções possíveis. Deus, como é que ela conseguia *mesmo assim* parecer bonita? — Ai meu Deus! O que aconteceu? Pensei que você odiasse o cara.

— E odeio mesmo. Vou odiá-lo pra sempre. Foi apenas um estúpido, imaturo e impensado momento de… estupidez. — Eu me sentei e abracei os joelhos. — Me sinto suja.

— Bem, ser malvada pode ser divertido.

— Casey.

— Desculpe, B, mas eu não vejo qual é o problema — admitiu ela. — Ele é um gato. É rico. E provavelmente beija superbem. Não beija? Quero dizer, ele tem aqueles lábios que me fazem pensar em…

— Casey! — Coloquei as mãos sobre minhas orelhas. — Pare com isso! Não sinto orgulho do que fiz. Eu estava chateada e apenas… Ai, meu Deus, não acredito que fiz uma coisa dessas. Isso faz de mim uma vadia?

— Beijar Wesley? Dificilmente.

— O que eu faço agora, Casey?

— Beija Wesley novamente?

Olhei feio para Casey antes de cair de novo em meu travesseiro. E rolei para ficar longe dela.

— Esquece. Eu não devia mesmo ter contado pra você.

— Ah, B, não fique assim — disse ela. — Sinto muito, mas acho que você deve ver o lado positivo pela primeira vez em sua vida. Quer dizer, você não tem um namorado desde… — A voz dela foi morrendo. Nós duas sabíamos o nome que ela quase disse, afinal de contas. — De qualquer forma, já é tempo de você agir um pouco. Você nunca fala com cara nenhum além de Joe, e ele é velho demais pra você. E, agora que sabemos que Toby está fora do mercado, qual é o problema de namorar Wesley? Isso vai matar você?

— Eu *não* estou namorando ele! — guinchei. — Wesley Rush não namora, ele transa… com qualquer uma, se você quer saber. Eu só o beijei, e foi uma coisa estúpida… estúpida, estúpida, estúpida! Foi um grande erro.

Casey se deitou de novo, aninhando-se do lado dela na cama.

— Sabe, eu tinha certeza de que você não resistiria ao charme dele pra sempre.

— O quê? — falei, virando para encará-la. — Estou resistindo muito bem, obrigada. E quer saber de uma coisa? Não há nada pra resistir. Acho esse cara repulsivo. Esta noite foi apenas um lapso de julgamento, e isso nunca vai acontecer de novo.

— Nunca diga nunca, B.

Ela estava roncando segundos depois.

Resmunguei sozinha por alguns minutos, em seguida caí no sono amaldiçoando tanto Casey quanto Wesley. Estranhamente, *isso* foi reconfortante.

Papai tinha acabado de chegar de seu trabalho na Tech Plus, uma imitação local da Fnac, quando entrei pela porta na tarde seguinte, sacudindo a neve fresca do meu cabelo. A tempestade não tinha sido tão grande quanto o homem do tempo previra, mas ainda caíam algumas rajadas de neve lá fora.

Contudo, o sol estava brilhando, então a neve recém-caída que cobria o chão já estaria derretida à noite. Tirei meu casaco e olhei para papai, que estava no sofá folheando o *Hamilton Journal* e segurando, com a mão esquerda, uma caneca de café quente.

Ele ergueu os olhos quando me ouviu entrando.

— Ei, Abelhinha — disse, colocando sua caneca de café sobre a mesa de centro. — Você se divertiu com Casey e Jessica?

— Sim — respondi. — Como foi o trabalho?

— Cansativo. — Ele deu um suspiro. — Você sabe quantas pessoas nesta cidade compraram laptops para o Natal? Tenho certeza de que não sabe, então vou lhe contar que foram muitas. Você sabe quantos desses laptops estão com problemas?

— Muitos? — chutei.

— Bingo. — Papai balançou a cabeça e dobrou o jornal. — Se você não tem dinheiro pra gastar com um bom laptop, por que comprar um? Apenas guarde seu dinheiro e compre um melhor mais tarde. Se não fizer isso, só vai jogar dinheiro fora com os consertos. Lembre-se disso, Abelhinha. Se eu ensinar alguma coisa pra você nessa vida, vai ser isso.

— Certo, papai.

De repente, me senti como uma idiota. Como pude ficar tão aflita na noite

passada? Quer dizer, estava claro que mamãe e papai estavam com problemas, mas isso provavelmente passaria, como Casey disse. Ele não estava deprimido ou triste, nem mesmo próximo de tocar em uma gota de álcool de novo.

Ainda assim, eu sabia que a última ausência de mamãe estava sendo dura para ele. Então percebi que deveria tornar as coisas mais fáceis para papai. Sabia que ele provavelmente estava se sentindo um pouco sozinho nos últimos dias e achei que, em parte, a culpa também era minha.

— Quer ver TV? — perguntei. — Não tenho muito dever de casa pra amanhã, então posso deixar pra mais tarde.

— Parece uma boa — respondeu meu pai. Ele pegou o controle remoto da televisão de cima da mesa de apoio. — Há uma reprise de um episódio antigo de *Perry Mason* passando bem agora.

Fiz uma careta.

— Hum… tudo bem.

— Estou brincando, Abelhinha — Ele riu, zapeando pelos canais. — Não faria isso com você. Vejamos… Ah, veja, há uma maratona de *Caras & Caretas* passando no TV Land. Você amava essa série quando era pequena. Assistíamos às reprises quando você tinha quatro anos.

— Eu me lembro disso. — Sentei do seu lado, no sofá. — Eu lhe disse que seria uma jovem republicana porque achava o Michael J. Fox bonitinho.

Papai resmungou e ajeitou seus óculos de aros grossos.

— Isso não aconteceu. Minha Abelhinha é uma liberal agora. — Ele passou um braço pelos meus ombros e me puxou para ele. Eu sabia que era disso que meu pai precisava. Ou, talvez, que nós dois precisávamos. Apenas um tempinho juntos para que a casa não parecesse tão vazia. Quer dizer, eu amava o silêncio, mas uma dose muito grande dele pode enlouquecer depois de um tempo.

— O que você acha de assistirmos a alguns episódios?

Sorri.

— Acho ótimo, pai.

Mais ou menos na metade do primeiro episódio, me dei conta de uma coisa esquisita. Tudo bem, então, quando eu era criança, tinha uma paixonite por Alex P. Keaton (o personagem super-republicano de Michael J. Fox em *Caras & Caretas*), mas, doze anos depois, estava apaixonada por Toby Tucker, da

Juventude Democrata. Eu tenho uma queda por políticos ou o quê? Talvez eu estivesse, tipo, destinada a ser a esposa de um senador... ou talvez acabasse sendo a primeira-dama.

Ah, não, não. Políticos não se casam com garotas Duff. Elas não ficam bem na plateia dos debates. E, de qualquer maneira, eu não era do tipo que se casava. Tinha mais chance de ser a Monica Lewinsky do futuro. Só precisava me lembrar de, bem, queimar os vestidos incriminadores.

Ei, Obama até que era sexy para um cara velho. Talvez eu tivesse uma chance.

Mordi o lábio quando papai riu de uma das piadas da série. Como explicar que até mesmo *Caras & Caretas* me fazia lembrar daquela palavra?

Duff.

Deus, Wesley e aquela palavra maldita não me deixavam em paz. A palavra estava me provocando, até em minha própria casa. Cheguei mais perto de papai, tentando me concentrar no episódio. No nosso tempo juntos. Em qualquer coisa, menos em Wesley e naquele rótulo estúpido. Tentei esquecer daquele maldito beijo e de como eu tinha sido idiota.

Tentei, tentei, tentei.

E, claro, falhei miseravelmente.

capítulo 5

Quando eu estava no jardim de infância, tive uma experiência traumática no trepa-trepa. Estava no meio do brinquedo, pendurada, quando minhas mãos ficaram suadas e escorreguei. Caí pelo que pareceu ser um quilômetro até atingir o chão, encolhida. Todas as outras crianças de cinco anos riram de mim e do meu joelho arranhado e sangrando. Todas, menos uma.

Casey Blithe saiu do grupo de coleguinhas que me observavam e parou na minha frente. Mesmo naquela época, percebi que ela era linda. Cachos loiros, olhos cor de avelã, bochechas rosadas… O máximo da perfeição aos cinco anos de idade. Ela podia ser modelo de desfiles infantis.

— Você está bem? — perguntou.

— Estou — falei, entre lágrimas abundantes e quentes. Não tinha certeza se estava chorando por causa da dor no joelho ou pelo jeito como todos os meus colegas riam de mim.

— Não, não está. Você está sangrando. Deixa que eu ajudo você. — Ela estendeu a mão e me puxou. Em seguida, voltou-se e brigou com as crianças que estavam rindo de mim.

Depois disso, Casey basicamente designou-se minha protetora pessoal, nunca me deixando fora da sua vista, determinada a me manter longe de confusões. Daquele momento em diante, viramos melhores amigas.

Claro que isso foi antes da questão da popularidade e da história das Duffs. Ela acabou ficando alta (quase 1,80 — a garota era enorme!), magra e deslumbrante. Eu fiquei… bem, o oposto. Vendo-nos separadas, ninguém imaginaria que éramos próximas. Ninguém adivinharia que a bela Rainha do Baile da escola era amiga da garota gorducha de cabelo cor-de-burro-quando-foge ali no canto.

Mas éramos melhores amigas. Casey ficou ao meu lado em todos os momentos. Não me abandonou nem no começo do ensino médio, depois que meu coração foi partido pela primeira — e, se eu pudesse escolher, *última* — vez. Ela nunca me deixou ficar isolada ou afundar na minha própria tristeza. Apesar de poder facilmente ter amigas mais bonitas, mais descoladas, mais

populares, ela permaneceu comigo.

Então, quando Casey me pediu para lhe dar carona depois do treino de líder de torcida, na quarta-feira à tarde, concordei. Quero dizer, depois de tudo o que ela havia feito por mim nos últimos doze anos, o mínimo que eu podia fazer era lhe dar uma carona de vez em quando.

Esperei no refeitório da escola, olhando fixamente para as paredes cor de laranja e azul (o cara que escolheu as cores da nossa escola devia estar muito chapado), tentando acabar meu dever de cálculo. Estava voltando àquela pergunta tão velha quanto o tempo — *quando é que vou usar isso na vida real?* — quando senti a mão de alguém no meu ombro. Eu me arrepiei, sabendo exatamente quem estava atrás de mim.

Ótimo. Realmente ótimo.

Desvencilhei-me da mão de Wesley e me virei para encará-lo, agarrando meu lápis como um dardo e apontando-o para seu pomo de adão.

Ele nem sequer piscou. Seus olhos cinzentos examinaram o lápis com uma curiosidade fingida, e ele disse:

— Interessante. É assim que você recebe todos os caras de quem gosta?

— Eu *não gosto* de você.

— Isso quer dizer que você me ama, então?

Eu detestava o jeito tranquilo e confiante como ele falava. Muitas garotas achavam aquilo sexy, mas na verdade era só meio esquisito. Tudo nele parecia dizer *abuso!* para mim. Eca.

— Quer dizer que eu *odeio* você! — exclamei bruscamente. — E se você não ficar longe de mim, seu palhaço, vou denunciá-lo por assédio.

— Pode ser difícil provar isso — disse Wesley. Ele tirou o lápis da minha mão e começou a girá-lo entre os dedos. — Especialmente considerando que foi você que me beijou. Tecnicamente, eu poderia denunciar *você* por assédio.

Cerrei os dentes: ainda detestava até pensar nisso, e não quis nem lembrá-lo de que ele tinha participado do beijo com entusiasmo.

— Devolva meu lápis! — resmunguei.

— Não sei — disse ele. — Com você, isso poderia ser classificado como uma arma perigosa… junto com copos de Coca Light. Uma escolha interessante, aliás. Eu sempre pensei em você como uma garota do tipo Sprite. Sabe… *sem*

graça.

Eu só o encarei, torcendo para que ele entrasse em combustão espontânea antes de pegar meus livros e cadernos sobre a mesa. Wesley evitou minha tentativa de pisar no seu pé e ficou me observando enquanto eu marchava pelo corredor. Estava na metade do caminho para o ginásio, onde Casey, que era a capitã das líderes de torcida, devia estar encerrando o treino, quando ele me alcançou.

— Ah, espere aí, Duff. Era só uma brincadeira. Calma.

— Não teve graça.

— Seu senso de humor está precisando de exercício, então — sugeriu Wesley. — A maioria das garotas acha minhas brincadeiras charmosas.

— Essas garotas devem ter um QI tão baixo que precisam tomar cuidado pra não tropeçar nele.

Ele riu.

Aparentemente, a engraçada era *eu*.

— Ei, você nunca me contou por que estava chateada naquela noite — disse ele. — Estava ocupada demais enfiando a língua na minha garganta. Então, qual era o problema?

— Não é da sua… — comecei, e parei de repente. — Ei! Eu não… não teve língua! — Um arrepio de raiva percorreu-me quando reparei no sorriso malicioso dele. — Seu filho da mãe! Sai daqui! Céus, você está me perseguindo? Pensei que Wesley Rush não corria atrás de garotas. Pensei que elas é que o perseguiam, certo?

— Você está certa. Wesley Rush não corre atrás de garotas, e eu não estou correndo atrás de você — disse ele. — Estou aqui esperando minha irmã. Ela está fazendo um teste para o sr. Rollins. Apenas vi você no refeitório e pensei…

— O quê? Que ia me torturar um pouco mais? — apertei os punhos. — Me deixe em paz, droga! Você já me deixou arrasada.

— Como foi que fiz isso? — perguntou ele, parecendo um pouco surpreso.

Não respondi. Não queria lhe dar a satisfação de saber que a palavra *Duff* estava me infernizando por causa dele. Ele ficaria feliz com essa informação.

Em vez disso, corri na direção das portas do ginásio o mais rápido que pude. Dessa vez ele não me seguiu — graças a Deus. Corri para dentro do ginásio azul

e laranja (Ah, meu Deus. Cores brilhantes… já conseguia sentir a dor de cabeça chegando…) e sentei-me no banco mais próximo.

— Ótimo treino, garotas! — gritou Casey, do outro lado do ginásio. — Certo, o próximo jogo de basquete é na sexta-feira. Quero que todas treinem a coreografia, e Vikki, trabalhe nesses pontapés altos. Certo?

Um murmúrio geral de concordância percorreu o Esquadrão das Magrinhas.

— Perfeito — disse Casey. — Vejo vocês depois, meninas. Vamos lá, Panthers!

— Vamos lá, Panthers! — ecoaram as outras líderes de torcida enquanto se dispersavam. A maioria das garotas correu para o vestiário, mas algumas se encaminharam para as portas, conversando, excitadas, com as amigas.

Casey veio até mim.

— Oi, B — disse ela. — Desculpe, a gente foi um pouco além do horário. Se importa se eu me trocar antes de irmos embora? Estou me sentindo meio fedorenta.

— Não me importo — murmurei.

— O que há de errado? — perguntou ela, instantaneamente desconfiada.

— Nada, Casey. Vai trocar de roupa.

— Bianca, estou vendo…

— Não quero falar sobre isso. — Não ia entrar em outra discussão sobre Wesley com ela. Casey provavelmente acabaria defendendo-o como da última vez. — Estou bem, certo? — disse, suavizando a voz. — Dia longo. Dor de cabeça.

Casey ainda parecia cética enquanto caminhava, com muito menos animação, na direção do vestiário.

Fantástico. Eu me sentia uma monstra perversa. Casey apenas queria ter certeza de que eu estava bem, e eu dei um esporro nela. Não deveria ter descarregado minha raiva de Wesley em cima da Casey, mesmo sabendo que ela realmente acreditava que ele era a droga de um príncipe.

Mas, quando ela saiu do vestiário de agasalho de capuz e jeans, sua animação habitual tinha voltado. Jogou a bolsa sobre o ombro e veio até onde eu estava sentada, com um sorriso suave e imaculado.

— Algumas vezes não dá pra acreditar nas besteiras que escuto no vestiário

— disse. — Está pronta pra ir, B?

— Claro. — Peguei meus livros e comecei a andar em direção à porta do ginásio, torcendo para que Wesley não estivesse mais rondando pelo corredor.

Casey devia ter notado minha ansiedade. Percebi a expressão tensa e preocupada no seu rosto, mas ela não puxou o assunto de novo. Em vez disso, contou:

— Então, bem, Vikki *vai mesmo* ser conhecida na escola como uma vadia.

— Ela já é.

— Bom, é verdade — admitiu Casey —, mas vai piorar. Ela está saindo com aquele jogador de futebol… sabe, aquele fulano… Mas ela disse a um cara da escola Oak Hill que vai levá-lo para o Baile de Boas-Vindas da equipe de basquete. Não sei por que Vikki faz isso consigo mesma. Você, Jess e eu vamos nos sentar nos melhores lugares para assistir à tragédia, quando tudo vier à tona nessa noite. Aliás, o que vai usar no baile?

— Nada.

— Excitante, mas acho que não vão permitir que entre nua, B. — Estávamos andando pelo labirinto de mesas do refeitório, em direção ao estacionamento.

— Não. Quer dizer, Jessica e eu não vamos ao Baile de Boas-Vindas — falei.

— Claro que vão! — protestou Casey.

Balancei a cabeça.

— Jessica está de castigo. Prometi a ela que ia pra lá e que vamos ver filmes água com açúcar.

Casey parecia atordoada. Empurramos a porta azul e chegamos ao congelante estacionamento dos alunos.

— O quê? Mas Jess adora o Baile de Boas-Vindas da equipe de basquete. É seu preferido, depois do Baile de Formatura e do Baile de Boas-Vindas da equipe de futebol.

Dei um sorrizinho, contra a vontade.

— E do Sadie Hawkins.

— Como eu não soube disso? O baile está chegando. Por que vocês não me contaram?

Dei de ombros.

— Desculpe. Nem pensei nisso. E acho que Jessica ainda está deprimida. Talvez ela não queira falar a respeito.

— Mas… agora com quem eu vou ao baile?

— Hum, com um cara — sugeri. — Casey, como se fosse difícil pra você arranjar um par. — Pesquei a chave do carro no bolso traseiro da calça e destranquei as portas do meu Golf.

— Certo, quem diabos vai querer ir com o Pé-Grande aqui?

— Você *não* é Pé-Grande.

— Além disso — disse ela, ignorando-me —, é melhor ir com vocês. — Ela subiu no assento do carona e enrolou-se na manta que Jessica havia usado há algumas noites. — Droga, B. Você realmente precisa consertar a porcaria desse aquecedor.

— Você realmente precisa ter um carro próprio.

Ela mudou de assunto.

— Certo, vamos voltar para o baile. Se vocês duas não vão… será que se importam de eu ser penetra no festival de cinema de vocês? Poderia ser uma Noite de Pijama das Garotas. Faz tempo que não fazemos uma dessas.

Apesar do meu humor de cão, sorri. Casey estava certa. Já fazia algum tempo que não passávamos uma noite juntas vendo filmes, e seria agradável estar com elas sem os problemas com os garotos ou com techno nas alturas. Pelo menos uma vez, quem sabe me divertiria em uma noite de sexta-feira. Então aumentei o volume do rádio e disse:

— Na sexta-feira da próxima semana, está combinado.

capítulo 6

Quando a sexta-feira da nossa Noite de Pijama das Garotas finalmente chegou, eu estava mais do que pronta para uma noite tranquila e relaxante com minhas melhores amigas… e para o lindamente escocês James McAvoy, claro. Tinha enfiado na mochila um dvd de Amor e inocência que ganhara de Jessica no Natal, um pijama quase intacto (é, eu durmo pelada em casa, qual é o problema?) e minha escova de dente. Casey ia levar a pipoca, e Jessica tinha prometido dois potes imensos de sorvete de baunilha e chocolate.

Como se meu traseiro já não fosse grande o suficiente.

Mas, naturalmente, o dia não podia ser totalmente bom. A sra. Perkins, minha professora de inglês, garantiu isso durante a quarta aula.

— Então, esse é *A letra escarlate* — disse ela, fechando o livro. — Vocês gostaram, turma?

Houve um resmungo baixo de negativa, mas a sra. Perkins não pareceu ter percebido.

— Bom, já que o trabalho de Hawthorne é tão extraordinário e aplicável à sociedade contemporânea, quero que cada um de vocês escreva uma resenha sobre o romance. — Ela ignorou os suspiros altos. — A resenha pode ser sobre qualquer aspecto do livro: um personagem, uma cena, um tema, mas quero que seja bem aprofundada. Vou também permitir que trabalhem em duplas… — houve um burburinho de excitação na turma — … que eu indicarei. — A excitação evaporou-se.

Soube que teria problemas quando a sra. Perkins puxou a lista de chamada. Isso significava que ela organizaria as duplas por ordem alfabética de sobrenome, e como não havia ninguém cujo sobrenome começasse com Q nessa turma, meu parceiro seria, evidentemente…

— Bianca Piper vai fazer dupla com Wesley Rush.

Droga.

Eu conseguira ficar longe de Wesley por uma semana e meia — desde o dia em que ele havia me perseguido depois da aula —, mas a sra. Perkins precisava estragar tudo.

Ela matraqueou os últimos nomes da lista antes de dizer:

— Espero que as resenhas não tenham menos de cinco páginas, e isso é em fonte 12, com espaço duplo, Vikki. Não tente trapacear de novo. — Ela riu com benevolência. — Agora, quero que os parceiros trabalhem em conjunto. Ambos têm de contribuir para a resenha. E vamos ser criativos, pessoal! Divirtam-se!

— Improvável — sussurrei para Jessica, que se sentava na carteira ao meu lado.

— Ah, acho que você deu sorte, Bianca — disse ela. — Eu adoraria ter Wesley como parceiro. Mas meu coração pertence a Harrison. É tão injusto que seja a Casey que vai fazer o trabalho com ele. — Ela olhou para a cadeira de Casey, do outro lado da sala. — Ela provavelmente vai ver a casa e o quarto dele, tudo isso. Você acha que ela pode dizer umas coisas legais sobre mim se eu pedir? Ela podia me servir de intermediária.

Nem me preocupei em responder.

— As resenhas devem ser entregues daqui a uma semana, sem atraso! — anunciou a sra. Perkins, por cima do burburinho. — Então, trabalhem nisso este fim de semana.

A campainha soou, e a turma inteira ficou de pé na mesma hora. A sra. Perkins, que era baixinha, fugiu da sala para evitar ser pisoteada pelos alunos que corriam em direção à porta. Casey nos alcançou na hora em que entramos no corredor.

— Isso é besteira — sibilou. — Um trabalho sobre nada? Não quero escolher um tópico. Essa é a função dela! Qual o sentido desse trabalho se ela nem nos deu um tema pra escrever? É ridículo.

— Mas você vai poder estudar com Harrison, e…

— Por favor, Jess, não comece com isso. — Casey ergueu os olhos. — Ele. É. Gay. Não vai rolar nada, entendeu?

— Nunca se sabe! Então você não aceita ser minha intermediária?

— Encontro vocês no refeitório — falei, voltando-me na direção do meu armário. — Preciso pegar algumas coisas antes.

— Está bem. — Casey pegou Jessica pelo pulso e arrastou-a para o outro corredor. — A gente se encontra nas máquinas de lanche, certo, B? Venha, Jess. — E assim, elas me deixaram sozinha no corredor lotado. Está bem, não

exatamente *lotado*. A escola Hamilton tinha somente uns quatrocentos alunos ou algo assim, mas, levando em conta os números baixos, os corredores pareciam bastante cheios nessa tarde. Ou talvez eu estivesse estressada e me sentindo claustrofóbica. De qualquer forma, minhas amigas fugiram, e eu fiquei no meio das feras.

Saí dando cotoveladas para conseguir passar entre os caras metidos a atletas e os casais se beijando — essas exibições de afeto em público são tão desagradáveis — e fui para o departamento de ciências. Demorei só alguns minutos para chegar até o meu armário, que, como o resto daquela escola pavorosa, era pintado de laranja e azul. Girei a combinação do cadeado e abri a porta. Atrás de mim, um grupo de líderes de torcida passou correndo, gritando: "Vamos lá, Panthers! Panthers! Panthers!".

Tinha acabado de pegar meu casaco e minha mochila e estava quase fechando a porta do armário quando *ele* apareceu. Sinceramente, esperava que aparecesse antes.

— Parece que somos parceiros, Duff.

Chutei a porta do armário um pouco forte demais.

— Infelizmente sim.

Wesley sorriu, passando os dedos pelos cachos escuros enquanto se encostava no armário ao lado do meu.

— Então, na sua casa ou na minha?

— O quê?

— Pra fazer o dever de casa neste fim de semana — disse ele, estreitando os olhos. — Não comece a ter ideias, Duff. Não estou perseguindo você. Estou apenas sendo um bom aluno. Wesley Rush não tenta conquistar garotas. Elas…

— Tentam conquistar você. É, eu sei. — Vesti o casaco por cima da camiseta. — Já que temos de fazer isso, pensei que podíamos…

— Wesley! — Uma morena esguia que eu não reconheci (ela parecia estar no primeiro ano) jogou-se em cima dele bem diante dos meus olhos. Fitou Wesley com olhos enormes e lânguidos. — Você vai dançar comigo no Baile de Boas-Vindas hoje à noite?

— Claro, Meghan — disse ele, passando a mão nas costas dela. Ele era alto o suficiente para olhar dentro da camiseta dela sem problemas. Babaca tarado.

— Vou guardar uma dança pra você, certo?

— Mesmo?

— E eu mentiria?

— Ah, obrigada, Wesley! — Ele se curvou, e ela lhe deu um beijo rápido no rosto antes de sair correndo, sem olhar para mim nem uma vez.

Wesley voltou a atenção de novo para mim.

— O que é que você estava dizendo?

Entredentes, rosnei:

— *Pensei que podíamos nos encontrar na minha casa*.

— Qual é o problema com a minha casa? — perguntou ele. — Você está com medo que seja mal-assombrada, Duff?

— Claro que não. Só que prefiro estudar na minha casa. Deus sabe que tipo de doenças eu poderia pegar só de botar o pé dentro do seu quarto. — Sacudi a cabeça. — Então, na minha casa, certo? Amanhã à tarde, tipo às três. Ligue antes de ir.

Não lhe dei chance de responder. Se Wesley tivesse algum problema com isso, eu faria o trabalho sozinha. Então, esquecendo de me despedir de propósito, fui embora, passando direto pelos grupos de garotas que fofocavam e apertando o passo em direção ao refeitório.

Encontrei Casey e Jessica esperando por mim perto das velhas máquinas de lanche.

— Não entendi, Case — dizia Jessica. Ela inseriu um dólar na única máquina que funcionava e esperou até o refrigerante cair na fenda lá embaixo. — Você não precisa ficar e torcer durante o jogo?

— Não. Eu disse às garotas que não conseguiria ir hoje à noite, então uma das substitutas, aquela bonitinha do primeiro ano, vai ficar no meu lugar. Passou o ano todo querendo isso e tem talento, mas não tinha lugar pra ela até agora. As meninas ficarão bem sem mim.

Cheguei perto delas antes de Jessica me notar.

— Pronto, Bianca chegou! Vamos dar o fora daqui! Uhuuu! Noite de Pijama das Garotas!

Casey revirou os olhos.

Jessica abriu a porta azul que dava para o estacionamento, sorrindo de orelha

a orelha, e disse:

— Vocês são as melhores. Tipo, as melhores *mesmo*. Não sei o que faria sem vocês.

— Choraria no travesseiro toda noite — disse Casey.

— Pensaria que suas outras amigas eram "as melhores mesmo" — falei, devolvendo o sorriso. Não ia deixar Wesley Rush me botar para baixo de jeito nenhum. De jeito nenhum! Aquela era a noite da nossa Festa do Pijama, e eu não ia deixar um babaca como ele me ferrar. — Você não esqueceu a promessa do sorvete, esqueceu, Jessica?

— Não, eu lembrei. Baunilha e chocolate.

Atravessamos o estacionamento e entramos no meu carro. Imediatamente, Jessica enrolou-se na manta velha, e Casey, estremecendo, olhou para ela com inveja enquanto colocava o cinto de segurança. Com um pisão rápido no acelerador, voamos para fora do estacionamento dos alunos e pegamos a estrada, fugindo para longe da escola Hamilton como presos escapando das celas… o que mais ou menos éramos.

— Não acredito que você não foi indicada para Rainha do Baile dessa vez, Casey — disse Jessica do assento traseiro. — Tinha certeza que seria.

— Não. Fui eleita rainha no Baile de Boas-Vindas da equipe de futebol. Existe uma regra que diz que as pessoas não podem vencer mais de uma vez no mesmo ano. Eu não podia ser indicada dessa vez. Vai ser Vikki ou Angela, tenho certeza.

— Você acha que elas vão brigar se uma das duas ganhar? — Jessica parecia preocupada.

— Duvido — disse Casey. — Angela não liga nem um pouco pra esse tipo de coisa. Vikki é a competitiva… mas eu realmente estava animada pra ver a tragédia desta noite. Eu disse a vocês que Vikki está pensando em sair com Wesley Rush também?

— Não! — Jessica e eu gritamos juntas.

— É — disse Casey, acenando com a cabeça. — Acho que ela realmente está tentando fazer seu namorado ficar com ciúmes ou algo assim. Ela está ficando com aquele jogador de futebol, está levando um garoto de outra escola para o nosso baile e está dizendo pra todo mundo que espera ficar com Wesley. Vikki

diz que eles já ficaram uma vez depois de uma festa, recentemente — acho que o namorado ainda não sabe disso —, e está pensando em fazer isso de novo. Disse que foi incrível.

— Ele foi pra cama com ela? — engasgou Jessica.

— Ele vai pra cama com todo mundo — retruquei, entrando com o carro na rua 5. — Se ela tiver uma vagina, ele vai fazer sexo com ela.

— Eca! Bianca! — gritou Jessica. — Não diga a… palavra com V.

— Vagina, vagina, vagina — disse Casey sem rodeios. — Supere, Jess. Você tem uma. Você pode chamá-la pelo nome.

As bochechas de Jessica ficaram da cor de tomates.

— Não é preciso falar *disso*. É grosseiro e… íntimo demais.

Casey ignorou-a e me disse:

— Ele pode ser um pegador, mas é incrivelmente sexy. Até você precisa admitir isso, B. Aposto que ele é fantástico na cama. Quer dizer, você ficou com ele. Wesley foi incrível? Você consegue mesmo culpar Vikki por querer sair com ele?

— Você ficou com Wesley? — grasnou Jessica, engasgando-se com a própria excitação. — O quê? Quando? Por que não me contou?

Olhei irritada para Casey.

— Ela está sem graça — explicou Casey, ajeitando a parte de trás do seu cabelo curto. — O que é uma bobagem, porque aposto que ela adorou beijá-lo.

— Não adorei — disse.

— Ele beija bem? — perguntou Jessica. — Me conta, me conta, me conta! Eu quero muito saber.

— Bem, já que é pra contar, beija, sim. Mas isso não faz com que seja menos nojento.

— Mas — interrompeu Casey —, com sua experiência, responda à minha última pergunta. Você pode mesmo culpar Vikki por querer sair com ele?

— Não preciso. — Liguei a seta do carro. — Ela vai se culpar sozinha quando tiver uma doença venérea… ou quando o namorado dela descobrir. O que vier primeiro.

— E é exatamente por isso que eu queria ir ao baile — suspirou Casey. — Poderíamos assistir a tudo em primeira mão… como se fosse um episódio de

Gossip Girl passado em Hamilton. O namorado da Vikki ficaria furioso e armaria uma vingança enquanto sua namorada infiel dorme com o cara mais sexy da escola, e Bianca, escondendo seu amor secreto por Wesley, sofreria e faria de conta que o odiava, em silêncio, ansiando pelo seu beijo supersexy e quente de novo.

Meu queixo caiu.

— Eu *nunca* ansiaria por nada desse tipo!

Jessica deu uma gargalhada abafada no assento traseiro, puxando o rabo de cavalo por cima da boca para esconder o riso quando olhei para ela pelo retrovisor.

— Bom, enfim... — suspirou Casey. — Estou certa de que ouvirei tudo sobre a tragédia na segunda-feira.

— Ou amanhã, se a história for suficientemente boa — disse Jessica. — Angela e Jeanine nunca conseguem guardar fofocas. Se o escândalo for muito grande, você sabe que elas vão nos ligar e contar o que perdemos. Tenho certeza que vão. — Sorriu. — Espero que deem muitos detalhes. Não acredito que estou perdendo o último Baile de Boas-Vindas.

— Pelo menos não está perdendo sozinha, Jess.

Alguns instantes depois de parar na rua Holbrooke, entrei na garagem da casa dos Gaither. Arrancando as chaves da ignição, proclamei:

— Está oficialmente iniciada a nossa Noite de Pijama das Garotas!

— Uhuuu! — Jessica pulou do assento traseiro e praticamente dançou até a varanda da casa. Ela abriu a porta, e Casey e eu a seguimos, balançando a cabeça, divertidas.

Tirei meu casaco e pendurei-o no cabide logo atrás da porta. Jessica morava em uma casa que mais parecia um closet — limpa, arrumada, sapatos ficavam na porta da frente… desse tipo. Os pais dela eram supermaníacos com arrumação. Casey fez a mesma coisa e disse:

— Eu queria que a minha mãe conseguisse deixar a casa arrumada assim. Ou ela podia pelo menos contratar uma faxineira ou algo do tipo. Nossa casa parece um depósito.

A minha também não era tão bacana. Ela nunca tinha sido muito exigente com a limpeza, e meu pai só acreditava em uma limpeza anual, na primavera.

Além das roupas, dos pratos e de uma faxina leve de vez em quando (que era habitualmente feita por mim), não eram feitas muitas tarefas domésticas no lar dos Piper.

— A que horas seus pais chegam, Jessica? — perguntei.

— Minha mãe chega às cinco e meia, e meu pai chega um pouco depois das seis. — Ela estava nos esperando no pé da escada, pronta para correr para o quarto assim que nos juntássemos a ela. — Mas meu pai começou a atender um paciente novo hoje, então pode ser que chegue um pouco mais tarde.

O sr. Gaither era terapeuta. Mais de uma vez, Casey tinha ameaçado perguntar a ele se me atenderia de graça. Para ver se me ajudava a lidar com minhas "questões". Não que eu tivesse questões. Mas Casey dizia que meu cinismo era resultado de algum conflito interno. Eu dizia que era só minha inteligência. E Jessica… bem, Jessica não dizia nada. Mesmo que a gente só falasse disso de brincadeira, ela ficava sempre um pouco sem jeito quando o assunto surgia. Com todo o blá-blá-blá psicanalítico que devia ouvir do pai, ela provavelmente pensava *mesmo* que minha negatividade constante era parte de um conflito interno.

Jessica *odiava* negatividade. Odiava tanto, que na verdade nem dizia que odiava. Seria negativo demais.

— Vamos, vamos! Vocês ainda não estão prontas?

— Vamos começar a festa! — berrou Casey, correndo pela escada e passando por Jessica.

Jessica ria como uma maluca enquanto tentava alcançar Casey, mas eu demorei um pouco mais, seguindo-as pela escada em ritmo normal. Quando cheguei ao andar de cima, consegui ouvir minhas amigas rindo e conversando no quarto no final do corredor, mas não segui as vozes. Algo atraiu minha atenção primeiro.

A porta do primeiro quarto, o da esquerda, estava bem aberta. Minha mente me disse para passar direto, mas meus pés não ouviram. Parei na porta aberta, querendo que meus olhos desviassem. Meu corpo apenas não queria cooperar.

Uma cama impecavelmente arrumada com um edredom azul-marinho gasto. Pôsteres de super-heróis cobrindo as paredes. Uma luz negra em cima da cabeceira. O quarto estava quase exatamente como eu me recordava dele, apenas

não havia roupas sujas no chão. O armário aberto parecia vazio, e o calendário de Homem-Aranha, que ficava acima da mesa do computador, tinha sido retirado. Mas o quarto ainda parecia aconchegante, como se ele ainda estivesse ali. Como se eu ainda tivesse catorze anos.

— Jake, não estou entendendo. Quem era essa garota?

— Ninguém. Não se preocupe com isso. Ela não significa nada pra mim.

— Mas…

— Shhh… Não é nada importante.

— Amo você, Jake. Não minta pra mim, está bem?

— Não faria isso.

— Promete?

— Claro. Você acha mesmo que eu iria machucar você, Bi…

— Bianca! Onde diabos você se meteu?

A voz de Casey me sobressaltou. Rapidamente, saí do quarto e fechei a porta, sabendo que não conseguiria passar por ela toda vez que precisasse ir ao banheiro naquela noite.

— Estou indo! — Consegui manter o tom normal da minha voz. — Meu Deus! Sejam pacientes uma vez na vida!

Depois, com um sorriso forçado, fui ver um filme com minhas amigas.

capítulo 7

Depois de pensar nisso por um tempo, decidi que havia muitos benefícios em ser uma Duff.

Benefício 1: não é preciso se preocupar com cabelo ou maquiagem.

Benefício 2: não há pressão para ser descolada — não é para você que estão olhando.

Benefício 3: sem problemas com garotos.

Pensei no benefício 3 quando estávamos assistindo a *Desejo e reparação* no quarto de Jessica. No filme, a coitada da Keira Knightley tem que passar por toda aquela tragédia com James McAvoy, mas, se não fosse atraente, ele nunca teria olhado para ela. Seu coração não partiria. Afinal, todo mundo sabe que a conversa do "é melhor ter amado e perdido…" é baboseira.

Essa teoria se aplica a vários filmes também. Imagine. Se Kate Winslet fosse uma Duff, Leonardo DiCaprio não teria corrido atrás dela em *Titanic*, e isso teria poupado a todos um rio de lágrimas. Se Nicole Kidman fosse feia em *Cold Mountain*, não precisaria se preocupar com Jude Law quando ele foi para a guerra. E a lista é infinita.

Observava minhas amigas sofrendo por causa de garotos o tempo todo. Habitualmente, as relações acabavam com elas chorando (Jessica) ou gritando (Casey). Eu só tive meu coração partido uma vez, mas tinha sido mais do que suficiente. Então, na verdade, assistir a *Desejo e reparação* com minhas amigas fez com que eu me desse conta de como deveria ser grata por ser uma Duff. Bem irônico, né?

Infelizmente, ser uma Duff não me poupava de enfrentar dramas familiares.

Cheguei em casa em torno da uma e meia da tarde seguinte. Ainda estava me recuperando de ter passado a noite fora — já que ninguém tinha dormido — e quase não conseguia manter os olhos abertos. Mas a visão da minha casa em estado de completa devastação me acordou. Vidro quebrado espalhado no chão da sala de estar, a mesinha de centro virada como se tivesse sido chutada e — demorei um minuto para registrar isso — garrafas de cerveja espalhadas pelo cômodo. Por um segundo fiquei paralisada na porta, pensando que tivesse sido

um assalto. Então escutei o ronco alto do meu pai em seu quarto no fim do corredor e entendi que a verdade era pior.

Não morávamos em uma casa impecável, então era totalmente aceitável andar pelo carpete de sapatos. Mas hoje era, na verdade, necessário. O vidro, que eu deduzi ser das várias fotografias emolduradas quebradas, estalava sob meus pés enquanto me dirigia à cozinha para pegar um saco de lixo para limpar esse caos.

Me senti estranhamente entorpecida enquanto andava pela casa. Sabia que devia estar surtando. Quer dizer, meu pai esteve sóbrio por quase dezoito anos, e as garrafas de cerveja deixavam totalmente claro que essa sobriedade estava em perigo. Mas eu não sentia nada. Talvez porque não soubesse como me sentir. O que poderia ter sido ruim o suficiente para fazê-lo voltar a beber depois de tanto tempo?

Encontrei a resposta sobre a mesa da cozinha, bem guardada dentro de um envelope de papel pardo.

— Papéis de divórcio — murmurei enquanto examinava o conteúdo do pacote aberto. — Que porcaria…? — Olhei para a assinatura arredondada da minha mãe em um estranho estado de choque. Quer dizer, bom, eu tinha visto o fim chegando — quando sua mãe desaparece por mais de dois meses, você acaba tendo essa sensação, mas agora? Sério? Ela nem tinha ligado para me avisar! Ou a meu pai. — Droga! — murmurei, com os dedos trêmulos. Meu pai não tinha percebido que isso ia acontecer. Meu Deus, não era de estranhar que ele de repente voltasse a se embebedar. Como ela pode fazer isso com ele? Conosco.

Dane-se. Sério. Ela que se dane.

Deixei o envelope de lado e fui até a despensa onde guardávamos os produtos de limpeza, lutando contra as lágrimas que ardiam nos meus olhos. Agarrei um saco de lixo e fui para a sala de estar destruída.

Veio tudo junto, como uma pancada, fazendo com que um nó fechasse minha garganta enquanto eu pegava uma das garrafas de cerveja vazias.

Minha mãe não ia voltar para casa. Meu pai estava bebendo de novo. E eu estava *literalmente* juntando os cacos. Peguei os estilhaços de vidro maiores e as garrafas vazias e joguei-os no saco, tentando não pensar na minha mãe. Tentando não pensar sobre seu provável bronzeado perfeito. Tentando não pensar no cara

latino de vinte e dois anos com quem ela provavelmente estava transando. Tentando não pensar na assinatura perfeita que ela fizera nesses papéis do divórcio.

Estava com raiva dela. Com tanta, tanta raiva! Como é que ela podia fazer isso? Como é que podia simplesmente mandar os papéis do divórcio? Sem voltar para casa ou nos avisar? Será que ela não sabia o que isso faria com meu pai? E ela não tinha nem pensado em mim. Muito menos ligado para me preparar para isso.

Naquela hora, enquanto me movimentava na sala de estar, decidi que detestava minha mãe. Detestava-a por sempre estar longe. Detestava-a por ter nos chocado com esses documentos. Detestava-a por machucar meu pai.

Enquanto carregava o saco de lixo cheio de porta-retratos destruídos até a cozinha, fiquei pensando se meu pai havia conseguido destruir aquelas lembranças, as dele com a minha mãe, que as fotos tinham capturado. Provavelmente não. Por isso é que ele precisara do álcool. Quando nem isso tinha apagado o rosto da minha mãe de sua cabeça, ele devia ter demolido a sala como um bêbado louco.

Eu nunca tinha visto meu pai bêbado, mas sabia por que ele tinha parado de beber. Tinha ouvido papai conversar com minha mãe sobre isso algumas vezes, quando era pequena. Aparentemente, meu pai ficava com um temperamento ruim quando estava alto. Tão ruim que minha mãe ficara assustada e pedira a ele que parasse. O que acredito que explicava a mesinha de centro virada.

Mas a ideia de meu pai bêbado… apenas não conseguia registrá-la. Quer dizer, nem conseguia imaginá-lo usando um palavrão pior do que *droga*. Mas um temperamento ruim? Não conseguia imaginar.

Só esperava que ele não tivesse se cortado com algum desses estilhaços de vidro. Quer dizer, não o culpava por aquilo. Culpava minha mãe. Ela era a responsável por aquilo tudo. Mamãe tinha ido embora, desaparecido, sem ligar, sem avisar. Meu pai nunca teria essa recaída se não tivesse visto esses documentos estúpidos. Ele ainda estaria bem. Assistindo TV e lendo o *Hamilton Journal*. E não dormindo de ressaca.

Fiquei dizendo a mim mesma para não chorar enquanto colocava a mesinha de centro em pé e passava o aspirador para tirar os estilhaços menores de vidro

do carpete. Eu não podia chorar. Se chorasse, não teria nada a ver com o fato de que meus pais estavam se divorciando. Isso não era nenhuma surpresa. Não teria nada a ver com ter saudade da minha mãe. Ela estava longe há tempo demais para isso. Não teria nem sido uma forma de lamentar a família que tive um dia. Estava satisfeita com a vida que levávamos, só meu pai e eu. Não. Se chorasse, seria por raiva, por medo ou outra coisa totalmente egoísta. Eu teria chorado pelo que isso significava para *mim*. *Eu* precisava ser adulta agora. *Eu* precisava cuidar do meu pai. Mas nesse momento minha mãe, vivendo como uma estrela em Orange County, estava agindo com um egoísmo suficiente para nós duas, por isso precisava deixar as lágrimas de lado.

Acabara de empurrar o aspirador de volta para a lavanderia quando o telefone sem fio começou a tocar.

— Alô? — disse.

— Boa tarde, Duff.

Ai, droga. Eu tinha esquecido que precisava trabalhar com Wesley naquele projeto estúpido. De todo mundo que podia ver naquele dia, por que precisava ser ele? Por que esse dia tinha que piorar ainda mais?

— São quase três da tarde — disse ele. — Estou me arrumando pra ir até aí. Você me pediu pra ligar antes de ir… estou apenas sendo atencioso.

— Você nem sabe o que isso quer dizer. — Olhei pelo corredor na direção dos roncos do meu pai. A sala de estar, embora não parecesse mais uma armadilha da morte, ainda não estava arrumada, e não dava para saber qual seria o humor do meu pai quando saísse da cama. Eu só sabia que provavelmente não seria bom. Não sabia nem o que ia dizer a ele. — Olhe, pensando melhor, vou até sua casa. Vejo você daqui a vinte minutos.

Toda cidade tem uma casa assim. Sabe, uma casa tão bacana que não combina com as outras. A casa que é tão suntuosa que parece que os proprietários estão esfregando a riqueza na sua cara. Toda cidade no mundo tem uma casa assim, e em Hamilton essa casa pertencia à família Rush.

Não sei se poderia ser tecnicamente chamada de mansão, mas a casa tinha três andares e duas sacadas. *Sacadas!* Fiquei parada, olhando para ela, admirada, um milhão de vezes sempre que passava de carro por ali, mas nunca imaginei

que entraria nela. Em qualquer outro dia, ficaria animada por vê-la por dentro (claro que nunca diria isso a ninguém), porém meus pensamentos estavam tão envolvidos na questão dos papéis do divórcio sobre a mesa da cozinha que não conseguia sentir nada além de ansiedade e tristeza.

Wesley me recebeu na porta da frente com um sorriso irritantemente confiante. Encostou-se no batente da porta, os braços cruzados sobre o peito largo. Usava uma camisa social azul-escura, as mangas dobradas na altura dos cotovelos. E, é claro, tinha deixado os botões de cima abertos.

— Oi, Duff.

Será que ele sabia o quanto aquele apelido me incomodava? Olhei para a entrada de automóveis, que estava vazia, exceto por meu Golf e o Porsche dele.

— Onde estão seus pais? — perguntei.

— Saíram — respondeu ele com uma piscadela. — Parece que somos só você e eu.

Passei por ele e entrei no saguão amplo, revirando os olhos com desagrado. Quando meus sapatos estavam arrumados cuidadosamente no canto, voltei-me para Wesley, que estava me observando com um interesse vago.

— Vamos acabar logo com isso?

— Não quer fazer o tour completo?

— Não mesmo.

Wesley deu de ombros.

— Bem, quem perde é você. Siga-me. — Ele me conduziu para a enorme sala de estar, que provavelmente era tão grande quanto o refeitório da escola Hamilton. Duas pilastras grandes seguravam o teto, e três sofás bege, com duas poltronas combinando, estavam espalhados pelo aposento. Em uma parede, vi uma enorme TV de tela plana e, em outra, descobri uma lareira gigante. O sol de janeiro penetrava através das janelas envidraçadas, que iam do teto ao chão, iluminando o espaço de forma natural e alegre. Mas Wesley virou e começou a subir a escada, para longe da sala acolhedora.

— Pra onde está indo? — eu quis saber.

Ele olhou para mim por cima do ombro com um suspiro exasperado.

— Para o meu quarto, é claro.

— Não podemos fazer o trabalho aqui embaixo? — perguntei.

Os cantos da boca de Wesley voltaram-se levemente para cima, e ele enganchou um dedo no cinto. — Poderíamos, Duff, mas o trabalho sairá muito mais rápido se eu estiver digitando, e meu computador está lá em cima. Foi você que disse que queria acabar logo com isso.

Suspirei e subi a escada batendo os pés.

— O.k.

O quarto de Wesley ficava no andar mais alto — um dos quartos com sacada — e era maior do que minha sala de estar. A cama king-size dele ainda não estava arrumada, e caixas de videogame estavam espalhadas no chão ao lado do seu Playstation 3, que estava conectado a uma TV enorme. Surpreendentemente, o quarto cheirava bem. Era uma mistura da colônia Burberry de Wesley com roupas recém-lavadas, como se ele tivesse acabado de guardar a roupa limpa ou algo assim. A estante para a qual se dirigiu estava abarrotada de diferentes autores, de James Patterson a Henry Fielding.

Wesley inclinou-se para observar a estante, e eu desviei os olhos do seu jeans Diesel quando ele tirou seu exemplar de *A letra escarlate* da prateleira e sentou-se na cama. Fez um gesto para que me juntasse a ele, e foi o que fiz, relutante.

— Certo — disse ele, folheando sem prestar atenção no livro de capa dura. — Sobre o que deveríamos escrever? Alguma ideia?

— Eu não…

— Estava pensando que podíamos fazer uma análise de Hester — sugeriu ele. — Parece um clichê, mas quero dizer uma caracterização profunda. O mais importante é: por que ela teve o caso? Por que dormiu com Dimmesdale? Será que ela o amava, ou era apenas promíscua?

Revirei os olhos.

— Ai, meu Deus, você sempre escolhe a resposta mais simples? Hester é bem mais complicada do que isso. Nenhuma dessas opções tem um pingo de imaginação.

Wesley olhou para mim com uma sobrancelha erguida.

— Está bem — disse devagar. — Já que você é tão esperta, então por que ela fez isso? Me ensine.

— Pra se distrair.

Certo, talvez fosse um pouco forçado, mas eu continuava vendo aquela droga

de envelope de papel pardo. Pensando na egoísta da minha mãe. Continuava imaginando como meu pai se comportaria, bêbado pela primeira vez em dezoito anos. Minha mente buscava qualquer coisa — *qualquer coisa* — que a distraísse desses pensamentos dolorosos, então será que seria ridículo demais pensar que Hester se sentia do mesmo jeito? Estava sozinha, rodeada por puritanos hipócritas e casada com um sujeito inglês desagradável e ausente.

— Ela apenas queria alguma coisa pra fazer com que sua mente se afastasse das coisas ruins em sua vida — resmunguei. — Uma forma de fugir…

— Se for o caso, não funcionou pra ela. No fim, o tiro saiu pela culatra.

Não o ouvi de verdade. Minha mente estava recuando para uma noite não muito distante, uma noite em que eu havia encontrado uma forma de tirar minhas preocupações da cabeça. Lembrei-me de como meus pensamentos tinham silenciado, deixando meu corpo assumir. Lembrei da bênção do vazio completo. Lembrei de como, mesmo depois que acabou, eu estivera tão focada no que tinha feito que minhas outras preocupações quase deixaram de existir.

— … então acho que essa ideia pode fazer sentido. É definitivamente um ângulo diferente, e Perkins gosta de criatividade. Podemos tirar um A.

Wesley virou para olhar para mim, e sua expressão ficou subitamente preocupada.

— Duff, você está bem? Você está olhando para o nada, para o espaço.

— Não me chame de Duff.

— Certo. Você está bem, *Bian*…?

Antes que ele dissesse meu nome, acabei com o espaço entre nós. Rapidamente, meus lábios moveram-se ao encontro dos dele. O vazio mental e emocional assumiu o controle de imediato, mas fisicamente eu estava mais alerta do que nunca. A surpresa de Wesley não durou tanto tempo quanto da outra vez, e suas mãos estavam sobre mim em instantes. Meus dedos enroscaram-se em seus cabelos macios, e senti a língua de Wesley na minha boca, tornando-se uma nova arma em nossa guerra.

Mais uma vez, meu corpo assumiu o controle completo de tudo. Nada existia nos cantos da minha mente; nenhum pensamento irritante me perturbava. Até os ruídos do apa-relho de som de Wesley, que estava tocando um rock ao piano que não reconheci, foram desaparecendo enquanto meu tato se apurava.

Eu estava completamente consciente da mão de Wesley, que deslizou pelo meu colo e moveu-se para envolver meu seio. Com esforço, empurrei-o para longe de mim. Seus olhos estavam bem abertos quando se inclinou para trás.

— Por favor, não me bata de novo! — pediu ele.

— Cala a boca!

Eu podia ter parado aí, podia ter levantado e saído do quarto. Podia ter deixado esse beijo ser o final de tudo. Mas não fiz isso. A sensação entorpecedora que tivera ao beijá-lo era tão eufórica — era uma onda tão grande — que não consegui abandoná-la tão rápido. Podia detestar Wesley Rush, porém ele tinha a chave para minha fuga, e naquela hora eu o queria… eu *precisava* dele.

Sem falar, nem hesitar, tirei minha camiseta pela cabeça e joguei-a no chão do quarto de Wesley. Ele não teve oportunidade de dizer nada antes que eu pousasse as mãos sobre seus ombros e o empurrasse para trás. Um instante mais tarde, estava em cima dele e estávamos nos beijando de novo. Os dedos dele desabotoaram meu sutiã, e ele se juntou à camiseta, no chão.

Não me importei. Não fiquei tímida nem inibida. Quer dizer, ele já sabia que eu era uma Duff, e eu não precisava impressioná-lo.

Desabotoei a camisa dele, e Wesley tirou a presilha do meu cabelo, deixando as ondas castanho-avermelhadas espalharem-se à nossa volta. Casey estava certa. Wesley tinha um corpo incrível. A pele era lisa sobre seu peito esculpido, e minhas mãos escorregaram pelos seus braços musculosos com admiração.

Seus lábios se moveram para o meu pescoço, dando-me um momento para respirar. Conseguia sentir apenas o cheiro da sua colônia assim de perto. Quando a boca dele desceu suavemente pelo meu ombro, um pensamento surgiu em meio à euforia. Fiquei imaginando por que ele não tinha me afastado — eu, uma Duff — com nojo.

Então é que me dei conta: Wesley não era conhecido por *rejeitar* garotas. E era *eu* que devia estar com nojo.

Mas a boca dele comprimiu a minha novamente, e aquele pensamento pequeno, passageiro, desapareceu. Agindo por instinto, puxei o lábio inferior de Wesley com os dentes, e ele gemeu em um ruído. Suas mãos percorreram minhas costas, enviando arrepios para minha coluna. Prazer. Puro e intenso prazer.

Apenas uma vez, quando Wesley me deitou de costas, pensei seriamente em parar. Ele olhou para mim, e sua mão habilidosa segurou o zíper da minha calça jeans. Minha mente adormecida agitou-se, e eu me perguntei se as coisas não tinham ido longe demais. Pensei em afastá-lo, em parar ali onde estávamos. Mas por que pararia agora? O que eu tinha a perder? E o que podia ganhar? Como me sentiria a respeito disso daqui a uma hora… ou mais cedo?

Antes que eu pudesse pensar em alguma resposta, Wesley tirou minha calça e minha calcinha. Sacou uma camisinha do bolso (certo, agora que estou pensando nisso, quem é que guarda camisinhas no bolso? Na carteira, perfeito, mas no *bolso*? Muito presunçoso, não acham?), e logo sua calça estava no chão também. E, de repente, estávamos transando, e meus pensamentos estavam calados de novo.

capítulo 8

Eu tinha apenas catorze anos quando perdi a virgindade com Jake Gaither. Ele tinha acabado de fazer dezoito, e eu sabia perfeitamente que era velho demais para mim. Mesmo assim, era uma caloura no ensino médio, e só queria um namorado. Queria que gostassem de mim e queria me integrar, e Jake era um veterano com carro. Na época, eu considerava isso a perfeição.

Nos três meses que ficamos juntos, Jake nunca me levou para um encontro romântico de verdade. Uma ou duas vezes, namoramos no fundo de uma sala de cinema escura, mas nunca fomos jantar, ou jogar boliche, nem nada disso. Passávamos a maior parte do tempo nos esgueirando, de modo que nossos pais e a irmã dele, que depois veio a ser uma das minhas melhores amigas, não descobrissem nada sobre a gente. Eu, na verdade, achava essa parte do segredo divertida e sexy. Era como um romance proibido — como *Romeu e Julieta*, que eu tinha lido na aula de inglês naquele semestre.

Fomos para a cama várias vezes, e, embora eu não gostasse de fato do sexo em si, a sensação de proximidade, de conexão, era reconfortante para mim. Quando Jake me tocava daquele jeito, eu sabia que ele me amava. Sabia que sexo era algo bonito e apaixonado, e parecia certo que fosse com ele.

Ir para a cama com Wesley Rush era totalmente diferente. Apesar de eu com certeza ter sentido mais prazer físico, a proximidade e o amor não estavam lá. Quando acabou, me senti suja. Como se tivesse feito algo errado e vergonhoso, mas ao mesmo tempo havia uma sensação boa. Viva. Livre. Selvagem. Minha mente estava totalmente limpa, como se alguém tivesse apertado o botão de reiniciar. Eu sabia que a euforia não duraria para sempre, contudo o pesar incômodo valia pela fuga momentânea.

— Uau! — exclamou Wesley. Estávamos deitados em sua cama, apenas alguns minutos depois de ter acabado, com uma distância de mais de meio metro entre nossos corpos. — Eu definitivamente não estava esperando isso.

Meu Deus, ele estragava tudo quando falava. Irritada, e ainda tentando lidar com as repercussões emocionais, dei uma risadinha irônica.

— O que foi? Está com vergonha de ter transado com uma Duff?

— Não. — Fiquei surpresa com o tom sério da voz dele. — Nunca tenho vergonha de ninguém com quem vou pra cama. O sexo é uma reação química natural. Sempre acontece por algum motivo. Quem sou eu pra decidir quem vai experimentar as delícias de compartilhar a minha cama? — Ele não me viu revirar os olhos e continuou: — Não, eu só queria dizer que estou chocado. Estava sinceramente começando a acreditar que você me detestava.

— Eu detesto você mesmo! — garanti, chutando as cobertas e indo pegar minhas roupas.

— Você não deve me detestar tanto assim — disse Wesley, apoiando-se no cotovelo e me observando enquanto me vestia. — Você praticamente se jogou em cima de mim. Em geral, o ódio não inspira esse tipo de paixão.

Vesti a camiseta.

— Acredite em mim, Wesley, eu definitivamente detesto você. Estava apenas te usando. Você usa as pessoas o tempo todo, então tenho certeza que entende. — Abotoei meu jeans e peguei minha presilha de cabelo na mesinha de cabeceira. — Foi divertido, mas se contar a alguém, juro que castro você. Está claro?

— Por quê? — perguntou ele. — Sua reputação só pode melhorar se as pessoas descobrirem que você foi pra cama comigo.

— Isso até pode ser verdade — admiti. — Mas não tenho nenhum desejo de melhorar minha reputação, sobretudo desse jeito. Então, você vai ficar de boca calada ou eu preciso encontrar um objeto afiado agora?

— Um cavalheiro não conta essas coisas.

— Você não é um cavalheiro. — Prendi meu cabelo de novo. — É por isso que estou preocupada. — Olhei o meu reflexo no espelho de corpo inteiro pendurado na parede. Quando fiquei segura de que parecia normal, e não culpada, virei-me para encarar Wesley novamente.

— Vamos, vista a calça. Precisamos acabar essa droga de trabalho.

Passava um pouco das sete da noite quando Wesley e eu finalmente acabamos o trabalho de inglês. Ou pelo menos acabamos o rascunho. Fiz ele me prometer que me mandaria por e-mail a versão inicial mais tarde, para que eu pudesse editá-la.

— Você não confia em mim para fazer isso? — perguntou ele, erguendo uma sobrancelha enquanto eu calçava os sapatos no saguão.

— Não confio em você pra nada — respondi.

— Exceto pra fazer você chegar lá. — Ele estava com aquele sorrisinho que eu odiava. — Então, foi uma vez só, ou vou ver você de novo?

Comecei a me irritar e a lhe dizer que estava sonhando se pensava sinceramente que eu voltaria, mas então lembrei que estava prestes a ir para casa. O envelope de papel pardo ainda estava, provavelmente, em cima da mesa da cozinha.

— Bianca? — perguntou Wesley. Um arrepio percorreu minha pele quando ele tocou meu ombro. — Está tudo bem?

Desvencilhei-me e fui em direção à porta. Estava na metade do caminho quando me virei e disse, com um instante de hesitação:

— Vamos ver. — E desci correndo a escada da frente.

— Bianca, espera!

Apertei meu casaco em volta do corpo, tentando lutar contra o vento frio, e abri a porta do meu Golf. Ele estava atrás de mim em alguns segundos, mas, ainda bem, não me tocou dessa vez.

— O que foi? — perguntei enquanto sentava ao volante. — Preciso ir pra casa.

Minha casa, o último lugar para onde queria ir.

O céu de inverno já ficara preto, no entanto eu ainda conseguia ver os olhos cinza de Wesley no escuro. Eram exatamente da cor do céu antes da tempestade. Ele se inclinou junto à porta para que seus olhos ficassem à altura dos meus, e o jeito como me olhava me deixou realmente desconfortável.

— Você não respondeu a outra pergunta.

— Que outra pergunta?

— Você está bem?

Eu o encarei por um longo tempo, supondo que ele estivesse apenas tentando ser irritante. Mas algo nos seus olhos brilhantes me fez hesitar.

— Não importa se estou ou não — sussurrei. Liguei o carro, e ele se afastou rapidamente quando bati a porta. — Tchau, Wesley.

E fui embora.

Quando cheguei em casa, meu pai ainda estava no quarto. Acabei de limpar a sala de estar, evitando a cozinha deliberadamente, e corri para cima para tomar uma ducha. A água quente não lavou a sensação de sujeira que Wesley deixara na minha pele, mas conseguiu relaxar alguns músculos que formavam nós intensos nas costas e nos ombros. Eu esperava que a sujeira fosse lavada dali a algum tempo.

Eu tinha acabado de me enrolar na toalha quando meu celular começou a tocar no quarto, e corri pelo corredor para atender a tempo.

— Oi, B — disse Casey no meu ouvido. — Então, você e Wesley acabaram?

— O quê?

— Vocês dois estavam fazendo o trabalho de inglês hoje, né? — perguntou ela. — Pensei que ele ia encontrar você aí na sua casa.

— Ah… certo. Bem, acabei indo pra casa dele em vez disso. — Estava me esforçando pra não parecer culpada.

— Meu Deus, quer dizer na mansão? — perguntou Casey. — Que sorte! Você foi a uma das sacadas? Vikki diz que é um dos motivos pelos quais ela quer ficar com ele de novo. Da última vez foi no assento traseiro do Porsche dele, mas ela quer muito ver o interior dessa casa.

— Essa conversa tem algum propósito, Casey?

— Ah, sim! — Ela riu. — Desculpe, não é nada de mais. Apenas queria ter certeza de que você estava bem.

Por que estava todo mundo me perguntando isso hoje?

— Sei que você detesta o Wesley — continuou ela. — Queria ter certeza de que você estava bem… e que ele também estava. Você não deu uma facada nele, certo? Quer dizer, desaprovo totalmente o assassinato de homens gatos, mas se você precisar de ajuda para enterrar o corpo, saiba que eu levo a pá.

— Obrigada, Casey — respondi. — Mas ele está vivo. Hoje não foi tão ruim quanto eu esperava. Na verdade… — Quase contei tudo a ela. Que meus pais iam se divorciar e como, em um momento de desespero, tinha beijado Wesley Rush, *de novo*. Como esse beijo se tornara algo muito, muito maior. Como sentia meu corpo todo sujo e, ao mesmo tempo, incrivelmente livre. As palavras chegaram à ponta da língua, mas não consegui pronunciá-las.

Ainda não, pelo menos.

— *Na verdade* o quê, B? — perguntou ela, tirando-me dos meus pensamentos.

— Ahn… nada. Ele na verdade teve ideias muito boas para o trabalho. Foi isso. Acho que ele é, tipo, um fã de Hawthorne ou algo assim.

— Que bom. Sei que você acha sexy um cara ser inteligente. Você vai admitir que se sente atraída por ele agora?

Congelei, sem saber como responder a isso, porém Casey já estava rindo.

— Estou brincando, mas estou satisfeita de saber que tudo acabou bem. Estava meio preocupada com você hoje. Tinha a sensação de que algo ruim ia acontecer. Acho que estava só sendo paranoica.

— Deve ser isso.

— Preciso ir. Jessica quer que eu ligue pra ela com todos os detalhes do meu encontro com Harrison. Ela simplesmente não entende, né? Bom, a gente se vê na escola segunda-feira.

— Certo. Tchau, Casey.

— Até mais, B.

Desliguei o celular e coloquei-o na minha mesinha de cabeceira, sentindo-me uma completa mentirosa. Tecnicamente, não tinha mentido: apenas ocultado uma informação, mas mesmo assim… esconder algo de Casey era, tipo, um pecado mortal. Sobretudo porque ela fizera questão de se abrir para meus problemas.

Mas eu lhe contaria, algum dia. Bem, sobre meus pais, pelo menos. Só precisava conseguir dar conta daquilo sozinha antes de jogar tudo em cima dela e de Jessica. A questão com Wesley, no entanto… meu Deus, esperava que elas nunca descobrissem.

Ajoelhei ao pé da minha cama e comecei a dobrar as roupas limpas, como fazia toda noite. Estranhamente, não estava tão estressada quanto esperava. Detestava admitir, mas precisava mesmo agradecer a Wesley por isso.

capítulo 9

Papai não saiu de seu quarto pelo resto do fim de semana. Bati na porta umas duas vezes na tarde de domingo e me ofereci para lhe fazer algo para comer, mas ele apenas murmurou uma recusa, nunca abrindo a porta entre nós. Seu isolamento me aterrorizou. Ele devia estar deprimido por causa de mamãe e, para piorar, envergonhado por ter tido uma recaída, mas eu sabia que isso não era saudável. Decidi que, se não saísse de lá até segunda-feira à tarde, eu invadiria o quarto e… bem, não sabia o que faria a seguir. Nesse meio-tempo, tentava não pensar no meu pai ou nos papéis do divórcio sobre a mesa da cozinha.

Surpreendentemente, isso até que foi fácil.

A maior parte dos meus pensamentos vagou em torno de Wesley. *Que nojo*, né? Mas eu realmente não sabia como lidar com a escola na segunda-feira. O que fazer depois de se pegar por uma noite (ou, no meu caso, uma tarde) com o maior galinha da escola? Será que devia agir com indiferença? Devia tratá-lo com o meu ódio indisfarçado de sempre? Ou, porque honestamente me diverti, deveria agir, tipo, como se estivesse agradecida? Diminuir um pouco o contentamento e ser *amigável*? Eu devia algo a ele? É claro que não. Ele tirou tanto da experiência quanto eu, exceto a autoaversão.

Quando cheguei à escola na segunda-feira de manhã, estava quase decidida a evitá-lo completamente.

— Você está bem, Bianca? — perguntou Jessica enquanto saíamos da aula de espanhol no final do primeiro período. — Você está agindo… hã, de forma *estranha.*

Admito, minhas habilidades de espiã não eram exatamente boas, mas eu sabia que Wesley passava pela sala de aula a caminho do segundo período, e eu não queria arriscar um estranho encontro pós-sexo no corredor. Espiei ansiosamente pela beirada da porta, varrendo a multidão na tentativa de encontrar aqueles cachos castanhos inconfundíveis. Mas, se Jessica estava dizendo que algo estava acontecendo, eu estava sendo óbvia demais.

— Não é nada — menti, saindo para o corredor. Olhei para os dois lados,

como uma criança pequena atravessando uma avenida movimentada, e fiquei aliviada por não vê-lo em lugar nenhum. — Estou bem.

— Ah, tudo bem — disse ela, sem desconfiar. — Devo ter imaginado, então.

— Você deve ter imaginado.

Jessica ajeitou uma mecha solta de seu cabelo loiro que havia escapado dos confins de seu rabo de cavalo.

— Ah, Bianca, esqueci de contar pra você! Estou tão animada!

— Vou adivinhar — provoquei. — Tem algo a ver com Harrison Carlyle, certo? Ele perguntou onde você comprou sua calça jeans skinny fofa dessa vez? Ou como você hidrata seu cabelo maravilhoso?

— Não! — Jessica riu. — Não… Na verdade, é meu irmão. Ele vem nos visitar esta semana e deve chegar a Hamilton ao meio-dia de hoje. Ele vai me apanhar na escola de tarde. Estou realmente animada em vê-lo. Faz, tipo, dois anos e meio desde que ele foi pra faculdade e… ei, Bianca, você tem certeza de que está bem?

Eu havia parado, congelada, no meio do corredor. Podia sentir o sangue fugindo do meu rosto e minhas mãos ficando frias e começando a tremer. Aquilo era definitivamente o começo de uma náusea, mas eu disse a mesma velha mentira.

— Estou bem. — Forcei meus pés a se moverem novamente. — Eu só, ahn, pensei ter esquecido uma coisa. Está tudo bem. Agora, o que é que você estava dizendo?

Jessica prosseguiu:

— Ah, bem, estou tão animada com Jake! Não posso acreditar que estou dizendo isso, mas eu realmente, realmente senti falta dele. Vai ser legal ficar com ele por alguns dias. Ah, e acho que a Tiffany vai vir com ele. Contei pra você que eles acabaram de ficar noivos?

— Não. Isso é ótimo… Tenho de ir pra aula, Jessica.

— Ah… certo. Bem, vejo você na aula de inglês, Bianca. — Eu já estava na metade do corredor quando Jessica conseguiu pronunciar a frase.

Forcei caminho em meio aos alunos que debandavam, mal os ouvindo, enquanto me xingavam por pisar em seus pés ou por trombar com eles com minha mochila. Os sons à minha volta vagarosamente diminuíram quando as

memórias indesejáveis invadiram minha cabeça. Era como se as palavras de Jessica tivessem quebrado a represa que as mantivera contidas por tanto tempo.

— Então, você é a Bianca? A caloura vagabunda que está transando com meu namorado?

— Seu namorado? Eu não…

— Fique longe do Jake!

Meu rosto queimava enquanto as lembranças me invadiam. Meus pés se mexiam tão rápido que quase entrei correndo na aula de organização política avançada. Como se eu pudesse fugir dos pensamentos. Como se eles não fossem me perseguir com uma vingança. Mas Jake Gaither voltaria a Hamilton e ficaria por uma semana. Jake Gaither estava noivo de Tiffany. Jake Gaither… o garoto que tinha partido meu coração.

Corri para a sala de aula bem quando o segundo sinal tocou. Sabia que os olhos do sr. Chaucer me fuzilavam, porém não me incomodei com isso. Ocupei meu lugar perto do fundo da sala, tentando desesperadamente me concentrar em outra coisa.

Mas nem mesmo o comentário irônico de Toby Tucker sobre o poder legislativo ou a parte de trás de sua cabeça adoravelmente fora de moda podia desviar meus pensamentos de Jake e sua futura esposa.

Eu mal ouvi uma palavra que o sr. Chaucer disse durante a aula, e, quando o sinal tocou, minha página de anotações, que deveria estar cheia de detalhes do curso, consistia em apenas duas frases curtas e quase ilegíveis. Meu Deus, eu seria reprovada nessa matéria se merdas desse tipo continuassem acontecendo.

Tanto drama! Se eu fosse uma rica esnobe de Manhattan, podia ser uma personagem de *Gossip Girl.* (Não que eu assista àquele seriado podre… com frequência… até onde minhas amigas sabem…) Por que a minha vida não podia ser um seriado? Mas, bem, até o elenco de *Friends* era problemático.

Andei sem rumo pelo refeitório, e encontrei Casey e Jessica esperando por mim em nossa mesa. Como sempre, Angela, Jeanine e a prima de Jeanine, Vikki, nos fizeram companhia. Angela estava ocupada mostrando a todas seus novos tênis Vans, então meu tédio passou despercebido quando me joguei na minha cadeira.

— Fofo — comentou Casey, sorrindo para os calçados. — Quem te deu?

— Meu pai — respondeu Angela, levantando a ponta de seu tênis roxo. — Ele e minha mãe estão competindo pelo meu amor agora. No começo foi meio que irritante, mas decidi me aproveitar disso e me divertir. — Ela cruzou as pernas e jogou seu cabelo escuro para trás. — Espero que o próximo presente seja um Prada.

Todas riram.

— Não ganhei nada legal quando meus pais se divorciaram — disse Casey. — Meu pai realmente não se importava se eu o amava mais, eu acho.

— Isso é triste, Case — murmurou Jessica.

— Ah, na verdade não. — Casey deu de ombros e começou a mexer em sua unha pintada de esmalte laranja. — Meu pai é um imbecil. Fiquei feliz quando minha mãe o chutou de casa. Ela chora muito menos agora, e quando minha mãe está mais feliz, o mundo está mais feliz. Claro, não temos mais tanto dinheiro, mas meu pai não gastava muito com a gente, de qualquer forma. Ele se ofereceu pra comprar um carro pra minha mãe, que ela não queria, mas é só uma demonstração de sua natureza boa.

— Divórcios são deprimentes. — Jessica suspirou. — Eu ficaria arrasada se os meus pais se separassem. Você não ficaria, Bianca?

Senti um calor correr pelo meu rosto, entretanto Casey estava mudando de assunto, então fingi não ter ouvido a pergunta de Jessica.

— Ei, Vikki, o que aconteceu na noite do Baile de Boas-Vindas? Você nunca nos contou como acabou.

Jeanine deu uma risadinha consciente.

— Você ainda não contou pra elas, Vikki?

Vikki revirou os olhos e enrolou uma mecha de seus cabelos loiros cacheados em volta de seu dedo com unhas perfeitas.

— Ai, meu Deus. Tudo bem, então o Clint está totalmente sem falar comigo, e Ross…

Os ruídos e vozes do refeitório encobriram a voz dela, e a minha mente fugiu dali. Por mais que eu quisesse parar de pensar em Jake, não podia me obrigar a ficar interessada nos problemas de Vikki com os garotos. Em qualquer outro dia, eu acharia até um pouco divertido sua história, como se fosse minha própria novela pessoal, mas, naquele momento, aquele dramalhão parecia tão vago e

desimportante. Tão insípido. Tão indulgente. Tão vazio...

Eu não podia evitar me sentir um pouco culpada por pensar nisso. Aquilo me deixou tão autoabsorta quanto ela. Então, tentei ouvir com meia dedicação as reclamações de Vikki McPhee.

Até que algo que ela disse capturou minha atenção completa.

— … mas eu realmente fiquei com Wesley um pouquinho mais tarde.

— Wesley? — perguntei.

Vikki olhou para mim, orgulhosa do que ela enxergava como uma conquista. Será que ela não sabia que mais de dois terços das garotas da escola tinham conquistado a mesma coisa? Incluindo eu… mas, é claro, Vikki não sabia daquela parte.

— Sim — disse ela. — Depois da briga com Clint, saí com Wesley no estacionamento. Nós ficamos no carro dele por um tempo, mas a minha mãe ligou, então precisei ir pra casa antes de fazer qualquer coisa. Uma droga, né?

— Claro.

Meus olhos se moveram pelo refeitório, buscando por poucos segundos até localizar a parte de trás da cabeça de cachos castanhos centímetros mais alto que todos os outros ao seu redor. Estava sentado com um grupo de amigos — a maioria garotas, naturalmente — em uma mesa comprida e retangular do outro lado do salão. Usava uma camiseta preta apertada que, apesar de não ser realmente apropriada para as temperaturas frias do começo de fevereiro, mostrava seus braços perfeitamente musculosos. Braços que tinham se enroscado em volta de mim… braços que tinham ajudado a apagar o meu estresse…

— Eu já contei a vocês que meu irmão está vindo pra cidade? — perguntou Jessica. — Ele e a noiva vêm fazer uma visita esta semana.

Os olhos preocupados de Casey imediatamente se viraram para mim e se arregalaram quando percebeu que eu estava de pé.

— Aonde você vai, B?

Todas à mesa olharam para mim na hora, e eu tentei parecer convincente.

— Acabei de me lembrar — falei. — Preciso ir falar com Wesley sobre nosso projeto de inglês. — Que se dane o plano de evitá-lo. Eu tinha uma ideia melhor e mais útil.

— Vocês não terminaram aquilo no sábado? — perguntou Jessica.

— Nós começamos o projeto, mas não terminamos o relatório.

— Porque vocês estavam muito ocupados ficando — provocou Casey, piscando para mim.

Não pareça culpada. Não pareça culpada.

— Ficando? — Vikki levantou uma sobrancelha para mim.

— Você não ouviu? — riu Jessica, sorrindo de maneira natural para mim. — Bianca está desesperadamente apaixonada por Wesley.

Fingi um barulho de engasgar, e todas riram.

— Sim, claro — falei, deixando nítido que minha voz estava cheia de irritação e nojo. — Eu não o suporto. Meu Deus, eu perdi tanto o respeito pela sra. Perkins desde que ela me fez trabalhar com ele!

— Eu ficaria em êxtase se fosse você — disse Vikki, soando um pouco amarga.

Jeanine e Angela balançaram a cabeça em concordância.

— Que seja. — Eu estava me sentindo um pouco nervosa. — Preciso falar com ele pra terminar isso. Vejo vocês todas mais tarde, certo?

— Certo — disse Jessica, acenando animadamente.

Andei apressada através do refeitório cheio, sem parar até estar a cinco passos da mesa de Wesley, na qual o único outro ocupante masculino era Harrison Carlyle. Então fiz uma pausa de um segundo, subitamente meio hesitante.

Uma das garotas, uma loira magricela com os lábios de Angelina Jolie, estava reclamando de suas férias horrorosas em Miami, e Wesley estava ouvindo com a atenção arrebatada — obviamente tentando convencê-la de sua simpatia. O nojo apagou minha insegurança, e limpei a garganta bem alto, conseguindo a atenção do grupo inteiro.

A loira estava agitada e brava, mas foquei Wesley, que olhou para mim casualmente, como faria com qualquer outra garota. Eu ergui o nariz e disse:

— Preciso falar com você sobre nosso trabalho de inglês.

— Isso é necessário? — perguntou Wesley com um suspiro.

— Sim — respondi. — Agora mesmo. Não vou ser reprovada nessa tarefa estúpida por causa da sua preguiça.

Ele revirou os olhos e ficou de pé.

— Desculpem-me, senhoras — disse ele às garotas atingidas pela tragédia. — Vejo vocês amanhã. Vocês guardam um lugar pra mim?

— Claro que guardamos! — uma ruiva pequenina esgoelou.

Enquanto Wesley e eu nos afastávamos, ouvi a bocuda sibilar:

— Deus, aquela garota é uma *vaca*!

Quando estávamos no corredor, Wesley perguntou:

— Qual o problema, Duff? Eu não lhe enviei um e-mail com o trabalho ontem à noite, exatamente como você exigiu? E aonde precisamente estamos indo? À biblioteca?

— Só cale a boca e venha comigo. — Eu o conduzi pelo saguão através das salas de aula de inglês.

Não pergunte onde foi que eu tive essa ideia, porque não poderia contar, mas eu sabia com precisão aonde estávamos indo, e tinha certeza de que isso poderia me tornar oficialmente uma vagabunda. Mas, quando chegamos à porta do armário vazio do zelador, não sentia nenhuma vergonha… ainda não, pelo menos.

Agarrei a maçaneta e percebi que os olhos de Wesley se estreitaram, suspeitando. Escancarei a porta, conferi que não havia ninguém observando e fiz um gesto para que ele entrasse. Wesley entrou no pequeno armário e eu o segui, fechando a porta furtivamente atrás de nós.

— Algo me diz que isto não diz respeito ao livro *A letra escarlate* — comentou Wesley, e mesmo no escuro eu sabia que ele estava sorrindo.

— Fica quieto.

Dessa vez ele me encontrou na metade do caminho. As mãos dele se enroscaram no meu cabelo, e as minhas grudaram em seus antebraços. Nos beijamos violentamente, e minhas costas se chocaram contra a parede. Ouvi um esfregão — ou talvez uma vassoura — cair, mas meu cérebro mal registrou o som enquanto uma das mãos de Wesley se movia até meu quadril, me aproximando dele. Ele era tão mais alto que eu que precisava inclinar minha cabeça para trás quase completamente para encontrar seu beijo. Seus lábios comprimiram os meus com força, e eu deixei minhas mãos explorarem seus bíceps.

O cheiro do perfume dele, mais do que o ar estagnado do armário, preencheu meus sentidos.

Nós lutamos no escuro por um tempo antes de eu sentir sua mão insistentemente levantando a bainha da minha camiseta. Engasgando, eu me afastei do beijo e agarrei seu punho.

— Não… não agora.

— Então quando? — perguntou Wesley em meu ouvido, ainda me prendendo à parede. Ele nem mesmo soava zonzo.

Eu, por outro lado, lutava para retomar o fôlego.

— Mais tarde.

— Seja mais específica.

Eu me contorci para fora de seus braços e me movi para a porta, quase tropeçando no que me pareceu ser um balde. Levantei uma das mãos para alisar meu cabelo bagunçado e cheguei até a maçaneta da porta.

— Hoje à noite. Estarei na sua casa por volta das sete horas. Certo?

Antes de ele poder responder, me esgueirei para fora do armário e corri pelo corredor, esperando que meu andar não denunciasse minha vergonha.

capítulo 10

Não achei que o sinal do fim das aulas fosse tocar algum dia. A aula de cálculo foi excruciantemente longa e chata, e a de inglês foi de acabar com os nervos. Eu me peguei olhando para Wesley do outro lado da sala diversas vezes, ansiosa para sentir os efeitos entorpecentes de seus braços, mãos e lábios novamente.

Só rezava para minhas amigas não perceberem. Jessica, é claro, acreditaria em mim se eu lhe dissesse que ela estava imaginando coisas; Casey, por outro lado… bem, por sorte Casey estava absorta demais na lição de gramática da sra. Perkins — ah, sim, até parece! — para olhar para mim. Ela provavelmente me interrogaria por horas e adivinharia tudo o que havia acontecido, enxergando bem através das minhas negativas. Eu realmente precisava cair fora daquela aula antes de ser descoberta.

No entanto, quando o sinal finalmente tocou, não tive pressa alguma de sair da escola.

Jessica passou pelo refeitório com seu rabo de cavalo loiro balançando atrás dela.

— Mal posso esperar para vê-lo!

— Já entendemos, Jess — disse Casey. — Você ama seu irmão mais velho. É fofo, de verdade, mas você disse isso hoje… vinte vezes? Trinta, talvez?

Jessica corou.

— Bem, não posso esperar.

— Claro que você não pode. — Casey sorriu para ela. — Tenho certeza de que ele ficará feliz de ver você também, mas talvez você devesse se acalmar só um pouquinho. — Ela parou no meio do refeitório e olhou para mim por cima do ombro. — Você vem, B?

— Não — falei, me agachando e mexendo nos cadarços dos meus sapatos. — Eu preciso… amarrar isto. Vocês vão indo, meninas. Não se atrasem por mim.

Casey me deu um olhar de quem entendia, antes de acenar com a cabeça e de empurrar Jessica para a frente. Ela começou uma nova conversa para distrair Jessica da minha desculpa lamentável.

— Então, conte-me sobre essa noiva. Como ela é? Bonita? Burra como um

saco de batatas? Quero detalhes.

Esperei no refeitório uns bons vinte minutos, sem querer me arriscar a encontrar com *ele* no estacionamento. Como é engraçado que, menos de sete horas antes, eu estivesse evitando um cara completamente diferente… um que agora eu estava desesperada para ver. Tão doentio e estranho como poderia ser, eu mal podia esperar para voltar ao quarto de Wesley. De volta a minha própria ilha e refúgio particular. De volta ao meu mundo de fuga. Mas primeiro precisava esperar até que Jake Gaither dirigisse para fora do estacionamento.

Quando fiquei segura de que ele tinha ido embora, deixei a escola, puxando meu casaco com força em volta de mim. O vento de fevereiro batia no meu rosto enquanto andava pelo estacionamento vazio, e a visão do meu carro sem aquecedor não me trouxe nenhum conforto. Deslizei pelo banco do motorista, tremendo como louca, e dei partida no motor. O caminho de volta pareceu levar horas, embora a escola ficasse a apenas quatro quilômetros da minha casa.

Comecei a imaginar se poderia ir à casa de Wesley algumas horas mais cedo quando entrei na garagem e me lembrei do meu pai. Ah, que ótimo. O carro dele estava na garagem, mas ele não devia ter chegado em casa do trabalho ainda.

— Droga! — gemi, socando o volante e pulando como uma idiota quando a buzina tocou. — Droga! Droga!

Fui tomada pela culpa. Como pude esquecer de meu pai? O pobrezinho, solitário, isolado-em-seu-quarto? Fiquei preocupada ao pensar que ele pudesse ainda estar em seu quarto quando deixei o carro e caminhei com dificuldade pela frente de casa. Se ele ainda estivesse lá, será que eu teria de pôr a porta abaixo? E então… fazer o quê? Gritar com ele? Chorar com ele? Dizer a ele que mamãe não o merecia? Qual seria a resposta certa?

Mas papai estava sentado no sofá quando entrei, com uma tigela de pipocas no colo. Hesitei na porta, incerta sobre que diabos estava acontecendo. Ele parecia… *normal*. Não parecia que tinha chorado, ou bebido, ou qualquer coisa assim. Só parecia com meu pai, com seus óculos de lentes grossas e seu cabelo avermelhado e bagunçado. Do mesmo jeito que eu o via em qualquer outro dia da semana.

— Ei, Abelhinha — disse ele, olhando para mim. — Quer um pouco de pipoca? Tem um filme do Clint Eastwood...

— Hum… não, obrigada. — Olhei em volta da sala. Sem vidros quebrados. Sem garrafas de cerveja. Como se ele não tivesse bebido naquele dia, de forma alguma. Pensei se realmente era o que parecia. Se a recaída havia acabado. Será que recaídas funcionavam desse jeito? Não tinha a menor ideia. Mas eu não podia ajudar se duvidasse dele. — Papai, você está bem?

— Ah, estou bem — disse ele. — Acordei tarde hoje, então liguei para o trabalho e disse que estava doente. Não tirei nenhum dos meus dias de férias, então não é nada de mais.

Espiei a cozinha. O envelope ainda estava sobre a mesa. Intocado.

Ele devia ter seguido meu olhar, ou adivinhado, porque disse, com um encolher de ombros:

— Ah, esses papéis estúpidos! Sabe, eles me colocaram em uma cilada. Eu finalmente pensei nisso e entendi que é tudo um engano. O advogado da sua mãe se aproveitou do fato de que, dessa vez, ela foi um pouco mais longe do que de costume e se adiantou.

— Você falou com ela?

— Não — admitiu papai. — Mas tenho certeza de que foi esse o problema. Deve ser. Nada para se preocupar, Abelhinha. Como foi seu dia?

— Foi bom.

Ambos estávamos mentindo, mas *eu* sabia que minhas palavras não eram verdadeiras. Ele, por outro lado, parecia genuinamente convencido. Como eu poderia relembrá-lo de que a assinatura de mamãe estava nos papéis? Como poderia trazê-lo de volta à realidade? Aquilo apenas o levaria de volta ao quarto… ou o faria procurar outra garrafa… e arruinaria esse momento de paz inventada.

E eu não queria ser aquela que ferraria a sobriedade do meu pai.

Ele estava em choque, decidi enquanto subia a escada para meu quarto. Meu pai simplesmente estava em choque. Mas a negação não duraria para sempre. Com o tempo ele acordaria. Só esperava que fizesse isso com jeitinho.

Estiquei-me na cama com o livro de cálculo na minha frente, tentando fazer uma lição de casa que eu realmente não entendia. Meus olhos ficavam pulando para o relógio na minha mesa de cabeceira. *15h28… 15h31… 15h37…* os minutos passavam, e os problemas de matemática se transformavam em padrões

borrados de símbolos incompreensíveis, como runas ancestrais. Finalmente, fechei o livro com força e declarei minha derrota.

Isso era doentio. Eu *não* devia estar pensando em Wesley. Não devia estar beijando Wesley. Não devia estar dormindo com Wesley. Fala sério, há mais ou menos uma semana eu acharia horrível apenas *falar* com ele. Contudo quanto mais meu mundo girava, mais atraente ele se tornava. Não me interprete mal, eu ainda o odiava com paixão. Sua arrogância me dava vontade de gritar, mas sua habilidade de me liberar — ainda que temporariamente — dos meus problemas me deixava anestesiada. Ele era minha droga. Era mesmo muito doentio.

E ainda mais doentia foi a maneira como menti para Casey sobre aquilo quando ela ligou, às cinco e meia da tarde.

— Ei, você está bem? Ai, meu Deus, não posso acreditar que Jake voltou. Você está, tipo, surtando? Você precisa que eu vá aí?

— Não. — Eu estava nervosa, ainda espiando o relógio a cada poucos minutos. — Estou bem.

— Não guarde isso, B — pediu ela.

— Não estou guardando. Estou bem.

— Estou indo aí — disse ela.

— Não — falei rapidamente. — Não venha. Não tem por quê.

Houve silêncio por um segundo, e, quando Casey falou novamente, ela pareceu meio magoada:

— Certo… mas, quero dizer, mesmo que nós não falássemos de Jake, poderíamos só ficar juntas ou algo assim.

— Não posso — falei. — Eu, hã… — 17h33. Faltava uma hora para ir à casa de Wesley. Mas eu não podia contar aquilo a Casey. Nunca. — Acho que eu devia ir mais cedo para a cama esta noite.

— O quê?

— Fiquei acordada até muito tarde na noite passada assistindo, hã… um filme. Estou exausta.

Casey sabia que eu estava mentindo. Era muito óbvio. Mas ela não me questionou. Ao contrário, apenas disse:

— Bom… tudo bem, eu acho. Talvez amanhã? Ou neste fim de semana? Você realmente precisa falar disso, B. Mesmo que ache que não precisa. Só

porque ele é o irmão de Jessica…

Pelo menos Casey pensava que eu estava mentindo para encobrir minhas questões com Jake. Eu preferia que ela pensasse assim a saber a verdade.

Meu Deus, eu era uma droga de amiga. Mas Wesley era algo sobre o qual eu precisava mesmo mentir. Para todos.

Quando as 18h45 finalmente chegaram, agarrei meu casaco e corri escada abaixo, já tirando as chaves do meu carro do bolso. Encontrei papai na cozinha, esquentando alguns Pizza Rolls no micro-ondas.

Ele sorriu para mim enquanto eu vestia minhas luvas.

— Ei, pai. — chamei. — Volto mais tarde.

— Aonde você vai, Abelhinha?

Ah, anh, boa pergunta. Esse era um problema que eu não tinha antecipado, mas, quando tudo mais falhar, diga a verdade… ou parte dela, ao menos.

— Estou indo à casa de Wesley Rush. Estamos escrevendo um trabalho pra aula de inglês. Não vou chegar tarde em casa nem nada. — *Ah, por favor*, pensei. *Por favor, não deixe minhas bochechas ficarem vermelhas.*

— O.k. — disse papai. — Divirta-se com Wesley.

Corri da cozinha antes que meu rosto irrompesse em chamas.

— Tchau, papai!

Praticamente corri até meu carro e tentei com muito, muito empenho, não acelerar quando cheguei à avenida. Eu *não* ia receber minha primeira multa por causa de Wesley Rush. Em alguma coisa era preciso ter limite.

Até porque eu já tinha ultrapassado uma série de limites.

Mas o que exatamente eu estava fazendo? Sempre debochei de garotas que transavam com Wesley, e ainda assim aqui estava eu, virando uma delas. Disse a mim mesma que havia uma diferença. Aquelas garotas achavam que tinham uma chance com Wesley; elas o achavam sexy e atraente — o que, de um jeito estranho, eu acho também. Elas acreditavam que ele era um cara bom, que podiam domá-lo, contudo eu sabia que ele era um babaca. Eu só queria o corpo dele. Sem compromisso. Sem sentimentos. Eu só queria o barato.

Aquilo me tornava uma viciada *e* uma vadia?

Meu carro parou na frente da casa gigantesca, e eu decidi que meus atos eram perdoáveis. As pessoas com câncer fumavam maconha com fins

medicinais; minha situação era bem similar. Se eu não usasse Wesley para me distrair, enlouqueceria, então na verdade estava me poupando da autodestruição e de uma pilha de contas de terapia.

Atravessei o caminho que levava até a casa e toquei a campainha. Um segundo depois, a tranca fez um clique e a maçaneta girou. No instante em que o rosto sorridente de Wesley apareceu na porta, eu sabia que, independentemente da minha decisão, essa coisa toda era errada. Repugnante. Nojenta. Doentia.

E completamente excitante.

capítulo 11

Meu cabelo desarrumado denunciava que tínhamos transado. Encarei meu reflexo no espelho e tentei alisar a bagunça que eram as ondas ruivas em minha cabeça. Wesley vestia suas roupas atrás de mim. Aquela era, definitivamente, uma situação em que eu não me imaginava envolvida.

— Eu não me importo de ser usado — disse ele enquanto vestia sua camiseta preta e justa. O cabelo dele também denunciava o que tinha acontecido —, mas eu adoraria saber *para que* exatamente.

— Distração.

— Isso eu já tinha percebido. — As molas do colchão estalaram quando ele se deitou de costas. Wesley ergueu os braços e os cruzou atrás da cabeça. — Do que exatamente estou distraindo você? Há uma chance de eu desempenhar o meu papel de forma mais eficiente se souber mais detalhes.

— Você já está sendo ótimo pra mim. — Penteei meus cabelos com os dedos, sabendo que não ia adiantar muito. Eu me virei, suspirando, e encarei Wesley. Para minha surpresa, ele me olhava com interesse sincero. — Você realmente se importa?

— É claro. — Wesley sentou na cama e bateu no colchão, indicando que eu me sentasse ao seu lado. — Há muito mais neste corpo incrível do que um tanquinho malhado. Veja, tenho um par de orelhas, e elas funcionam incrivelmente bem.

Revirei os olhos e me sentei junto dele, colocando os pés para cima da cama.

— Certo — falei enquanto abraçava meus próprios joelhos. — Não que isso seja de grande importância, mas descobri que meu ex-namorado vai passar alguns dias na cidade. Pode soar estúpido, mas entrei em pânico. Vamos apenas dizer que a última vez que nos vimos, bem… as coisas não acabaram da melhor forma. Esse é o motivo pelo qual puxei você pra dentro do armário da escola.

— O que aconteceu?

— Você estava lá. Por favor, não me faça reviver isso.

— Não, não, estou falando do seu ex-namorado — explicou Wesley. — É só curiosidade. Que tipo de maldade poderia fazer uma pessoa tão cheia de ódio

como você correr para os meus braços musculosos? Ou foi ele que transformou seu coração em uma pedra de gelo? — Seu tom era sarcástico, mas o sorriso aparentava sinceridade. Muito diferente da expressão torta que fazia com a boca quando se sentia esperto.

— Começamos a namorar no meu primeiro ano — contei com relutância —, ele era mais velho. Eu estava certa de que, se meus pais descobrissem a idade dele, tentariam impedir a gente de se ver. Transformamos nosso relacionamento num segredo, escondemos de todo mundo. Ele nunca me apresentou aos amigos, nunca me levou pra passear nem falou sobre a gente na escola. Na época, eu acreditava que era para nos proteger. Mas é claro que eu estava enganada.

O olhar fixo de Wesley fazia minha pele coçar. Meu Deus, como isso me incomodava! Ele provavelmente me encarava com pena. *Pobre Duff*. Eu sentia a tensão em meus ombros enquanto olhava para minhas próprias meias, tentando evitar a reação dele à minha história. Wesley e Casey eram as únicas pessoas para as quais eu havia contado tudo o que aconteceu.

— Então vi que ele começou a andar com uma garota pela escola — continuei —; toda vez que perguntava, ele me dizia que era apenas uma amiga e que eu não devia me preocupar. E foi o que fiz. Quer dizer, ele tinha dito que me amava. Eu não tinha razões para desconfiar e acreditava nele. Por que não levar na boa?

Wesley não respondeu.

— Então *ela* descobriu. A garota me seguiu e me mandou parar de dormir com o seu namorado. Eu pensei que aquilo tudo era um engano, então decidi perguntar pra ele o que estava acontecendo…

— E não tinha sido um engano — adivinhou Wesley.

— Não, não era. O nome da namorada dele era Tiffany, e eles estavam juntos desde o sétimo ano. Eu era a outra mulher, ou *garota*, para ser mais exata.

Ergui meu olhar vagarosamente para encarar Wesley, que tinha uma expressão de nojo no rosto.

— Que babaca! — disse ele.

— Olha quem está falando. Você é o maior riquinho mulherengo que eu conheço.

— Verdade — admitiu ele —, mas não faço falsas promessas. Ele disse que

amava você, assumiu um compromisso. Eu jamais faria isso. Uma garota pode acreditar no que ela quiser, mas não falo coisas que não sinto de verdade. O que esse garoto fez só prova que ele é um verdadeiro canalha.

— De qualquer forma, ele estará de volta esta semana e vai trazer Tiffany… a *noiva* dele.

Wesley assobiou baixinho.

— Bom, isso pode ser constrangedor.

— Você acha?

Nós dois ficamos em silêncio por alguns instantes quando Wesley, finalmente, perguntou:

— Então, quem é ele? Eu me lembraria?

— Talvez. O nome dele é Jake Gaither.

— Jake Gaither! — O rosto dele denunciou seu susto. — Jake Gaither?! Aquele cara *esquisito*? A aberração cheia de acne e com um nariz em forma de gancho? — Os olhos dele estavam arregalados. — Como foi que aquele cara conseguiu ter *duas* garotas ao mesmo tempo? Por que alguém sairia com ele? Por que *você* sairia com ele? O cara parecia um monstro!

Franzi a testa.

— Obrigada — murmurei. — Não passou pela sua cabecinha que talvez ele seja o melhor que alguém como eu, uma Duff, pode conseguir?

A expressão de Wesley mudou. Ele tirou os olhos de mim e examinou nossos reflexos no espelho do outro lado do quarto. Após alguns segundos de um duro silêncio, ele disse:

— Sabe, Bianca, você nem é *tão* má assim. Tem potencial. Talvez se você andasse com meninas diferentes…

— Acho melhor você parar por aí. — falei. — Olha só, nós já transamos duas vezes. Não preciso dos seus elogios. Além disso, amo minhas amigas e jamais as trocaria por uma vontade idiota de parecer mais gostosa.

— Sério mesmo?

— É claro. Quer dizer, Casey tem sido minha melhor amiga desde sempre. Ela é a pessoa mais leal que já conheci. E Jessica, bem, ela não tem ideia do que se passou entre mim e o irmão dela. Nós não éramos amigas naquela época. Para ser bem sincera, eu *nem queria* conhecê-la depois que Jake e eu terminamos,

mas Casey achou que seria bom pra mim. Como sempre, ela estava certa. Jessica pode ser meio tonta às vezes, mas é a pessoa mais doce e inocente que conheço. Eu nunca desistiria delas apenas pra parecer mais atraente. Isso faria de mim uma verdadeira babaca.

— Elas têm sorte de ter uma amiga como você.

— Já falei pra você parar de me elogiar…

— Eu estou sendo sincero. — Wesley encarava seu próprio reflexo no espelho. — Tenho apenas um amigo, um que considero *de verdade*. Harrison é o único cara que você vai ver andando comigo. O motivo? A gente não joga no mesmo time, se é que você me entende. — Eu podia ver um pequeno sorriso surgindo em seus lábios quando ele virou o rosto para mim. — A maioria das pessoas faria de tudo para evitar ser uma Duff.

— Eu não sou a *maioria das pessoas*.

Ele me encarou, sério.

— A palavra não incomoda você nem um pouco? — perguntou ele.

— Não. — A mentira cruzou meus lábios. A palavra me incomodava, sim, mas eu jamais admitiria. Especialmente para ele.

Todo o meu corpo parecia bastante consciente dos olhos dele sobre mim de novo. Antes que Wesley pudesse dizer qualquer coisa, me levantei e caminhei até a porta do quarto.

— Olha só — falei enquanto virava a maçaneta —, preciso ir agora, mas acho que devíamos repetir o que fizemos hoje. Uma aventura, algo totalmente físico, sem compromisso.

— Você não resiste, né? — perguntou Wesley enquanto se espreguiçava com um sorriso. — Acredito que seja uma boa ideia, mas como sou um cara tão maravilhoso, também acho que você devia falar de mim pra suas amigas. Se você as ama, também pode dividir o prazer que é estar na minha presença. Fazê-las entender a experiência Wesley, se bem que… poderíamos tentar todos juntos. Seria uma ótima oportunidade.

Olhei para ele com uma expressão de nojo.

— Justo quando eu começava a acreditar que você tinha uma alma, você vai e fala uma coisa dessas! — Bati a porta com força e desci a escada correndo. — Não precisa me levar até a porta! — gritei. — Eu sei o caminho!

— Nós nos veremos em breve, Duff.

Que babaca!

Meu pai parecia distante. Acho que suas antenas paternas estavam em curto-circuito, porque ele mal fez perguntas sobre aonde eu estava indo e com quem, nas diversas vezes que saí de casa para ver Wesley naquela semana. Qualquer pai suspeitaria da filha se ela desse a desculpa de "estar fazendo um trabalho" duas vezes seguidas. Será que ele realmente acreditava que eu demoraria tanto tempo para escrever um trabalho idiota? Ele não deveria estar preocupado com o que a filha dele poderia *estar fazendo*?

Aparentemente não. Toda vez que eu saía de casa ele dizia: "Divirta-se, Abelhinha!".

Mas, realmente, um ar de mistério pairava em volta de mim. Mesmo Casey, que me observava como uma águia desde que Jake tinha chegado à cidade, não havia sequer erguido a hipótese de algo estar acontecendo entre mim e Wesley. Apenas as piadas de sempre sobre a queda que eu tinha por ele. É claro que eu estava fazendo de tudo para esconder as evidências, porém, mais de uma vez, tive certeza de que seria descoberta.

Como na sexta-feira à tarde. Estávamos no meu quarto nos aprontando para ir ao Nest. Para ser sincera, Casey era quem estava se arrumando. Eu apenas sentei na minha cama e assisti enquanto ela fazia poses no espelho. Já tínhamos feito aquilo um milhão de vezes, mas, com Jessica aproveitando cada instante junto do irmão, o quarto parecia assustadoramente vazio. Quase assombrado.

Ela era tão diferente de nós duas! Casey e eu não éramos nada parecidas, mas Jessica vinha de outro planeta. Ela era sempre um raio de sol. O copo dela estava sempre metade cheio, e isso ainda nos chocava. Ela mantinha o equilíbrio do grupo com seu enorme sorriso e sua inocência ingênua. Enquanto Casey e eu pensávamos que já tínhamos visto de tudo, para Jessica o mundo ainda era uma enorme novidade. Um mundo novo em folha. Sempre cheio de alegrias. Ela era o nosso sol, e Casey e eu, sem ela, estávamos imersas na escuridão.

Eu estava me perguntando quantos dias mais Jake pretendia ficar na cidade quando Casey se virou para mim, aparentemente decidida a usar o jeans skinny roxo. (Fico feliz por *ela* gostar, porque acho aquela calça horrível.)

— Sabe, B, você está lidando com essa história do Jake muito melhor do que eu esperava — disse ela.

— Obrigada… acho.

— É que eu imaginei que, com Jake voltando a Hamilton com a noiva, você ia pirar. Eu esperava ligações aos prantos durante a madrugada e alguns bons e velhos ataques histéricos. Em vez disso, você está agindo normalmente… ou, você sabe, o mais normal que Bianca Piper pode ser.

— Eu retiro meus agradecimentos.

— Sério mesmo. — Casey cruzou o quarto e se sentou ao meu lado. — Está tudo bem com você? Você quase não tem reclamado de nada, o que é um pouco perturbador, já que vive reclamando de tudo.

— Eu não sou assim! — protestei.

— Se você diz...

Revirei os olhos.

— Para sua informação, encontrei um jeito de manter minha cabeça afastada desse assunto. O que nunca vai funcionar se você continuar falando sobre isso, Casey. — Dei uma cutucadinha nela com o cotovelo. — Estou começando a achar que você *quer* me ver chorar.

— Isso ao menos provaria que você não está contendo seus sentimentos.

— Casey… — rosnei.

— Eu não estou brincando, B — disse ela. — Esse cara acabou com você no primeiro ano. Você chorava, soluçava e tinha ataques de pânico só de pensar no que ele fez, e eu sei que o mais difícil é que tivemos de manter tudo escondido da Jess. Só acho que precisamos arranjar uma forma de lidar com isso, porque não quero ver você passar pela mesma tristeza novamente.

— Casey, eu estou ótima! — garanti com a voz firme. — Encontrei uma maneira ótima de aliviar o estresse, certo?

— E qual é?

Ai, merda...

— Qual é o quê?

Casey franziu as sobrancelhas.

— Dã, sua forma de aliviar o estresse! O que você tem feito?

— Ah… uma coisa ou outra.

— Você está malhando? — perguntou ela. — Não se sinta envergonhada se estiver. Minha mãe malha quando está brava. Ela diz que ajuda a canalizar as energias negativas, mas não tenho a menor ideia do que isso significa. Então, é isso que está fazendo? Malhando?

— Acredito que podemos dizer que sim, é mais ou menos isso.

Droga, meu rosto estava pegando fogo. Eu me virei, examinando os pelos do meu braço.

— Musculação, é?

— A-hã.

Como um milagre, Casey não pareceu notar meu embaraço.

— Legal… Sabe, essa calça é um pouco maior do que as que eu normalmente compro. Talvez pudéssemos malhar juntas. Vai ser divertido.

— Não, acho que não. — Antes que ela pudesse dizer alguma coisa ou notar a cor do meu rosto, me levantei e disse: — Preciso escovar os dentes. Depois disso, estou pronta pra sair. Certo? — falei, e saí correndo do quarto.

Quando voltei, fui obrigada a inventar novas mentiras.

— Quer dormir na minha casa hoje? — perguntou Casey, arrumando seu cabelo curto em frente ao espelho. — Minha mãe vai na despedida de solteira de uma colega de trabalho, ou seja, a casa vai estar vazia. Podemos assistir a uns filmes com o James McAvoy, se você quiser. Jess vai se arrepender de ter perdido isso, mas…

— Hoje não, Casey.

— Ué, por que não? — Ela pareceu magoada.

A verdade era que eu tinha combinado de encontrar Wesley às onze da noite, o que não podia lhe contar, obviamente. Mas também não podia mentir para ela. Quer dizer, minhas mentiras eram sempre péssimas. Decidi utilizar a habilidade que estava desenvolvendo nos últimos dias: omitir informações.

— Eu tenho planos.

— Pra depois que sairmos do Nest?

— Isso mesmo, desculpe.

Casey deu as costas ao espelho e me encarou por um longo momento. Finalmente, ela disse:

— Você tem estado muito ocupada recentemente. Você por acaso não quer

mais sair comigo?

— Eu estou saindo com você hoje, não? — retruquei.

— Sim, eu sei, mas… sei lá. — Ela voltou a olhar o próprio reflexo no espelho. — Esquece. Vamos mudar de assunto.

Meu Deus, eu odiava ter que enganar Casey. Especialmente quando ela claramente sabia que *alguma coisa* estava errada, mesmo que não tivesse descoberto o quê. Eu tinha decidido que faria tudo ao meu alcance para manter em segredo meu relacionamento com Wesley.

Wesley, é claro, tinha uma capacidade incrível de agir como se nada estivesse acontecendo. Em público, nós nos tratávamos da mesma maneira sarcástica e indiferente de sempre. Eu o insultava, encarava-o com desprezo e falava mal dele aos sussurros quando o via agir como um porco (não que houvesse alguma *atuação* nisso). Ninguém podia imaginar que éramos tão diferentes quando estávamos sozinhos. Ninguém podia imaginar que eu contava os minutos para poder encontrar Wesley na frente de sua casa.

Ninguém, exceto Joe.

— Você gosta dele — provocou o bartender enquanto Wesley, que tinha acabado de bater boca comigo mais uma vez, ia para a pista de dança com um risinho nos lábios. — E estou começando a acreditar que ele gosta de você também. Existe algo acontecendo entre vocês.

— Você ficou louco! — esbravejei, bebericando minha Coca Light.

— Quantas vezes vou ter de repetir, Bianca? Você é uma péssima mentirosa.

— Eu não encostaria nesse babaca nem com um bastão de três metros. — A minha voz parecia carregar a quantidade suficiente de desprezo? — Você acha que sou mesmo tão idiota, Joe? Ele é arrogante e dorme com qualquer coisa que se mova. Na maior parte do tempo, quero arrancar os olhos dele com minhas próprias unhas. Como poderia gostar dele? Ele é um babaca.

— Garotas adoram os babacas. É por isso que estou solteiro. Eu sou muito legal.

— Ou muito cabeludo — falei. Tomei um último gole da minha Coca-Cola e deslizei meu copo para o outro lado do balcão. — Raspe essa barba de Moisés e talvez você tenha mais sorte. As mulheres não estão interessadas em beijar o tapete da sala, se é que você me entende.

— Você está tentando fugir da nossa conversa — retrucou Joe. — Isso apenas prova o seu envolvimento com o sr. Babaca.

— Cala a boca, Joe. Só cala a boca.

— Isso quer dizer que estou certo?

— Não — respondi. — Você só está me perturbando muito.

Tudo bem, eu definitivamente precisava arrumar um jeito de não aparecer no Nest por algumas semanas… talvez *para sempre*.

capítulo 12

— É sua vez, Duff. — Wesley se apoiou no taco de bilhar com um sorriso triunfante no rosto.

— Você não ganhou ainda — falei, revirando os olhos.

— Mas estou quase lá.

Eu o ignorei e concentrei toda a minha atenção em uma das duas bolas que restavam na mesa. Naquele momento, eu realmente desejava que tivéssemos mantido nosso padrão de visitas e ido direto para o quarto, ignorando qualquer outra atividade. Mas naquela noite, quando estávamos subindo a escada, Wesley mencionou que tinha uma mesa de bilhar. Por alguma razão, isso despertou em mim uma vontade adormecida de competir. Eu simplesmente mal podia esperar para esfregar minha vitória na cara dele e apagar seu sorriso arrogante.

Só que começava a me arrepender da decisão de desafiá-lo para um embate, pois estava ficando cada vez mais perceptível que ele tinha um real talento para a coisa. Eu não era uma jogadora ruim, mas ele estava prestes a acabar comigo. Não havia nada que eu pudesse fazer para impedir isso.

— Ei, calma aí — sussurrou ele, seus lábios tocando gentilmente meus ouvidos quando passou por trás de mim. As mãos de Wesley encostaram no meu quadril, os dedos subiram por dentro da blusa até a altura de minha cintura. — Concentre-se, Duff. Você está concentrada?

Ele estava tentando me distrair. E, *droga*, estava conseguindo.

Afastei-me dele, tentando acertá-lo com a parte de trás do taco. Ele, claro, conseguiu desviar, e eu só consegui acertar a bola branca sobre a mesa, mandando-a direto para a caçapa.

— Ui, essa foi por pouco! — ironizou Wesley.

— Que droga! — Eu me virei e olhei para ele com raiva. — Essa não devia contar!

— Mas conta. — Ele tirou a bola da caçapa e a depositou com cuidado na ponta da mesa. — Vale tudo no amor e no bilhar.

— Na guerra — eu o corrigi.

— Dá na mesma. — Wesley jogou o taco para trás e, mirando em seu alvo,

bateu na bola branca com força e meio segundo depois a preta, com o número 8, era enfiada na caçapa. A tacada da vitória.

— Babaca! — resmunguei.

— Não seja má perdedora — disse ele, apoiando o taco na parede. — O que você esperava? Sou maravilhoso em tudo o que eu faço — Wesley se gabou. — Mas, ei, você não pode ficar brava comigo por isso. Não podemos escolher a forma como Deus nos faz.

— Você é trapaceiro e arrogante. — Deixei de lado meu taco, que caiu no chão fazendo barulho. — É muito pior ser um mau ganhador do que uma má perdedora. E você só ganhou porque ficou jogando sujo e me atrapalhando durante o jogo! Não conseguiu manter suas malditas mãos no taco de bilhar enquanto eu tentava fazer uma jogada. Isso é desonesto, e além disso…

Sem aviso, Wesley me ergueu e me pôs sobre a mesa. Suas mãos cobriram meus ombros, e um segundo depois eu estava deitada de costas, encarando-o, enquanto ele sorria. Wesley avançou por cima da mesa e ali estava ele, com seu rosto a centímetros do meu.

— Em cima da mesa? — falei, estreitando meus olhos. — Sério mesmo?

— Eu não consigo resistir — disse ele. — Você fica tão sexy quando está brava comigo, Duff.

Logo de cara fiquei chocada com a afirmação. Quero dizer, ele tinha usado *sexy* e *Duff* — insinuando que sou gorda e feia — na mesma frase. A incoerência soava quase cômica. Quase.

O que realmente me atingiu foi o fato de Wesley ter me chamado de sexy. Nem Jake Gaither tinha feito isso. Wesley foi o primeiro. A verdade era que estar com ele fazia com que eu me *sentisse* atraente. A maneira como ele me tocava. A forma com que me beijava. Eu podia perceber que seu corpo me queria. Tudo bem, tudo bem. Estávamos falando de *Wesley*. O corpo dele estava sempre pronto. Contudo, ainda assim, o que eu estava sentindo não experimentava havia… Bem, na verdade, *nunca* tinha experimentado aquilo. Era excitante e fazia eu me sentir poderosa.

Mas nada conseguiria apagar a dor que a última palavra de sua frase me causou. Ele pode ter sido o primeiro homem a me chamar de sexy, mas também foi o primeiro a me chamar de Duff. Essa palavra me acompanhava, me

perseguia e me assombrava fazia semanas. E tudo por culpa dele.

Como ele conseguia me achar sexy e Duff ao mesmo tempo?

E uma pergunta melhor ainda: por que eu me importava?

Antes que eu pudesse encontrar boas respostas, Wesley começou a me beijar, seus dedos já abrindo o zíper do meu short. Nós nos tornamos um emaranhado de lábios e mãos e joelhos, e eu esqueci totalmente o dilema que martelava minha cabeça.

Ao menos por enquanto.

— Vamos lá, Panthers! — gritou Casey junto com as outras integrantes do Esquadrão das Magrinhas. Elas pulavam e davam estrelas perto das arquibancadas.

Ao meu lado, Jessica sacudia um pompom azul e laranja que tinha custado dois dólares, seu rosto brilhava com empolgação. Jake e Tiffany estavam ocupados em um jantar com os pais dela, o que significava que eu tinha duas horas livres para curtir com Jess… Ainda que fossem duas horas em um evento esportivo estúpido.

A verdade era que eu odiava tudo o que exigia espírito de equipe, porque, obviamente, não tinha nada disso. Odiava a escola Hamilton. Odiava as cores fortes do lugar, a mascote genérica, e noventa por cento dos alunos. Era por isso que mal podia esperar para ir embora para a faculdade.

— Você odeia absolutamente tudo! — comentou Casey quando manifestei minha falta de vontade de assistir ao jogo de basquete.

— Isso não é verdade.

— É verdade, sim! Você odeia tudo. Mas eu amo você. E Jess. E é por isso que vou pedir, como sua melhor amiga, para levá-la ao jogo.

Quando Jessica me contou que estava a fim de sair naquela noite, meu primeiro instinto foi o de ir para minha casa, assistir a uns filmes. Mas as obrigações de Casey como líder de torcida interferiram em meus planos. Isso pode não parecer um grande dilema — Jessica e eu podíamos ter visto filmes sozinhas —, mas Casey precisava complicar tudo. Ela também queria ver Jessica. E queria que a víssemos torcendo no jogo. Mesmo que fosse contra minha vontade.

— Vamos lá, B! — insistiu ela, parecendo irritada. — É só um jogo.

Ela andava mal-humorada nos últimos dias. Especialmente comigo. E eu realmente não estava em condições de discutir com ela.

Então, foi assim que acabei presa no jogo. Foi assim que acabei sentada naquela arquibancada desconfortável, com meu tédio atingindo proporções inimagináveis enquanto os gritos da torcida e os berros das pessoas em volta de mim contribuíam para a minha enxaqueca. Que maravilha.

Eu havia acabado de decidir que ia direto para a casa de Wesley no fim do jogo quando Jessica me cutucou. Por um segundo, pensei que tinha sido sem querer, que Jess tinha se empolgado demais com o pompom. Foi quando senti que ela agarrou meu pulso.

— Bianca.

— Que foi? — Eu me virei, mas ela não estava olhando para mim. Seus olhos estavam em um grupo de pessoas em uma arquibancada próxima, abaixo da nossa.

Três garotas, altas e bonitas — meninas do primeiro ano, pensei —, estavam sentadas uma ao lado da outra. Três rabos de cavalo perfeitos. Três calças jeans de marca. E então, pelo corredor, a quarta menina se aproximou. Ela era menor e mais pálida, tinha cabelo preto curto. Claramente uma caloura. Carregava diversas garrafas d’água e alguns cachorros-quentes em um ninho formado por seus braços. A novata havia acabado de retornar da barraca de lanches.

Observei enquanto a caloura sorridente passava as garrafas e a comida para as outras garotas ali sentadas. Assisti enquanto cada uma das meninas ia pegando as coisas da mão da menor, e também percebi como nenhuma delas pareceu agradecer. A menina de cabelos pretos se acomodou na arquibancada, e nenhuma das garotas falou com ela, elas só falavam entre si. Vi quando ela tentou puxar assunto e quando fechou a boca de repente, ao ser interrompida e ignorada. Até que, depois de um momento, uma das garotas a encarou, falou alguma coisa rapidamente e desviou o rosto, olhando de novo para as amigas. A caloura se levantou e se dirigiu à barraca de lanches, pronta para cumprir novas ordens.

Quando olhei para Jessica novamente, seus olhos estavam sombrios e… tristes. Ou, talvez, cheios de raiva. Era difícil dizer por que ela não demostrava

nenhuma dessas duas emoções com muita frequência.

De qualquer forma, eu podia entender o motivo.

Jessica costumava ser como aquela menina. Foi como Casey e eu a conhecemos. Duas veteranas que faziam parte do grupo de torcida de Casey — honrando o estereótipo, elas eram loiras, magras e malvadas — estavam se gabando por ter uma novata como sua "criada". Mais de uma vez, Casey testemunhou as duas dando ordens e humilhando Jess.

— Precisamos fazer algo pra ajudá-la, B — dissera Casey com veemência. — Não podemos simplesmente deixar essa menina ser tratada dessa forma.

Casey achava que tinha de salvar todo mundo. Assim como tinha me salvado no parquinho muitos anos antes. Eu já estava acostumada com isso, a diferença era que, daquela vez, ela queria minha ajuda. Normalmente eu teria aceitado fazer qualquer coisa que Casey pedisse, mas, se tratava de Jessica Gaither. O sobrenome dela me impedia de desejar qualquer aproximação, ela que se virasse sozinha.

Não que eu fosse uma pessoa sem coração. Só não queria conhecer a irmã de Jake Gaither. Não depois de tudo o que ele tinha feito comigo, não depois de toda a dor que tinha enfrentado um ano antes.

Fui dando um jeito de não me envolver na situação. Até certo dia, no refeitório, quando ouvimos um grito:

— Meu Deus, Jessica, você tem algum problema mental ou coisa parecida?

Casey e eu viramos de costas em nossas cadeiras e encaramos as líderes de torcida enquanto elas humilhavam Jessica, que era, pelo menos, uma cabeça mais baixa do que as outras. Ou talvez fosse a sua postura.

— Eu mandei você fazer uma coisa simples — bronqueou a líder de torcida, apontando para o prato que Jessica carregava. — Uma coisinha simples. Nada de molho na minha salada! É tão difícil entender?

— A salada já vem pronta, Mia — balbuciou Jessica, seu rosto ficando rosado. — Eu não…

— Você é uma idiota. — A líder de torcida virou-se e se afastou, com o rabo de cavalo balançando às suas costas.

Jessica ficou parada, olhando para o prato em suas mãos. A pupila dilatada denunciava a tristeza em seus olhos. Ela parecia tão pequena. Tão fraca, tão

insignificante... Naquele momento, não pensei na beleza dela. Nem mesmo no quanto ela era engraçadinha. Era só uma menina frágil e inquieta. Como um ratinho.

— Anda logo, Jessica! — Outra líder de torcida exclamou em tom irritadiço. — Não vamos ficar guardando lugar pra você. Jesus.

Eu podia sentir Casey olhando para mim e sabia o que ela queria. E, olhando para Jessica, simplesmente não podia fingir que não entendia o motivo. Se alguém precisava de um pouco de "Deixe tudo com a Casey" era aquela garota. Além disso, ela não se parecia em nada com o irmão. Isso tornou a decisão bem mais simples.

Respirei fundo e gritei:

— Ei, Jessica!

A menina sobressaltou-se com o berro e se virou em minha direção. Ela me olhou com um ar assustado que quase partiu meu coração.

— Venha comer com a gente. — Não era uma pergunta. Nem mesmo uma proposta. Era uma ordem. Eu não estava lhe dando escolha. Mas, mesmo que não fosse uma ordem, se aquela menina tivesse juízo, escolheria se juntar a nós.

Jessica se apressou em direção a nossa mesa. Podíamos perceber um ar de irritação vindo das líderes de torcida. Casey estava totalmente radiante com minha iniciativa. Isso foi tudo. Fim da história.

Contudo, isso não se parecia tanto com o passado naquele momento, enquanto eu via a pequena caloura correr em direção à barraca de lanches. Percebi que a calça jeans que usava era errada para ela — a garota não tinha as curvas necessárias para uma calça de cintura tão baixa —, e sua péssima postura a fazia parecer estranha. Esse pequenos detalhes a faziam parecer diferente das suas supostas amigas. Um reflexo ambulante da menina que Jessica tinha sido. Fazia muito tempo. E só agora eu conhecia a palavra que definia esse tipo de menina.

Duff.

Não havia dúvida alguma. Aquela caloura era, com certeza, a Duff daquele grupo de patricinhas que mandavam nela. A questão não era ela ser feia — e com certeza ela não era gorda —, e sim que, entre as outras três, ela seria sempre a última a ser notada. E eu não conseguia parar de pensar: será que esse não era

justamente o objetivo? Será que permitiam que ela fizesse parte do grupo não apenas para ser usada de empregada, mas também para fazer com que as outras parecessem mais bonitas?

Olhei para Jessica novamente, lembrando-me de como ela parecera pequena e frágil naquele dia. Nada engraçadinha. E nada bonita. Apenas patética. A Duff. Agora Jess era linda. Voluptuosa, adorável e… bem, *sexy*. Qualquer garoto — exceto Harrison, infelizmente — gostaria de ficar com ela. O mais estranho era que Jessica não parecia tão diferente assim. Não na aparência, pelo menos. Ela sempre teve curvas e longos cabelos loiros. O que havia mudado, então?

Como era possível uma das garotas mais lindas que já conheci um dia ter sido uma Duff? Qual era a lógica disso tudo? Era como Wesley me chamando de sexy e Duff ao mesmo tempo. Apenas não fazia sentido.

Então não era preciso ser gorda e feia para ser Duff? Quer dizer, Wesley contara aquela noite no Nest que alguém era chamado de Duff quando comparado com outra pessoa. Isso significava que garotas de certa forma atraentes também poderiam ser consideradas Duffs?

— Você acha que devemos ajudá-la?

Fiquei em choque por um instante, e um pouco confusa. Percebi que Jessica acompanhava a novata, que estava voltando para a arquibancada.

Foi quando um pensamento horrível me atingiu. Um pen-samento que fez de mim oficialmente a pior pessoa do planeta. Considerei, por uma fração de segundo, trazer a caloura para o nosso grupo e transformá-la em nossa Duff. Talvez assim eu não fosse mais a Duff da turma.

Eu podia ouvir a voz de Wesley martelando em minha cabeça. *A maioria das pessoas faria de tudo para evitar se tornar uma Duff*. Eu havia lhe dito que eu não era como a maioria das pessoas, mas será que era tão diferente? Será que não era igual àquelas líderes de torcida — que agora nem estavam mais na escola — que maltrataram Jessica, ou como essas três meninas com seus rabos de cavalo perfeitos perto de mim na arquibancada?

Antes que eu pudesse decidir se ajudava ou não a caloura — fosse qual fosse a razão —, o sinal soou e a multidão se ergueu aos berros, entoando gritos de guerra e festejando, bloqueando nossa visão da pequena figura de cabelos negros. Ela já tinha se afastado, assim como minha oportunidade de ajudá-la ou

de me aproveitar de sua inocência.

O jogo estava encerrado.

Os Panthers ganharam.

Eu ainda era a Duff.

capítulo 13

O Dia dos Namorados também poderia ser chamado de Dia Anti-Duff. Quer dizer, que outra data poderia machucar mais a autoestima de uma garota? Não que importasse. Eu já odiava o Dia dos Namorados muito antes de ter me dado conta de meu status de Duff. Sinceramente, não era capaz de entender o motivo daquele feriado. Sério mesmo, é apenas uma desculpa para garotas choramingarem sua solidão e um caminho para os garotos conseguirem transar. Eu achava materialista, indulgente e, com todo aquele chocolate, nada saudável.

— É o meu dia favorito do ano! — comemorou Jessica enquanto dançava no corredor a caminho de sua aula de espanhol. Era a primeira vez que eu a via animada com alguma novidade desde a partida de Jake dois dias antes. — Todo aquele cor-de-rosa e vermelho! As flores e os doces! Não é divertido, Bianca?

— Claro.

Já fazia uma semana desde o jogo de basquete, e nenhuma de nós tinha mencionado a caloura desde que deixamos o ginásio naquela noite. Eu me perguntava se Jess já teria esquecido aquilo. Sorte a dela. Eu não conseguia. Não poderia. Aquela garota e sua semelhança comigo — a identidade Duff que dividíamos — estavam à espreita, bem atrás de mim, todos os dias desde que a vi.

Certamente não tocaria no assunto. Não com Jessica. Com ninguém.

— Que droga, eu só queria que o Harrison tivesse me enviado um cartão — disse ela —; isso teria sido perfeito. Acho que não podemos ter tudo o que desejamos, né?

— Não, não podemos.

— Você sabe, esse é o primeiro ano que nós três estamos solteiras! — continuou Jessica. — Ano passado eu estava com Terrence, e um ano antes Casey estava com Zack. Acho que poderíamos fazer uma festinha de Dia dos Namorados só pra nós. Seria muito divertido. Esse é provavelmente o último Dia dos Namorados que passamos juntas antes da faculdade, e nós não temos saído ultimamente. O que você acha? Podemos ir pra minha casa e celebrar!

— Parece uma boa ideia.

Jessica jogou um braço em volta dos meus ombros.

— Feliz Dia dos Namorados, Bianca!

— Pra você também, Jessica. — Sorri, apesar de não querer sorrir. Eu não podia me controlar. Jessica tinha um sorriso cativante, e era difícil ser negativa perto de alguém tão saltitante.

Chegamos à nossa sala de aula e descobrimos que a professora nos esperava.

— Bianca — disse ela quando passamos pela porta. — Acabei de receber um e-mail de uma das secretárias da recepção. Ela precisa da ajuda de alguns estudantes para distribuir as flores que nos foram enviadas. Como você está avançada com seu trabalho, importa-se de fazer esse favor para mim?

— Hum… pode deixar.

— Nossa, que divertido! — Jessica me libertou de seu abraço. — Você vai entregar as flores. É quase como se você fosse o Cupido!

Legal. Que divertido.

— Vejo você mais tarde — falei para Jessica enquanto deixava a sala de aula. Fui abrindo caminho por entre a multidão de alunos, lutando contra a corrente, tentando chegar à recepção da escola. Parecia haver casais em todos os cantos, demonstrando publicamente seu afeto — de mãos dadas, trocando olhares, dando presentinhos, agarrando-se — para que toda a escola testemunhasse.

— Nojento — murmurei.

Eu estava na metade do caminho quando a mão de alguém agarrou meu ombro com força.

— Olá, Duff.

— O que você quer?

Wesley sorria ironicamente para mim quando me virei para encará-lo.

— Eu só queria avisá-la que, se você decidir aparecer hoje à noite, é provável que eu esteja ocupado. Como é o dia do amor, minha agenda está consideravelmente lotada.

Agora ele estava soando como um amante *profissional*.

— Caso você esteja muito desesperada pra me ver, estarei livre em torno das onze horas.

— Acredito que eu possa sobreviver a uma noite sem você, Wesley — falei.

— Na verdade, posso sobreviver até a eternidade.

— É claro que pode. — Ele soltou meu ombro e deu uma piscadela. — Vejo você hoje à noite, Duff. — E então partiu, desaparecendo no meio da onda de alunos que estavam prestes a chegar atrasados às aulas.

— Babaca! — resmunguei. — Meu Deus, como odeio esse cara!

Alguns minutos depois, cheguei à recepção onde a secretária, uma pilha de nervos, sorriu para mim com alívio.

— A sra. Romali a enviou? Por aqui, por aqui. A mesa está aqui. — Ela me direcionou a uma mesa dobrável verde cor de vômito. — Aqui está. Divirta-se!

— Isso parece pouco provável.

A mesa estava coberta — literalmente *coberta* — de buquês, vasos, caixas em formatos de coração e cartões. Pelo menos cinquenta pacotes vermelhos e cor-de-rosa estavam ali para ser entregues, e era meu o privilégio de distribuir tanta alegria.

Eu estava pensando por onde começar quando ouvi passos atrás de mim. Presumindo que seria a secretária voltando, perguntei sem me virar:

— Você tem a lista com as turmas para eu saber em que sala entregar cada presente?

— Sim, eu tenho.

Aquela não parecia ser a voz da secretária.

Eu me virei rapidamente, chocada com a voz que acabara de me responder. Era a voz de alguém que eu conhecia muito bem, apesar de nunca — nem uma vez — ter falado diretamente comigo.

Toby Tucker sorriu.

— E aí?

— Desculpe, pensei que era outra pessoa.

— Eu não pretendia assustá-la — disse ele. — Então você também caiu nessa armadilha, não foi?

— Pois é. — Eu estava aliviada em saber que minhas cordas vocais não estavam paralisadas.

Como sempre, Toby estava vestindo um blazer formal demais para a escola, o cabelo loiro caído sobre o rosto em um corte antiquado, tipo tigela. Adorável. Único. Inteligente. A personificação de tudo o que eu gostava em um homem. Se

acreditasse em uma coisa idiota como o destino, pensaria que foi ele que nos unira no Dia dos Namorados.

— Aqui está a lista das turmas — disse ele, entregando-me um caderno esverdeado. — Acho que devíamos começar logo; isso provavelmente vai levar um bom tempo para ser feito. — Os olhos dele escanearam, através dos óculos ovais, a pilha de presentes. — Acho que nunca vi tantos tons de cor-de-rosa reunidos em um só lugar.

— Eu já, no quarto da minha melhor amiga.

Toby riu e pegou um buquê de rosas brancas e vermelhas. Olhou para a etiqueta e disse:

— Acho que a forma mais rápida de fazermos isso é separar os presentes em pilhas de acordo com as turmas em que devem ser entregues. Isso vai tornar a entrega mais eficiente.

— Certo — falei. — Organizar de acordo com a turma. Tudo bem.

Percebi que parecia uma idiota com minhas respostas menos-do-que-eloquentes, mas não havia muito que pudesse fazer. Quer dizer, apesar de minha voz estar funcionando, isso não significava que eu necessariamente a usaria de forma adequada na presença de Toby. A minha paixonite por ele já durava três anos, então, dizer que eu estava apenas nervosa seria subestimar meu estado naquele momento.

A minha sorte era que Toby pareceu não ter percebido. Conforme fomos separando os presentes em pilhas, começamos uma conversa educada. Devagar, notei que estava ficando confortável em meu papo com Toby Tucker. Um milagre do Dia dos Namorados! Talvez *milagre* seja uma palavra forte demais — teria sido um se ele tivesse me agarrado em seus braços e se deitado sobre mim ali mesmo. Podemos dizer que isso foi então um bônus do Dia dos Namorados. De qualquer forma, meu jeito imbecil de falar começou a sumir à medida que nossa conversa progredia. Obrigada, Deus.

— Olha só, tem uma pilha aqui para uma tal de Vikki McPhee — disse ele enquanto colocava uma caixa de bombons no topo da pilha. — Será que ela tem seis namorados diferentes?

— Pelo que sei, são três — falei. — Mas, para ser bem sincera, ela não me conta tudo o que acontece em sua vida.

Toby balançou a cabeça.

— Puxa vida! — Ele pegou um cartão e conferiu o destinatário. — E você? Algum plano para hoje à noite?

— Não.

Ele colocou o cartão em uma das pilhas.

— Nem mesmo um encontro com seu namorado?

— Isso exigira que eu *tivesse* um namorado — respondi —, coisa que não tenho. — Evitando despertar qualquer sentimento de piedade por parte de Toby, acrescentei: — E, mesmo que tivesse, não acredito que estaríamos fazendo algo especial. O Dia dos Namorados é uma data estúpida, uma desculpa patética para que exista mais um feriado.

— Você realmente acredita nisso? — perguntou ele.

— É claro que sim. Você sabia que o Dia dos Namorados é a data em que as pessoas mais contraem doenças sexualmente transmissíveis? Que motivo pra celebrar!

Nós dois começamos a rir juntos. Por um minuto, tudo soou muito natural.

— E você? — perguntei de volta. — Já fez planos com sua namorada?

— Bem, fizemos, sim — disse ele, suspirando profundamente, e continuou: — O único problema é que terminamos no último sábado. Então esses planos estão oficialmente cancelados.

— Sinto muito.

É claro que não era verdade. A única coisa que eu sentia era êxtase e alegria. Meu Deus, eu era tão perversa...

— Eu também. — Houve uma pausa momentânea que estava quase se tornando constrangedora quando ele disse: — Acho que está tudo separado. Está pronta para começar a fazer as entregas?

— Estou pronta, mas sem um pingo de vontade. — Apontei para um vaso de flores. — Olhe pra isso, quase posso apostar que alguma garota pagou o envio para si mesma, apenas para parecer bem na frente dos amigos. Isso não é triste?

— Você está me dizendo que não faria o mesmo? — perguntou Toby com um pequeno sorriso no canto da boca.

— Nunca! — respondi com orgulho. — Quem se importa com o que os outros pensam de mim? E se eu não ganhar um presente no Dia dos Namorados?

É pura vaidade. Quem eu preciso impressionar?

— Não sei. Acredito que o Dia dos Namorados é uma data para se sentir especial — disse ele enquanto pegava uma flor do vaso grande. — Acredito que toda garota deva se sentir especial de vez em quando, até mesmo você, Bianca. — Ele se aproximou e pôs a flor atrás da minha orelha.

Tentei convencer a mim mesma que tudo aquilo era uma grande bobagem melodramática. Se qualquer outro cara — Wesley, por exemplo — tivesse tentado fazer alguma coisa parecida, provavelmente eu teria dado um tapa em sua cara ou rido dele. Porém, a única reação que tive foi sentir o rosto enrubescer enquanto os dedos de Toby roçavam minha pele. Não era um cara qualquer. Era Toby Tucker. O perfeito, maravilhoso, adorável Toby Tucker.

Talvez o Dia dos Namorados pudesse ser suportável mesmo a uma Duff, afinal de contas.

— Vamos lá — disse ele —, escolha uma pilha e vamos começar a distribuir os presentes.

— Hum… certo.

Nós poderíamos ter entregado aquela pilha inteira antes do fim do primeiro período se a secretária não continuasse a trazer mais e mais presentes para a mesa cor de vômito. Começou a ficar claro para mim e para Toby que iríamos trabalhar até a hora do almoço.

Não que eu me importasse em passar a manhã com ele.

— Não quero soar precipitado — disse ele quando voltávamos para a mesa, apenas cinco minutos depois do sinal do almoço —, mas acredito que terminamos.

Alcançamos a mesa vazia e sorrimos um para o outro, apesar de meu coração estar partido.

— Isso é tudo — falei. — Entregamos os últimos presentes.

— Isso mesmo. — Toby se inclinou por cima da mesa. — Quer saber, estou feliz que a obrigaram a ajudar. Eu ficaria entediado se precisasse fazer isso sozinho. Conversar com você foi divertido.

— Pra mim também — respondi, evitando soar muito entusiasmada.

— Olha só — disse ele —, você não devia sentar no fundo da sala durante a aula de organização política avançada. Por que você não pega uma das carteiras

que ficam atrás de Jeanine e de mim? Não existe motivo pra você ficar lá no fundo. Acho que você devia se juntar a nós… aos nerds da primeira fileira.

— Talvez. — É claro que eu ia fazer isso. Como poderia recusar um pedido de Toby Tucker?

— Bianca Piper? — A secretária se aproximou de nós. Não havia flores ou caixas de doces em suas mãos dessa vez. — Bianca, alguém veio pedir pra você sair mais cedo hoje. Vieram buscá-la.

— Ah… — falei. — Tudo bem. — Estranho. Eu tinha carro. Não precisava que ninguém viesse me buscar.

— Vejo você mais tarde, Bianca — disse Toby, enquanto eu seguia a secretária para sua mesa na porta de entrada. — Feliz Dia dos Namorados!

Acenei antes que ele saísse do meu campo de visão, tentando lembrar se eu tinha alguma consulta médica marcada para aquele dia ou alguma coisa assim. Por que alguém pediria que eu saísse da escola mais cedo? Antes que eu pudesse imaginar todas as tragédias familiares possíveis, a resposta me atingiu como uma parede de tijolos, e fiquei estática.

Ai. Meu. Deus.

Ela estava parada em frente à mesa da recepção como se tivesse saído de uma produção em algum canto de Hollywood. Cabelos loiros, com mechas mais claras de sol caindo gentilmente sobre os ombros em ondas perfeitas. Usava um vestido justo um pouco mais curto, acima dos joelhos (sem meia-calça, é claro) e um par de saltos altos. Óculos escuros escondiam seus olhos — olhos que eu sabia que eram verdes. Ela ergueu os óculos e se virou para olhar o meu rosto.

— Oi, Bianca — disse a bela mulher.

— Oi, mãe.

capítulo 14

Eu podia ver seu nervosismo pela forma como ela andou na minha direção. Parecia abalada, e seus olhos estavam arregalados, com uma expressão que eu só podia associar ao medo. Havia um bom motivo. Diferentemente de meu pai, eu sabia que o envio dos papéis do divórcio era escolha dela — e a odiava por isso. Por não avisar nenhum de nós. Eu a encarei com um olhar de advertência e me afastei quando ela se aproximou de mim. Isso deve ter confirmado suas preocupações, porque ela desviou o olhar para o chão, fixando os olhos na ponta de seus sapatos de salto.

— Senti sua falta, Bianca — disse minha mãe.

— É claro que sentiu.

— Assinou os papéis de dispensa, sra. Piper? — perguntou a secretária, voltando para sua cadeira atrás do balcão da recepção.

— Sim, assinei — confirmou minha mãe. Sua voz era suave e tinha um tom natural. — Então estamos livres para ir embora?

— Sim, ela está liberada. — A secretária deu uma risadinha, mexeu no cabelo e disse: — Gostaria que você soubesse que comprei seu livro. Ele tem sido de *grande* ajuda para mim, poderia dizer até que salvou minha vida. Releio todo mês!

Minha mãe abriu um sorriso.

— Olha só, muito obrigada! Interessante encontrar uma das dez pessoas que realmente leram meu livro.

A secretária sorriu de volta.

— Ele mudou a minha vida.

Revirei os olhos.

Todo mundo amava minha mãe. Divertida, inteligente e arrasadoramente bonita. Ela se parecia muito com a Uma Thurman — o mais longe de ser uma Duff que você puder imaginar. Com todas as falhas e erros escondidos por trás do rostinho bonito, e com um sorriso capaz de fazer as pessoas acreditarem que ela era perfeita. A secretária, que deu mais uma risadinha e acenou para minha mãe à medida que deixávamos a escola, era apenas mais uma tola enganada

pelos truques dela.

— Aonde exatamente estamos indo? — Eu não me importava em esconder minha amargura. Ela merecia.

— Ah… não sei — admitiu minha mãe. Seus saltos ecoavam na calçada enquanto caminhava. O som parou quando alcançamos o carro, um Mustang vermelho no qual ela parecia estar rodando havia alguns dias. Não era difícil perceber que havia dirigido de Orange County até aqui. — Que tal um lugar aquecido? — Ela estava tentando parecer descolada. — Meu traseiro está congelando!

— Se você vestisse roupas decentes, não teria esse tipo de problemas. — Quase arranquei a porta do passageiro quando a abri, e joguei todo o lixo do assento no chão antes de entrar no carro. — Desculpe, não estamos na Califórnia. Faz frio por aqui.

— Ah, Califórnia. Que lugarzinho problemático... — disse mamãe. Ela parecia tensa quando entrou no carro, e sua risada abobada era claramente de nervosismo, não de bom humor. — Não é tão divertido quanto nos filmes, sabia?

— Sério? Que estranho. Você parece estar gostando mais de lá do que de Hamilton. Mas, pra você, qualquer lugar é melhor do que aqui, não é mesmo?

A risada morreu, o carro ficou silencioso. Mamãe girou a chave e ligou o motor, saindo do estacionamento. Finalmente, com o veículo em movimento, ela murmurou:

— Bianca, precisamos falar sobre isso. Não sei se você consegue entender o tipo de problema que estou enfrentando agora.

— Com certeza, parece uma fase bem difícil, mãe — provoquei. — Por sinal, belo bronzeado. Orange County parece ser o inferno na Terra. Não sei como você consegue viver naquele lugar.

— Bianca Lynne Piper, não vou aceitar esse comportamento vindo de você! — ela gritou. — Ao contrário do que você parece estar pensando, eu ainda sou sua mãe e mereço ser tratada com respeito!

— Sério mesmo? — rosnei em resposta. — Como o respeito que você teve pelo meu pai ao enviar a papelada do divórcio sem sequer prepará-lo? Ou a mim? Pelo amor de Deus, mãe! Qual é o seu problema?

Mais alguns instantes de silêncio.

Eu sabia que esse tipo de discussão não nos levaria a lugar algum. Sabia que devia ouvir o que minha mãe tinha a dizer, ver as coisas sob seu prisma e dividir meus sentimentos de forma racional. Eu havia assistido a muitos episódios de *Dr. Phil* para entender que precisávamos entrar em um acordo, mas a realidade é que não queria um. Egoísta, infantil, imatura… Posso ter sido tudo isso, porém a expressão do meu pai, rodeado pelas garrafas vazias que eu havia recolhido na semana passada, e a maldita papelada do divórcio não saíam da minha cabeça. Ouvir? Entender? Ser racional? Como isso poderia sequer ser uma opção? Ela era mais infantil e imatura do que eu. A única diferença era que sabia esconder melhor.

Eu a escutei respirar fundo antes de parar o carro no acostamento. Ela desligou o motor sem dizer uma palavra, e eu desviei o olhar para os campos vazios que se estendiam à nossa frente; estariam cobertos de milho assim que o verão chegasse. O céu cinzento de fevereiro falava por nós. O frio. A falta de vida. Um dia desperdiçado. Um dia perdido. Um esforço desnecessário. Eu não começaria a conversa. Era a chance da minha mãe ser a adulta, ao menos uma vez na vida.

Os segundos passavam. O único som audível no carro era nossa respiração. Mamãe se mexia como se estivesse prestes a dizer alguma coisa, mas seus lábios se fechavam antes que qualquer som escapasse. Esperei.

— Bianca… — começou ela. Passaram-se cinco minutos até que enfim continuasse: — Eu sinto muito, muito mesmo.

Eu não disse uma palavra.

— Eu não queria que acabasse assim. — A voz dela falhava, mas eu não virei o rosto para ver se estava chorando. — Não me sentia feliz há muito tempo. Quando sua avó morreu, seu pai sugeriu que eu fizesse uma viagem. Achei que a ideia poderia funcionar. Escapar um pouco, dar algumas palestras em lugares diferentes e voltar. Pensei que, ao voltar, tudo ficaria bem novamente, como era antes, como era quando ele e eu nos casamos. Mas…

Seus longos dedos tremiam quando ela fechou as mãos sobre a minha. De forma relutante, olhei para ela. Não havia lágrimas correndo pelo seu rosto, mas eu podia perceber o brilho no canto de seus olhos. A represa não havia rompido ainda.

— Eu estava errada — disse ela. — Pensei que podia fugir de meus problemas, mas estava tão errada, Bianca... Não importa aonde você vá ou o que você faça para se distrair, a realidade alcança você. Eu voltei para casa e, depois de alguns dias, estava sentindo tudo novamente, então parti para mais uma viagem. Eu ficaria fora por um tempo um pouco maior, agendaria mais palestras, iria para lugares mais distantes… até que não havia mais para onde ir. Quando percebi, estava no lado oposto do país, não havia mais para onde fugir. Eu precisava… eu tinha de enfrentar a realidade.

— Qual realidade?

— Que eu não queria mais o seu pai. — Ela olhou para as nossas mãos, ainda entrelaçadas. — Eu ainda amo muito o seu pai, mas não como marido e mulher, não da forma como ele me ama. Pode soar como um grande clichê, mas é a verdade. Não podia continuar fingindo que tudo estava bem entre nós. Desculpe-me.

— Então você quer o divórcio?

— Sim.

Olhei para os campos vazios à minha frente. Ainda cinzentos. Ainda frios.

— Você terá de contar ao papai — falei. — Ele ainda pensa que houve um engano. Ele se recusa a acreditar que você… que você faria algo assim com nós dois.

— Você me odeia?

— Não.

A resposta não me surpreendeu, mesmo que a negativa simplesmente tenha voado da minha boca. Eu queria odiar a minha mãe. Não tanto por causa do divórcio; já fazia um tempo que ela havia nos deixado, e a ideia de morar com apenas um de meus pais não era algo que me deixasse para baixo. E, afinal, já estava na hora de o divórcio ser oficializado. Eu queria ter o poder de odiá-la pelo meu pai. Pela dor que ela estava causando a ele. Pela noite em que ele teve a recaída.

Foi quando a verdade me atingiu. Ela não era a culpada pela recaída de meu pai. Eu podia culpá-la quanto quisesse, mas isso não faria bem nenhum. Ela precisava assumir a responsabilidade pela vida dela, e meu pai pela dele. Por terem permanecido casados, por terem deixado as coisas chegar a esse ponto nos

últimos três anos, os dois estavam vivendo em negação.

Minha mãe finalmente enfrentava a realidade. Meu pai teria de enfrentá-la também.

— Eu não odeio você, mãe.

O céu estava escuro havia horas quando ela me deixou no estacionamento da escola, onde estava meu carro. Passamos a tarde dirigindo por Hamilton, conversando sobre tudo o que ela perdeu. Da mesma forma que fazíamos toda vez que ela voltava de uma turnê. A diferença era que dessa vez ela não voltaria para nossa casa, ao menos não para passar a noite.

— Preciso ver seu pai agora — disse minha mãe. — Acho que seria uma boa se você passasse a noite com a Casey, docinho. Não tenho ideia de como ele vai reagir… Quer dizer, sei exatamente como ele vai reagir, e não vai ser bom.

Assenti, concordando, esperando estar errada — apesar de nossas definições de *não vai ser bom* serem muito diferentes. Não havia mencionado para mamãe que ele teve uma recaída, principalmente porque não houve um grande drama pelo fato. Ela estava com medo dos berros e das lágrimas — coisas que se esperam de um confronto como esse. Eu não queria que ela se preocupasse com a bebida também. Especialmente porque não tinha sido grande coisa.

— Deus — suspirou ela —, me sinto horrível! Estou prestes a contar para o meu marido que quero me divorciar, ainda por cima no Dia dos Namorados. Eu sou uma… *vaca*. Talvez eu devesse esperar até amanhã e…

— Você precisa falar com ele, mãe. Se não colocar tudo pra fora agora, você nunca vai fazer isso. — Soltei meu cinto de segurança. — Vou ligar pra Casey e ver se posso ficar esta noite com ela. É melhor ir agora… antes que seja tarde demais.

— Tudo bem. — Ela inspirou com força e expirou vagarosamente. — Certo, eu vou.

Abri a porta do Mustang e saí.

— Vai dar tudo certo.

Ela assentiu e girou a chave na ignição.

— Você não devia ser a adulta da relação — murmurou. — Eu sou a mãe, eu que deveria estar confortando você, e não o contrário. Que família disfuncional.

— A funcionalidade é superestimada. — Dei a ela um sorriso de segurança. — Nos falamos amanhã, boa sorte!

— Obrigada, querida. Amo você.

— Também amo você.

— Tchau, meu bebê.

Fechei a porta e me afastei. Com o meu sorriso firme, acenei enquanto o pequeno Mustang vermelho manobrava para fora do estacionamento em direção à autoestrada, onde hesitou como se debatesse se devia ou não prosseguir. Mas minha mãe acelerou. Eu continuei acenando.

Assim que o carro sumiu da minha vista, permiti que, aos poucos, o sorriso saísse do meu rosto. Sim, eu sabia que as coisas ficariam bem. Sim, sabia que minha mãe estava fazendo a coisa certa. Sim, sabia que esse era o primeiro passo na direção correta para meus pais. Contudo também sabia que papai não veria dessa forma… pelo menos não no começo. Eu sorria para dar confiança a minha mãe, mas para meu pai eu balançava a cabeça.

Tirei as chaves do bolso traseiro e destranquei o carro. Após jogar minhas coisas no banco do passageiro, entrei e fechei a porta, criando um muro entre meu corpo, que tremia de frio, e a noite de fevereiro. Por vários minutos fiquei lá, sentada em silêncio, tentando não pensar nos meus pais.

Era impossível, é claro.

Enfiei minha mão dentro da bolsa e comecei a remexer entre canetas e pacotes vazios de chiclete. Finalmente achei meu celular. Eu o apanhei e fiquei com os dedos parados sobre o teclado.

Não liguei para Casey.

Esperei chamar três vezes até que a ligação foi atendida.

— Oi, é a Bianca. Ahn… Você ainda está ocupado?

— Você está brincando comigo, né?

Eu olhava para a grande tela de televisão, sentindo meu rosto ficar quente. De novo? Sério mesmo? Era a décima vez seguida que Wesley vencia desde que eu havia chegado, uma hora antes. Eu esperava encontrar uma loira de pernas compridas saindo de seu quarto, mas, quando entrei, o cenário se mostrava bem diferente. Wesley estava jogando Soulcalibur IV. Como adoro ser punida, eu o

desafiei para uma partida.

Meu Deus, preciso encontrar *alguma coisa* em que sou melhor do que ele!

E alguma coisa num personagem animado apanhando muito fazia eu me sentir melhor. Sem perceber, consegui apagar a conversa entre minha mãe e meu pai da cabeça. Tudo acabaria bem. Tinha de acabar bem. Eu só precisava ser paciente e deixar as coisas acontecerem. Nesse meio-tempo, tinha de acabar com Wesley… ou pelo menos tentar.

— Eu disse pra você, sou incrível em tudo o que faço — provocou ele, largando o controle do PS3 no chão —, e isso inclui videogames.

Assisti ao personagem de Wesley na tela fazendo uma dancinha da vitória.

— Não é justo — murmurei. — Sua espada é maior do que a minha.

— Minha espada é maior do que a de todo mundo.

Joguei meu controle na cabeça dele, mas claro que Wesley se abaixou e eu errei o alvo. Droga.

— Pervertido!

— Ah, por favor. — Ele riu. — Você me deu a piada pronta, Duff.

Franzi as sobrancelhas por alguns instantes, mas senti que a bronca que eu ia dar escapava pelos dedos. Finalmente, balancei a cabeça… e sorri.

— Você tem razão, facilitei as coisas pra você. Mas sabe o que dizem sobre os garotos: quanto mais falam, menor é.

Dessa vez, quem franziu as sobrancelhas foi ele.

— Ambos sabemos que isso não é verdade. Já provei pra você diversas vezes. — Ele sorriu e se inclinou na minha direção, seus lábios próximos à minha orelha. — Posso provar de novo se você quiser… e eu *sei* que você também quer.

— Eu… eu não acredito que seja necessário. — Administrei a situação. Agora seus lábios desciam até minha nuca, fazendo faíscas percorrer minha coluna.

— Ah, é? — rosnou ele em resposta. — Acho que tenho de provar, sim.

Eu ri enquanto ele me empurrava para o chão, uma de suas mãos percorrendo o espaço acima do lado esquerdo do meu quadril, onde sinto mais cócegas. Wesley tinha descoberto aquele ponto algumas semanas antes, e eu fiquei furiosa comigo mesma por permitir que ele usasse isso contra mim. Agora

ele podia me fazer rir e me contorcer quanto quisesse, e eu percebia como ele se divertia com toda aquela encenação. Babaca.

Seus dedos roçaram meu ponto sensível no quadril enquanto sua boca se movia do pescoço para minha orelha. Comecei a rir descontroladamente e fiquei totalmente sem ar. Injusto. Muito injusto. Fiz menção de escapar de seus braços, mas Wesley se moveu com rapidez, prendendo minhas pernas nas dele, e continuou fazendo cada vez mais cócegas.

Quando estava prestes a desmaiar sem oxigênio, senti algo vibrar em meu bolso.

— Para! Para! — choraminguei, tentando empurrá-lo para longe. Wesley me soltou e se sentou ao meu lado, eu recuperei o fôlego e tirei o telefone do bolso. Esperava que fosse minha mãe me dando notícias sobre o que tinha acontecido entre ela e meu pai — fazendo-me lembrar de todas as minhas preocupações —, mas quando olhei para o número que me chamava meu estômago deu outra reviravolta.

— Ai, droga! É a Casey. — Olhei para Wesley, ainda deitado no chão com as mãos atrás da cabeça. Sua camiseta estava um pouco erguida, e eu podia ver os ossos de seu quadril por baixo do tecido esverdeado. — Não diga nada! Ela *não pode* saber que estou aqui! — Atendi e tentei falar da forma mais suave possível: — Alô?

— E aí? — O tom dela era agressivo. — O que foi que aconteceu com você? Jess me disse que nós três iríamos passar a noite juntas e você simplesmente não aparece?

— Desculpa — falei. — Aconteceu uma coisa.

— Bianca, você tem dito muito isso nos últimos dias. Sempre acontece alguma coisa, ou você tem planos, ou…

De repente, senti a respiração de Wesley atingir minha nuca. Ele havia se levantado e vindo para trás de mim sem que eu percebesse. Seus braços agarraram minha cintura, seus dedos começaram a desabotoar minha calça jeans antes que eu pudesse impedir.

— … Jess estava cheia de esperanças que nós três fizéssemos algo divertido e…

Não conseguia me concentrar em uma palavra que Casey dizia enquanto a

mão de Wesley deslizava por dentro da cintura da minha calça jeans, seus dedos avançando cada vez mais.

Não podia dizer uma palavra. Não podia mandá-lo parar, nem esboçar qualquer reação. Se o fizesse, Casey perceberia que eu estava acompanhada. Mas, meu Deus, eu podia sentir meu corpo se tornando uma bola de fogo. Ouvia as risadas contidas de Wesley sobre meu pescoço; ele sabia que estava me levando à loucura.

— … eu estou tentando entender o que diabos está acontecendo com você.

Mordi o lábio para impedir um gemido involuntário, as mãos de Wesley descendo para um ponto que fazia meus joelhos tremerem. Podia sentir o sorriso irônico em seus lábios enquanto eles roçavam minha orelha. Babaca. Ele estava me torturando. Eu não aguentaria por muito mais tempo.

— Bianca, você está aí?

Wesley mordeu o lóbulo da minha orelha enquanto abaixava minha calça jeans com sua mão livre. A outra continuava me causando arrepios.

— Casey, eu preciso desligar.

— O quê? B, o que está…

Desliguei o telefone e o joguei no chão. Tirei os braços de Wesley e o empurrei para o lado. Olhei-o com raiva, cara a cara. Ele estava adorando.

— Seu filho da…

— Ei! — disse ele, erguendo as mãos em rendição. — Você me mandou não falar nada, mas não disse nada quanto a…

Peguei o controle do PS3 e apertei o botão que iniciava uma nova partida, determinada a dar uma lição nele. Eu já havia acertado o personagem dele várias vezes antes que Wesley sequer tivesse pegado o controle.

— E você diz que *eu* sou trapaceiro! — resmungou enquanto bloqueava um dos ataques de minha gladiadora.

— Você merece. — Apertei os botões de ataque com fúria.

Não importava. Mesmo com toda a minha reação dramática, ele ainda venceria. Que droga.

— Feliz Dia dos Namorados, Duff. — Wesley se virou para me parabenizar ironicamente, seus olhos cinzentos cheios de um triunfo orgulhoso.

Por que ele tinha de dizer aquilo?, me perguntei enquanto meus

pensamentos voltavam aos meus pais. Será que mamãe já havia contado a verdade a meu pai? Será que estavam brigando? Chorando?

— Bianca.

Eu me dei conta de que estava mordendo meu lábio com força demais quando o gosto metálico do sangue alcançou minha língua. Pisquei para Wesley, que me fitava. Ele olhou para meus olhos por alguns instantes, mas em vez de me perguntar o que estava acontecendo, se estava tudo bem comigo, apenas apanhou o controle do PS3 e disse:

— Vamos lá, vou com calma dessa vez.

Forcei um sorriso. Tudo se resolveria. Tinha de se resolver. — Não seja idiota — falei para Wesley. — Eu que vou acabar com você dessa vez. Deixei você ganhar de propósito até agora.

Ele riu; sabia que era tudo um blefe.

— Vamos ver, então.

E começamos uma nova partida.

capítulo 15

Eu nunca tinha ouvido nada tão horrivelmente alto na vida. Era como se uma bomba tivesse explodido do lado do meu ouvido… uma bomba que pulsava no ritmo de “Thriller”, de Michael Jackson. Completamente grogue, me virei na cama e peguei meu celular, que vibrava na mesinha de cabeceira, olhando a hora antes de atender.

Cinco horas da manhã.

— Alô? — grunhi.

— Desculpe por acordar você, querida — disse minha mãe no telefone. — Espero não ter acordado Casey também.

— Hum. Está tudo bem. O que foi?

— Saí de casa há umas duas horas — explicou ela. — Seu pai e eu tivemos uma longa conversa, mas… ele não está aceitando muito bem a situação, Bianca. Eu sabia que ia ser assim. Bem, de qualquer forma, estou dirigindo por aí desde então, tentando pensar no que fazer a seguir. Decidi ir para um hotel em Oak Hill por alguns dias, para poder passar mais tempo com você, e no fim de semana vou começar a levar minha mudança para o Tennessee. Seu avô precisa de alguém para cuidar dele. Vai ser um bom lugar para eu me instalar. Você não acha?

— Claro — murmurei.

— Desculpe — disse minha mãe. — Eu devia ter deixado pra contar isso tudo a você mais tarde. Volte a dormir. Ligue pra mim quando sair da escola, para saber em que hotel estou. Talvez a gente possa ver um filme hoje à noite.

— Boa ideia. Tchau, mãe.

— Tchau, querida.

Recoloquei meu celular na mesinha de cabeceira e me espreguicei, abafando um bocejo. Essa cama, com seu colchão macio e lençóis caros, era confortável demais. Nunca senti tanta dificuldade em acordar de manhã, porém consegui pôr os pés no chão, afinal.

— Pra onde você vai? — perguntou Wesley com uma voz semiadormecida.

— Pra casa. — Vesti o jeans. — Preciso tomar banho e me arrumar pra

escola.

Ele se apoiou no cotovelo para me olhar. O cabelo dele estava todo despenteado, com cachos castanhos caindo sobre seus olhos e meio erguido na parte de trás.

— Você pode tomar banho aqui — ofereceu. — Eu até posso me juntar a você, se der sorte.

— Não, obrigada. — Peguei meu casaco no chão e joguei-o sobre os ombros. — Será que vou acordar seus pais se sair pela porta da frente?

— Seria difícil, já que eles não estão aqui.

— Não voltaram pra casa ontem à noite?

— Não vão voltar até o final da semana — respondeu Wesley. — E só Deus sabe quanto tempo vão ficar. Um dia. Talvez dois.

Agora que estava pensando nisso, me dei conta de que nunca vira outro carro na entrada daquela quase-mansão. Wesley sempre parecia ser o único morador da casa quando eu o visitava, o que acontecia muito frequentemente por aqueles dias.

— Onde eles estão?

— Não me lembro. — Ele deu de ombros e deitou de costas novamente. — Viagem de trabalho. Férias no Caribe. Nunca consigo acompanhar.

— E sua irmã?

— Amy fica na casa da minha avó quando meus pais estão fora da cidade — respondeu ele. — Ou seja, praticamente, o tempo todo.

Voltei devagar para a cama.

— Então… — perguntei em voz baixa, sentando na beira do colchão — por que você não fica lá também? Imagino que sua irmã gostaria de tê-lo por perto.

— É possível — concordou Wesley. — Minha avó, no entanto, é outra história. Ela me detesta. Não aprova meu… — ele desenhou aspas com os dedos — *estilo de vida*. Aparentemente, sou uma desgraça para o sobrenome Rush e meu pai devia ter vergonha de mim. — A risada dele era vazia e ácida. — Porque ele e minha mãe são um padrão de perfeição, sabe?

— Como é que sua avó sabe do seu, hã… estilo de vida?

— Ela ouve as fofocas das amigas. As velhas bruxas escutam as netas falando de mim… — E quem poderia reprová-las? — e depois contam pra

minha avó o que sabem. Ela poderia até *gostar* de mim se eu tivesse uma namorada séria por um tempo, mas uma parte de mim não quer lhe dar essa satisfação. Eu não deveria ter de mudar meu estilo de vida só pra agradar a ela ou a qualquer outra pessoa.

— Entendo o que você quer dizer.

E entendia mesmo. Porque tinha pensado a mesma coisa um milhão de vezes ao longo dos anos. Recentemente, até a respeito dele. Seria fácil mudar a opinião de Wesley sobre mim, sair com outras pessoas ou colocar outra garota no meu círculo de amigas — como aquela caloura do time de basquete — para evitar ser uma Duff. Mas por que eu deveria fazer alguma coisa apenas para mudar o que ele ou qualquer outra pessoa pensava de mim? Eu não deveria.

Nem ele.

De alguma forma, no entanto, a situação dele parecia diferente. Olhei em volta do quarto, sentindo-me estúpida por querer comparar aquilo com a questão Duff. Depois, sem fazer de propósito, perguntei:

— Mas você não se sente solitário? Nesta casa grande, sozinho...

Ai, meu Deus. Será que eu estava mesmo sentindo *pena* de Wesley? Wesley, o pegador? O ricaço Wesley? Wesley, o babaca? De todas as emoções que já tinha sentido por ele, compaixão nunca havia sido uma delas. Que merda estava acontecendo?

Mas se havia algo pelo que eu sentia empatia, era o drama familiar. Então parecia que Wesley e eu tínhamos algo em comum. Droga.

— Você esquece que eu raramente estou sozinho. — Ele se sentou e me olhou com um sorrisinho. Mas não me encarou. — Você não é a única que me acha irresistível, Duff. Normalmente tenho um fluxo contínuo de convidadas atraentes.

Mordi o lábio, sem ter certeza se devia dizer o que me passava pela cabeça. Acabei decidindo que era melhor dizer de uma vez. Não faria mal nenhum, afinal.

— Escute, Wesley, pode parecer esquisito vindo de mim, já que detesto você e tal, mas você pode se abrir comigo se quiser. — Parecia algo vindo de um filme romântico de quinta categoria. Ótimo. — Quer dizer, despejei todas as minhas baboseiras sobre Jake em você, então se quiser fazer o mesmo… bom,

por mim tudo bem.

O sorrisinho desapareceu por um instante.

— Vou lembrar disso. — Depois ele limpou a garganta e acrescentou, seco: — Você não disse que precisava ir pra casa? Não vai querer chegar atrasada na escola.

— Certo.

Comecei a levantar, mas a mão quente dele envolveu meu pulso. Virei e o vi olhando para mim. Ele se inclinou e encostou os lábios nos meus. Antes mesmo que eu me desse conta do que estava acontecendo, ele se afastou e sussurrou:

— Obrigado, Bianca.

— Ahn… tudo bem.

Não sabia o que pensar daquilo. Todas as outras vezes que Wesley e eu tínhamos nos beijado, tinha sido um enfrentamento impetuoso e belicoso. Uma introdução ao sexo. Ele nunca tinha me beijado daquele jeito suave e sem desespero, e aquilo meio que me assustou.

Mas não tive tempo de pensar nisso enquanto corria escada abaixo e pelo vestíbulo. Quando entrei no carro, precisei acelerar — o que eu realmente, realmente, detesto fazer — até minha casa, e mesmo assim não cheguei lá antes das seis. Só me restava uma hora e meia para tomar uma ducha, me vestir e verificar como estava meu pai. Que jeito fantástico de começar o dia.

Melhor ainda era o fato de que dava para ver que as luzes da sala de estar estavam acesas quando estacionei na entrada. Não era bom sinal. Meu pai sempre — *sempre* — desligava todas as luzes antes de ir para a cama. Fazia isso como um ritual. Tê-las deixado acesas era definitivamente um mau agouro.

Ouvi o ronco assim que entrei na ponta dos pés e, imediatamente, entendi que ele tinha comprado mais cerveja. Mesmo antes de ver as garrafas na mesinha de centro e seu vulto inconsciente no sofá, eu já sabia.

Ele ficara completamente bêbado e apagara na sala.

Comecei a me mexer, mas parei. Por mais que eu quisesse, não tinha tempo para arrumar a bagunça do meu pai. Precisava subir. Precisava ir para a escola. E, enquanto me esgueirava até o meu quarto, convenci-me de que tudo iria ficar bem. Ele estava apenas chocado, tudo ficaria bem, e esse… episódio passaria sem mais incidentes. Não podia culpar o cara por alguns copos de cerveja a

mais, considerando a bomba que minha mãe jogara nele, né?

Tomei um banho rápido e sequei meu cabelo com o secador (o que sempre demora um século; sério, talvez eu devesse logo cortar o cabelo curtinho como Casey, em vez de perder meu tempo) antes de vestir roupas limpas. Depois de escovar os dentes, desci de novo e fui até a cozinha pegar biscoitinhos recheados para comer no caminho. Em seguida saí pela porta da frente.

Quando afinal consegui chegar à escola, o estacionamento dos alunos estava quase cheio. Precisei parar na última fileira e correr — com minha mochila de quase dez quilos nas costas — na direção da porta dupla. Claro que, quando cheguei ao corredor principal, estava sem fôlego. *Meu Deus,* pensei, enquanto arrastava minha bunda gorda para a aula de espanhol. *Não é de estranhar que eu seja uma Duff. É deprimente como estou fora de forma*.

Bem, pelo menos os corredores estavam praticamente vazios. O que significava que ninguém tinha testemunhado minha chegada patética.

— Ei, aonde você foi ontem? — perguntou Jessica quando me joguei na carteira, alguns segundos antes de o sinal tocar. — Você não estava no almoço nem na aula de inglês. Casey e eu ficamos meio preocupadas.

— Saí da escola mais cedo.

— Achei que nós três faríamos algo para comemorar o Dia dos Namorados em que estamos todas solteiras.

— É meio irônico, não acha? — Suspirei e balancei a cabeça, tentando não olhar para os grandes olhos magoados dela. Merda, ela estava fazendo me sentir culpada! E eu sabia que iria pagar, de alguma forma, por desligar na cara de Casey na noite passada. — Desculpa, Jessica. Tive um problema ontem. Te conto depois da aula, tá bom?

Antes que ela pudesse dizer alguma coisa, a sra. Romali limpou a garganta e gritou:

— *Silencio! Buenos días, amigos*. Hoje vamos começar a conjugar no presente progressivo, e quero avisar desde agora que é bem difícil.

E era mesmo. A sra. Romali passou um exercício que nos manteve ocupados até o final da aula. Quando o sinal tocou, eu estava mesmo começando a questionar meu gosto pelas aulas de espanhol, e não era a única.

— Ainda dá pra mudar de matéria este semestre? — perguntou Angela a

Jessica e a mim quando saíamos da sala.

— Não, o prazo acabou há um mês — respondi.

— Droga.

— Tchau, Bianca! — gritou Jessica enquanto elas corriam para a aula de química. — Vejo você no almoço!

Acenei e comecei a seguir pelo outro corredor. Hoje, entretanto, estava de fato animada para a aula de organização política avançada. Toby Tucker tinha pedido para eu sentar perto dele. Não seria mais a garota solitária no fundo da sala. Nunca pensara que isso ia mudar ou que ficaria tão feliz quando acontecesse. O que dizer? O isolamento autoimposto estava finalmente começando a me incomodar.

Mas Toby não estava lá. O lugar dele estava cem por cento vazio quando entrei na sala (pelo menos dessa vez eu tinha chegado bem cedo, como o sr. Chaucer gostava), e meu coração apertou um pouco… quer dizer, muito. Pelo menos não precisei sentar sozinha. Jeanine praticamente me arrastou para a frente da sala, talvez perdida sem Toby para mantê-la interessada. Ela devia ter ficado desapontada porque eu não era tão boa para fazer comentários políticos sarcásticos quanto seu companheiro habitual. Tudo o que podia oferecer eram algumas afirmações irônicas sobre a funcionalidade do sistema judiciário. Meu Deus, como eu sentia falta de Toby!

E o sr. Chaucer, também. Ele pareceu entediado com sua própria aula sem interrupções e, meio desanimado, dispensou a turma quando o sinal tocou, fazendo bico como uma criança pequena.

E ainda dizem que professores não têm alunos favoritos.

Fiquei aliviada de sair daquela sala de aula, que parecia fria sem os comentários esclarecedores de Toby, até chegar ao refeitório.

A mesa de almoço não estava exatamente calorosa e acolhedora naquela tarde. Casey ficou fazendo cara feia para mim durante o almoço inteiro, obviamente irritada por eu ter desligado na cara dela na noite anterior. Mas aparentemente não o bastante para deixar de se encontrar comigo e Jessica depois da aula para ouvir minhas desculpas.

Eu havia prometido que explicaria tudo depois da aula. Claro que isso quis dizer que, no segundo em que o último sinal tocou, elas me arrastaram para um

banheiro vazio e começaram a dizer coisas como “Conta tudo!” e “Fala logo!”, antes que eu pudesse respirar uma mísera vez.

Gemi e deslizei pela parede de concreto frio até uma posição sentada. Abracei meus joelhos e disse:

— O.k., o.k. Minha mãe apareceu ontem à tarde.

— Ela voltou da viagem? — perguntou Jessica.

— Não exatamente. Ela só veio pra conversar comigo. Ela e meu pai estão se divorciando.

Jessica tampou a boca com a mão, chocada, e Casey ajoelhou-se do meu lado, pegando minha mão.

— Você está bem, B? — perguntou, desistindo da raiva que sentia.

— Estou bem — respondi. Eu sabia que elas ficariam mais chateadas com aquilo do que eu. Casey, cujos pais haviam atravessado um divórcio longo e amargo, e Jessica, que não conseguia imaginar nada mais triste e perturbador.

— Foi por isso que você não deu notícia no Dia dos Namorados, ontem à noite? — perguntou Jessica.

— Foi — respondi. — Desculpem. Eu só… não estava com muita vontade de comemorar.

— Você devia ter ligado — disse Casey. — Ou ter me contado alguma coisa pelo telefone, ontem à noite. Eu teria escutado, você sabe.

— Sei. Mas estou bem mesmo. Era só uma questão de tempo. Já faz algum tempo que espero isso. — Dei de ombros. — E, sinceramente, não me chateia muito. Quer dizer, vocês sabem que minha mãe não esteve muito presente esses últimos anos, então não vai mudar tanto assim. Mas ela só está aqui por alguns dias, e é por isso que preciso ir agora. — Levantei.

— Pra onde você vai? — perguntou Casey.

— Disse a minha mãe que veríamos um filme juntas hoje. — Peguei minha mochila e dei uma olhada no meu reflexo no espelho. — Desculpem. Sei que vocês querem conversar mais sobre isso, mas minha mãe vai embora no final da semana, então…

— Tem certeza de que está bem? — perguntou Casey, cética.

Hesitei, com a mão levantada para afastar algumas mechas castanho-avermelhadas do rosto. Poderia ter contado a elas ali. Poderia ter contado sobre

meu pai, sobre as garrafas de cerveja e como eu estava confusa. Eram minhas melhores amigas, afinal. Se preocupavam comigo.

Mas se eu entregasse meu pai, o que aconteceria? E se isso se espalhasse? O que pensariam dele? Não conseguia lidar com isso. Mesmo a ideia das minhas melhores amigas julgando-o me deixava desconfortável. Afinal, era meu pai. E aquilo não era importante. Ele estava atravessando uma fase difícil. Não havia nada com que se preocupar.

— Absoluta — falei, virando as costas para o espelho com um sorriso forçado. — Mas preciso ir. Não quero deixar minha mãe esperando.

— Divirta-se — murmurou Jessica, os olhos ingênuos ainda arregalados pelo choque. Talvez eu devesse ter dado a notícia a ela com mais cuidado.

Estava na porta do banheiro quando Casey chamou:

— Ei, B, espera aí!

— O que foi?

— Vamos fazer alguma coisa no fim de semana — sugeriu ela. — Pra compensar por não termos feito nada no Dia dos Namorados. Podíamos ir todas ao Nest. Uma Noite das Garotas vai ser divertido. Podemos até comprar sorvete pra você.

— Claro. Ligo depois, mas preciso mesmo ir.

Com um aceno, corri para fora do banheiro. Era verdade que eu queria ver um filme com minha mãe, mas não era esse o motivo da minha pressa. Eu tinha algo a fazer antes.

Assim que cheguei ao carro, peguei o celular, sem perder tempo. Liguei para aquele número familiar e esperei a voz masculina profissional atender.

— Você ligou para Tech Plus. Aqui quem fala é Ricky. Como posso ajudar?

Queria falar com meu pai. Ter certeza de que ele estava bem e lhe dizer que íamos superar aquilo. Sabe, apenas dar um apoio. Eu sabia que ele precisava. Depois da noite que tivera, sabia que ele devia estar tendo um péssimo dia de trabalho. Além disso, já que eu estava lidando com as novidades tão bem, podia pelo menos ajudá-lo a passar por aquele momento.

— Boa tarde, Ricky — falei. — Será que o sr. Piper pode atender?

— Não, sinto muito. O sr. Piper não veio trabalhar hoje.

Fiquei ali parada, tonta por um instante, sabendo o que aquilo queria dizer.

Mas afastei as preocupações que me davam um aperto no coração. Ele devia estar apenas de ressaca após uma noite ruim. Talvez aquilo fosse mais do que suficiente para lembrá-lo por que ele havia parado de beber, em primeiro lugar. Ele estaria bem amanhã.

Eu esperava que estivesse.

— Obrigada, mesmo assim — falei. — Tenha um bom dia.

Desliguei e digitei outro número. Dessa vez, uma mulher com voz clara e animada atendeu:

— Alô?

— Oi, mãe. — Forcei-me a parecer pelo menos meio animada. Se soasse alegre demais, ela saberia que havia algo acontecendo. Afinal, eu não era do tipo jovial. — Ainda quer assistir a um filme hoje à noite?

— Ah, oi, Bianca! — exclamou minha mãe. — Sim, parece ótimo. Escute, querida, você falou com o seu pai hoje? Ele está bem? Estava tão arrasado ontem à noite, e estava chorando quando fui embora. — Pelo jeito como ela falava, pude entender que não tinha ideia de que ele tivera uma recaída e voltara a beber. Se soubesse, a voz dela estaria muito mais tensa e cheia de preocupação. Talvez até à beira do pânico. Mas minha mãe parecia calma. Apenas levemente preocupada. O fato dela estar tão cega realmente me preocupou. Quer dizer, ele tinha parado de beber há quase dezoito anos, mas mesmo assim... Isso devia ter passado pela cabeça dela.

Mas não seria eu que lhe daria essa notícia.

— Ele está bem. Acabei de falar com ele. Vai chegar tarde hoje do trabalho, então um filme vai funcionar bem pra mim.

— Ah, certo, fico feliz de ouvir isso — disse minha mãe. — O que você quer assistir? Nem sei o que está passando.

— Nem eu, mas acho que uma comédia seria bom.

capítulo 16

Meu pai não estava melhor no dia seguinte.

Nem no outro.

Voltou ao trabalho no fim da semana, mas eu tinha certeza de que não era a única a notar as ressacas que levava consigo. Agora, parecia sempre haver cerveja ou uísque pela casa. Ele sempre estava desmaiado no sofá ou trancado no quarto. E nunca falava disso comigo. Como se eu não notasse. Eu devia ignorar aquilo? Fazer de conta que o problema não existia?

Queria dizer alguma coisa. Queria lhe pedir para parar. Dizer que ele estava cometendo um erro enorme. Mas como? Como é que uma garota de dezessete anos convence o pai de que sabe o que é melhor para ele? Se eu tentasse fazê-lo parar, ele podia ficar na defensiva. Podia imaginar que eu o havia abandonado também. Podia ficar com raiva de mim.

Como meu pai tinha parado de beber antes do meu nascimento, eu, de fato, não sabia muita coisa sobre o processo de desintoxicação. Sabia que ele teve um padrinho. Um sujeito alto e calvo de Oak Hill para quem minha mãe sempre mandava cartões de Natal quando eu era criança. Meu pai não falava mais dele, e eu tinha certeza de que, mesmo que tentasse, não conseguiria encontrar seu telefone. E, ainda que conseguisse, o que dizer? Como esse negócio de padrinho funcionava?

Eu me sentia impotente e inútil, e, mais do que qualquer coisa, envergonhada. Sabia que, com minha mãe longe, cabia a mim fazer uma tentativa. Só não tinha ideia de por onde começar.

Então, nas semanas que se seguiram à viagem da minha mãe para o Tennessee, passei a maior parte do tempo evitando meu pai. Nunca vira papai bêbado e, por isso, não sabia o que esperar. Tudo o que eu tinha para me basear eram os trechos de conversa que ouvia quando criança. Papai tinha sido um cara nervoso. Com um temperamento difícil. Não conseguia imaginar isso vindo do meu pai, nem queria passar a conseguir em um futuro próximo. Então eu ficava no meu quarto, e ele ficava no dele.

Ficava tentando me convencer de que tudo ia passar. Enquanto isso,

guardava o pequeno segredo dele comigo. Felizmente, minha mãe era crédula o suficiente para acreditar em mim, toda vez que eu dizia no telefone que tudo estava bem, apesar do meu pouco talento para o palco.

Sinceramente, achei que esconder meus segredos de Casey seria a parte mais difícil. Ela sempre conseguia ver através de mim, afinal. Primeiro tentei evitá-la, ignorando suas ligações e inventando desculpas quando ela me chamava para fazer alguma coisa. Acabei não ligando para conversar sobre a Noite das Garotas que ela mencionara no banheiro. Tinha certeza de que ela iria me bombardear de perguntas no instante em que me flagrasse sozinha e, por isso, tentava usar a coitada da Jessica, que não estava entendendo nada, como escudo protetor. Mas, depois de uma semana, comecei a ter a estranha sensação de que *Casey* era quem estava se mantendo afastada de *mim*.

Ela passou a me ligar cada vez menos.

Parou de perguntar se eu queria ir ao Nest nos finais de semana. Até trocou de lugar com Jeanine no almoço, sentando-se do outro lado da mesa — tão longe de mim quanto possível. Uma ou duas vezes eu até a flagrei me olhando de um jeito esquisito.

Queria saber qual era a droga do problema dela, porém fiquei com medo de confrontá-la. Sabia que, se falássemos daquilo, eu não seria capaz de continuar mentindo a respeito do meu pai. Não para ela. Mas aquilo era o segredo dele, a vergonha dele, não cabia a mim contar. Não deixaria que ninguém, nem mesmo Casey, descobrisse.

Então fui obrigada a deixar rolar por um tempo aquela esquisitice suprema.

Foi Wesley quem me fez atravessar aquelas semanas. Uma parte de mim estava horrorizada comigo, mas o que eu poderia dizer? Precisava daquela fuga — daquele atordoamento — mais do que nunca, e ele estava a apenas alguns minutos de carro. Uma dose, três ou quatro vezes por semana, era tudo de que eu precisava para me manter sã.

Meu Deus, eu estava agindo como uma viciada. Talvez minha sanidade já tivesse me abandonado.

— O que você faria sem mim? — perguntou ele uma noite. Estávamos enrolados nos lençóis de cetim em sua cama gigante. Meu coração ainda estava acelerado enquanto eu voltava do êxtase do que acabáramos de fazer, e ele não

estava ajudando ao deixar os lábios tão perto do meu ouvido.

— Viveria uma vida feliz… muito feliz — murmurei. — Eu poderia até… ser otimista… se você não estivesse por perto.

— Mentirosa. — Ele mordeu o lóbulo da minha orelha, de brincadeira. — Você seria totalmente infeliz. Admita, Duff. Sou o vento sob suas asas.

Mordi o lábio, mas não consegui conter a risada — bem na hora em que eu estava recuperando o fôlego.

— Você acabou de citar Bette Midler… na cama. Estou começando a questionar sua sexualidade, Wesley.

Wesley me olhou com um brilho desafiador nos olhos.

— Ah, é mesmo? — Ele deu um sorriso breve antes de levar a boca de volta à minha orelha e sussurrar: — Ambos sabemos que minha masculinidade nunca esteve em questão… Acho que você só está mudando de assunto porque sabe que é verdade. Sou a luz da sua vida.

— Você… — Lutei para achar as palavras enquanto Wesley encostava a boca na curva do meu pescoço. A ponta da língua dele desceu pelo meu ombro e fez meu cérebro ficar todo enevoado. Como eu podia discutir daquele jeito? — Você bem que queria isso. Estou apenas usando você, lembra?

A gargalhada dele foi abafada, junto da minha pele.

— Que divertido — disse ele, os lábios ainda roçando minha clavícula. — Porque tenho quase certeza de que seu ex já saiu da cidade. — Uma das mãos dele deslizou entre meus joelhos. — E, no entanto, você ainda está aqui, né? — Os dedos dele começaram a alisar a parte interna da minha coxa, dificultando minha busca por uma resposta. Ele pareceu gostar daquilo, porque riu de novo. — Acho que você não me odeia, Duff. Acho que você gosta muito de mim.

Contorci-me incontrolavelmente enquanto as pontas dos dedos de Wesley dançavam na parte interna da minha perna. Queria tanto discutir, mas ele estava enviando descargas elétricas para minha coluna.

Finalmente, quando achei que poderia explodir, a mão dele moveu-se para o meu quadril e ele afastou a boca do meu ombro.

— Ah, graças a Deus! — murmurei quando ele tirou uma camisinha da gaveta da mesinha de cabeceira, sabendo o que viria a seguir.

— Acho que é bom eu não me importar de ter você por perto — disse ele

com um sorriso convencido. — Agora, deixe-me responder a essas questões que você diz que tem sobre minha sexualidade.

E minha mente enevoou-se de novo.

Mas eu não podia negar que as coisas estavam saindo do controle. Ficou dolorosamente claro para mim em uma tarde de sexta-feira que algo não estava certo.

A sra. Perkins estava entregando trabalhos antigos com as notas e conversando sobre um livro da Nora Roberts que tinha acabado de ler — totalmente alheia ao fato de que ninguém a escutava — quando parou ao lado da minha carteira. Ela me deu um amplo sorriso, meio bobo, como o sorriso de uma avó orgulhosa.

— Seu trabalho ficou ótimo — sussurrou para mim. — Uma abordagem bem interessante de Hester. Você e o sr. Rush são uma ótima dupla.

Em seguida entregou-me uma pasta de papel pardo, dando uma batidinha em meu ombro.

Abri a pasta enquanto a professora se afastava, um pouco confusa pelo que ela havia acabado de dizer. Dentro havia um texto que reconheci imediatamente. *A fuga de Hester: uma análise por Bianca Piper e Wesley Rush*. No canto superior esquerdo, a sra. Perkins havia escrito nossa nota com uma tinta vermelha vibrante: 9,8. Um A.

Não consegui deixar de sorrir para a folha de papel. Havia mesmo passado apenas um mês e meio desde que tínhamos escrito aquilo juntos no quarto de Wesley? Desde a primeira vez que tínhamos transado? Pareciam décadas. Milênios. Olhei através da sala para ele, e meu sorriso se apagou.

Ele estava falando com Louisa Farr. Não, não apenas *falando*. Falar envolve apenas a vibração das cordas vocais, e estava acontecendo bem mais que isso. A mão dele estava no joelho dela. As bochechas dela estavam ficando vermelhas. Ele estava sorrindo para ela, com aquele sorriso fofo e convencido.

Não! Sorriso *repugnante*. Desde quando eu achava que aquela exibição de arrogância era fofa? E o que era aquele aperto esquisito que eu sentia no peito?

Desviei o olhar quando Louisa começou a mexer no colar, um sinal definitivo de flerte.

Vadia.

Estremeci, surpresa e meio preocupada. O que havia de errado comigo? Louisa Farr não era uma vadia. Claro que ela era uma líder de torcida patricinha — era cocapitã do Esquadrão das Magrinhas —, mas Casey nunca tinha nada de ruim a dizer sobre ela. A garota estava apenas conversando com um cara gato. Todas nós faríamos o mesmo. E Wesley não era comprometido ou algo assim. Ele não tinha vínculos com ninguém.

Como eu…

Ai, meu Deus!, pensei, dando-me conta do que aquele aperto no peito devia significar. *Ai, meu Deus, estou com ciúme. Estou louca de ciúme! Merda!*

Decidi que estava doente. Com febre ou TPM ou qualquer coisa que prejudicava gravemente minha estabilidade mental. Não havia motivo no mundo para que eu tivesse ciúme de um conquistador como Wesley cantando outra pessoa. Quer dizer, era da natureza dele. O mundo poderia parar de rodar se Wesley não flertasse com pobres garotas ingênuas. Por que ficaria com ciúme? Aquilo era ridículo. Ou então eu devia estar doente. Precisava estar.

— Está se sentindo bem, Bianca? — perguntou Jessica. Ela girou na cadeira para olhar para mim. — Você parece chateada. Está irritada ou algo assim?

— Estou bem — falei, mas estava trincando os dentes.

— Certo — disse Jessica. Ela era tão fácil de enrolar quanto minha mãe. — Olha, Bianca, acho que você devia mesmo conversar com Casey. Ela está meio aborrecida, e acho que vocês duas precisam conversar abertamente. Quem sabe hoje? Depois da aula?

— É… pode ser. — Mas eu não estava escutando. Estava ocupada demais, inventando formas de mutilar o rostinho perfeito de Louisa.

TPM. Era definitivamente um caso grave de TPM.

Saí da sala assim que o sinal tocou. Minha cabeça ia explodir se eu tivesse que ouvir a risadinha infantil de Louisa, toda ai-estou-tão-feliz-que-você-esteja-flertando-comigo-Wesley, mais uma vez. Quem importava se ela era tão magrinha quanto meu dedo mindinho e tinha seios do tamanho de bolas de basquete? Eu podia apostar que o QI dela era 27.

Pare! pensei. *Louisa nunca fez nada comigo. Não tenho o direito de pensar essas coisas… mesmo que ela seja uma idiota.*

Joguei minhas coisas dentro do armário e corri para o refeitório, ansiosa para

escapar do prédio da escola. Estava tão preocupada em não pensar no meu ciúme induzido pela TPM que nem vi Toby até derrapar e parar a poucos passos dele.

— Com pressa? — perguntou.

— Um pouco. — Suspirei. — Desculpa por quase atropelar você.

— Não tem importância. — Ele começou a brincar com os óculos, nervoso. — Mas se importa de diminuir um pouco o ritmo? Queria falar com você.

Não estava tão surpresa. Toby e eu nos tornáramos amigos nas últimas duas semanas. Basicamente, conversávamos na aula de organização política avançada, mas, de qualquer forma, era um claro progresso. Na verdade, eu até estava me sentindo um pouco confortável perto dele. Apesar de meu coração ainda se agitar um pouco quando ele entrava na sala, não achava mais que ficaria sem voz.

— Claro — respondi. Pelo menos isso me daria outra coisa em que pensar por alguns minutos.

Ele sorriu e seguiu caminhando ao meu lado.

— Você consegue guardar um segredo? — perguntou quando chegamos ao refeitório, onde o corpo estudantil estava reunido esperando o último sinal da tarde, que liberaria todo mundo.

— Quase sempre. Por quê?

— Lembra quando eu faltei à aula há algumas semanas? No dia seguinte ao Dia dos Namorados?

— Aham. Acho que foi o pior dia da vida do sr. Chaucer — respondi. — Pensei que o cara fosse chorar quando se deu conta de que não tinha ninguém ali para fazer a maior parte do trabalho dele.

Toby riu, mas apenas um pequeno riso, e contou:

— Faltei à escola… bem, para uma entrevista. — Tirou um envelope grande da parte interna do casaco e sussurrou: — Eu me candidatei para Harvard. Acabei de receber a carta-resposta hoje de manhã.

— E por que é um segredo?

As bochechas dele ficaram rosadas, da forma mais bonitinha possível.

— Não quero ser humilhado se não for aceito — justificou ele.

— Você vai ser.

— Você não tem como saber.

— Tenho sim.

— Gostaria de ter tanta confiança em mim mesmo quanto você tem.

— Ah, fala sério, Toby — falei, séria. — Todos os grandes políticos, como senadores e presidentes, vão para universidades incríveis. Você vai ser um grande político, então eles têm de deixá-lo entrar. Além disso, você é um dos caras mais inteligentes do último ano. Você vai ser o orador da turma, não vai?

— Vou — concordou Toby, franzindo a testa para o envelope. — Mas… mas é *Harvard*.

— E você é *Toby*. — Dei de ombros. — Mesmo que não tenha entrado, há um milhão de outras universidades que dariam tudo pra ter você. Mas isso não importa, porque eu *sei* que você entrou. Faça um favor a si mesmo e abra a carta.

Toby parou no meio do refeitório e sorriu para mim.

— Viu? — disse ele. — É por isso que eu queria que fosse você que estivesse comigo quando eu abrisse. Eu sabia que você…

Eu o interrompi.

— Apesar de eu estar segura que as próximas palavras que você vai dizer serão incrivelmente gentis, tenho cem por cento de certeza de que você está enrolando. Abra a carta, Toby. Mesmo uma rejeição é melhor do que ficar patinando nesse inferno. Você vai se sentir melhor depois de ter lido.

— Eu sei. Eu…

— Agora falei com firmeza.

Toby rasgou o envelope, e eu me dei conta de como aquilo era estranho. Ele tinha vindo até *mim* para discutir algo tão íntimo. Para ter apoio. Para se sentir encorajado. Meses antes, em janeiro, eu jamais teria imaginado que diria para Toby Tucker abrir a carta de aceitação dele na universidade. Jamais teria imaginado que *falaria* com ele, ponto.

Uau, como tudo pode mudar...

Da melhor forma possível, claro.

Ele tirou a folha de papel do envelope rasgado com dedos trêmulos e começou a ler. Fiquei observando os olhos dele passando pela página e se arregalando. Seria alegria ou dor? Choque, talvez? Surpresa por ter entrado ou surpresa por não ter?

— Então?

— Fui… Fui aceito. — Toby deixou cair a folha de papel, que flutuou graciosamente até o chão. — Bianca, eu entrei! — Ele me agarrou pelos ombros e me puxou contra o peito para me abraçar.

Isso era outra coisa que eu jamais teria esperado que acontecesse, lá atrás, em janeiro.

— Eu disse que você ia entrar — respondi, abraçando-o de volta.

Por cima do ombro dele, avistei Casey e Jessica caminhando pelo refeitório. Estavam olhando para mim enquanto passavam pelo aglomerado de alunos; viram-me nos braços de Toby. Mas por algum motivo a expressão no rosto delas não refletia a alegria que eu sentia. Jessica parecia meio triste, mas Casey… bem, ela parecia simplesmente furiosa.

Por quê? O que estaria acontecendo com ela? Com as duas.

Toby me apertou antes de me soltar e se abaixar para pegar a carta do chão.

— Não posso acreditar. Meus pais não vão acreditar!

Desviei os olhos das minhas amigas enquanto elas desapareciam atrás de um grupo de calouros e voltei minha atenção para o garoto radiante à minha frente.

— Se eles conhecerem você um pouquinho, Toby, eles vão acreditar, sim — falei. — Todos nós sabemos que você está destinado a grandes coisas, e faz muito tempo. Quer dizer, eu sei disso há anos.

Toby pareceu surpreso.

— Anos? Mas a gente só começou a se falar de verdade há algumas semanas...

— Mas somos da mesma turma desde que éramos calouros — expliquei. — Não precisávamos conversar para que eu soubesse que você era incrível. — Dei um sorriso e uma batidinha nas costas dele. — E você acabou de provar que eu estava certa. — O sinal tocou, e eu me voltei para as portas que davam para o estacionamento dos alunos. — Até mais, Toby. Parabéns!

— Até. Obrigado, Bianca.

Quando passei pela porta dupla, fiquei pensando se não tinha falado demais. Será que eu tinha me denunciado como aprendiz de perseguidora? Cara, tomara que não. A última coisa que queria era assustar o pobre rapaz, após menos de um mês de amizade. Isso realmente faria de mim uma perdedora.

Estava prestes a abrir a porta que levava ao estacionamento dos alunos

quando um “hum-hum” alto chamou minha atenção. Me virei e vi Casey encostada no armário de troféus quase vazio da escola, com os braços cruzados sobre o peito. O jeito como os olhos dela se estreitaram me irritou de cara.

— O que foi? — perguntei.

Ela me lançou um olhar de reprovação e deixou os braços cair.

— Nada — resmungou. — Esquece!

— Casey, o que você…?

— Agora não, B. — Ela deu meia-volta e começou a se afastar de mim, batendo os pés. — Tenho treino de torcida.

Minhas mãos foram automaticamente para o quadril.

— O que há de errado com você? — perguntei. — Você está sendo grossa comigo.

Ela parou e olhou para mim por cima do ombro.

— *Eu* estou sendo grossa? *Você me* ignora, e eu é que sou grossa? Qual é, Bianca! — Balançou a cabeça. — Não importa. Não vou ter essa conversa agora. Não quando a gente *devia* ter conversado há dez minutos, como você disse a Jess. Suponho que estivesse ocupada demais pendurada no pescoço daquele nerd para…

— Criticar Toby me parece bastante grosseiro, Casey — respondi. Ela não podia falar aquilo! Ela sabia que eu gostava dele. Sabia que fazer com que ele prestasse atenção em mim era importante! Casey sabia e, mesmo assim, estava me enchendo por causa disso? — Você está agindo como uma líder de torcida patricinha e esnobe.

Os olhos dela faiscaram, e por um instante pareceu que ela ia me bater. Realmente pensei que fosse entrar em uma briga de puxões de cabelo com minha melhor amiga, como em um reality show de garotas, bem ali, na frente da porta do estacionamento.

Mas Casey se afastou. Sem uma palavra. Sem nem um som. Ela apenas caminhou na direção do ginásio, me deixando com raiva e completamente confusa.

Eu já tinha brigado com Casey; é inevitável que isso aconteça quando se é amiga há tanto tempo quanto éramos. No entanto aquela discussão realmente me irritou, sobretudo porque eu não sabia qual era o problema. Saí furiosa para o

estacionamento, tentando imaginar o que podia ter feito para merecer todo aquele drama. Claramente eu desencadeara aquilo de alguma forma.

E é claro que as coisas pareciam ficar cada vez melhores.

Meu carro não deu partida. Tentei uma vez e outra, porém continuei sem resposta. A bateria estava completamente arriada.

— Droga! — gritei, batendo com o punho no volante. Não era *disso* que eu precisava. Será que meu dia não tinha sido ruim o suficiente? Será que minha *vida* não estava ruim o suficiente? Era como se nada, nunca, desse certo. — Droga! Merda! Que inferno! Ligue, seu pedaço de…

— Problemas com o carro, Duff?

Parei no meio dos xingamentos para lançar um olhar indignado à sombra que me incomodava. Abri a porta e disse a Wesley:

— A porcaria do meu carro não quer ligar.

Foi então que vi a garota ao lado dele. Magrinha. Seios grandes. Não era Louisa Farr. Essa garota era mais bonita. Tinha o rosto redondo e suave e o cabelo castanho cacheado se espalhava pelos ombros, além de grandes olhos cinzentos. Muito mais bonita do que eu, claro. Talvez alguma caloura que só tivesse precisado dar uma olhada no sorriso sexy de Wesley e no seu carro reluzente, antes de se oferecer. De novo, senti aquela pontada de ciúme. Apenas TPM.

— Você quer uma carona? — perguntou ele.

— Não — respondi depressa. — Vou ligar para… — Mas para quem eu ligaria?

Minha mãe estava no Tennessee. Meu pai, no trabalho. Casey tinha treino de torcida. Não que isso importasse. Ela estava chateada comigo, de qualquer modo, e ela e Jess contavam com os pais — ou comigo — para levá-las de carro. Quem viria me buscar?

— Vamos, Duff — disse Wesley, abrindo um sorriso. — Você sabe que quer vir comigo. — Ele abaixou-se para olhar nos meus olhos. — Qual é a pior coisa que pode acontecer?

— Estou bem. — Não havia nenhuma possibilidade de eu andar no mesmo carro que Wesley e sua última conquista. Nada disso. Sem chance.

— Não seja ridícula. Você pode chamar alguém depois. Não faz sentido ficar

parada no estacionamento até escurecer. Só preciso deixar a Amy primeiro, e depois posso levar você pra casa.

Amy, pensei. *Então é esse o nome da vadia*.

Foi aí que algo no fundo da minha mente deu um clique.

Ai, meu Deus! Amy era a *irmã* dele! Olhei para a garota de novo, pensando como era que não tinha percebido. Cabelo castanho cacheado, olhos cinza-escuros, muito atraente. Idiota. A semelhança era óbvia. Eu era mesmo uma besta.

Wesley passou o braço por cima de mim e tirou a chave da ignição.

— Certo — falei, sentindo-me significativamente melhor. Peguei meu chaveiro de volta e larguei-o dentro da bolsa. — Vou pegar minhas coisas. — Assim que apanhei tudo de que precisava, tranquei as portas e segui Wesley até o carro, facilmente visível, já que era o único Porsche do estacionamento.

— Agora, Duff — disse Wesley quando sentou no lugar do motorista. Eu sentei atrás, para que Amy, que aparentemente era do tipo calado, pudesse ficar do lado do irmão —, isso quer dizer que você vai ter de admitir que eu, de vez em quando, faço coisas boas para os outros.

— Nunca disse que você não fazia coisas boas — respondi enquanto tentava me acomodar no espacinho do assento de trás. Caramba, para um carro tão sofisticado, o Porsche não tinha lugar nenhum para as pernas. Tive que sentar de lado, com os joelhos levantados. Tão desconfortável! — Você faz. Mas só quando lhe traz alguma vantagem.

Wesley deu um risinho irônico.

— Ouviu isso, Amy? Dá pra acreditar no que ela pensa de mim?

— Tenho certeza que Amy sabe como você é.

Wesley ficou quieto.

Amy riu, mas parecia meio nervosa.

Ela não falou muito durante o trajeto, embora Wesley fizesse várias tentativas de incluí-la na conversa. Primeiro, fiquei imaginando que fosse por minha causa, porém não demorou muito para que eu percebesse que ela era apenas tímida. Quando paramos na frente da casa ampla e antiquada, que eu sabia que devia ser da avó de Wesley, Amy olhou para trás e disse baixinho, antes de sair do carro:

— Tchau. Prazer em conhecê-la.

— Ela é meiga — comentei.

— Ela precisa sair da concha. — Wesley suspirou enquanto a observava entrar depressa na varanda. Quando desapareceu dentro da casa (não era uma quase-mansão, mas, claramente, a avó também tinha dinheiro), ele olhou para mim. — Você pode vir pra frente se quiser.

Assenti e saí do carro. Abri a porta do passageiro e sentei no assento que Amy tinha acabado de deixar. Bem na hora em que fechei o cinto de segurança, ouvi Wesley soltar um gemido baixo.

— Qual é o problema? — perguntei, erguendo os olhos. Mas tive minha resposta antes que ele pronunciasse uma palavra.

Uma mulher na casa dos sessenta anos tinha acabado de deixar a casa e vinha na direção do carro. A avó de Wesley, sem dúvida. A avó de Wesley, que o *detestava*. Não era de admirar que ele parecesse querer se esconder. Fiquei um pouco tensa enquanto observava a senhora, que estava muito bem-vestida, com um suéter salmão e uma calça de vincos perfeitos, aproximar-se do carro a passos largos.

Wesley abaixou o vidro quando ela chegou perto o suficiente para escutá-lo.

— Olá, vovó Rush. Como vai?

— Não brinque comigo, Wesley Benjamin. Estou furiosa com você. — Mas ela não parecia furiosa. A voz dela tinha um tom alto e suave. Sedosa. Parecia uma velhinha muito doce, mas as palavras não combinavam com sua aparência.

— O que foi que eu fiz dessa vez? — perguntou Wesley com um suspiro. — Usei os sapatos errados? Ou o carro não está limpo o bastante? Que imperfeição minúscula você vai jogar na minha cara hoje?

— Sugiro que evite usar esse tom comigo — disse ela, com a voz menos intimidante que se possa imaginar. Aquilo seria engraçado se Wesley não parecesse tão infeliz. — Viva sua vida como quiser, mas deixe Amy fora disso.

— Amy? O que foi que eu fiz com Amy?

— Sinceramente, Wesley — disse a avó com um suspiro dramático. — Por que não deixa Amy pegar o ônibus? Não aprovo que você dirija com ela e suas — fez uma pausa — *amigas* no banco traseiro. — Ela olhou por cima de Wesley, fixando os olhos nos meus por um instante antes de voltar para o neto. — Não

quero que elas sejam uma influência negativa para sua irmã.

Por um segundo, fiquei confusa. Eu era uma aluna excelente. Nunca tinha arrumado nenhum tipo de encrenca. E, no entanto, essa mulher pensava que eu, de alguma forma, prejudicaria sua preciosa neta.

De repente me dei conta.

Ela achava que eu era uma das vadias de Wesley. Achava que eu era uma garota vulgar com quem ele ia para a cama. Wesley tinha me contado que a sua avó desaprovava seu "estilo de vida". Detestava que ele ficasse com muitas garotas. E, me vendo no banco traseiro, ela simplesmente tinha suposto que eu era outra vadia com quem ele dormia.

Desviei os olhos, olhando pela janela para evitar ver a expressão de desagrado no rosto da velha senhora. Sentia-me magoada e furiosa.

Ainda mais porque sabia que era verdade.

— Isso não é da sua conta! — rosnou Wesley. Eu nunca tinha visto Wesley tão aborrecido. — Você não tem o direito de destratar minha amiga, e certamente não é você quem vai decidir o que faço com minha própria irmã. Você devia me conhecer o suficiente para saber que não faria nada para prejudicá-la, apesar de você tê-la convencido do contrário. Não sou o monstro que você diz a ela que eu sou, sabia?

— Acho que eu deveria buscar Amy na escola, depois de hoje.

— Vá em frente — respondeu ele. — Mas você não vai me manter afastado dela. É minha irmã, e minha mãe e meu pai vão ter um ataque se eu contar a eles que você está tentando desfazer nossa família, vovó.

— Sinto dizer que sua família já está desfeita, meu caro.

Ouvi um zumbido, o que indicava que Wesley estava fechando a janela, e o motor acelerou. Observei enquanto a velha senhora caminhava de volta para casa. Depois, cantando os pneus, Wesley deu ré na entrada da casa e entrou a toda na rua. Preocupada, dei uma olhada para ele, sem saber o que dizer. Por sorte, ele falou primeiro:

— Sinto muito. Não sabia que minha avó ia sair. Ela não devia ter tratado você assim.

— Está tudo bem — respondi.

— Não, não está. Ela é uma bruxa.

— Isso eu entendi.

— E a pior parte é que ela está certa.

— Sobre o quê? — perguntei.

— Sobre nossa família — disse ele. — Está certa. Está desfeita. Há muito tempo. Minha mãe e meu pai estão sempre longe, e minha avó conseguiu ficar entre mim e Amy.

— Amy ainda ama você.

— Talvez — murmurou ele. — Mas ela me vê de outra forma. Minha avó convenceu-a de que sou um babaca imprestável. Notei o jeito como Amy me olha agora. Como se estivesse triste. Como se estivesse decepcionada comigo. Ela acha que sou uma pessoa péssima.

— Sinto muito — falei baixinho. — Se eu soubesse, não teria feito aquela brincadeira sobre você só fazer coisas boas por… por vantagens.

— Não tem problema. — Ele reduziu um pouco a velocidade do carro. — Sinceramente, você está certa. E minha avó também. Eu apenas não queria que Amy me visse assim.

Não consegui resistir ao impulso de pousar minha mão sobre a de Wesley, que estava no câmbio. A pele dele era quente e macia, e eu conseguia sentir a sua pulsação regular sob a palma da minha mão. Esqueci a droga do meu carro e minha briga com Casey. Só queria que Wesley sorrisse de novo. Até aquele sorriso arrogante bastava para mim. Eu odiava que ele estivesse tão magoado com a possibilidade de perder o respeito da irmã. Queria confortá-lo. Gostava dele.

Ai, meu Deus. *Gostava* mesmo?

capítulo 17

Dez minutos mais tarde, o Porsche parou na entrada da minha casa. Peguei minhas coisas e alcancei a maçaneta.

— Obrigada pela carona. — Um olhar para trás por cima do ombro me mostrou que Wesley ainda estava emburrado. Bem, que se dane! Por que não? — Você pode entrar se quiser. Meu pai ainda não está em casa.

Wesley deu um sorriso malicioso enquanto desligava o carro.

— Você é uma garotinha de mente perversa, Duff. Parece que está tentando me corromper.

— Você já passou do estágio da corrupção há muito tempo — garanti.

Saímos do carro e seguimos juntos pelo caminho que levava à entrada.

Tirei o chaveiro da bolsa e destranquei a porta da entrada, deixando Wesley entrar na minha frente. Observei seus olhos passar pela sala de estar e não consegui não me sentir meio envergonhada. Ele devia estar comparando o lugar com sua quase-mansão. Obviamente, não havia comparação. Minha casa não tinha nem porta-casacos na entrada, como a da Jessica.

— Gostei — disse Wesley. Ele olhou de volta para mim. — É aconchegante.

— É uma palavra gentil para *pequena*, né?

— Não. Estou falando sério. É confortável. Minha casa é grande demais até para quatro pessoas, e agora que sou o único ali quase o tempo todo… Prefiro a sua. Aconchegante, como eu disse.

— Obrigada. — Fiquei lisonjeada. Não que eu me importasse com o que ele achava, mas…

— Onde é seu quarto? — perguntou ele, piscando para mim.

— Sabia que íamos chegar nisso. E agora, quem está corrompendo quem? — Peguei-o pelo cotovelo e o guiei escada acima. — Bem aqui. — Apontei para a primeira porta. — Só quero avisar que é mais ou menos do tamanho de um pacote de biscoitos.

Ele abriu a porta e espiou lá dentro. Depois olhou de volta para mim com aquele sorrisinho familiar.

— Temos espaço suficiente.

— Suficiente para quê?

Antes que eu soubesse o que estava acontecendo, Wesley tinha me pegado pelo quadril e me empurrava para dentro do quarto. Chutou a porta atrás de nós, me fez virar e me encostou na parede. Começou a me beijar tão intensamente que eu achei que minha cabeça fosse se desencaixar. Ele me pegou de surpresa, mas depois que passou o susto me envolvi. Abracei-o pelo pescoço e o beijei também. Ele segurou minha cintura com mais força e empurrou meu jeans para baixo, tanto quanto foi possível sem desabotoá-lo. Depois passou as mãos sob o elástico da minha calcinha e acariciou com a ponta dos dedos a minha pele quente e arrepiada.

Depois de alguns minutos, ele afastou a boca da minha.

— Bianca, posso perguntar uma coisa?

— Não — falei no mesmo instante. — *Não vou* fazer sexo oral em você. De jeito nenhum. Só a ideia disso é repugnante e degradante e… Não. Nunca.

— Embora isso me desaponte um pouco — disse Wesley —, não era o que eu planejava perguntar a você.

— Ah! — Aquilo era meio embaraçoso. — Bom, o que é, então?

Ele tirou as mãos da minha calça e pousou-as gentilmente nos meus ombros.

— De que você está fugindo agora?

— O que você quer dizer?

— Sei que seu ex-namorado foi embora da cidade há semanas — disse ele. — Mas consigo perceber que ainda há alguma coisa que a incomoda. Mesmo que eu queira muito acreditar que sou só eu, que você não consegue ficar longe de mim, sei que é mais do que isso. Do que você está fugindo, Bianca?

— De nada.

— Não minta.

— Não é da sua conta, certo? — Empurrei-o para longe de mim e puxei meu jeans de volta para o lugar. Automaticamente, ajoelhei do lado da pilha de roupas limpas ao pé da cama e comecei a dobrá-las. — Vamos falar de outra coisa.

Wesley sentou no chão ao meu lado.

— Certo — disse ele.

Eu percebia que ele estava usando aquela voz de vou-ser-paciente-até-que-

você-decida-me-contar. Aquele tom que a gente usa com criancinhas. Pior para ele. Não ia acontecer nunca. Ele era só meu brinquedo sexual, não meu psicanalista.

Conversamos sobre a escola enquanto eu dobrava as roupas. Quando estavam todas em pilhas arrumadas, fiquei de pé e fui sentar na cama.

— Você não vai guardar? — perguntou Wesley.

— Não — disse.

— Então pra que dobrá-las?

Suspirei e me estirei de costas, chutando longe meu All Star.

— Não sei — admiti, descansando a cabeça no travesseiro e olhando para o teto. — Acho que é um hábito ou algo assim. Dobro as roupas toda noite, e isso me faz me sentir melhor. É relaxante e clareia minha cabeça. Então, na manhã seguinte, remexo nas pilhas para pegar o que vou vestir e ficam bagunçadas, aí dobro tudo de novo à noite. Como um ciclo.

Minha cama rangeu quando Wesley deitou por cima de mim, encaixando-se entre meus joelhos.

— Sabe — disse ele, olhando para mim —, isso é muito esquisito. Neurótica, de fato.

— Eu? — Dei uma risada — Você é quem está tentando me fazer abaixar a calça, tipo, dez segundos depois de uma tentativa fracassada de conversa sincera. Eu diria que somos ambos bem perturbados.

— Taí uma verdade.

Começamos a nos beijar de novo. Dessa vez as mãos dele ergueram minha blusa e desabotoaram meu sutiã. Não havia muito espaço na minha cama de solteiro, mas Wesley, mesmo assim, conseguiu tirar minha blusa e abrir meu jeans em tempo recorde. Comecei a tirar a calça dele também, mas Wesley me fez parar.

— Não — disse ele, afastando a minha mão. — Você pode não querer fazer em mim, mas tenho a sensação de que vai apreciar isso.

Abri a boca para discutir, porém fechei-a depressa quando ele começou a beijar minha barriga e descer. As mãos dele começaram a puxar minha calça e minha calcinha para baixo, uma delas parando um pouco para fazer cócegas na área sensível acima do meu quadril, fazendo-me pular, dando risadinhas. Sua

boca foi descendo cada vez mais, e fiquei surpresa ao notar quanto estava na expectativa do destino final.

Já ouvira Vikki e até Casey falarem sobre os namorados beijando-as *lá* e como aquilo era gostoso. Tinha ouvido falar, contudo não sabia se acreditava de verdade. Jake e eu nunca tínhamos feito aquilo, e sempre supus que era nojento e esquisito.

E foi mesmo meio esquisito no começo, mas depois deixou de ser. A sensação era… estranha… mas de uma forma boa. Safada, errada, *incrível*. Meus dedos apertaram os lençóis com força, e meus joelhos tremeram. Estava sentindo coisas que nunca havia sentido.

— Ah… oh… — arquejei, com prazer e surpresa e…

— Ah, merda.

Wesley saiu de cima de mim. Ele também ouvira a porta do carro bater. O que significava que meu pai estava em casa.

Vesti a calcinha e abotoei a calça jeans depressa, mas demorei um minuto para encontrar o sutiã. Assim que eu estava completamente vestida, ajeitei o cabelo e fiz o possível para não parecer uma criança pega com a mão no pote de biscoitos.

— Devo ir embora? — perguntou Wesley.

— Não — respondi quase sem fôlego. Percebi que ele não queria voltar para a quase-mansão vazia. — Fique mais um pouco. Está tudo bem. Meu pai não vai se importar. A gente só não pode… fazer *isso*.

— E o que mais tem pra fazer?

Então, como dois patetas, ficamos jogando palavras cruzadas nas próximas quatro horas e meia. Quase não havia espaço no chão do meu quarto para alguém tão alto quanto Wesley deitar-se de bruços no chão, mas ele conseguiu, e eu sentei na frente dele, com o tabuleiro entre nós dois enquanto soletrávamos palavras como *quixotesco* e *hegemonia*. Não foi exatamente a noite de sexta mais excitante do mundo, mas me diverti muito mais do que se tivesse ido para o Nest ou para alguma festa idiota em Oak Hill.

Por volta das nove da noite, depois que acabei com ele três vezes — finalmente, um jogo em que eu conseguia ganhar dele! —, Wesley ficou de pé.

— Acho que é melhor eu ir pra casa — suspirou.

— Certo — Levantei. — Vou levar você lá embaixo.

Eu estava de tão bom humor que tinha conseguido esquecer completamente do meu pai… até a gente dar com ele na sala de estar. Senti o cheiro de uísque antes de ver a garrafa na mesinha de centro, e meu rosto ardeu de vergonha. *Por favor, não repare*, pensei comigo mesma enquanto levava Wesley até a porta da frente. Claro que eu devia ter começado a me preocupar quando papai não foi lá em cima para ver de quem era o Porsche na entrada da nossa casa. Quer dizer, ter um carro tão vistoso parado na frente da nossa casa não era algo frequente. Talvez Wesley também não tivesse pensado nisso. Era uma sexta-feira à noite, afinal. Pais podiam tomar uísque nos finais de semana… bem, aqueles que não fossem alcoólicos em recuperação, porém Wesley não conhecia esse lado da história. Contanto que meu pai agisse normalmente, aquela podia passar por uma noite como qualquer outra.

Mas, é claro, não tive esse tipo de sorte.

— Abelhinha! — disse meu pai, e eu pude ver que ele já estava alterado. Ótimo. Fantástico. Ele tropeçou para ficar de pé e olhou para a porta da frente, onde Wesley e eu estávamos. — Ei, Abelhinha, eu nem sabia que você estava em casa. Quem é esse? — Os olhos dele estreitaram-se na direção de Wesley. — Um garoto?

— Hum, pai, esse é Wesley Rush — falei, tentando manter a calma. — É um amigo meu.

— Um "amigo"… aposto que é. — Ele agarrou a garrafa de uísque antes de dar alguns passos cambaleantes na nossa direção, com os olhos vesgos em Wesley. — Você se divertiu no quarto da minha menininha, garoto?

— Muito — disse Wesley, claramente tentando falar como um daqueles garotos inocentes "oh, céus, meu Deus!" dos programas de TV dos anos 1950. — Jogamos três partidas de palavras cruzadas. Sua filha é realmente muito boa com palavras.

— Palavras cruzadas? Não sou um idiota. Isso deve ser um código novo para… para sexo oral! — rosnou meu pai.

Devo ter ficado vermelha como um pimentão. Como é que ele sabia? Será que conseguia ver dentro da minha mente? Não, claro que não. Ele só estava bêbado e fazendo acusações, e ficar com cara de culpada só pioraria as coisas.

Então ri, como se aquilo tudo fosse ridículo. Como se fosse uma piada. Wesley, me acompanhando, fez o mesmo.

— Claro, pai — falei. — E Batalha Naval significa *transar*, certo?

— Não estou fazendo graça! — retrucou meu pai, sacudindo a garrafa e derramando uísque no carpete. Ótimo. Eu é que iria limpar depois. — Sei o que está acontecendo. Já vi o jeito como aquelas suas amigas oferecidas se vestem, Bianca. Elas estão influenciando você, né?

Não consegui mais forçar o riso.

— Minhas amigas não são oferecidas — sussurrei. — Você está caindo de bêbado e não sabe o que está dizendo. — Com um impulso de ousadia, avancei e arranquei a garrafa da mão dele. — Você não devia beber mais, pai.

Por um instante, foi bom. Foi o que eu devia ter feito desde o começo. Apenas tomar a situação nas mãos e tirar a garrafa. Senti-me poderosa. Como se pudesse resolver as coisas.

— É melhor eu ir — disse Wesley atrás de mim.

Comecei a virar para me despedir, mas as palavras nunca saíram da minha boca. Senti a garrafa escorregar da minha mão e a ouvi se espatifar no chão ao meu lado. Fui derrubada, mas por um segundo não entendi o que tinha acontecido. De repente, a dor na minha têmpora me deixou tonta. Foi como se eu tivesse levado uma pancada de algo. Algo duro. Algo maciço. Algo como a palma da mão do meu pai. Ergui a mão e esfreguei a cabeça, chocada, quase sem sentir a dor real.

— Viu? — berrou meu pai. — Garotos não ficam com vadias, Bianca. Eles as abandonam. E não vou deixar você virar uma vadia. Não a minha filha. Isso é para o seu próprio bem.

Ergui os olhos, e ele avançou para agarrar meu braço. Fechei os olhos com força, esperando sentir os dedos dele curvando-se em torno do meu antebraço.

Mas não chegaram lá.

Ouvi um baque surdo, e meu pai gemendo de dor. Meus olhos se abriram sem demora. Wesley afastou-se do meu pai, que estava massageando o maxilar com um ar estupefato no rosto.

— O quê, seu desgraçado!

— Você está bem? — perguntou Wesley, ajoelhando-se na minha frente.

— Você acabou mesmo de dar um soco no meu pai? — Eu não conseguia deixar de pensar que devia estar delirando. Será que aquilo tudo acontecera mesmo? Totalmente bizarro.

— Sim — admitiu Wesley.

— Como você ousa levantar a mão para mim? — gritou meu pai, mas ele estava tendo dificuldade de se equilibrar o suficiente para chegar perto de nós de novo. — Como ousa transar com a minha filha e depois me bater, seu filho da mãe?

Nunca tinha ouvido meu pai falar assim.

— Venha — disse Wesley, me ajudando a ficar de pé. — Vamos embora daqui. Você vem comigo. — Passou um braço em torno de mim, puxando-me para perto do seu corpo quente, e me conduziu pela porta aberta.

— Bianca! — berrou meu pai atrás de nós. — É melhor que você não entre nessa droga de carro! É melhor que você não saia desta casa! Está me ouvindo, sua vadiazinha?

O trajeto até a casa de Wesley transcorreu em silêncio. Por diversas vezes eu o vi abrir a boca como se quisesse falar, mas acabava fechando-a de novo. Eu estava chocada demais para dizer qualquer coisa. Minha cabeça não estava doendo tanto. Apenas não conseguia absorver o que meu pai tinha feito. Mas o pior era a vergonha. Por quê? Por que Wesley precisou ver aquilo? O que ele pensaria de mim agora? O que pensaria do meu pai?

— Isso nunca aconteceu antes — falei, quebrando o silêncio quando ele parou na entrada da quase-mansão. Wesley desligou o motor e olhou para mim. — Meu pai nunca me bateu… nem gritou comigo desse jeito.

— Não esquenta.

— Só quero que você saiba que aquilo não foi normal pra nós — expliquei. — Não vivo em uma casa abusiva nem nada disso. Não quero que pense que meu pai é algum tipo de psicopata.

— Tinha a impressão que você não se importava com o que as pessoas pensavam — disse ele.

— Sobre mim. Não me importo com o que pensam *sobre mim*. — Eu não sabia que era mentira até que as palavras saíssem da minha boca. — Mas com

minha família e meus amigos é diferente… meu pai não é um psicopata. Ele apenas está passando por uma fase difícil agora. — Consegui sentir o nó se formando na minha garganta e tentei engolir. Precisava explicar. Ele precisava saber. — Minha mãe acabou de entrar com o processo de divórcio e… ele apenas não está conseguindo lidar com isso.

O nó na garganta não ia embora, só crescia. Todas as minhas preocupações e medos haviam levado àquele momento, e eu não conseguia mais lutar contra isso. Não conseguia manter isso escondido. As lágrimas começaram a descer pelo meu rosto, e antes que me desse conta estava soluçando.

Como é que aquilo tinha acontecido? Parecia um pesadelo. Meu pai era a pessoa mais doce, o melhor homem que eu conhecia. Ele era ingênuo e frágil. Aquele não era meu pai. Mesmo tendo escutado os motivos dele para ficar sóbrio — mesmo sabendo, no fundo da minha mente, que beber era perigoso para ele —, aquilo ainda não parecia real. Não parecia possível.

Senti como se meu mundo estivesse finalmente girando fora de controle. E dessa vez eu não podia negar. Não podia ignorar. E, definitivamente, não podia escapar.

Wesley não disse nada. Apenas ficou ali, sentado comigo, em silêncio. Eu nem notei que ele estava segurando a minha mão até as lágrimas pararem. Quando recuperei o fôlego e enxuguei as lágrimas salgadas dos olhos, ele abriu a porta dele e deu a volta para abrir a minha. Ajudou-me a sair do carro — não que eu precisasse, mas foi gentil da parte dele — e me conduziu até a entrada com o braço apertado em volta de mim, do jeito como tinha me conduzido para fora da minha casa, mantendo-me junto dele. Como se estivesse com medo que eu fugisse na escuridão entre o carro dele e a porta da frente.

Uma vez dentro da casa, Wesley me ofereceu uma bebida. Fiz que não com a cabeça e fomos lá para cima, como sempre fazíamos. Sentei na cama, e ele sentou ao meu lado. Não estava olhando para mim e parecia estar imerso em pensamentos. Eu não podia evitar imaginar que coisas horríveis passavam por sua cabeça. Não perguntei. Não queria saber.

— Você está bem? — perguntou ele, voltando-se para me encarar, finalmente. — Precisa de uma bolsa de gelo ou algo assim?

— Não — respondi. Minha garganta estava doendo de chorar, e as palavras

saíram meio arranhadas. — Não está mais doendo.

Ele estendeu a mão e afastou o cabelo do meu rosto, os dedos tocando de leve minha têmpora.

— Bem… — disse ele devagar. — Pelo menos agora eu sei.

— Sabe o quê?

— Do que você estava fugindo.

Não reagi.

— Por que você não me disse que seu pai tem um problema com bebida? — perguntou ele.

— Porque não sou eu que devo dizer — respondi. — E vai passar. Ele está apenas vivendo um momento difícil agora. Não bebia há dezoito anos. Só depois que os papéis do divórcio chegaram… Ele vai melhorar.

— Você devia falar com ele. Quando estiver sóbrio, devia lhe dizer que isso está ficando fora de controle.

— É — zombei. — E fazer com que pense que estou contra ele também? Quando minha mãe acabou de entregar os papéis do divórcio a ele?

— Você não está contra ele, Bianca.

— Me diz, Wesley, por que você não fala com *os seus* pais? — perguntei. Ele estava sendo hipócrita, não estava? — Por que não conta a eles que está se sentindo sozinho? Que deseja que eles voltem pra casa? É porque você não quer aborrecê-los, né? Você não quer que eles botem a culpa dos problemas deles em você. Se eu disser ao meu pai que ele está com um problema, ele vai achar que o odeio. Como é que posso magoá-lo mais ainda? Ele acabou de perder tudo.

Wesley balançou a cabeça.

— Não tudo. Ele não perdeu *você* — disse ele. — Pelo menos, não ainda. Se não conversar com seu pai, ele vai simplesmente acabar afastando você e depois vai sofrer muito mais.

— Talvez.

Os dedos de Wesley continuaram a acariciar suavemente minha têmpora.

— Está doendo?

— Não mesmo. — Na verdade, a forma como ele estava massageando minha cabeça era muito agradável. Suspirei e encostei na mão dele. — As coisas que ele disse doeram mais — murmurei e mordi o lábio inferior. — Sabe — eu disse

a Wesley —, nunca fui chamada de vadia na vida, e hoje duas pessoas diferentes insinuaram que eu era uma. O engraçado é que tenho quase certeza de que eles estão certos.

— Não é engraçado — resmungou Wesley. — Você não é uma vadia, Bianca.

— Então sou o quê? — perguntei, ficando irritada de repente. Afastei a mão dele e levantei. — Eu sou o quê? Estou indo pra cama com um cara que não é meu namorado e mentindo sobre isso pras minhas amigas… se é que ainda são minhas amigas. Nem penso nisso agora, se é certo ou errado! Sou uma vadia. Sua avó e meu pai acham isso e estão certos.

Wesley levantou, com o rosto sério e severo. Me agarrou pelos ombros e segurou com firmeza, me obrigando a olhar para ele.

— Ouça — disse ele —, você *não* é uma vadia. Está ouvindo, Bianca? Você é uma garota inteligente, petulante, sarcástica, cínica, neurótica, leal e generosa. É isso que você é, certo? Você não é oferecida, nem vadia, nem nada remotamente parecido. Só porque tem alguns segredos e algumas maluquices… Você está apenas confusa… como todos nós.

Olhei para ele, atônita. Será que estava certo? Será que o resto do mundo estava tão perdido quanto eu? Será que todo mundo tinha segredos e maluquices? Devia ter. Eu sabia que Wesley era tão desajustado quanto eu, então certamente o resto do mundo devia ter suas imperfeições também.

— Bianca, *vadia* é só uma palavra sem sentido que as pessoas usam para magoar as outras — disse ele com a voz mais suave. — Faz elas se sentirem melhor em relação a seus próprios erros. Usar palavras como essa é mais fácil do que tentar entender de verdade a situação. Garanto que você não é uma vadia.

Você não está sozinha.

Ele entendia. Entendia a sensação de ser abandonado. Entendia as ofensas. Ele *me* entendia.

Fiquei na ponta dos pés e o beijei — um beijo de verdade. Era mais do que uma preliminar para o sexo. Não havia duelo entre nossas bocas. Meu quadril estava levemente encostado no dele e não o pressionava com força. Nossos lábios moviam-se em uma harmonia macia e perfeita. Dessa vez significava algo. O que esse algo era, eu não sabia na hora, mas sabia que havia uma

conexão verdadeira entre nós. As mãos dele passaram suavemente pelo meu cabelo, e seu polegar roçou meu rosto, ainda úmido do choro de minutos antes. E não pareceu errado, pervertido ou pouco natural. Na verdade, pareceu a coisa mais natural do mundo.

Tirei a camisa dele, e ele puxou a minha por cima da cabeça. Depois, Wesley me deitou na cama. Sem pressa. Dessa vez as coisas foram lentas e sinceras. Dessa vez eu não estava tentando fugir. Dessa vez o foco era ele. Era eu. Era sobre honestidade e empatia e tudo o que eu nunca tinha esperado encontrar em Wesley Rush.

Dessa vez, quando nossos corpos se encontraram, não pareceu errado nem feio.

Pareceu assustadoramente certo.

capítulo 18

Soube que havia algo errado no instante em que abri os olhos na manhã seguinte.

O céu estava cinzento e frio do lado de fora da janela de Wesley, mas eu estava quentinha. Bem quentinha. O braço de Wesley me envolvia, aninhando-me contra seu peito, e sua respiração leve e ritmada aquecia a minha nuca. Era tão tranquilo. Tão perfeito... Me sentia protegida e satisfeita.

E esse era o problema.

Avistei um suéter rosa esquecido em um canto do quarto. Estava ali havia semanas. Pertencia a alguma garota anônima. Uma das tantas que Wesley levava para o seu quarto. Vendo-o, lembrei subitamente de quem era o dono da cama em que eu estava. Quem estava me abraçando.

Não deveria me sentir *protegida* nem *satisfeita*. Não ali. Não com Wesley.

Era errado. Eu deveria estar incomodada. Deveria estar sentindo aversão. Não deveria querer nada além de empurrá-lo para longe de mim. O que diabos estava acontecendo? O que havia de errado comigo?

E, na mesma hora em que fazia essas perguntas a mim mesma, as respostas me atingiram como um tsunâmi. Um tsunâmi gelado que me deixou de olhos arregalados e em choque.

Estava com ciúme das garotas com quem ele falava.

Faria qualquer coisa para fazê-lo sorrir.

Eu me sentia protegida e satisfeita em seus braços.

Ai, meu Deus, pensei, meio em pânico. *Estou apaixonada por ele*.

Precisava pôr os pés no chão. Não, não, não. Não, amor, não. *Amor* era uma palavra muito grande. Grande demais. Amor demorava anos e anos para brotar… certo? Não estava apaixonada por Wesley Rush.

Mas eu sentia algo por ele. Algo que não era raiva nem asco. Era mais do que uma paixonite. Mais do que qualquer coisa que eu senti por Toby Tucker durante os últimos três anos. Talvez mais até do que sentira por Jake Gaither havia tantos anos. Era real. Era intenso.

E era apavorante.

Eu precisava fugir dali. Não podia ficar. Não podia cair nessa armadilha. Não

importava o que eu sentisse por Wesley, ele nunca sentiria o mesmo por mim.

Porque ele era Wesley Rush.

E eu era uma Duff.

Não havia chance de eu ficar me torturando desse jeito. Eu tinha aprendido minha lição com Jake. Chegar perto demais só me deixaria ferida, e Wesley tinha muito com que me ferir. Na noite passada, ele tinha me visto no meu momento mais frágil. Eu permiti. Me abri. E, se não fosse embora agora, pagaria o preço.

"Não importa aonde você vá ou o que você faz para se distrair, a realidade alcança você." Minha mãe tinha dito isso sobre ela e meu pai.

Um sorriso amargo brotou em meu rosto enquanto me esgueirava, relutante, para fora dos braços de Wesley. Minha mãe estava certa. Wesley era minha distração. Ele devia ser minha fuga das emoções. De todo o drama. E ali estava eu… sentindo esse *turbilhão* de emoções.

Tentei me mover silenciosamente pelo quarto e me vestir sem fazer barulho. Depois de enfiar o suéter e o jeans, agarrei meu celular e escapei para a sacada.

Antes de mudar de opinião ou de me convencer de que ela não ia atender, digitei o número de Casey. Sabia que ela ainda estava aborrecida comigo, mas não conseguia pensar em nenhuma outra opção. Não importava quanto estivesse irritada, Casey me ajudaria. Ela ajudaria qualquer um. Simplesmente fazia parte da natureza dela.

— Al…ô? — resmungou ela com voz de sono, depois de dois toques.

Droga, murmurou uma vozinha no fundo da minha mente. Depois de todo esse tempo, não dava para acreditar que era assim que Casey ia descobrir meu segredo. Mas eu sabia que era o melhor a fazer. Sabia que, se não fosse embora agora, não iria nunca. Sabia, porém não queria ir. Não queria sentir o que estava sentindo. E *realmente* não queria que Casey — ou qualquer pessoa, aliás — soubesse disso.

— Alô? Bianca?

Que pena que eu nunca conseguia o que desejava...

— Oi, Casey, desculpe por acordar você, mas será que poderia me fazer um favor enorme? Por favor.

— B, você está bem? — perguntou ela, já sem a sonolência. — O que houve? Qual é o problema?

— Será que você pode pegar a chave do carro da sua mãe e vir me buscar? Eu preciso muito de uma carona pra casa.

— Pra casa? — Ela parecia confusa. Não era uma boa coisa, quando combinada com medo. Meu Deus, um dia eu ia deixar a coitada com úlcera. — Quer dizer que você não está em casa? Não dormiu em casa na noite passada?

— Fique tranquila, Casey. Estou bem — falei.

— Não ouse me dizer pra ficar tranquila, Bianca! — disparou ela. — Você vem agindo de um jeito muito estranho há semanas e me ignorou totalmente todas as vezes que tentei falar com você. Agora me liga a essa hora da manhã pra pedir que eu busque você, e eu é que preciso ficar tranquila? Que merda, onde foi que você se meteu?

Essa era a parte que eu temia, então respirei profundamente antes de responder à sua pergunta.

— Estou na casa de Wesley… Sabe, a casa enorme na…

— Sei — disse Casey. — A casa de Wesley *Rush*? Sei onde é.

Ela estava curiosa, mas tentou esconder isso sob sua raiva. Seus dotes teatrais não eram melhores do que os meus.

— Certo, estarei aí em dez minutos. — E desligou.

Desliguei o celular e guardei-o na mochila.

Dez minutos. Só dez minutinhos.

Suspirei e me apoiei na sacada. Dali, a entediante Hamilton parecia uma assustadora cidade fantasma. As ruas estavam vazias àquela hora da manhã (nunca estavam realmente cheias, para ser sincera), e todas as lojas de telhado cinzento estavam fechadas. O céu escuro e pesado que cobria tudo como um manto sombrio não ajudava em nada.

Escuro e sombrio. Que coisa, não é mesmo?

— Você pode não estar ciente disso, mas os humanos tendem a dormir aos sábados.

Voltei-me e dei de cara com Wesley parado na entrada da sacada, esfregando os olhos sonolentos com um sorrisinho. Apesar do vento frio, não estava usando nada além da cueca preta. Merda, que corpo incrível ele tinha… mas eu não podia pensar nisso. Precisava acabar com tudo.

— Precisamos conversar. — Tentei achar algo para olhar além do corpo sexy

e seminu dele. Meus pés pareceram a melhor opção.

— Hum — disse Wesley, passando a mão pelos cachos bagunçados. — Sabe, meu pai diz que essas são as palavras mais assustadoras que uma mulher pode dizer. Ele defende que nada de bom começa com "precisamos conversar". Você está me deixando meio preocupado, Duff.

— É melhor entrar.

— Isso não é promissor.

Segui-o para o quarto, retorcendo as mãos descontroladamente (mãos suadas são *tão* atraentes!). Ele se jogou na cama e aguardou que eu fizesse o mesmo, mas fiquei de pé. Não podia ficar muito confortável. Casey estaria ali para me pegar em mais ou menos oito minutos e meio — eu estava contando —, e aquilo precisava ser breve e suave.

Ou só breve. Nada ali me parecia suave.

Ansiosa, cocei a nuca.

— Escuta — falei. — Você é um grande cara, e agradeço por tudo o que fez por mim.

Por que aquilo soava como um rompimento? Não era necessário estar de fato namorando alguém para poder romper?

— Mesmo? — perguntou Wesley. — Desde quando? Você nunca se referiu a mim como nada melhor do que um babaca. Eu sabia que você acabaria gostando de mim… mas algo me diz que deveria ficar desconfiado.

— Mas — continuei, ignorando-o quanto podia — não posso mais fazer isso. Acho que precisamos parar de, ahn… dormir juntos.

É. Definitivamente parecia um rompimento. Tudo o que eu precisava fazer era jogar no bolo um "Não é você, sou eu", e ficaria perfeito.

— Por quê? — Ele não parecia magoado. Apenas surpreso.

Fiquei meio chateada por ele não parecer magoado.

— Porque isso não está mais funcionando pra mim — falei, repetindo as frases feitas que ouvira em filmes. Eram clássicos por algum motivo, afinal. — Apenas não acho que isso seja — fiz um gesto entre mim e ele — do meu, hã… do nosso interesse.

Wesley estreitou os olhos e me encarou.

— Bianca, isso tem algo a ver com o que aconteceu ontem à noite? —

perguntou, sério. — Se for isso, quero que saiba que você não precisa se preocupar com…

— Não é isso.

— O que é, então? Isso não faz sentido.

Olhei para os meus tênis. As pontas de borracha estavam começando a soltar, mas o vermelho-vivo do All Star não tinha desbotado nem um pouco. *Vermelho-vivo*.

— Sou como Hester — murmurei, mais para mim mesma do que para Wesley.

— O quê?

Ergui os olhos para ele, surpresa que tivesse me ouvido. — Sou como… — balancei a cabeça. — Nada. Acabou. Eu acabei.

— Bianca…

Duas buzinadas rápidas lá na frente me salvaram.

— Eu… eu preciso ir.

Estava tão concentrada em sair logo daquela casa que não ouvi as palavras que Wesley gritou para mim. A voz dele simplesmente desapareceu a distância, onde eu esperava deixá-lo para sempre.

capítulo 19

Casey deu partida no motor quando subi na picape velha da mãe dela. A srta. Waller (anteriormente, sra. Blithe; ela recuperara o nome de solteira depois do divórcio) poderia ter um carro muito melhor. Quando era casada com o pai de Casey, tinham muito dinheiro. O sr. Blithe se oferecera para lhe comprar um carro bacana, mas ela recusou. Adorava a velha picape, que tinha comprado no ensino médio. A filha, por outro lado, desprezava-a. Particularmente porque era o único carro que dirigia de vez em quando.

Casey, definitivamente, não teria recusado a oferta de um carro chique do pai. Infelizmente, o sr. Blithe perdera qualquer generosidade que um dia teve depois da consumação do divórcio.

Ela estava olhando através do para-brisa para a quase-mansão quando prendi meu cinto de segurança. Estava usando um pijama rosa decorado com sapinhos verdes sob o casaco, e o cabelo curto estava arrepiado e bagunçado. Ao contrário de mim, Casey podia fazer uma aparência desleixada parecer graciosa e sexy. E nem precisava se esforçar.

— Oi — falei.

Ela olhou para mim. Os olhos dela varreram meu rosto — já buscando por sinais evidentes de encrenca —, e sua testa se enrugou. Depois de um curto duelo de olhares, ela se voltou para a frente e passou a marcha, lutando um pouco com o câmbio.

— O.k. — disse ela quando nos afastamos da entrada da casa. — O que está acontecendo? E não me diga que está tudo bem, porque me arrastei para fora da cama às sete da manhã e sou capaz de estrangular você se não me der uma resposta de verdade.

— Ah, claro, porque ameaças sempre me fazem falar.

— Não venha com essas besteiras! — resmungou Casey. — Você está apenas evitando o assunto, o que tem feito sempre. Isso pode funcionar com Jess, mas você já devia estar cansada de saber que não vai desviar nem um pouquinho a minha atenção. Agora se explique. Comece com o motivo pelo qual eu acabei de pegar você na casa de Wesley.

— Porque eu dormi lá.

— É, eu tinha meio que entendido isso sozinha.

Mordi o lábio, sem ter muita certeza de por que ainda estava escondendo a verdade. Quer dizer, não conseguiria esconder isso dela por muito mais tempo. Ela juntaria as peças em breve, então por que não contar de uma vez? Agora que, de qualquer jeito, Wesley e eu não estávamos mais juntos. Será que mentir — ou, pelo menos, esconder — tinha se tornado instintivo? Depois de todas essas semanas de segredos, será que eu criara um hábito?

E se tivesse feito isso, será que não era hora de abandoná-lo?

Casey suspirou e reduziu um pouco a velocidade da picape.

— Conte a verdade, Bianca, porque estou bem confusa neste momento. Confusa e chateada. Da última vez que verifiquei, você *odiava* Wesley Rush. E *odiava* mesmo.

— De fato — respondi. — Ainda odeio… de certa forma.

— "De certa forma"? Droga, pare de desviar das perguntas! Olhe, você vem evitando Jess e a mim há semanas. Não vemos mais você, porque não faz mais nada conosco. Jess não vai dizer isso, mas está achando seriamente que você não gosta mais de nós. Está chateada, e eu estou irritada porque você nos abandonou completamente. Está sempre distraída e pensando em outra coisa. E fica desviando das perguntas que fazemos! Droga, Bianca, diga alguma coisa… por favor. — A raiva na voz dela se transformou em um pedido desesperado. Casey baixou a voz. — Por favor, me conte o que está acontecendo com você.

Meu coração doía, e a culpa enroscou-se no meu peito como uma jiboia constritora. Soltei um longo suspiro, percebendo que não podia mais mentir. Pelo menos não sobre isso.

— A gente tem dormido juntos.

— Quem? Você e Wesley?

— É.

— Desde quando?

— Do fim de janeiro.

Casey ficou calada por um tempo. Depois, quando conseguiu absorver aquilo, perguntou:

— Se você o odeia, porque está saindo com ele?

— Porque… isso faz eu me sentir melhor. Com todo o problema dos meus pais e Jake aparecendo e tudo… eu apenas precisava me distrair. Queria fugir de tudo… sabe, de um jeito não suicida. Ir pra cama com Wesley apenas parecia uma boa ideia, na hora. — Fiquei olhando fixo pela janela, sem querer ver a expressão no rosto dela. Tinha certeza de que estava decepcionada comigo. Ou, de um jeito pervertido, até mesmo orgulhosa de mim.

— Então… foi lá pela casa dele que você andou no último mês? — perguntou ela. — É por isso que tem nos deixado de lado? Pra ficar com Wesley?

— É — murmurei. — Toda vez que as coisas ficavam difíceis demais, ele estava bem ali. Dava pra aliviar a tensão sem enlouquecer você e a Jessica. Parecia uma boa ideia. Aí eu me viciei… mas tudo se voltou contra mim, e agora está pior do que nunca.

— Meu Deus, você está grávida?

Trinquei os dentes e me virei para encará-la.

— Não, Casey, não estou nem um pouco grávida. — Ela estaria mesmo falando sério? — Caramba, sei usar camisinha e tomo anticoncepcionais há praticamente três anos, tá legal?

— Está bem, está bem — disse Casey. — Você não está grávida… Graças a Deus. Mas se não é esse o problema, como é que está tudo pior?

— Bom, primeiro, você está chateada comigo… E eu gosto de Wesley.

— Claro, né, você está indo pra cama com ele!

— Não, quer dizer… — Balancei a cabeça e voltei a olhar pela janela. As casinhas suburbanas de Hamilton passavam velozmente por nós, simples e limpas. Rodeadas por suas inocentes cercas de madeira. Eu seria capaz de matar para ser simples e limpa como essas casinhas. Em vez disso, me sentia complicada, suja e contaminada. — Não gosto dele — expliquei. — Ele me irrita loucamente noventa e seis por cento do tempo, e às vezes eu adoraria estrangulá-lo até a morte. Mas ao mesmo tempo eu… quero que ele fique alegre. Penso nele mais do que deveria e…

— Você o ama.

— Não! — gritei, virando-me bruscamente para encará-la — Não, não, *não*! Eu não o amo, está bem? O amor é raro e difícil de encontrar e demora muitos

anos pra brotar. Adolescentes não se apaixonam. Eu não *amo* Wesley.

— Certo — disse Casey. — Mas sente algo por ele, né?

— É.

Ela me olhou de relance antes de voltar os olhos para a estrada, com um meio sorriso.

— Eu sabia. Quer dizer… todas as piadas que eu fazia sobre isso eram só pra provocar você, mas sabia que algo aconteceria depois que você o beijou.

— Cala a boca! — resmunguei. — Que droga.

— Por quê?

— Por que o quê?

— Por que isso seria ruim? E daí se você sente algo por ele? Não deveria ser incrível e excitante e deixá-la trêmula ou algo assim?

— Não — respondi. — Não é incrível nem excitante. É horrível. É doloroso.

— Mas por quê?

— Porque ele nunca vai gostar de mim! — Meu Deus, não era óbvio? Será que ela não conseguia somar dois e dois? — Ele nunca vai gostar de mim desse jeito, Casey. Estou perdendo tempo até em pensar que isso seja possível.

— Por que ele não ia gostar de você? — perguntou ela.

Será que ela faria um milhão de perguntas?

— Para!

— Não, estou falando sério, B — pressionou Casey. — Tenho quase certeza de que você não é capaz de ler mentes ou de ver o futuro, então não entendo como sabe que ele nunca vai gostar de você. Por que não?

— Você não gosta muito de mim agora — justifiquei.

— Vou superar — respondeu ela. — Bem, em algum momento. Mas, sério, por que Wesley não pode gostar de você também?

— Sou uma Duff.

— Como é? Uma o quê?

— Duff.

— Isso aí é uma palavra, por acaso?

— *Designated Ugly Fat Friend*, em inglês — suspirei. — A garota do grupo que não é atraente. Sou eu.

— Que ridículo!

— É mesmo? — Eu me exaltei. — Será que isso é mesmo ridículo, Casey? Olhe pra você. Olhe pra Jessica. Vocês duas parecem ter saído da *Teen Vogue*. Não consigo competir com isso. Então, bem, eu sou a porcaria da Duff.

— Você não é. Quem disse isso?

— Wesley.

— Só pode estar brincando!

— Não.

— Antes ou depois de você ir pra cama com ele?

— Antes.

— Bem, então ele não acredita nisso — disse Casey. — Ele está indo pra cama com você, não está? Então deve achá-la atraente.

Fiz um som de desprezo.

— Veja de quem estamos falando, Casey. Wesley não é particularmente exigente quando se trata de sexo. Eu podia parecer um gorila, e ele continuaria a ir pra cama comigo sem hesitar. Ele não namoraria nem sequer uma garota do Esquadrão das Magrinhas…

— Eu realmente odeio quando você nos chama assim.

— … imagine eu. Ele nunca namoraria uma Duff.

— Sério, Bianca — disse Casey. — Você não é uma Duff. Se alguma de nós for uma Duff, sou eu.

— Muito engraçado.

— Não estou brincando! — insistiu ela. — Ainda estou com raiva de você, então por que faria algum esforço pra ser legal? Quer dizer, sou o próprio Pé-Grande. Estou com 1,85 metro! A maioria dos garotos precisa olhar pra cima pra ver meu rosto, e nenhum cara gosta de ser mais baixo do que a menina. Pelo menos você é graciosa e mignon. Eu faria qualquer coisa pra ter sua altura… e pra ter seus olhos. Você tem olhos muito mais lindos do que os meus.

Eu não disse nada. Tinha certeza de que Casey enlouquecera. Como é que ela podia ser uma Duff, pelo amor de Deus? Mesmo de pijama de sapinhos ela parecia ter acabado de sair do cenário de *America's Next Top Model*.

— Se Wesley não conseguir ver como você é adorável, ele não merece você — completou ela. — Você apenas precisa seguir em frente. Tirar Wesley da cabeça.

É, claro. Mas seguir em frente na direção de quem? Quem iria me querer? Mas não podia dizer isso a Casey. Seria começar outra discussão idiota, e ainda nem tínhamos acabado a primeira, então apenas assenti.

— E então… e aquele cara, o Tucker?

Olhei para ela, surpresa.

— Toby? Que tem ele?

— Você sempre teve uma queda por ele — lembrou-me ela. — E vi você agarrando ele no refeitório ontem…

— Ele me abraçou — interrompi. — Isso não é *agarrar*.

Ela revirou os olhos. Nossa, eu estava mesmo deixando ela irritada.

— Que seja. A questão é: você estava toda aconchegada em Toby, mas agora está subitamente apai…

Olhei feio para ela.

— Você subitamente *gosta* de Wesley — disse Casey.

— O que você quer dizer? — perguntei.

— Não sei. — Ela suspirou. — É só… Que eu sinto como se você tivesse escondido tanta coisa de mim! Tudo mudou tão rápido pra você. Estou mesmo me sentindo no escuro neste momento.

Mais culpa. Ótimo. Ela estava mesmo pesando a mão hoje, mas acho que eu merecia.

— Não mudou tanta coisa — garanti. — Ainda tenho uma queda por Toby… Não que isso importe. Somos apenas amigos. Ele me abraçou ontem porque foi aceito na universidade que queria e estava muito feliz. Gostaria que tivesse sido mais que isso, mas não foi. E a história com Wesley apenas… é ridícula. Acabou. Podemos fingir que nunca aconteceu. É o que quero, aliás.

— E quanto a seus pais? O divórcio, você nem falou mais disso depois do Dia dos Namorados.

— Está tudo correndo bem — menti. — O divórcio ainda está em processo. Meus pais estão bem.

Ela me lançou um olhar cético e voltou a prestar atenção no trânsito. Sabia que eu estava mentindo, mas não forçou a barra. Finalmente, depois de um bom tempo, falou de novo. Por sorte, mudou de assunto.

— Certo. E onde está seu carro?

— Na escola — respondi. — A bateria arriou.

— Que saco! Acho que vai precisar pedir ao seu pai pra consertar isso.

— É — resmunguei. *Se eu conseguir fazer com que ele fique sóbrio por mais de dez segundos.*

Houve um longo silêncio. Depois de alguns minutos, decidi engolir o resto de orgulho que me sobrava.

— Desculpa por ter chamado você de grossa ontem.

— É pra pedir desculpas mesmo. Também me chamou de líder de torcida patricinha e esnobe.

— Desculpa. Você ainda está chateada comigo?

— Estou — respondeu ela. — Quer dizer, não tanto quanto estava ontem, mas… doeu mesmo, Bianca. Jessica e eu estamos tão preocupadas com você, e você mal fala com a gente agora. Perguntei tantas vezes se queria sair, e você me dispensou completamente. E depois vi você conversando com Toby na hora em que devia estar conversando comigo e… fiquei meio com ciúme. Não de um jeito esquisito, mas… supostamente sou sua melhor amiga, sabe? E agora está me preocupando mesmo que você tenha começado a ir pra cama com Wesley em vez de apenas conversar comigo.

— Desculpa — balbuciei.

— Pare de dizer isso. Não fique só pedindo desculpas — disse ela. — Desculpas não mudam o futuro. Da próxima vez, pense em mim. E em Jess também. Precisamos de você, B. E trate de se lembrar que estamos aqui pra você, que gostamos de você… por algum motivo inexplicável.

Esbocei um pequeno sorriso.

— Vou lembrar.

— Apenas não me abandone de novo, tá? — As palavras saíram em um tom baixinho. — Mesmo tendo Jess, estava me sentindo realmente solitária sem você… e não tinha mais ninguém legal pra me dar carona. Você sabe a droga que é ter Vikki como motorista? Ela quase atropelou um pobre coitado de bicicleta outro dia. Te contei?

Ficamos passeando de carro por Hamilton durante um tempo, só gastando gasolina e recuperando o tempo perdido. Casey estava encantada com um jogador de basquete. Eu estava com notas altas em inglês. Nada muito íntimo.

Casey sabia do meu segredo agora — ou de parte dele — e não estava mais com raiva de mim… pelo menos não com *tanta* raiva. Ela me garantiu que eu ia precisar me humilhar muito até que ficássemos totalmente bem de novo.

Ficamos rodando até que a mãe dela ligou, às dez, querendo saber onde estava a picape, e Casey precisou me levar para casa.

— Você vai contar isso a Jessica? — perguntou baixinho quando entrou na minha rua. — Sobre Wesley?

— Não sei. — Respirei profundamente e decidi que guardar segredos não era uma boa ideia. Só tinha dado errado até aquele momento.

— Olha, pode contar pra ela. Conte tudo, se quiser. Mas não quero falar sobre isso. Só quero tentar esquecer, se conseguir.

— Entendo — disse Casey. — Acho que ela deveria saber. Quer dizer, é nossa melhor amiga… mas vou dizer a ela que você está saindo dessa. Por que é isso que está fazendo, né?

— É — murmurei.

Não consegui deixar de ficar ansiosa quando ela parou na entrada da minha casa. Olhei para a porta de carvalho, para as janelas cerradas que davam para a sala de estar e para nosso quintal, simples, limpo, com cerca de madeira. Nunca tinha me dado conta de que aquilo era uma máscara por trás da qual vivia minha família.

Então pensei no meu pai.

— Vejo você na segunda-feira — falei, desviando o olhar para que ela não visse a preocupação no meu rosto.

Em seguida, deslizei para fora da picape e comecei a andar na direção da minha casa.

capítulo 20

Estava parada na entrada quando me dei conta de que estava sem a chave. Wesley tinha me levado embora de casa tão depressa na noite anterior que não consegui agarrar a bolsa. Então acabei tendo de bater na porta da fren-te, esperando que meu pai estivesse acordado para me deixar entrar.

Assustada, preocupada, lembrando de tudo.

Dei um passo para trás quando a maçaneta girou e a porta se abriu. Ali estava meu pai, com olhos vermelhos e olheiras profundas por trás dos óculos. Estava extremamente pálido, como se tivesse passado mal, e dava para ver sua mão tremendo na maçaneta.

— Bianca.

Ele não estava com cheiro de uísque.

Soltei um suspiro que não tinha percebido que estava segurando.

— Oi, pai. Hã, deixei as chaves em casa na noite passada, então…

Papai caminhou lentamente na minha direção, como se temesse que eu saísse correndo. Depois me abraçou, me puxou contra o peito e mergulhou o rosto no meu cabelo. Ficamos ali juntos por um bom tempo, e quando ele finalmente falou, percebi que as palavras saíam entre soluços.

— Sinto tanto, tanto!

— Eu sei — murmurei, o rosto na camisa dele.

E estava chorando também.

Meu pai e eu conversamos mais nesse dia do que havíamos conversado em dezessete anos. Não que não tivéssemos sido próximos antes. Só que nenhum de nós dois é muito falante. Não compartilhávamos pensamentos ou sentimentos nem fazíamos todas essas coisas que dizem ser importantes naqueles anúncios de utilidade pública que passam no Nickelodeon. Quando jantávamos juntos, sempre estávamos na frente da TV e sem chance de um de nós interromper o programa com algum papo sem sentido. Era só nosso jeito.

Mas, nesse dia, conversamos.

Conversamos sobre o trabalho dele.

Conversamos sobre minhas notas.

Conversamos sobre minha mãe.

— Ela não vai mesmo voltar, né? — Meu pai tirou os óculos e esfregou o rosto com as duas mãos. Estávamos sentados no sofá. Dessa vez, a televisão estava desligada. As únicas vozes que preenchiam a sala eram as nossas. Era um bom tipo de meio-silêncio, embora um pouco assustador ao mesmo tempo.

— Não, pai — falei corajosamente, apertando a mão dele. — Não vai. Aqui não é mais o lugar certo pra ela.

Ele assentiu.

— Eu sei. Já sabia há algum tempo que ela não estava feliz… talvez até antes dela. Eu só queria…

— Que ela mudasse de ideia? — sugeri. — Acho que a mamãe também. Por isso é que ficou indo e voltando, sabe? Não queria encarar a verdade. Não queria admitir que quisesse o… — fiz uma pausa antes da próxima palavra — divórcio.

Divórcio era tão definitivo! Mais do que uma briga. Mais do que uma separação ou uma longa série de discussões. Queria dizer que o casamento deles — a vida juntos — tinha mesmo terminado.

— Bem — suspirou meu pai, apertando minha mão também —, acho que estávamos os dois fugindo de formas diferentes.

— O que você quer dizer com isso?

Meu pai balançou a cabeça.

— Sua mãe usou um Mustang. Eu usei uma garrafa de uísque. — Ele ergueu a mão e reajustou os óculos, um hábito inconsciente: ele sempre fazia isso quando estava explicando alguma coisa. — Fiquei tão devastado com o que sua mãe fez comigo que esqueci como beber é ruim. Esqueci de olhar para o lado bom.

— Pai — falei —, acho que não tem lado bom em um divórcio. É uma coisa bem ruim de qualquer ângulo.

Ele concordou.

— Talvez seja verdade, mas há um monte de lados bons na minha vida. Tenho um trabalho de que gosto, uma casa boa em uma vizinhança tranquila e uma filha maravilhosa.

Revirei os olhos.

— Ai, meu Deus… — resmunguei — Você não vai ficar todo meloso comigo. Vai?

— Desculpe — disse ele, sorrindo. — Mas é verdade. Muita gente faria qualquer coisa para ter a minha vida, mas eu nem pensei nisso. Não dei valor a nada, nem a você. Sinto tanto, tanto por isso, Abelhinha!

Eu queria desviar o olhar quando vi as lágrimas brilhando no canto dos olhos dele, mas me forcei a me concentrar só nele. Tinha tentado desviar da verdade por tempo demais.

Ele pediu desculpa muitas vezes por tudo o que tinha acontecido nas últimas semanas. Prometeu que voltaria para os encontros semanais dos Alcoólicos Anônimos, que voltaria a ficar sóbrio, que ligaria para o padrinho novamente. E em seguida, juntos, derramamos todas as garrafas de uísque e de cerveja dentro da pia. Nós dois estávamos ansiosos para começar do zero.

— Sua cabeça não está doendo? — perguntou ele um milhão de vezes nesse dia.

— Não, estou bem — disse a ele todas as vezes.

Ele sempre balançava a cabeça e murmurava mais desculpas por ter batido em mim. Por ter dito aquilo tudo. Depois me abraçava.

Sério, um milhão de vezes nesse dia.

Perto da meia-noite, me juntei a ele no seu ritual noturno de apagar as luzes.

— Abelhinha — disse ele quando a cozinha ficou escura —, quero que agradeça ao seu amigo da próxima vez que o vir.

— Meu amigo?

— Sim. O rapaz que estava com você na noite passada. Como é o nome dele?

— Wesley — resmunguei.

— Certo — disse meu pai. — Bem, eu mereci aquilo. Ele foi corajoso fazendo o que fez. Não sei o que está havendo entre vocês dois, mas fico feliz que tenha um amigo que está disposto a defender você. Diga a ele que sou muito grato.

— Claro. — Virei de costas e subi a escada até meu quarto, rezando para que não acontecesse em breve.

— Mas, Bianca…? — Ele fez uma careta e esfregou o queixo. — Da

próxima vez, diga a ele que fique à vontade para escrever uma carta me xingando primeiro. Esse menino tem a mão pesada.

Sorri, mesmo sem querer.

— Não vai haver uma próxima vez — eu lhe disse, dando os últimos passos e entrando no meu quarto.

Meu pai e minha mãe estavam enfrentando a realidade, abandonando suas distrações. Agora era minha vez, e aquilo significava deixar Wesley. Infelizmente, não havia encontros semanais, padrinhos ou programa de doze passos para o meu vício.

capítulo 21

Eu tinha quase certeza de que Wesley não se aproximaria de mim na escola. Por que faria isso? Ele não sentiria minha falta… mesmo que eu quisesse, quisesse de verdade que ele sentisse. Ele não estava perdendo nada. Tinha muitas garotas para pôr em meu lugar, prontas e ansiosas para preencher quaisquer brechas que eu pudesse ter deixado em sua agenda. Então, não havia necessidade de um plano para me esquivar dele na segunda-feira de manhã.

Acontece que eu nem mesmo queria vê-lo. Se precisasse olhar para ele dia após dia, jamais conseguiria esquecê-lo. Jamais conseguiria seguir em frente. Para essa situação, eu realmente precisava de um plano, e já tinha um bem alinhavado.

Passo 1: ficar distraída no corredor para o caso de ele passar por mim.

Passo 2: ficar ocupada na aula de inglês e nunca olhar para o lado dele na sala.

Passo 3: acelerar ao sair do estacionamento à tarde para não cruzar com ele.

Papai tornou o passo três possível ao consertar meu carro no domingo, então eu tinha certeza de que podia continuar a não ver Wesley. Em questão de semanas, poderia colocar nossa relação — ou a falta dela — fora da minha mente. Se não, bem, nós nos formaríamos em maio, e eu nunca mais teria que olhar para aquele sorrisinho convencido na vida.

Aquela era a teoria, de qualquer forma.

Mas, no momento em que o último sinal tocou na segunda-feira, eu soube que meu plano era uma porcaria. Não *olhar* para Wesley não era necessariamente o mesmo que não *pensar* em Wesley. Na verdade, passei a maior parte do dia pensando em não olhar para ele. Mas, então, acabei pensando em todas as razões pelas quais não devia pensar nele. Aquilo não tinha fim! Era de enlouquecer! Nada parecia me distrair.

Até a tarde de terça-feira.

Eu estava a caminho do almoço depois de uma aula longa e insuportável de organização política avançada quando aconteceu uma coisa que me deu exatamente a distração da qual eu precisava. Algo inacreditável e chocante. Algo

incrível demais.

Toby cruzou comigo no corredor.

— Ei — cumprimentou ele.

— Oi. — Fiz o meu melhor para soar pelo menos meio contente. — O que está rolando, Garoto de Harvard?

Toby deu um sorriso e olhou para baixo, trocando os pés.

— Nada — disse ele. — Só tentando decidir sobre o que escrever para a redação dissertativa. O sr. Chaucer não foi muito específico. Sobre o que você vai escrever?

— Não tenho certeza — admiti. — Estou pensando em falar sobre o casamento gay.

— Apoiando ou se opondo?

— Ah, definitivamente apoiando. Quer dizer, o governo não tem direito de definir quem pode e quem não pode declarar seu amor pelo outro publicamente.

— Como você é romântica! — zombou Toby.

Eu ri.

— Dificilmente. Não sou nem um pouco romântica, mas é pura lógica. Negar aos homossexuais o direito ao casamento infringe a liberdade e a igualdade deles. É completamente errado.

— É exatamente o que penso — concordou Toby. — Parece que temos muito em comum.

— Acho que temos.

Andamos por alguns segundos em silêncio antes de ele perguntar:

— Então, você tem algum plano para o baile?

— Não — falei. — Eu não vou. Por que pagar duzentas pratas em um vestido, trinta em um ingresso, quarenta no cabelo e na maquiagem e mais um tanto para jantar, quando tudo o que você pode comer é uma salada sem molho porque tem que evitar parecer um cupcake em seu vestido bufante? Isso é meio ridículo.

— Entendo — disse Toby. — Isso é uma pena… Eu estava me perguntando se você iria comigo.

Certo, eu não tinha previsto aquilo. De jeito nenhum. *Nunca.* Toby Tucker, o garoto por quem eu tinha tido uma queda por anos, queria me chamar para o

baile? Ai, meu Deus. *Ai, meu Deus!* E eu tinha desprezado completamente a instituição dos bailes do ensino médio como uma otária sabe-tudo. Praticamente tinha rejeitado o convite de Toby, sem qualquer intenção. Ah, droga. Eu era uma idiota. Uma *completa* idiota. E agora eu estava sem palavras. O que tinha acabado de dizer? Precisava pedir desculpas ou retirar o que tinha dito, ou…

— Mas tudo bem se você se sente assim — disse Toby. — Sempre achei que o baile era um rito de passagem sem sentido, então temos a mesma opinião.

— Hum, sim — comentei, parecendo uma idiota.

Ah, alguém me dê um tiro agora!

— Mas — pressionou Toby — você se opõe a encontros normais? Aqueles sem vestidos bufantes e saladas horrendas?

— Não. Eu não tenho problema com encontros.

Minha cabeça estava girando. Toby tinha me chamado para sair. Era um encontro! Eu não tinha tido um encontro de verdade desde… Na verdade, eu *nunca* tinha tido um encontro de verdade. A menos que você considere uns amassos com Jake no fundo de um cinema um encontro.

Eu não considerava.

Mas por quê? Por que Toby ia querer sair *comigo*? Eu era uma Duff. Duffs não têm encontros. Não os verdadeiros. E ainda assim ali estava Toby, contra todas as probabilidades. Talvez ele fosse um homem melhor do que a maioria. Exatamente como eu sempre imaginara nos meus sonhos de garota estúpida, infantil e comum. Ele não era vazio. Não era orgulhoso. Não era convencido nem vaidoso. Um perfeito cavalheiro.

— Isso é bom — disse ele. — Nesse caso… — Eu podia dizer que ele estava nervoso. Seu rosto estava enrubescendo, e ele olhava fixamente para os sapatos e brincava com os óculos. — Sexta-feira? Você gostaria de sair comigo na sexta-feira à noite?

— Eu gostaria…

Então o inevitável aconteceu. Pensei no imbecil. No babaca. No pegador. Na única pessoa que poderia estragar esse momento. Sim, eu tinha uma queda por Toby Tucker. Como não poderia ter? Ele era doce, e charmoso, e esperto… Mas meus sentimentos por Wesley iam muito além disso. Eu saí da paixonite da piscina de bolinhas direto para o profundo oceano das emoções, infestado de

tubarões. E, se você me perdoar a metáfora dramática, eu era uma péssima nadadora.

Mas Casey tinha me dito para seguir em frente, e ali estava Toby, me jogando uma boia e se oferecendo para me salvar do afogamento. Eu seria estúpida se não aceitasse. Só Deus sabia quanto tempo poderia levar antes de outro resgate aparecer.

E, puxa, Toby era adorável.

— Eu gostaria muito — respondi, esperando que minha pausa não o tivesse assustado demais.

— Ótimo. — Ele soou aliviado. — Pego você às sete na sexta-feira.

— Legal.

Nós nos separamos no refeitório, e acho que eu saltitei — sim, saltitei, como uma criancinha — até a mesa do almoço, meu mau humor tinha sido totalmente esquecido.

E ele permaneceu esquecido.

Pelo resto daquela semana, não pensei em como não devia estar pensando em Wesley. Não pensei em Wesley, de modo algum. Nenhuma vez. Meu cérebro estava muito cheio de pensamentos do tipo *Que roupa devo vestir?*, e *devo arrumar meu cabelo?* Todas as coisas com as quais nunca tinha me preocupado. Olha, que coisa surreal!

Mas aquelas eram as coisas em que Casey e Jessica eram *experts*, então elas vieram comigo para casa na sexta-feira à tarde, ansiosas para me transformar em uma Barbie gigante. Se eu não estivesse tão nervosa por causa do encontro, teria ficado horrorizada por ver minhas convicções feministas sendo atacadas por todo aquele embonecamento e pela animação delas.

As meninas me obrigaram a experimentar, tipo, vinte produções diferentes (odiei todas) antes de se decidirem por uma. Dei piruetas em uma saia preta na altura do joelho e numa blusa turquesa, que revelava o suficiente para que se adivinhasse a curva dos meus seios pequenos. Depois elas passaram o resto do tempo usando uma chapinha no meu cabelo cacheado. Levou duas horas — e, a propósito, não estou exagerando — para alisá-lo completamente.

Já eram 18h50 quando minhas amigas me posicionaram na frente do espelho para examinar o trabalho delas.

— Perfeita — anunciou Casey.

— Fofa! — concordou Jessica.

— Está vendo, B — disse Casey. — Toda aquela bobagem de Duff é ridícula. Você está supergostosa agora.

— Que… ahn, que *negócio* de Duff é esse? — perguntou Jessica.

— Não é nada — falei.

— B acha que ela é a feia do grupo.

— O quê? — gritou Jessica. — Bianca, você realmente acha isso?

— É bobagem.

— Ela acha — disse Casey. — Ela me disse.

— Mas você não é, Bianca! — insistiu Jessica. — Como pôde pensar isso?

— Jessica, não se preocupe com isso — falei. — Não é nada…

— Eu sei — disse Casey. — Não é uma coisa estúpida? Ela não é gostosa, Jess?

— Ela é supergostosa.

— Viu, B. Você é supergostosa.

Suspirei.

— Obrigada, meninas. — Hora de mudar de assunto. — Então, hum, como vocês vão pra casa? Não posso levar vocês, já que Toby vai me apanhar em dez minutos. Seus pais vêm buscá-las?

— Ah, não — disse Jessica. — Não vamos embora.

— O quê?

— Vamos estar aqui quando você voltar do seu encontro — informou Casey. — Então vamos ter uma superfesta do pijama pra contar tudo, em homenagem ao primeiro grande encontro da nossa B.

— Siiiiiiim! — cantarolou Jessica.

Olhei para elas com cara de tonta.

— Vocês não estão falando sério.

— A gente parece estar brincando? — perguntou Casey.

— Mas o que vocês vão fazer enquanto eu estiver fora? Vocês não vão ficar entediadas ou algo assim?

— Você tem TV — relembrou Jessica.

— E é tudo de que realmente precisamos — disse Casey. — Nós já falamos

com seu pai. Você não tem opção.

A campainha tocou antes que eu pudesse continuar argumentando, e minhas amigas praticamente me empurraram escada abaixo. Assim que chegamos à sala de estar, elas começaram a alisar minha saia e a ajustar a gola da minha blusa, tentando maximizar a quantidade de decote que eu mostrava.

— Você vai ter um encontro tão legal… — Casey suspirou feliz, ajeitando o cabelo atrás da minha orelha. — Você vai superar o Wesley sem demora.

Meu estômago se contraiu.

— Shhh… Casey… — sussurou Jessica.

Eu sabia que Casey contara a história toda para ela, mas Jess não tinha feito nenhum comentário a respeito, o que eu agradecia. Eu realmente gostaria de manter minha mente tão longe de Wesley quanto possível.

Eu não falava com Wesley desde a manhã em que deixara a casa dele. Ele tinha tentado falar comigo uma ou duas vezes depois da aula de inglês. Eu apenas o evitava, começando a conversar com Jessica ou com Casey e correndo para fora da sala de aula o mais rápido possível.

— Ai, meu Deus, me desculpe! — disse Casey, mordendo os lábios. — Eu não pensei… — Ela pigarreou de um jeito estranho e coçou a cabeça, bagunçando o cabelo curto.

— Divirta-se! — disse Jessica, dissipando o clima desagradável. — Mas, você sabe, não se divirta *demais*. Meus pais podem não gostar tanto de você se eu precisar pagar sua fiança na cadeia.

Eu ri. Só Jessica poderia nos salvar desses momentos constrangedores com tanta graça e animação.

Olhei para Casey e pude ver uma faísca de medo em seu olhar. Ela queria que eu seguisse em frente depois de Wesley, porém eu sabia que ela estava preocupada. Preocupada que eu a deixasse de lado novamente. Preocupada que Toby a substituísse.

Mas ela não tinha nada com que se preocupar. Isso era totalmente diferente do meu relacionamento com Wesley. Eu não estava mais fugindo. Não da realidade. Não das minhas amigas. Não de coisa alguma.

Sorri para tranquilizá-la.

— Vai! Vai! — Jessica esganiçou, seu rabo de cavalo loiro balançando

enquanto dava pulinhos excitados.

— Isso! — disse Casey, sorrindo de volta para mim. — Não deixe o garoto esperando.

Elas me empurraram até a porta e desapareceram escada acima em uma nuvem de risadas e cochichos.

— Loucas — resmunguei, balançando a cabeça e lutando contra um sorrisinho.

Respirei fundo e abri a porta.

— Ei, Toby.

Ele estava parado na minha varanda, fofo como sempre, em um blazer azul-marinho e uma calça cáqui. Ele parecia um Kennedy. Com seu corte de cabelo tigelinha. Toby me deu um grande sorriso que deixou à mostra todos os seus dentes de marfim.

— Oi — respondeu ele, adiantando-se para ficar bem na minha frente. Ele tinha esperado por mim apoiado no batente. — Foi mal. Decidi esperar. Ouvi risadinhas.

— Ah. — Olhei por cima do ombro. — Sim. Desculpa por aquilo.

— Uau. Você está linda, Bianca!

— Não, não estou — falei, totalmente envergonhada. Nenhum cara, a não ser meu pai, jamais tinha dito uma coisa assim para mim.

— É claro que está — disse ele. — Por que eu mentiria?

— Não sei. — Ah, uau, eu era uma tonta. Por que não podia simplesmente aceitar um elogio? E se eu o afugentasse antes mesmo de começarmos o encontro? Nossa, isso seria uma droga. Limpei a garganta e tentei fingir que não estava secretamente com vontade de me estapear.

— Então, estamos prontos pra ir? — perguntou Toby.

— Sim.

Saí de casa e fechei a porta atrás de mim. Toby pegou meu braço e me conduziu pela calçada até seu Taurus prateado. Ele até abriu a porta do passageiro para mim, como os meninos fazem naqueles filmes antigos. Muito educado. Eu não podia deixar de pensar, *de novo*, por que no mundo um cara como ele estaria interessado em mim. Ele enfiou a chave na ignição e se virou para me dar outro sorriso. O sorriso dele era, definitivamente, seu melhor

atributo. Então sorri de volta, sentindo pequenas borboletas voando dentro do meu estômago.

— Espero que você esteja com fome — disse ele.

— Faminta — menti, sabendo que estava nervosa demais para comer.

Na hora em que saímos do Giovanni's, um pequeno restaurante italiano em Oak Hill, eu já estava um pouquinho mais à vontade. Meus nervos estavam se assentando, e até havia conseguido comer uma tigela pequena de espaguete ao molho sugo. Estávamos rindo e conversando, e eu estava me divertindo tanto que não queria que o encontro acabasse quando Toby pagou a conta. Para a minha sorte, pois ele se sentia da mesma maneira.

— Sabe — disse ele enquanto os sininhos da porta ressoaram atrás de nós. — São apenas nove e meia. Eu não tenho de levar você pra casa ainda… a menos que você queira ir, e nesse caso, tudo bem, claro.

— Não — falei. — Não estou com pressa de voltar pra casa. Mas o que você quer fazer?

— Bem, podemos caminhar — sugeriu Toby. Ele gesticulou para a calçada que corria ao lado da rua movimentada. — Não é muito empolgante, mas podemos olhar as vitrines, ou conversar, ou…

Eu sorri para ele.

— Andar parece divertido.

— Que ótimo.

Ele me deu o braço, e começamos a caminhar pela calçada bem iluminada. Passamos por algumas lojas pequenas antes de um de nós falar. Graças a Deus, Toby abriu a boca primeiro porque, embora eu não estivesse mais tão nervosa quanto antes, não tinha a menor ideia do que poderia dizer para não soar como uma completa idiota.

— Bem, já que você sabe tudo sobre minha situação na faculdade, quero saber sobre a sua. Você já se candidatou para algum lugar? — perguntou ele.

— Sim. Já me candidatei a duas, mais ou menos, mas ainda não escolhi. Acho que estou meio que procrastinando.

— Você sabe em que quer se graduar?

— Provavelmente em jornalismo — falei. — Mas… não sei. Sempre quis ser

repórter do *New York Times.* Então me candidatei a algumas universidades em Manhattan.

— A Grande Maçã — disse ele, concordando. — Ambiciosa.

— Sim, bem, me imagino terminando como aquela garota em *O diabo veste Prada* — falei. — Uma perdedora trabalhando em alguma revista de moda estúpida quando tudo o que eu realmente quero fazer é escrever sobre eventos mundiais ou entrevistar congressistas revolucionários… como você será.

Ele me lançou um olhar.

— Ah, você não seria uma perdedora.

— Que seja. — Eu ri. — Você consegue me imaginar escrevendo sobre moda? Um setor no qual uma pessoa que usa tamanho 40 é considerada gorda? De jeito nenhum. Eu acabaria me suicidando.

— Algo me diz que você seria boa em qualquer coisa que tentasse — arriscou ele.

— Algo me diz que você está me bajulando um pouquinho, Toby.

Ele deu de ombros.

— Talvez, mas não demais. Você é bem boa, Bianca. Você fala de um jeito sincero, não parece temer ser você mesma, e é democrata. Para mim, isso torna você incrível.

Então eu corei. Alguém pode me julgar?

— Obrigada, Toby.

— Não há nada pelo que me agradecer.

Uau. Toby era perfeito ou o quê? Fofo, educado, engraçado… e ele gostava de mim, por alguma razão desconhecida. Era como se tivéssemos sido feitos um para o outro. Como se ele tivesse a peça do quebra-cabeça que se encaixava na minha. Será que eu poderia ser mais sortuda?

Uma brisa fria de março estava soprando, e comecei a me arrepender de ter deixado Casey e Jessica me vestirem. Elas nunca tinham sido sensíveis às estações quando o assunto era roupa. Minhas pernas nuas estavam congelando (elas não tinham me deixado usar meia-calça), e o tecido fino da minha blusa definitivamente não me protegia do vento. Tremi e cruzei os braços em torno de mim mesma em um esforço para me aquecer.

— Ah, tome — disse Toby. Ele tirou o blazer, bem como dizem que os

garotos deveriam fazer, e o segurou para que eu o vestisse. — Você deveria ter me dito que estava com frio.

— Estou bem.

— Não seja boba. — Ele me ajudou a vestir as mangas. — Honestamente, eu preferiria não namorar um picolé.

Namorar? Quero dizer, este era um encontro, mas estávamos *namorando* agora? Eu nunca tinha namorado ninguém, então não estava realmente certa. De qualquer forma, ouvi-lo dizer aquilo me deixou muito feliz… e estranhamente nervosa ao mesmo tempo.

Toby me virou de frente para ele e arrumou o blazer em volta de meu pescoço e dos meus ombros.

— Obrigada — murmurei.

Estávamos na frente de uma velha loja de antiguidades. Suas vitrines estavam iluminadas pelas luzes de luminárias extravagantes e antiquadas, como aquelas da sala do meu avô. O brilho se espalhava pelo rosto anguloso de Toby, fazendo a armação de seus óculos reluzir e destacando seus olhos amendoados… que estavam fixos em mim.

Seus dedos ainda estavam pousados na gola do blazer. Então sua mão deslizou do meu ombro para meu maxilar. Seu polegar passou pelo meu rosto, indo e vindo, vez após vez. Ele se inclinou em minha direção vagarosamente, me dando tempo suficiente para impedi-lo se eu quisesse. Sim, até parece! Como se eu sonhasse em fazer uma coisa dessas...

E ele me beijou. Não foi um beijo ousado, mas também não foi só um selinho. Foi um beijo de verdade. Gentil e doce e longo. O tipo de beijo que eu queria compartilhar com Toby Tucker desde que tinha quinze anos, e foi exatamente o que sempre imaginei que seria. Os lábios dele eram macios e quentes, e o jeito como eles se moveram contra os meus fez as borboletas na minha barriga esvoaçarem furiosas.

Certo. Eu sei, eu sei. Acho um pavor quando casais de namorados ficam se agarrando em público, mas *nossa*. Eu estava distraída demais para me importar com quem quer que estivesse nos observando. Então, sim, eu pus minhas convicções de lado por um segundo e joguei meus braços em volta do pescoço dele. Quero dizer, eu podia voltar para minha cruzada contra amassos em público

pela manhã.

Eu me esgueirei para dentro de casa às onze naquela noite e encontrei papai esperando por mim no sofá. Ele sorriu e colocou a TV no mudo.

— Ei, Abelhinha.

— Oi, papai. — Fechei e tranquei a porta da frente. — Como foi sua reunião do AA?

— Estranha — admitiu papai. — É estranho estar de volta… mas vou me acostumar. E você? Como foi seu encontro?

— Incrível. — Suspirei. Meu Deus, eu não conseguia parar de sorrir. Papai provavelmente ia pensar que eu tinha passado por uma lobotomia ou algo assim.

— Isso é bom — disse papai. — Me diga novamente, com quem foi que você saiu? Desculpe. Não consigo me lembrar do nome dele.

— Toby Tucker.

— Tucker? — repetiu papai. — Você está falando do filho de Chaz Tucker? Ah, isso é ótimo, Abelhinha. Chaz é um bom homem. Ele é o diretor de tecnologia de uma empresa no centro e sempre vem à loja. Família maravilhosa. Estou contente de saber que o filho dele é um garoto bacana também.

— Ele é — falei.

O som de passos veio do alto da escada, e nós dois olhamos para o teto.

— Ah… — Papai balançou a cabeça e olhou de volta para mim. — Eu quase me esqueci delas. Elas ficaram suspeitamente quietas a noite toda.

— Sim — falei. — Acho que eu deveria subir antes de Casey ter um aneurisma. Vejo você pela manhã, pai.

— Certo — respondeu meu pai. Ele alcançou o controle remoto e aumentou o volume da televisão. — Boa noite, Abelhinha.

Dancei até metade da escada antes de papai me chamar novamente.

— Ei, Abelhinha?

Parei e me inclinei contra o corrimão, olhando para baixo, para a sala de estar.

— Sim?

— O que foi que aconteceu com o Wesley?

Congelei, me sentindo engasgar um pouquinho.

— O… o quê?

— Seu amigo. Aquele que, hã… estava com você naquela noite.

Ele olhou para mim do sofá, arrumando seus óculos.

— Você não fala muito sobre ele.

— Não saímos mais juntos — falei, usando aquela voz que deixava claro que ele não devia fazer perguntas. Todas as adolescentes conhecem aquela voz e a usam com seus pais com frequência. Normalmente, a ordem não dita é acatada. Meu pai me amava, mas ele sabia que era melhor não analisar o drama da minha experiência do ensino médio.

Meu pai era esperto.

— Ah… eu só estava imaginando…

— Bianca! — A porta do meu quarto se abriu, e Jessica, vestida com um pijama laranja fluorescente, deu um pulo para fora. Ela correu até metade do caminho escada abaixo e me agarrou pelo braço. — Chega de nos fazer esperar! Venha nos contar tudo.

A excitação de Jessica quase tirou a menção de papai a Wesley da minha cabeça.

Quase.

— Boa noite, sr. Piper! — gritou Jessica enquanto me arrastava para meu quarto.

Depois de alguns degraus, meus pés retomaram a dança, e eu me lembrei que tinha acabado de ter o melhor encontro de todos, com o cara dos meus sonhos. Me senti contagiada pela alegria inebriante que as minhas melhores amigas expressaram assim que entrei no quarto. Dando gritinhos, pulando, me animando… Eu tinha o direito de me sentir feliz com aquilo. Mesmo nós, os cínicos, merecemos uma noite de folga de vez em quando, certo?

capítulo 22

Meu bom humor durou tanto tempo que chegou até a tarde de segunda-feira. Quer dizer, o que havia no mundo para me irritar? Nada. As coisas voltaram ao normal em casa. Minhas amigas não me arrastavam para o Nest fazia semanas. Ah, sim, e eu tinha acabado de ter um encontro com o garoto perfeito. Quem poderia reclamar?

— Acho que nunca vi você tão assim — observou Casey quando saíamos do estacionamento dos alunos. A voz dela estava cheia de disposição, um efeito colateral indesejável da prática de animação de torcidas, e ela pulava para cima e para baixo em seu banco. — É tão animador!

— Nossa, Casey, você me faz parecer uma suicida em potencial ou algo assim.

— Não é isso! — disse ela. — É só que você não está tão amarga ultimamente quanto costuma ser. É uma mudança boa.

— Eu não sou amarga.

— Você é. — Ela esticou o braço e deu um tapinha no meu joelho. — Mas tudo bem, B. É só uma parte da sua personalidade. Nós a aceitamos. Mas você *não está sendo* amarga nos últimos tempos, e isso é incrível. Não leve isso como um insulto.

— Que seja. — E dei um sorriso.

— Viu? — gritou Casey. — Você deu um sorrisinho. Você não consegue parar, né? Como eu disse, você está mais feliz do que jamais vi.

— Certo, talvez você esteja um pouco certa — admiti. Era meio que verdade. Eu tinha Casey e Jessica de volta. As coisas estavam normais com papai. Por que reclamar?

— Sempre estou. — Ela se inclinou para a frente e mudou o rádio para alguma porcaria de estação que tocava as Top 40.

— Então, o que há entre você e *Toby*? Algo que valha uma fofoca?

— Não realmente. Ele vai lá em casa hoje à tarde.

— Uuh! — Ela recostou no banco e piscou para mim. — Para mim, vale uma fofoca. Você comprou preservativos extragrandes, certo?

— Cala a boca — falei. — Não é esse tipo de coisa, e você sabe disso. Ele só vai passar lá em casa para trabalharmos em nossas redações dissertativas para a aula de organização política avançada. É…

Fui interrompida quando meu celular, que estava no porta-copos, começou a vibrar e tocar uma música alta. Meus dedos de imediato agarraram o volante. Sabia para quem eu programara aquele toque, e aqueles poucos tons foram suficientes para destruir minha tarde inteira.

— Britney Spears? Você tem *Womanizer* como toque do seu celular, sério? Meu Deus, B, essa música é tão 2008 — riu Casey.

Não respondi.

— Você não vai atender?

— Não.

— Por que não?

— Porque não quero falar com ele.

— Com quem?

Não respondi, então Casey apanhou meu celular e conferiu o identificador de chamadas. Ela deixou escapar um suspiro de quem entendeu tudo. Poucos segundos depois, a música parou de tocar, mas eu não consegui obrigar meu corpo a relaxar novamente. Eu estava tensa e ansiosa, e não ajudava saber que Casey tinha os olhos grudados em mim.

— Você não falou com ele?

— Não — murmurei.

— Desde o dia em que eu peguei você na casa dele?

— A-hã.

— Ah, B… — suspirou ela.

O carro ficou quieto — bem, exceto pelo som irritante de uma cantora pop pouco talentosa no rádio, mas ela estava muito ocupada reclamando de seu namorado traidor para se importar com meus problemas.

— O que você acha que ele quer? — perguntou Casey, quando a música acabou. Ela parecia um pouco amarga.

— Conhecendo Wesley… provavelmente está ligando porque está a fim de uns amassos — resmunguei. — Nunca é nada além disso.

— Bem, então foi bom que você não tenha atendido. — Ela devolveu meu

celular ao porta-copos e cruzou os braços sobre o peito. — Porque ele não merece você, B. E você está com Toby agora, e ele é perfeito e a trata da maneira como deveria ser tratada… ao contrário do babaca.

Parte de mim queria fazê-la parar. Queria defender Wesley. Ele não tinha de fato me tratado mal. Quer dizer, sim, ele tinha incessantemente me chamado de Duff, o que havia sido irritante e doloroso, mas, acima de tudo, Wesley tinha sido bom para mim.

Mas não contei isso a Casey. Não disse nada. Ela não sabia como havia sido aquela última noite com Wesley, como ele tinha sido meu amigo por mais ou menos doze horas seguidas. Ela não sabia sobre a recaída de meu pai ou a maneira como Wesley me apoiara. Aquelas eram coisas que eu nunca poderia lhe contar.

Ela estava irritada com Wesley apenas porque estava assustada. Assustada que eu corresse de volta para ele e esquecesse dela e de Jessica novamente. Defender Wesley não ajudaria a diminuir aquele temor.

Toby tinha passado de nerd para herói na mente de Casey em uma questão de dias, simplesmente porque não havia me tirado dela. Eu não ia passar todas as tardes com ele como passei com Wesley. Não queria, realmente. Algumas vezes aquilo me assustava, mas entendi que era normal. Era uma relação saudável e não escapista, ao contrário da que eu tive com Wesley. E, naquele momento, estava realmente feliz por passar algum tempo com minhas amigas.

Embiquei o carro na casa de Casey e apertei a trava automática da minha porta.

— Não se preocupe comigo. Você está certa. Toby é incrível e ele fez com que fosse mais fácil seguir em frente. Já segui em frente. As coisas estão indo bem pra mim, então não se preocupe.

— Certo — disse ela. — O.k. Bem, vejo você amanhã, B.

— Tchau.

Casey saiu do carro e eu fui embora, pensando por que tinha acabado de mentir para ela. Honestamente, não tinha certeza.

No caminho de casa, Wesley ligou de novo.

Eu o ignorei.

Porque as coisas estavam indo bem para mim.

Porque eu estava seguindo em frente.

Porque falar em um celular e dirigir ao mesmo tempo não é seguro.

Tirei Wesley da minha cabeça quando vi o carro de Toby estacionado na frente da minha casa. Papai ainda não havia chegado do trabalho, então Toby estava sentado nos degraus da varanda da frente com um livro. A armação dos óculos dele, refletindo o sol, parecia brilhar. Era como se Toby fosse um troféu.

Desci do carro e me apressei pelo caminho até ele.

— Ei! — chamei. — Foi mal. Precisei levar Casey em casa.

Ele olhou para mim com um sorriso.

Não um sorrisinho enviesado…

Precisei me dar uma sacudidela mental. Não ia pensar em Wesley. Não ia me permitir sentir falta dele. Não quando eu tinha Toby. O doce, o normal, o Toby do sorriso brilhante.

— Tudo bem — disse ele. — Estou aproveitando o tempo. É tão imprevisível na primavera... — Ele enfiou o marcador nas páginas do seu romance. — É bom tomar um pouquinho de sol.

— Brontë? — perguntei, vendo a capa do livro. — *O morro dos ventos uivantes*? Não é meio feminino, Toby?

— Você leu?

— Bem, não — admiti. — Li *Jane Eyre*, que definitivamente estava cheio das primeiras manifestações do feminismo. Não estou dizendo que é um problema. Eu mesma sou totalmente feminista, mas é um pouco incomum ver um menino lendo isso.

Toby balançou a cabeça.

— *Jane Eyre* é de Charlotte Brontë. *O morro dos ventos uivantes* é de Emily. As irmãs são muito, muito diferentes. Sim, *O morro dos ventos uivantes* é normalmente considerado uma história de amor, mas não concordo com isso. É quase uma história de suspense, e há mais ódio do que romance. Os personagens são cruéis, mimados e egoístas… É meio como assistir a um episódio de *Gossip Girl* no século XVIII. Exceto, é claro, que é bem menos ridículo.

— Interessante — murmurei, desapontada porque eu assistia secreta e regularmente a *Gossip Girl*.

— Não é um dos favoritos da maioria dos garotos da minha idade, acho —

disse ele. — Mas é um divisor de águas. Você devia lê-lo.

— Eu poderia.

— Você devia.

Sorri e balancei a cabeça.

— Você está pronto para entrar ou o quê?

— Com certeza. — Ele bateu o livro ao fechá-lo e ficou de pé.

— Você primeiro.

Destranquei a porta e deixei que Toby entrasse na minha frente, e ele imediatamente tirou os sapatos. Não que vivêssemos como porcos ou algo assim, mas *nunca* ninguém fez isso em nossa casa. Eu não pude deixar de ficar impressionada.

— Onde vamos trabalhar? — perguntou ele.

Percebi subitamente que eu o estava encarando e desviei o olhar.

— Ah — falei casualmente. — Hum… no meu quarto? Tudo bem? — *Meu Deus, espero que ele não pense que sou uma louca perseguidora por ficar olhando para ele dessa maneira.*

— Se não incomodar você — disse Toby.

— Não, tudo bem. Venha.

Ele me seguiu escada acima. Quando chegamos ao meu quarto, abri uma fresta da porta, conferindo rapidamente se havia itens embaraçosos (sutiãs, calcinhas etc.) jogados no chão. Claro que a barra estava limpa — e, rezando para que eu não tivesse sido muito óbvia, abri bem a porta e fiz um gesto para Toby entrar.

— Desculpe por estar um pouco bagunçado — falei, olhando para a pilha de roupas limpas mas não dobradas que sempre ficavam no chão, aos pés da minha cama, e tentando não pensar na última vez em que tive um garoto em meu quarto e em como ele tinha rido da minha arrumação neurótica de roupas.

O que Toby pensaria daquilo?

— Tudo bem. — Toby moveu uma pilha de livros vencidos da biblioteca da minha cadeira e a colocou sobre a mesa. Depois ele se sentou. — Temos dezessete anos. Supostamente nossos quartos devem ser bagunçados. Não seria natural se eles não fossem.

— Acho que não. — Subi na minha cama e me sentei com as pernas

cruzadas. — Só não queria que isso incomodasse você.

— Nada a seu respeito me incomoda, Bianca.

Usei todas as minhas forças para ignorar o quanto aquilo pareceu piegas.

Sorri, de qualquer forma, e baixei os olhos para o meu edredom roxo. Nunca tinha recebido tantos elogios de uma única pessoa e não era muito boa em aceitá-los. Em grande parte, porque eu sempre estive ocupada demais fazendo piada de como pareciam sentimentais. Mas eu estava trabalhando naquilo.

E, verdade seja dita, estava meio que enrubescida.

Eu nem mesmo percebi que Toby tinha se mexido até que ele se sentou ao meu lado.

— Desculpa — disse ele. — Eu deixei você envergonhada?

— Não… bem, sim, mas de um jeito bom.

— Contanto que seja de um jeito bom.

Ele se inclinou e me beijou no rosto, mas eu não deixei que ele parasse. Virei a cabeça e comprimi os lábios contra os dele, bem quando Toby começava a se afastar. Não foi tão suave quanto esperei. Quero dizer, os óculos dele meio que me nocautearam no rosto por um segundo, mas fingi que não tinha percebido.

Seus lábios eram tão macios que fiquei imaginando se ele usava brilho labial. Sério, ninguém tem lábios tão perfeitos naturalmente, certo? Ele deve ter ficado com nojo dos meus, que provavelmente lhe deram a sensação de estarem ásperos e escamosos.

Mas, se ele ficou com asco, não demonstrou. Sua mão acariciou meu braço e pousou em meu ombro, me puxando um pouquinho mais para perto. Ficamos sentados ali na minha cama e nos beijamos por alguns minutos, porém o som do meu celular interrompeu o momento. *Merda!*

E, é claro, era o mesmo toque da Britney Spears — o único que eu *não* queria ouvir naquele exato momento — que parecia gritar comigo. Toby se afastou e olhou para o chão, onde eu tinha deixado minha bolsa. Quando não me mexi, ele se virou para mim com as sobrancelhas erguidas.

— Ignorando alguém? — perguntou ele.

— Aham.

— Tem certeza de que não precisa atender?

— Tenho, sim.

Antes de ele perguntar mais alguma coisa, eu o beijei novamente. Com força dessa vez. E, embora tenha hesitado por um instante, ele correspondeu. Eu me atrapalhei para tirar seus óculos e os coloquei sobre a mesa de cabeceira ao lado da minha cama antes de nossos braços se entrelaçarem, e o beijo foi se aprofundando.

Eu o puxei sobre meus travesseiros. Não havia espaço suficiente para nós dois em minha cama de solteiro, então ele teve de deitar parcialmente sobre mim. Uma de suas mãos estava no meu cabelo, e a outra descansava perto do meu cotovelo.

Ele não estava tentando agarrar meu peito, não deslizou a mão por dentro da minha camiseta, tampouco tentou abrir meu jeans.

Na verdade, Toby não tentou *nada* arriscado. Tive a sensação de que eu ia precisar fazer todos os grandes lances, como abrir os botões da camisa dele, o que eu fiz.

Por um instante, me perguntei se ele estava hesitante por minha causa. Porque eu era uma Duff. Porque ele não me achava realmente atraente. A despeito de todos os elogios que me fez, não parecia que ele me queria. Não do jeito que Wesley quis.

Não. Eu sabia que aquilo não estava certo. Não era que Toby não quisesse as grandes coisas — ele era um adolescente, afinal de contas —, mas era um cavalheiro. Um garoto paciente e respeitoso que não queria extrapolar nenhum limite. E nós só estávamos namorando havia alguns dias.

Aquilo fazia de mim uma vadia? O fato de que nós só estávamos namorando há, tipo, quatro dias e eu já estava rolando com ele em minha cama minúscula? Será que meu caso com Wesley tinha distorcido totalmente minha percepção sobre o sexo?

Ou todas as garotas faziam assim?

Vikki tinha dormido com a maioria de seus namorados no primeiro encontro.

Mas a escola inteira achava que Vikki era uma vagabunda.

Casey tinha dormido com Zack só uma semana depois de eles terem começado a sair.

Casey tinha quinze anos na época, e Zack foi seu primeiro namorado de verdade. Ela foi ingênua e estúpida e não hesitou em admitir que aquilo tinha

sido um grande erro.

Entretanto eu sabia que não me sentiria daquele jeito com Toby. Quer dizer, era eu que estava forçando a barra. Eu *queria* ir adiante com ele. Porque gostava dele. Porque ele era fofo e doce. Porque não tinha vergonha de namorar comigo. Não podia pensar em uma única boa razão para *não* dormir com ele.

Pelo amor de Deus, eu só queria parar de pensar. Eu o beijei com mais força, puxei-o para mais perto, tentando recriar aquela sensação de entorpecimento da mente que tivera antes… com Wesley. Mas não estava funcionando. Eu não conseguia parar de pensar.

Abri o resto dos botões da camisa de Toby e o ajudei a jogá-la no chão. Ele era meio magricela, com poucos músculos — Casey o teria chamado de "magrelo chique" ou algo assim. Hesitante, suas mãos começaram a levantar a bainha da minha camiseta. Ele se moveu lentamente, caso eu quisesse pará-lo. Da mesma maneira que me beijou, sempre preocupado que pudesse ter ultrapassado algum limite. Eu enganchei minha perna em volta de sua cintura e colei meu corpo ao dele. Sem limites. Talvez não houvesse limites. Talvez eu nunca tenha tido limites pra começo de conversa.

Só Deus sabe quanto tempo ficamos nos pegando na minha cama, as peças de roupa sendo tiradas bem devagarinho. Eu já estava sem fôlego quando Toby ousou tirar minha camiseta pela cabeça e a jogou no tapete. Enquanto uma parte de mim apreciava sua paciência, eu não podia deixar de pensar: *Demorou demais.*

Eu podia sentir a mão dele subindo — a passo de tartaruga — na direção do fecho do meu sutiã. Nesse ritmo, seria meia-noite antes que o tirasse, e por alguma razão me senti aflita e ansiosa. Eu queria que ele o tirasse. Queria me sentir atraente e desejada. Queria parar de *pensar.* Então eu o empurrei para longe e me sentei, as minhas pernas ainda em volta dele. Nós dois estávamos ofegantes, olhando um para o outro.

— Você tem certeza disso? — sussurrou Toby.

— Muita.

Estiquei o braço para trás para abrir o fecho, mas, bem quando meus dedos alcançaram o gancho, houve uma batida na porta do meu quarto.

— Bianca?

Toby e eu pulamos de susto. Nossos pescoços se viraram bem quando a porta se abriu.

Wesley Rush olhava fixamente para nós, congelado no limiar da porta.

capítulo 23

— Ah, meu Deus! — murmurei enquanto Toby e eu fazíamos um esforço frenético para nos recompor. Ele pulou para fora da minha cama e apanhou a camisa no chão, o rosto brilhando de tão vermelho. Estiquei o braço e peguei minha camiseta. — Wesley, como você entrou aqui? — exigi saber.

— A porta estava destrancada — disse ele. — Você não atendeu quando eu bati… e agora sei por quê. — Os olhos escuros dele estavam enormes, com o que eu só podia adivinhar ser o choque transformando-se com rapidez em nojo, e ele olhou diretamente para Toby.

Por que ele estava chocado?

Por que ele não pensava que algum outro cara ficaria com uma Duff?

— Mas *o que* você está fazendo aqui? — perguntei, sentindo uma aceleração súbita de raiva surgir dentro das minhas veias. Enfiei minha camiseta pela cabeça e fiquei de pé.

— Você não atendia o telefone — murmurou Wesley. — Estava preocupado, mas parece que você está bem. — Ele olhou com raiva para Toby por um momento antes de olhar de volta para mim. — Estava errado.

Agora era ele quem parecia bravo.

Bravo e *ferido.*

Eu não entendia.

Olhei para Toby. Ele tinha vestido e abotoado a camisa e olhava de um jeito estranho para os pés.

— Ei — falei. Toby ergueu os olhos para mim. — Já volto, tá?

Ele concordou.

Empurrei Wesley para o corredor com uma das mãos e fechei a porta do meu quarto com a outra.

— *Meu Deus, Wesley* — sibilei irritada enquanto o empurrava escada abaixo. — Eu sempre soube que você era um pervertido, mas me espiar? Isso é um novo nível assustador.

Deduzi que ele tinha algo a dizer a respeito daquilo. Algo arrogante e convencido. Ou talvez só me provocasse, do jeito que sempre fez. Mas Wesley

apenas me encarou, uma expressão séria no rosto. De maneira nenhuma o que eu esperaria de Wesley.

Silêncio.

— Então… — disse ele por fim. — Você e Tucker estão juntos agora?

— Sim — respondi, constrangida. — Estamos.

— Quando começou?

— Na semana passada… Não que seja da sua conta. — Outro soco. Outra tentativa de deixar a conversa normal.

Mas ele não mordeu a isca.

— Certo. Desculpa. — Ele soava bem estranho.

Tão diferente do Wesley descolado e confiante a que estava acostumada...

Outro silêncio desconfortável.

— Por que você está aqui, Wesley?

— Já disse — falou ele. — Fiquei preocupado. Você me evitou na última semana na escola e, quando liguei hoje, você não me atendeu. Pensei que podia ter acontecido alguma coisa com seu pai. Então vim até aqui pra ter certeza de que você estava bem.

Mordi o lábio inferior, uma onda de culpa me afogando.

— Isso é muito gentil — murmurei. — Mas estou bem. Papai pediu desculpas pela outra noite e está frequentando as reuniões do AA agora, então…

— Então você não ia me contar?

— Por que deveria?

— Porque eu me importo! — gritou Wesley. As palavras dele me atingiram, deixando-me paralisada por um segundo. — Fiquei preocupado com você desde que saiu da minha casa há uma semana! Você nem mesmo disse por que foi embora, Bianca. O que eu deveria fazer? Apenas deduzir que você estava bem?

— *Deus* — sussurrei. — Sinto muito. Eu não…

— Eu aqui, preocupado com você, e você transando com aquele moleque pretensioso…!

— Ei! — gritei. — Não coloque Toby nesta história.

— Por que você tem me evitado? — perguntou Wesley.

— Não tenho evitado você.

— Não minta — disse Wesley. — Você tem feito tudo o que pode pra ficar

longe de mim. Nem mesmo me olha na sala de aula, e praticamente corre se me vê chegando. Mesmo quando me odiava, você não agia assim. Você podia ameaçar me esfaquear, mas *nunca*…

— Eu ainda odeio você! — rosnei para ele. — Você é irritante! Age como se eu devesse algo a você. Sinto muito se o deixei preocupado, Wesley, mas não posso mais ficar perto de você. Você me ajudou a fugir dos meus problemas por um tempo, e reconheço isso, mas preciso encarar a realidade. Não posso ficar fugindo.

— Mas é exatamente isso que você está fazendo agora — sibilou Wesley. — Você está fugindo.

— Quê?

— Não finja, Bianca — disse ele. — Você é mais esperta do que isso, e eu também. Finalmente entendi o que você quis dizer quando saiu. Você disse que era como Hester. Entendo agora. A primeira vez que você veio à minha casa, fizemos aquele trabalho e você disse que Hester estava tentando fugir. Mas a realidade encontrou Hester no final, não foi? Bem, alguma coisa por fim a encontrou, mas você simplesmente está fugindo de novo. Só que ele — Wesley apontou para a porta do meu quarto — é a sua fuga dessa vez. — Ele deu um passo em minha direção, me forçando a inclinar o pescoço ainda mais para ver seu rosto. — Admita, Duff.

— Admitir o quê?

— Que você está fugindo de *mim!* — exclamou ele. — Você percebeu que está apaixonada por mim e fugiu porque isso te assustou até a morte.

Eu ri como se aquilo fosse ridículo — *desejando* que fosse ridículo — e revirei os olhos, dando um passo para trás para mostrar que ele não podia me intimidar e que ele não estava certo.

— Ai, meu Deus. Não seja tão convencido. Você é tão dramático, Wesley! Não estamos em uma maldita novela.

— Você sabe que é verdade.

— Mesmo que seja — gritei —, o que importa? Você pode dormir com qualquer uma, Wesley. E daí se eu for embora? E daí se eu tiver algum sentimento por você? Fui só mais uma pra você! Você nunca se comprometeria comigo. Você nunca poderia se comprometer com *ninguém*, especialmente com

uma Duff. Você nem mesmo me acha atraente.

— Mentira! — rosnou ele, os olhos no meu rosto enquanto se aproximava novamente de mim.

Ele estava bem perto. Minhas costas estavam pressionadas contra a parede, e Wesley estava a centímetros de distância. Só tinha se passado uma semana, mas parecia que fazia eras que tínhamos estado tão próximos daquele jeito. Um arrepio percorreu minha coluna quando me lembrei da sensação de suas mãos em mim. Da maneira como ele sempre tinha feito eu me sentir desejada, mesmo me chamando de Duff. Como ele fazia isso? Será que me achava atraente apesar do apelido? Como? Por quê?

— Então por que você me chamaria assim? — sussurrei. — Você sabe quanto isso machuca? Todas as vezes que me chama de Duff, você sabe como faz eu me sentir um lixo?

Wesley pareceu surpreso.

— O quê?

— Todas as vezes que você me chama assim — falei —, você me diz como tem pouca consideração por mim. Como sou feia. Meu Deus, como você pode me achar atraente quando me coloca pra baixo *o tempo todo*? — Sibilei as últimas palavras por entre os dentes cerrados.

— Eu não… — Wesley baixou os olhos por um momento. Eu poderia jurar que ele se sentia culpado. — Bianca, eu sinto muito. — Ele olhou nos meus olhos de novo. — Eu não queria… — Ele esticou as mãos para me tocar.

— Não! — explodi, me encolhendo para longe dele. Deslizei para o lado e me afastei da parede. Não ia ser encurralada. Não ia permitir que ele tivesse o poder agora. — Apenas pare com isso, Wesley.

Não importava se alguma parte dele me achava atraente. Aquilo não mudava as coisas. Eu era só outra garota com quem ele dormira. Uma entre muitas.

— Eu não signifiquei nada pra você — falei.

— Então por que estou aqui? — ele exigiu saber, virando-se para me encarar novamente. — Por que diabos estou aqui, Bianca?

Olhei com intensidade para seu rosto sério.

— Vou te dizer o motivo. Seus pais te deixaram por sua conta, então você sente que precisa preencher sua vida com coisas sem sentido. Com garotas com

quem você nunca terá algo sério, garotas que praticamente idolatram você para que elas nunca o abandonem. A única razão pela qual você está aqui é porque não pode suportar a ideia de que alguém o largou. Seu ego sensível não pode lidar com isso, e é mais fácil sentir minha falta do que fazer seus pais virem para casa.

Ele ficou mudo, apenas me olhando com a mandíbula visivelmente travada por alguns segundos.

— Acertei na mosca, Wesley? — perguntei. — Entendo você tão bem quanto você pensa que me entende?

Ele me olhou por alguns minutos — *longos* minutos — antes de se afastar.

— O.k. — murmurou ele. — Se é assim que você quer, vou embora.

— Sim — falei. — Você deve ir.

Ele se virou e saiu intempestivamente da minha casa. Ouvi a porta da frente bater e soube que ele tinha ido embora. Para sempre. Inspirei profunda e vagarosamente algumas vezes para desanuviar a mente e voltei para o quarto, onde Toby esperava por mim.

— Ei. — Eu suspirei, sentando-me na cama ao lado dele. — Sinto muito por tudo isso.

— O que houve? — perguntou ele. — Eu não estava ouvindo, mas escutei muitos gritos. Você está bem?

— Estou bem — falei. — É uma história longa e complicada.

— Bem, se algum dia você quiser falar sobre ela — Toby ajeitou os óculos e me deu um sorriso nervoso —, tenho tempo para ouvir.

— Obrigada — respondi. — Mas eu estou bem. Todo mundo tem esqueletos no armário, certo? — *Bem, todo mundo menos você, Toby.*

— Certo — concordou ele. Ele se inclinou e me beijou gentilmente.

— E eu sinto muito pela interrupção.

— Eu também.

Ele apertou os lábios contra os meus novamente, mas não pude aproveitar a sensação. Só fiquei pensando em Wesley. Ele parecia bem magoado. Mas era isso que eu queria quando o deixei, só um pouquinho, não era? Que ele sentisse minha falta? Tentei abafar aquele sentimento, querendo muito me perder nos braços de Toby. Mas não pude.

Não da maneira que eu fora capaz de me perder com Wesley.

Eu me afastei, enojada de mim mesma. Como pude pensar em Wesley enquanto beijava um cara como Toby Tucker? Qual era o meu problema?

— Há algo errado? — perguntou Toby.

— Não é nada — menti. — Só que… talvez a gente devesse começar a fazer a pesquisa para nossas redações.

— Você está certa. — Ele não parecia irritado ou ofendido, nem rejeitado de maneira alguma. Modos perfeitos. Um sorriso perfeito. O garoto perfeito.

Então por que eu não estava *perfeitamente* feliz?

capítulo 24

Wesley ocupou meus pensamentos nos dias seguintes, o que me deixou realmente irritada — muito mais irritada do que de costume para falar a verdade.

Não queria pensar nele. Queria pensar em Toby, que era, claro, muito mais do que eu merecia. Ele poderia me acusar de andar mal-humorada, mas em vez de me chatear com isso, Toby apenas apertava minha mão, beijava meu rosto e me dava um doce esperando que isso me fizesse sorrir de novo. Como podia pensar em outro cara — um galinha, irritante e egoísta —, quando um cara maravilhoso estava bem diante de mim? Talvez alguém precisasse me dar um tapa ou me submeter a um tratamento de choque, como fazem com as pessoas loucas nos filmes. Isso talvez colocasse minha cabeça de volta no lugar.

Mas Wesley parecia estar em todas as partes. Estava sempre entrando em seu carro quando eu saía para o estacionamento dos alunos ou parado a alguns centímetros de mim na fila do almoço. Tem ideia do quanto é difícil esquecer que alguém existe quando ele fica à vista o tempo inteiro?

É incrivelmente difícil. Por um segundo, realmente pensei que ele fazia isso de propósito, tipo me perseguindo ou algo assim, contudo mudei de ideia quando notei que Wesley nem mesmo olhava para mim. Como se estivesse muito bravo para tomar conhecimento da minha existência.

Não ter seus olhos estranhos sobre mim devia ser um alívio, mas não era o que eu sentia. Aquilo me magoava.

Todas as vezes que via Wesley, era soterrada por uma enxurrada de emoções. Raiva, tristeza, dor, irritação, arrependimento, desejo e, o pior de tudo, culpa. Eu sabia que não devia ter dito aquelas coisas sobre seu problema com compromissos — mesmo sendo totalmente verdade. E, apesar da minha vontade de lhe pedir desculpas, mantive a boca fechada. Honestamente, preferiria lidar com o fato de eu ser uma pessoa terrível a ter outra conversa desconfortável com ele.

Entretanto, eu não consegui evitar a conversa com a irmã dele.

Estava na biblioteca uma manhã, tentando encontrar um livro que não falasse de vampiros românticos ou de crianças voando em dragões, quando Amy deu de

cara comigo. Juro, ela se aproximou de forma tão silenciosa que nem tive chance de correr. Em um instante eu estava sozinha, no outro ela estava bem ali, do meu lado. Caí em uma emboscada.

— Bi… Bianca — gaguejou. Ela estava torcendo as mãos e olhando para o chão, como se falar comigo fosse realmente matá-la.

— Ah, hum, ei, Amy. — Enfiei o livro que estava na minha mão de volta na estante. — Como vai? — Mantive meu rosto desviado do dela, fingindo ainda estar verificando os títulos dos livros à minha frente.

Não queria olhar para ela. Primeiro, porque Amy se parecia muito com o irmão e eu estava tentando — e falhando miseravelmente — esquecê-lo. Por outro lado, não conseguiria encará-la nos olhos quando ela viesse para cima de mim, o que eu sabia que ela estava prestes a fazer. E eu não a culparia por isso.

Bem, certo, eu não conseguia realmente imaginar a pequena e tímida Amy *partindo para cima* de qualquer coisa, mas ainda assim…

— Eu, hã… tenho uma coisa pra lhe dizer — explicou ela, tentando parecer determinada.

Ou, talvez, Amy estivesse chateada comigo por eu facilitar o "estilo de vida" de Wesley. Talvez ela quisesse me culpar pelo distanciamento entre eles.

Se esse fosse o caso, eu iria defendê-lo. Dizer a ela que sua avó estava deturpando as coisas sobre Wesley. Que ele não era um cara mau — e definitivamente não era um irmão ruim. Mas eu sabia que não devia me envolver. Não era assunto meu consertar os problemas familiares dele. Ele nem fazia mais parte da minha vida.

— Certo. Vá em frente.

Lá vai, pensei. *Seja o que for que ela disser, não chore.*

— Eu… eu quero… — Ela respirou fundo. — Te agradecer.

— Hein? — Virei o rosto para encará-la. Com certeza não ouvira direito. De modo algum.

— Te agradecer — repetiu ela. — Por Wesley. Ele… ele está bem diferente, e sei que é por sua causa. Eu… eu gostei disso, então agradeço.

Antes que eu pudesse pedir mais explicações — dadas bem devagar para que eu conseguisse entender —, Amy deu meia-volta e saiu correndo, com seus cachos castanhos batendo às costas.

Fiquei ali parada, no meio da biblioteca, totalmente confusa.

E foi pior no dia seguinte.

Quando Wesley entrou no corredor, depois do almoço, eu estava pegando cadernos no meu armário, e aquilo realmente não me surpreendeu. Como disse, Wesley estava *em todos os lugares.* Vikki estava com ele, agarrada ao seu braço e jogando o cabelo como uma garota em um comercial de xampu. Ela ria, mas eu poderia apostar que, fosse lá o que Wesley tivesse dito, não era divertido. Ela apenas queria inflar o seu ego… como se precisasse ficar ainda maior.

— Por aqui — disse ela, rindo e puxando-o para um lugar a centímetros de mim. — Quero falar com você.

Falar? Pensei. *É, não mesmo.*

Juro, não tentei ouvir. Sabia que ouvi-los flertando me deixaria louca da vida, mas a voz esganiçada de Vikki ecoava e eles estavam realmente bem próximos de mim, e sim, uma parte masoquista minha não pôde se conter. Comecei a arrumar os livros no fundo do meu armário, tentando fazer bastante barulho para não ouvir a conversa deles.

— Quais são seus planos para o baile? — perguntou Vikki.

— Não tenho nada planejado — respondeu Wesley.

Mexi nos meus papéis fazendo bastante barulho, na esperança de que, mesmo não conseguindo abafar as suas palavras, eles pudessem me notar ali e fossem se pegar em outro lugar. Quer dizer, eles ainda não estavam se pegando, mas eu conhecia os dois bem o bastante para saber que não demoraria muito para isso acontecer.

— Bem — disse Vikki, também não me ouvindo ou apenas não dando a mínima para minha presença —, pensei que poderíamos ir juntos. — Nem precisei olhar para saber que ela estava passando suas unhas longas e pintadas pelo braço de Wesley. Vikki usava as mesmas estratégias com todos os meninos. — Pensei que, depois do baile, poderíamos passar algum tempinho a sós… na sua casa, talvez?

Tive uma vontade enorme de vomitar. Peguei meus livros, bati a porta do armário e me preparei para fugir para minha próxima aula antes de ter que ouvir Wesley responder “sim”. *Vamos nos pegar!*, pensei com amargura. *DSTs por todos os lados! Que se dane tudo.* Mas ele respondeu antes que eu conseguisse

até mesmo dar o primeiro passo.

— Acho que não, Vikki.

Fiquei petrificada, sem conseguir me mexer.

O quê? *O quê?* Volte o tempo por um segundo, por favor. Wesley realmente dispensou uma garota? Que estava louca para transar com ele? Eu só poderia estar sonhando.

Vikki parecia passar por uma reação parecida com a minha.

— O quê? O que você quer dizer?

— Apenas que não estou interessado — respondeu Wesley. — Mas tenho certeza de que você tem uma lista enorme de outros caras que adorariam ir com você. Desculpa.

— Ah… — Vikki deu um passo para trás, parecendo dolorosamente surpresa. — Ahn, tudo bem. Sem problemas. Só pensei em perguntar. — Ela hesitou por um segundo. — Acho que te vejo mais tarde, certo? Preciso ir pra aula. Tchau. — E ela seguiu pelo corredor, obviamente confusa.

Vikki não era a única a se sentir assim.

Era essa a diferença da qual Amy estava falando? Wesley estava, repentinamente, inclinado a ser menos galinha? E se a resposta fosse positiva, como isso poderia ser por minha causa?

Observei enquanto Wesley se afastava do armário. Então, pela primeira vez em dias, ele olhou para mim. Seus olhos se prenderam nos meus. Um sorriso fraco se formou nos cantos de sua boca, mas a expressão em seus olhos era indecifrável. Apesar disso, eu podia dizer que ele não estava com raiva. Constatar isso me fez sentir mais relaxada no mesmo instante.

Saber que ele não estava furioso comigo diminuiu um pouco a culpa… porém não a fez desaparecer por completo. Eu ainda tinha dito algumas coisas horríveis a ele e, naquele segundo, enquanto o encarava, pensei em dizer algo, pedir desculpas. Pensei nisso, mas não disse nada.

Wesley deu um passo em minha direção, e de repente lembrei de quem eu era — de quem *ele* era. Mesmo que a rejeição de Vikki por Wesley fosse sem dúvida surpreendente, não mudava o fato de que eu não tinha nenhuma chance com ele, de que ele nunca iria querer um relacionamento de verdade, especialmente comigo. Eu também estava namorando Toby. E, além disso tudo,

sabia que falar com Wesley apenas deixaria minha vida, que começava a melhorar, complicada de novo. Eu não me castigaria dessa forma.

Então me virei e comecei a correr pelo corredor, fingindo que não o tinha ouvido me chamar.

Diminuí o passo quando virei para outro corredor e vi Toby (meu namorado? Não sei bem como isso funcionava) esperando por mim junto à velha máquina de lanche quebrada. Ele sorriu e ajeitou os óculos, e eu sabia que ele estava realmente feliz em me ver. Sentia o mesmo ao vê-lo? Sim. Claro que fiquei feliz em ver Toby, mas meu sorriso pareceu artificial.

Toby me abraçou quando me aproximei.

— Ei.

— Oi — sussurrei.

Ele se inclinou e me beijou antes de perguntar:

— Tudo bem se eu levar você até sua sala de aula?

Olhei por cima do ombro, para o corredor vazio.

— Claro — murmurei, olhando para a frente de novo. Encostei minha cabeça no ombro dele. — Isso parece… perfeito.

Alguns dias depois, encontrei Jessica esperando por mim do lado de fora da sala de cálculo, onde eu tinha acabado de ter a terceira aula.

— Podemos conversar a caminho da aula de inglês? — perguntou ela, sem sua animação de costume ou sua jogada de cabelo. Eu sabia que alguma coisa estava errada pelo modo como ela mordia o lábio inferior.

— Claro — respondi, colocando meus livros sob o braço direito. Ver minha amiga eternamente alegre parecer tão solene me deixou desconfortável. — Tem alguma coisa errada?

— Mais ou menos… não de verdade.

Seguimos juntas pelos corredores, tentando não pisar em muitos pés. Esperei que Jessica falasse, minha curiosidade e minha ansiedade indo às alturas. Eu realmente queria dizer: “Fala logo! Desembucha!”. Mas, por sorte, ela começou a falar antes que minha lendária paciência sumisse de vez.

— É sobre você e Toby. Eu só não acho certo vocês estarem juntos. — Ela disse isso tão rápido que não tive certeza de tê-la ouvido da primeira vez. —

Desculpa, Bianca — gemeu ela. — Não é da minha conta, mas não vejo química entre vocês, entende? E Casey discorda totalmente de mim. Ela diz que você fica melhor com Toby, e ela pode ter razão… não sei. Você não parece você mesma quando está com ele. Por favor, não fique brava comigo.

Balancei a cabeça, tentando lutar contra minha repentina vontade de rir. Era isso? Era isso que a preocupava? Eu tinha mesmo pensado que alguém estava morrendo ou, pelo menos, que a mãe a tivesse proibido, de novo, de ir a um baile. Em vez disso, ela estava preocupada *comigo.*

— Jessica, não estou brava com você de modo algum.

— Ufa, que bom. — Ela deu um suspiro de alívio. — Eu estava realmente com medo de que você ficasse irritada comigo.

Caramba. Eu era *tão* perversa assim? Tão horrível que uma das minhas melhores amigas tinha medo de dar sua opinião, porque eu poderia ficar com raiva ou coisa do tipo? Nossa, isso fez eu me sentir um horror de pessoa.

— Não é que eu não goste de Toby — continuou Jessica. — Eu gosto. Ele é doce e legal com você, e sei que você precisa disso depois… depois do que houve com meu irmão.

Meu coração pode realmente ter parado de bater por um segundo. Fiquei ali, estática, plantada no lugar, e depois de uma pausa atordoada olhei para Jessica.

— Como você…? — consegui sussurrar.

— Jake me contou — respondeu ela. — Eu estava conversando com ele sobre meus amigos, quando seu nome surgiu e ele me contou sobre o que aconteceu há alguns anos. Ele se sente muito mal por isso, agora, e quis que eu me desculpasse com você por ele, mas eu não queria falar disso. Sinto muito, Bianca. Deve ter sido bem difícil pra você ser minha amiga depois do que Jake fez.

— Não é culpa sua.

— Eu não acredito que você não disse nada. Isso deve ter passado pela sua cabeça quando Jake veio nos visitar. Por que não me contou?

— Não queria que você tivesse menos consideração pelo seu irmão — respondi. — Sei que você gosta muito dele e não quis estragar isso.

Jessica não disse nada. Ela deu um passo à frente e me abraçou, puxando-me para junto dela tanto quanto seria humanamente possível.

Foi um pouco desconfortável a princípio, especialmente considerando o fato de que os seios gigantes de Jessica estavam praticamente me sufocando, mas eu, aos poucos, cedi ao seu abraço. Meus braços a puxaram pela cintura, correspondendo ao gesto. Saber que eu tinha alguém que me apoiava assim, sem pedir nada em troca, fez com que eu me sentisse a pessoa mais sortuda do mundo.

— Eu amo você, Bianca.

— Hã... o que foi isso?

Jessica me soltou e se afastou.

— Eu amo você — disse ela. — Você e Casey. As duas. Vocês são as melhores amigas que eu poderia ter, e não sei onde estaria se vocês não tivessem aparecido no primeiro ano. Provavelmente ainda estaria deixando aquelas meninas horríveis passar por cima de mim. — Ela baixou os olhos. — Vocês duas sempre tentaram me proteger, por exemplo, não me contando que meu irmão é um canalha. E eu quero fazer a mesma coisa por você.

— Jessica, isso é muito gentil da sua parte.

— Foi por isso que quis falar com você — explicou ela. — Sei que Toby é legal e gosta de você, mas não acho que vocês combinem, entende? Estou feliz por você passar um tempo comigo e com a Casey de novo e acho legal ele sair conosco algumas vezes, mas eu me importo com a sua felicidade. Você pode parecer feliz, mas não acho que esteja. — Jessica respirou fundo e puxou a bainha de sua saia florida. — Eu não queria tocar nesse assunto… Ouvi alguns boatos sobre Wesley nos últimos dias.

Mordi o lábio.

— Ah…

— Ele não tem dado em cima de ninguém ultimamente — continuou ela. — Não vi Wesley com nenhuma garota e pensei… — ela me encarou com aqueles olhos cor de chocolate arregalados —, pensei que você pudesse querer saber disso, quer dizer, sei que você sente alguma coisa por ele e…

Balancei a cabeça.

— Não — falei —, não é tão simples assim.

Jessica assentiu.

— Certo — disse ela. — Só achei que devia dizer a você o que eu penso.

Desculpa.

Suspirei, sorri e a peguei pela mão, puxando-a para a sala de inglês.

— Tudo bem. Gostei de saber que você está preocupada comigo. Mesmo, de verdade. E você pode estar certa… sobre mim e o Toby, enfim. Mas é apenas o ensino médio. Estamos só namorando. Não estou procurando um marido nem nada assim. Não acho que você precise se preocupar comigo. Estou bem.

— Casey diz que você geralmente está mentindo quando diz isso — disse Jessica.

— Ela diz isso, é?

Soltei a mão dela e entramos na sala de inglês. Eu estava determinada a não responder sua acusação. E na verdade foi muito fácil. Eu consegui fingir distração — bem, e nem era tão fingida assim — quando notei um pedaço de papel dobrado em cima da minha carteira. Sentei e peguei o papel, pensando que era de Casey. Quem mais me escreveria um bilhete?

Mas Casey sempre desenhava uma carinha feliz sobre o *i* do meu nome, e a letra do lado de fora do papel era pequena, cursiva e sem desenho.

Confusa, desdobrei o papel e li a única frase que estava escrita na parte de cima.

Wesley Rush não tenta conquistar garotas, mas eu estou tentando conquistar você.

capítulo 25

Houve uma época em que pensei que ser uma Duff significava que eu não teria problemas com garotos. Obviamente, eu estava errada. Como isso aconteceu? Como eu, a garota feia, acabei no meio de um triângulo amoroso? Eu não era nada romântica. Nem mesmo queria namorar. Mas lá estava eu, dividida entre dois caras atraentes com quem, no mundo real, não teria sequer a menor chance. (Acredite em mim, não é tão encantador quanto parece.)

De um lado, Toby. Esperto, fofo, engraçado, educado, sensível e prático. Toby era perfeito de todas as maneiras possíveis. Quer dizer, ele era meio bobo, mas era isso que o tornava tão adorável. Eu gostava de estar com ele, e ele sempre me colocava em primeiro lugar. Toby me respeitava e parecia nunca perder a paciência. Não havia nada para reclamar a respeito de Toby Tucker. Do outro lado, havia Wesley. Um idiota. Um imbecil. Um garoto rico, arrogante e galinha, que colocava o sexo antes de qualquer outra coisa. Claro, ele era incrivelmente gato, mas me dava nos nervos de todas as formas possíveis. Wesley era muito, muito charmoso, e seu sorrisinho cínico e fofo podia realmente me tirar dos eixos. Ele tinha um jeito de fazer meu coração acelerar e minha cabeça girar. Eu não tinha medo de ser grossa ou cruel perto dele. E odiava admitir, mas Wesley me entendia. Eu me sentia eu mesma quando estava com ele, enquanto sempre tentava esconder minhas neuroses quando estava perto de Toby.

Meu Deus, a vida era tão mais fácil quando ninguém prestava atenção em mim.

O bilhete de Wesley pesava meia tonelada em minha mochila enquanto me dirigia ao estacionamento dos alunos naquela tarde. Dizer que eu estava confusa seria um eufemismo gigantesco. Quero dizer, aquela única frase me deixou com um milhão de perguntas diferentes na cabeça, mas havia uma em particular:

Por que será que Wesley me quer?

Sério. O cara tinha dúzias de garotas que morreriam para ficar com ele. Por que eu? Não tinha sido ele a me chamar de Duff pela primeira vez? Que droga era aquela?

E, quando cheguei em casa, a coisa toda só piorou.

Por sugestão de Toby, eu tinha começado a ler *O morro dos ventos uivantes* no meu tempo livre. Honestamente, os personagens principais me irritavam tanto que estava difícil avançar na leitura. Estava considerando deixá-lo de lado naquele dia, mas um trecho de diálogo chamou minha atenção.

> *Meu amor por Linton é como a folhagem dos bosques. O tempo vai mudá-lo, tenho plena certeza, como o inverno muda as árvores, meu amor por Heathcliff se assemelha às rochas eternas do solo — uma fonte de pouco deleite, visível mas necessária.*

Pode parecer estúpido, mas aquelas poucas linhas realmente entraram em minha cabeça como uma música que você odeia mas não consegue parar de cantar. Tentei continuar a ler, porém as palavras flutuavam sem cessar em meu cérebro. Virei a página e reli o trecho de novo e de novo. Estava tentando entender o motivo de aquelas palavras me incomodarem tanto quando fui interrompida pelo som da campainha.

— Graças a Deus — murmurei, aliviada de ter uma razão para fechar o livro. Pulei da cama e corri escada abaixo. — Estou indo! — gritei. — Só um segundo!

Abri a porta da frente esperando encontrar Toby, que avisara que ia passar na minha casa. Mas o homem na varanda era um ruivo gorducho na casa dos cinquenta. Definitivamente, não era meu namorado. Ele usava um uniforme verde surrado e um chapéu que não servia direito. O nome na etiqueta de seu casaco dizia *JIMMY*. Ele segurava um buquê de flores na mão direita e tinha uma prancheta embaixo do braço.

— Srta. Bianca Piper? — perguntou.

— Hum… sim.

Seus olhos estrábicos se iluminaram em um sorriso.

— Assine aqui, por favor — disse ele, entregando-me a prancheta e uma caneta. — Parabéns.

— Ahn… obrigada — falei, devolvendo-lhe a prancheta.

Ele me entregou o buquê, e eu vi que era feito de rosas vermelhas *de verdade*, e me entregou um envelope branco que tirou de seu bolso de trás.

— Isto é para você também — disse ele. — Você é uma garota de sorte. Não é sempre que faço uma entrega como esta para alguém da sua idade. — Ele sorriu. — Amor de juventude.

Amor de juventude? Meu Deus, precisei lutar contra a vontade de corrigi-lo. Queria fazer um longo discurso para explicar que os adolescentes não se apaixonam. Mas ele ainda estava falando.

— Seu namorado realmente deve ser um cara e tanto. Poucos garotos são tão atenciosos nessa idade.

Dei uma olhada nas rosas e disse:

— Você provavelmente está certo.

Será que Toby ainda estava tentando me animar? Nossa, ele era tão legal! Que horror que eu não merecesse a delicadeza dele.

Depois de agradecer ao entregador, fechei a porta. Eu me sentia culpada por achar que minha situação era um triângulo amoroso. Éramos somente Toby e eu; Wesley deslizava pelos cantos, bem longe de nós… ou era assim que deveria ser. Era assim que Toby merecia que fosse.

Coloquei o buquê sobre a mesa da cozinha e abri o envelope esperando encontrar uma carta idiota, mas com as palavras perfeitas do meu namorado sem defeitos. Era o tipo de coisa sobre a qual eu normalmente faria piada, porém dessa vez ia dar uma folga a Toby. Ele realmente tinha talento com as palavras. Uma qualidade que seria útil quando se tornasse um político famoso.

Mas a caligrafia na carta era a mesma do bilhete que estava na minha mochila. E havia muito mais para absorver.

Bianca,

Já que você continua fugindo de mim na escola e, se eu me lembro bem, o som da minha voz lhe provoca pensamentos suicidas, decidi que uma carta pode ser a melhor forma de dizer como me sinto. Apenas me escute.

Não vou negar que você estava certa. Tudo o que você disse na outra noite estava correto. Mas meu medo de ficar sozinho não é a razão pela qual estou correndo atrás de você. Eu sei como você é cética, e você provavelmente vai se sair com uma resposta engraçadinha quando ler isto, mas continuo procurando você porque realmente acho que estou me

apaixonando.

Você é a primeira garota que me viu como sou. Você é a única garota que chamou minha atenção para as coisas que faço de errado. Você me pôs no meu lugar, mas, ao mesmo tempo, me entende melhor do que qualquer um jamais entendeu. Você é a única pessoa corajosa o suficiente para me criticar. Talvez a única pessoa que se aproximou de mim o suficiente para encontrar meus defeitos — e, obviamente, achou muitos.

Liguei para os meus pais. Eles vêm para casa neste fim de semana para falar com Amy e comigo. Eu estava com medo de fazer isso no começo, mas você me inspirou. Sem você, nunca poderia ter feito.

Penso em você muito mais do que qualquer homem que tem respeito próprio gostaria de admitir, e estou com um ciúme insano do Tucker — algo que nunca pensei que diria. Seguir em frente depois de você é impossível. Nenhuma outra garota pode me manter na linha como você. Ninguém mais me faz QUERER me envergonhar escrevendo cartas idiotas como esta.

Só você.

Mas sei que estou certo também. Sei que você está apaixonada por mim, apesar de estar namorando Tucker. Você pode mentir para si mesma se quiser, mas a realidade vai alcançá-la. Vou esperar por você até que isso aconteça… você goste disso ou não.

Com amor,
Wesley

P.S.: Eu sei que você deve estar revirando os olhos agora, mas não ligo. Honestamente, sempre achei isso meio excitante.

Fiquei olhando para a carta por um longo tempo, entendendo, enfim, por que Amy tinha me agradecido. Wesley estava tentando ajeitar as coisas… por minha causa. Por causa do que eu dissera. Eu tinha, na verdade, conseguido penetrar naquela cabeça maluca dele. Isso foi absolutamente chocante para mim.

Levou um segundo para as outras surpresas me pegarem. Palavras como *amor* e *única* pularam da página na minha direção. Era a minha primeira carta de amor — não que alguma vez eu tivesse desejado receber alguma, mas ainda assim… — e nem mesmo era do meu namorado. O cara errado a havia enviado

para mim. O cara errado me queria. Wesley era o cara errado.

Ou será que ele era exatamente o cara certo?

Eu estava tão consumida por meus pensamentos que dei um pulo quando o telefone tocou e deslizei pelo chão da cozinha na tentativa de atendê-lo.

— Alô?

— Oi, Bianca — disse Toby.

Meu coração se acelerou, e a vergonha correu por minhas veias. A carta de Wesley queimava os dedos da minha mão, mas consegui parecer calma quando disse:

— Ei, Toby. Você já está vindo?

— Não — suspirou ele. — Papai tem algumas tarefas para mim, então não posso ir agora à tarde. Sinto muito, de verdade.

— Tudo bem. — Eu não devia ter sentido alívio, mas senti. Se Toby viesse, eu precisaria esconder as flores, acabaria me enredando em uma rede de mentiras, e todos sabemos que droga de mentirosa eu sou. — Não se preocupe.

— Obrigado por ser tão compreensiva. Mas queria passar um tempinho com você. Nós não conseguimos passar muito tempo juntos na escola. — Ele fez uma pausa. — Você tem planos para amanhã à noite?

— Não.

— Então quer sair comigo? Uma banda vai tocar no Nest, e eu pensei que poderíamos ir. É claro que suas amigas podem vir também. O que você acha?

— Parece ótimo. — Olha só, eu conseguia lidar com pequenas mentiras como aquela. Odiava música ao vivo e desprezava o Nest, mas fingir que estava adorando tudo faria Toby feliz, e Casey ficaria animada por também ser convidada. Então, por que não? Mentiras leves eram fáceis, mas qualquer coisa maior e eu estaria ferrada.

— Legal — disse Toby. — Então eu busco você às oito.

— Certo. Tchau, Toby.

— Até amanhã, Bianca.

Desliguei o telefone, mas meus pés se recusaram a se mover. A carta ainda queimava minha pele, e eu me peguei olhando para as palavras tentadoras. Por que essa coisa toda não podia ser mais fácil? Por que Wesley tinha de aparecer e me fazer questionar tudo? Senti como se estivesse traindo Toby a cada frase que

lia. Como se o estivesse enganando.

Mas agora sabia que, cada vez que beijasse Toby, estaria magoando Wesley.

— AHHHHH! — Com um grito que explodiu no meu peito e, no caminho, enfiou as garras em meus pulmões, transformei a carta em uma bolinha e a atirei no outro lado da sala com a maior força que consegui juntar. Ela se moveu devagar pelo ar antes de bater delicadamente no papel de parede floral e pousar no chão.

Finalmente, com a garganta doendo, afundei no chão, enfiei o rosto nas mãos e — admito — chorei. Chorei de frustração e confusão, mas em grande parte por mim mesma, por estar nessa situação, como a garotinha egoísta que eu era.

Pensei em Cathy Earnshaw, a heroína mimada e egoísta de *O morro dos ventos uivantes*, e me lembrei da passagem que estava lendo antes que a campainha tocasse. Mas as palavras vieram a mim um pouquinho diferentes do que estavam no livro.

> *Meu amor por Toby é como a folhagem dos bosques. O tempo vai mudá-lo, tenho plena certeza, como o inverno muda as árvores; meu amor por Wesley se assemelha às rochas eternas do solo — uma fonte de pouco deleite, visível mas necessária.*

Balancei a cabeça para a frente e para trás febrilmente. *Gostar*, eu me corrigi. *Meu gostar de Wesley é blá-blá-blá.* Enxuguei meus olhos e fiquei de pé, tentando acalmar minha respiração entrecortada. Então me virei e voltei lá para cima.

De repente, eu queria saber como o livro terminava.

capítulo 26

Depois de passar a noite inteira acordada lendo — e também dobrando as minhas roupas pelo menos dez vezes —, descobri que O morro dos ventos uivantes não tem um final feliz. Por causa de Cathy, estúpida, mimada e egoísta (sei que não tenho muito mérito para julgar, mas ainda assim), tudo acaba de forma triste. As escolhas de Cathy arruínam a vida das pessoas com as quais ela mais se importa. Tudo porque ela escolhe propriedade em vez de paixão. Cabeça em vez de coração. Linton em vez de Heathcliff.

Toby em vez de Wesley.

Isso, decidi enquanto arrastava meu corpo exausto para a escola na manhã seguinte, *não era* um bom presságio. Normalmente eu não dava a mínima para esse tipo de superstição ou bobagens como sinais do destino, mas as similaridades entre as situações que eu e a personagem Cathy Earnshaw estávamos enfrentando eram impossíveis de ignorar. Não conseguia parar de me perguntar se o livro não estava tentando me mandar um recadinho.

Sabia que estava interpretando as entrelinhas muito mais do que seria recomendável, porém a falta de sono somada ao estresse de tudo o que eu vinha encarando fez minha mente viajar para alguns lugares interessantes. Interessantes, mas não produtivos.

Passei o dia todo como um zumbi, no entanto durante a aula de cálculo algo me fez despertar de repente.

— Você já soube sobre Vikki McPhee?

— Que ela engravidou? Sim, me contaram hoje de manhã.

Minha cabeça se afastou de todos os problemas que eu tentava resolver de maneira não muito inspirada. Havia duas garotas sentadas lado a lado, uma fileira à minha frente. Reconheci uma delas, que fazia parte da equipe de líderes de torcida.

— Meu Deus, que vagabunda! — comentou a líder de torcida. — Não tem nem como saber quem é o pai. Ela dorme com todo mundo.

Detesto admitir, mas minha primeira reação ao ouvir aqueles comentários foi um medo extremamente egoísta. Pensei em Wesley. Tudo bem que ele tivesse

rejeitado Vikki no corredor alguns dias antes, mas e se alguma coisa tivesse mudado? E se aquela carta tivesse sido uma brincadeira? Uma espécie de truque para mexer com a minha cabeça? E se ele e Vikki realmente tivessem…

Eu me obriguei a não pensar nisso. Wesley era muito cuidadoso. Ele sempre usava camisinha. Além do mais, era como a garota tinha dito — Vikki dormia com todo mundo. As chances de Wesley ser o verdadeiro pai eram pouquíssimas. E eu não tinha sequer o direito de me importar com isso. Wesley não era meu namorado. Mesmo que tivesse declarado seu amor por mim em uma carta. Eu ainda esta-va com Toby, e o que Wesley decidisse fazer não era problema meu.

Meu segundo pensamento foi sobre Vikki. Dezessete anos, quase formada no ensino médio e, se os rumores fossem verdadeiros, grávida. Que pesadelo. O pior era que todo mundo sabia. Ouvi os murmúrios sobre o assunto no corredor quando finalmente saí da aula de cálculo. Em uma escola do tamanho da Hamilton, não demorava muito para qualquer fofoca se espalhar. A suposta situação de Vikki McPhee estava na cabeça de todo mundo.

Até mesmo na minha.

Então, quando saí da cabine do banheiro alguns minutos antes da aula de inglês e encontrei Vikki apoiada na pia passando seu batom cor-de-rosa escuro, precisei fazer certo esforço para desviar os olhos.

Precisava dizer *alguma coisa*. Tudo bem, não éramos próximas nem nada assim, porém almoçávamos juntas todos os dias.

— Olá — murmurei.

— Oi! — respondeu ela, ainda passando batom.

Abri a torneira e encarei meu próprio reflexo no espelho, tentando ao máximo não dar uma espiada na barriga dela. De quantos meses Vikki estaria? Seus pais já haviam percebido?

— Não é verdade. Você sabe, não sabe?

— O quê?

Vikki fechou o batom e o jogou dentro da bolsa. Ela estava me encarando através do espelho, e agora eu percebia que seus olhos estavam avermelhados.

— Eu não estou grávida — disse ela. — Quer dizer, pensei que estivesse, mas o teste que fiz há dois dias deu negativo. Alguém deve ter me ouvido contar

a história toda para Jeanine e Angela e… enfim, esqueça. Não estou grávida.

— Ah… Nossa. Ei, isso é bom. — Eu sei, essa não era a coisa certa a dizer, mas fui pega totalmente de surpresa.

Vikki assentiu e deu uma ajeitada em seus cachos loiro-avermelhados.

— Confesso que fiquei aliviada. Não saberia como contar para meus pais. E o cara jamais teria dado um bom pai também.

— Quem é?

Foi uma pergunta totalmente egoísta.

— Ah, um cara… Eric.

Obrigada, meu Deus, pensei. Um segundo depois, me senti totalmente culpada. Não era hora para estar pensando em mim.

— Ele é só um otário que faz parte de uma fraternidade, e adora transar com garotas que ainda estão no ensino médio. — Vikki baixou os olhos, e não pude mais encará-la através do espelho. — E eu nem me importei com isso na hora. Apenas deixei que ele me usasse, nunca pensei… mesmo quando a camisinha estourou… — ela se interrompeu, balançando a cabeça. — De qualquer forma, fico feliz que tenha dado negativo.

— Claro.

— É assustador, sabe? — disse Vikki. — Eu quase enlouqueci esperando o resultado. Simplesmente não conseguia acreditar que estava naquela situação, entende?

— Entendo, sim — respondi, sem achar tão surpreendente. Era Vikki, afinal de contas. Ela já não vinha meio que se arriscando há anos a acabar com um problema desse tipo? Dormindo com pessoas de quem ela nem sequer gostava sem pensar nas consequências?

Exatamente como eu fiz…

Tudo bem, não foram *pessoas*. Wesley foi o único. E, de certa forma, eu gostava dele… agora que não dormíamos mais juntos. Isso era… bem, não sei do que chamar essa situação. Não é sorte. Talvez coincidência? De qualquer forma, eu era esperta o bastante para saber que essas coisas não aconteciam com tanta frequência.

Mas eu *tinha* ignorado as consequências. E, de repente, percebi que Vikki e eu poderíamos facilmente trocar de papel. Eu poderia ter sido a garota sobre a

qual todos falavam. Poderia estar apavorada por achar que estava grávida. Ou pior. Estava tomando pílula, e Wesley e eu sempre usamos camisinha, mas às vezes essas coisas simplesmente falham. Poderiam facilmente ter falhado conosco. E eu aqui, julgando Vikki por uma situação que poderia acontecer com qualquer pessoa, até comigo. Sou mesmo uma hipócrita.

Você não é uma vadia. A imagem veio de relance, Wesley naquela noite em seu quarto, dizendo para mim exatamente quem eu era. Me mostrando que o resto do mundo estava tão confuso quanto eu. Que eu não era uma vadia e que não estava sozinha.

Eu não conhecia Vikki tão bem. Não sabia como era sua vida em casa e nada sobre sua vida particular, exceto seu conhecido envolvimento com diversos garotos. E ali, naquele banheiro, ouvindo-a me contar sua história, não conseguia parar de me perguntar se ela também não estava tentando fugir de alguma coisa. Eu a tinha julgado, achando que ela era uma vadia por todo esse tempo, quando, na realidade, vivíamos de um jeito muito parecido.

Chamar Vikki de vadia ou vagabunda era o mesmo que chamar alguém de Duff. Era uma coisa ofensiva de dizer e magoava profundamente. Era um desses rótulos que se alimentavam dos medos secretos que todas as meninas têm de tempos em tempos. Vadia, puta, puritana, cabeça de vento. Era tudo a mesma coisa. Toda garota já foi definida por esses adjetivos sexistas em alguma etapa da vida.

Então, talvez, todas as garotas se sintam como uma Duff?

— Meu Deus, estou muito, muito atrasada — disse Vikki no instante em que o sinal tocou. — Preciso ir.

Acompanhei Vikki com o olhar enquanto ela apanhava a bolsa e recolhia seus livros, imaginando o que devia estar se passando em sua cabeça. Será que toda essa situação havia feito com que ela se desse conta das consequências de suas escolhas?

Nossas escolhas.

— Nos vemos por aí, Bianca — disse ela enquanto se dirigia para a porta.

— Tchau! — falei. Então, sem pensar, disse: — E, Vikki… Sinto muito. É uma droga o que as pessoas dizem sobre você. Lembre-se de que o que elas dizem não importa. — Novamente, pensei em Wesley e no que ele me falara no

quarto dele. — As pessoas que se referem a você com nomes idiotas só estão tentando se sentir melhor. Elas também estão confusas. Você não está sozinha.

Vikki me encarou, parecendo surpresa:

— Obrigada — disse ela. Ela abriu a boca como se estivesse prestes a dizer algo mais, porém fechou novamente. Sem dizer mais nada, deixou o banheiro.

Até onde eu sabia, Vikki provavelmente sairia com um novo cara esta noite. Talvez não tivesse aprendido nada com a experiência. Ou talvez ela fosse mudar seu comportamento de uma vez por todas — ou ao menos, quem sabe, ser um pouco mais cautelosa. É provável que eu nunca descubra. A escolha era dela. A vida era dela. E não era meu papel julgá-la.

Nunca foi meu papel julgar.

Estava descendo pelo corredor, cinco minutos atrasada para minha aula de inglês, quando decidi que jamais chamaria novamente Vikki — ou qualquer outra pessoa — de vadia.

Porque ela é igual a mim.

Igual a todo mundo.

Isso era algo que todas tínhamos em comum. Vadias ou putas, pudicas ou Duffs.

Eu era uma Duff. E isso era uma coisa boa. Porque qualquer pessoa que não se sente como uma Duff de vez em quando não deve ter amigos. Todas as garotas se sentem pouco atraentes às vezes. Por que demorou tanto tempo para que eu me desse conta disso? Por que passei tanto tempo estressada por causa de uma palavrinha? Eu deveria me orgulhar de ser uma Duff. E me orgulhar de ter amigas fantásticas, porque, na cabeça delas, elas eram *minhas* Duffs.

— Bianca! — A sra. Perkins me cumprimentou quando entrei na sala de aula e sentei em minha carteira. — Antes tarde do que nunca.

— Acho que sim — respondi. — Desculpa por ter demorado tanto.

Quando cheguei em casa naquela tarde, estava cansada demais até mesmo para subir a escada. Simplesmente desabei no sofá, e o sono me venceu rapidinho. Tinha esquecido como era bom tirar uma soneca no meio do dia. Quer dizer, os europeus acertaram em cheio com seu conceito de sesta. Nós, americanos, devíamos considerar dar uma dormidinha no meio de um dia cheio de

compromissos porque é muito revigorante, principalmente depois de um tão cheio de emoções como o que eu tinha acabado de experimentar.

Eram quase sete da noite quando acordei, o que limitava bastante o tempo que eu tinha para me arrumar para o encontro. Meu cabelo, que parecia um monte de feno depois do cochilo, ia levar quase uma hora de dedicação para ficar aceitável. Que ótimo.

Desde que tinha começado a sair com Toby, eu vinha prestando mais atenção na minha aparência. Não que ele se importasse com esse tipo de coisa. Toby era o tipo de cara que provavelmente diria que eu estava bonita vestida como um palhaço — peruca nas cores do arco-íris e tal. Mas sentia essa constante necessidade de impressioná-lo. Alisei meu cabelo e o prendi em um rabo de cavalo, coloquei um par de brincos de pressão prateados (sou covarde demais para furar minhas orelhas) e vesti a blusa que Casey me dera de presente no meu aniversário de dezessete anos. Era uma blusa de seda branca com estampa em tons prateados, justa, o que fazia meus seios parecer maiores.

Eram quase oito da noite quando desci a escada usando minhas sandálias de salto alto, arriscando minha segurança para ficar um pouquinho mais alta. Tomei cuidado para não olhar para a cozinha enquanto passava pela porta, porque meu pai, obviamente pensando que as rosas eram presente de Toby, tinha colocado o buquê em um vaso antigo no centro da mesa de jantar na noite passada. Fora uma gentileza, mas olhar para as rosas vermelhas só trazia de volta minhas dúvidas irritantes. Então segui direto para a sala de estar e me joguei no sofá para esperar Toby, prometendo a mim mesma que encontraria a solução para as minhas confusões românticas naquele fim de semana.

Por falta de algo melhor para fazer, peguei o guia da programação da TV que estava sobre a mesa de centro e comecei a ver a programação dos próximos dias. Um post-it preso entre duas páginas chamou minha atenção, e eu abri o guia naquelas páginas. Papai tinha sublinhado o aviso da maratona de *Caras & Caretas* no domingo seguinte, usando aquele pequeno pedaço de papel como marcador de página. Sorri e puxei uma caneta que estava na minha bolsa para rabiscar “Deixe a pipoca comigo!” no post-it. Papai veria isso assim que chegasse em casa da sua reunião.

No instante em que pus a revista sobre a mesa, a campainha tocou. Eu me

levantei o mais rápido que pude, temendo cair, e tropecei pelo caminho em direção à porta, esperando ser saudada com um grande sorriso de Toby, que eu absolutamente não merecia. O sorriso branco e brilhante que se abriu bem na minha frente, porém, pertencia a alguém totalmente diferente.

— Mãe? — Eu meio que engasguei dizendo essa palavra, soando como uma personagem de novela mexicana que acaba de descobrir que sua gêmea malvada ainda está viva. Envergonhada, limpei a garganta e perguntei: — O que você está fazendo aqui? Pensei que estivesse no Tennessee.

— Eu estava, mas decidi fazer uma visita, é claro — respondeu minha mãe, apalpando seu penteado de estrela de cinema. Seu cabelo loiro platinado estava preso em um coque, e ela usava um vestido vermelho e preto até os joelhos. Um visual que era marca registrada da minha mãe.

— Mas são sete horas de carro até aqui! — falei.

— Acredite, eu sei. — Ela suspirou, fazendo um draminha. — Sete horas e meia se o trânsito estiver ruim. Então… você vai me convidar para entrar ou não? — Eu podia dizer pela forma como as mãos dela apertavam a alça da bolsa que ela estava nervosa por estar de volta.

— Ah, claro! — respondi, abrindo espaço. — Entre, desculpa. Mas, olha só, papai não está aqui.

— Ah, eu sei. — Mamãe estava correndo os olhos pela sala de estar de uma forma que me fez sentir ansiosa por ela. Encarou a poltrona e o sofá que costumavam ser dela, como se estivesse se perguntando se tinha o direito de se sentar ali ou não. — Ele tem reunião do AA às sextas-feiras à noite. Ele me contou.

— Vocês andaram conversando? — Isso era novidade para mim. Até onde eu sabia, eles estavam evitando qualquer contato desde a última reaparição de minha mãe.

— Nós nos falamos por telefone duas vezes. — Ela parou de olhar para a sala e voltou os olhos para mim, o que pareceu pesar em meus ombros. — Bianca, meu amor… — A voz dela soou suave e triste. Dolorosa de se ouvir. — Por que você não me contou que ele voltou a beber?

Mudei de posição, tentando escapar do olhar dela.

— Eu não sei… — murmurei. — Acho que apenas esperava que tudo fosse

se resolver naturalmente. Eu não queria preocupá-la nem nada assim.

— Eu entendo, mas, Bianca, isso é um problema muito grave — disse ela. — Você agora entende isso, espero. Se acontecer de novo, não guarde para si mesma. Você precisa me contar. Está me entendendo?

Concordei com a cabeça.

— Bom. — Ela suspirou, aparentando estar aliviada. — De qualquer forma, esse não é o motivo pelo qual estou aqui.

— Por que você está *aqui*?

— Porque seu pai me contou outra coisa… — provocou ela. — Algo sobre um garoto chamado Toby Tucker.

— Você dirigiu sete horas e meia por que eu tenho um encontro?

— Tenho outras razões para estar em Hamilton — disse ela —, mas acredito que essa seja a mais importante. Então é verdade? Meu bebê tem um namorado?

— Ahhh… é, tenho — falei, dando de ombros. — Acho que sim.

— Bem, conte-me mais sobre ele. — Minha mãe estava empolgada, finalmente decidindo se sentar no sofá. — Como ele é?

— Ele é legal — respondi. — Como está o vovô?

Ela semicerrou os olhos, parecendo suspeitar de mim.

— Ele está bem. O que há de errado? Você está tomando a pílula, né?

— Meu Deus, mãe, é claro! — gemi. — Isso não está em discussão.

— Obrigada, Senhor. Sou muito jovem para ser avó.

Nem brinque com isso, pensei, lembrando de Vikki.

— Então, qual é o problema? — pressionou mamãe. — Vim para casa porque soube que você tinha um encontro, e eu queria ter um momento-especial-mamãe-e-filhinha. Mas se você está com problemas, também posso lhe dar sábios conselhos maternos. Posso encarar múltiplas tarefas, entende? Assim o tempo da viagem não é desperdiçado.

— Obrigada — resmunguei.

— Meu amor, é tudo brincadeira. O que há de errado? Qual o problema com o garoto?

— Nenhum. Ele é absolutamente perfeito. Inteligente, divertido, o cara certo para mim. O problema é que tem outro menino e… — balancei a cabeça — ele é um babaca. E eu sou uma idiota. Só preciso de um tempo para repensar as

coisas. Isso é tudo.

— Bem… — disse minha mãe enquanto se levantava. — Só se lembre de fazer o que te faz feliz, certo? Não minta para você mesma porque acha que determinada escolha é mais segura ou fácil. As coisas realmente não funcionam assim… Acho que eu já disse isso a você.

Sim, mamãe já tinha dito algo parecido.

Eu estava correndo em círculos havia tanto tempo que não tinha mais ideia do que realmente queria.

— Bem, e há outra coisa — continuou minha mãe. — Eu lhe trouxe um presentinho para o encontro. Espero que isso a console enquanto você faz sua escolha.

Assisti, com um misto de horror e curiosidade, ela puxar uma caixa rosa e amarela de sua bolsa de mão. Qualquer objeto que estivesse dentro de uma embalagem nessas cores não seria boa coisa.

— O que é? — perguntei enquanto ela colocava a caixa em minha mão aberta.

— Abra e descubra, sua bobinha.

Suspirando, peguei a caixa horrível em minhas mãos e puxei a fita que fechava a tampa. Dentro havia uma pequena corrente de metal claro com um pingente no formato da letra *B*. Muito parecido com esses que as garotas mais novinhas usam como se fossem esquecer seu nome ou alguma coisa assim.

Mamãe esticou o braço e tirou a corrente da caixa.

— Pensei em você quando a vi — disse ela.

— Obrigada, mãe.

Ela colocou sua bolsa de lado e levantou, postando-se atrás de mim. Passou meu cabelo para o lado e prendeu a corrente em volta do meu pescoço.

— Vai soar um pouco brega, então tente não revirar os olhos para o que vou dizer, certo? Mas talvez essa correntinha possa ajudá-la a se lembrar de quem você realmente é no meio dessa tempestade de dúvidas. — Ela colocou meu cabelo de volta em seu devido lugar. — Perfeito — disse. — Você está linda, meu amor.

— Muito obrigada — falei, dessa vez com sinceridade. Ver minha mãe de novo fez com que me desse conta de quanto eu realmente a amava e sentia sua

falta.

Nesse momento, a campainha tocou e eu soube que era Toby. Ao me aproximar da porta, senti minha mãe logo atrás de mim, observando tudo.

Ah, que ótimo.

— Olá — disse ele. — Uau. Você está linda.

— É claro que ela está — disse minha mãe. — Você esperava algo diferente?

— Mãe! — falei, virando-me para olhar feio para ela.

Ela deu de ombros.

— Olá, Toby — disse ela, acenando. — Sou Gina, a mãe de Bianca. Tudo bem, eu sei que você vai dizer que pareço a irmã dela. Né?

Rangi os dentes. Toby riu.

— Divirtam-se — continuou minha mãe, me beijando no rosto. — Vou aproveitar e guardar algumas de minhas coisas que ainda estão aqui. Amanhã vou dar uma palestra em um asilo em Oak Hill Sunday, por isso vou passar o fim de semana em um hotel. Vamos almoçar juntas amanhã, pra que você me conte todos os detalhes da noite.

Ela me empurrou para fora da porta e a fechou antes que eu pudesse demonstrar o quanto aquilo tinha me irritado. Agora estava sozinha com Toby na varanda.

— Sua mãe é engraçada — disse ele.

— Ela é louca! — resmunguei.

— Que papo era aquele? Ela disse que estava indo para um asilo?

— Ah, minha mãe escreveu um livro de autoajuda. — Dei uma olhada rápida na direção da casa e vi a sombra da minha mãe passando pela janela em direção ao quarto em que ela costumava dormir, preparada para empacotar os últimos pertences que deixara para trás. Eu não tinha percebido a ironia até aquele momento. Nos últimos dois meses, vinha lutando pela minha própria autoestima enquanto minha mãe ensinava a estranhos como podiam fortalecer a deles. Talvez se eu tivesse conversado com ela, não teria demorado tanto tempo para entender algumas coisas. — Ela fala com pessoas por todo o país, ensinando-as a se aceitarem como são.

— Parece um trabalho divertido — disse Toby.

— Talvez.

Ele sorriu e colocou um braço em volta da minha cintura, levando-me em direção à calçada.

Suspirei e delicadamente deslizei para fora de seus braços enquanto entrava no carro.

capítulo 27

Casey e Jessica estavam esperando no banco de trás do Taurus. As duas sorriram maliciosamente no instante em que me abaixei para sentar no banco da frente.

— Alguém escolheu uma roupa sexy hoje — provocou Casey. — Eu te dei essa blusa há nove meses. Esta é a primeira vez que você usa?

— Ahhh… é, é sim.

— Bem, fica ótima em você — disse ela. — E pelo visto eu sou a Duff dessa noite. Muito obrigada, B.

Ela piscou para mim, e eu não pude evitar dar um enorme sorriso. Casey recentemente vinha se referindo a ela mesma como Duff em nossas conversas. No começo, achei estranho. Quero dizer, a palavra era um insulto. Era algo horrível. Mas, após o momento de revelação que tive no banheiro com Vikki, passei a apreciar o que Casey estava fazendo. A palavra pertencia a nós duas agora, e enquanto a mantivéssemos sob controle poderíamos dosar seu efeito negativo.

— É um trabalho bem difícil — provoquei. — Mas, ei! Alguém precisa fazê-lo. Eu posso ser a Duff do próximo fim de semana.

Ela riu.

— Você por acaso está usando um sutiã com enchimento? — perguntou Jessica, aparentemente alheia à nossa conversa. — Seus peitos parecem maiores.

Houve um longo período de silêncio, e me dei conta de que estaria mais segura se tivesse ficado com a minha mãe.

Casey explodiu em uma gargalhada enquanto eu escondia o rosto em minhas mãos, mortificada. Toby nem piscou. Graças a Deus. Se ele tivesse falado alguma coisa, eu cometeria um suicídio dentro do carro. Bateria minha cabeça contra a janela até que meu cérebro virasse uma panqueca. Em vez de dar uma espiadela disfarçada para meus peitos, para ver se Jessica estava certa, Toby agiu como se nada tivesse sido dito. Enfiou a chave na ignição e saiu dirigindo.

Nota para mim mesma, pensei. *Matar Jessica sem deixar testemunhas.*

Acontece que, de uma forma estranha, a falta de reação de Toby me incomodou um pouco. Wesley com certeza teria feito alguma piada. Ele já teria

notado meus peitos, é claro, e aproveitaria a oportunidade para dizer alguma coisa. Wesley teria rido também. Ele não ignoraria a situação como Toby.

Meu Deus! De todas as coisas, essa era justamente a que não devia estar me incomodando.

— Sabem — disse Casey assim que conseguiu controlar as risadas —, foi muito legal da parte de vocês nos convidar. — Ela sorriu para mim, e eu sabia que ela estava feliz de ter sido incluída. — Mas vocês percebem que isso vai arruinar o encontro de vocês, né?

— Por quê? — perguntou Toby.

— Porque assim viramos velas da Bianca! — disse Jessica, um pouco mais feliz do que devia.

— Por isso, nosso trabalho é impedir que vocês ultrapassem os limites — disse Casey. — E ficaremos felizes em controlar vocês.

— Sim.

Toby e eu não precisávamos nos preocupar. No segundo em que entramos no Nest minhas amigas se jogaram na pista de dança, balançando os cabelos e sacudindo o quadril como de hábito.

— Parece que são elas que devem ser controladas — disse Toby enquanto seguíamos na direção de uma mesa vazia.

— Normalmente esse é o meu trabalho — respondi.

— Você acha que elas sobrevivem se você tirar uma noite de folga?

— Veremos.

Ele sorriu para mim e tocou meus brincos com a ponta dos dedos.

— Vai demorar uma meia hora para a banda começar a tocar — disse ele enquanto acariciava meu pescoço e meus ombros. Aquele toque não me empolgou muito. Se fosse Wesley fazendo o mesmo, deslizando os dedos pela minha pele, eu teria…

— Você quer que eu busque nossas bebidas antes que o bar fique muito lotado?

— É claro — falei, enquanto tentava expulsar Wesley da minha cabeça. — Eu quero uma Coca… uma Coca Light.

— Tudo bem — disse Toby. — Estarei de volta em um instante. — Ele me deu um beijo no rosto e saiu em direção ao bar.

Uma verdadeira multidão estava se acotovelando para passar pela porta de entrada do Nest. O lugar lotava quando havia bandas ao vivo. Algumas garotas do oitavo ano pegaram a mesa atrás de mim, gabando-se em voz alta sobre como pretendiam agir no ensino médio para serem populares. Um calouro e seus amigos passaram ao meu lado com uma garrafa de cerveja mal escondida dentro do casaco, e com o canto dos olhos vi a caloura que Jessica e eu tínhamos observado no jogo de basquete algumas semanas antes. Ela entrou de mãos dadas com um garoto bonitinho que eu não reconheci. Mesmo de longe, podia ver seu sorriso. Ela estava linda, e eu soube que uma de suas amigas loiras perfeitinhas havia sido forçada a fazer o papel de Duff em sua ausência. Então ela e seu par desapareceram, deixando-me com um sorriso inexplicável.

Eu não sabia que tipo de banda ia tocar, mas, levando em conta o número de garotos e garotas com cabelo roxo e piercing nos lábios que estavam entrando, achei que devia ser uma banda emo.

Meu sorriso se apagou.

Ótimo. Garotos chorões tocando guitarras. É a minha cara, certo?

Olhava em volta sem realmente prestar atenção em nada quando *ele* apareceu no meio da multidão. De início, nem percebi. Ele estava conversando com Harrison Carlyle a caminho do bar. Era fácil acompanhar seus movimentos. Ele era alguns centímetros mais alto que todos à sua volta, encarava a multidão com muito mais confiança do que seus colegas, caminhava por entre os outros garotos com muito mais graça do que qualquer outro adolescente de sua idade, e meus olhos o seguiam sem a permissão do meu cérebro.

Na metade do caminho para o bar, Wesley se virou na minha direção. Seus olhos cinza ficaram presos aos meus por alguns segundos. *Merda*. Olhei para outro lugar, rezando para que não tivesse notado a minha presença, mesmo sendo óbvio que ele tinha.

— Fala sério — murmurei, apertando meu punho contra a parte de baixo da mesa. — O cara está em todos os lugares!

— Quem está em todos os lugares? — perguntou Toby, sentando-se na minha frente e empurrando o copo em minha direção.

— Ninguém. — Dei um gole em minha Coca Light e tentei não fazer uma cara estranha. A falta de açúcar deixou um gosto ruim em minha boca. Engoli e

perguntei: — Qual o nome da banda que vai tocar hoje?

— Lágrimas Negras — respondeu ele.

O.k. Pra mim, soava como o nome de uma droga de música emo.

— Legal.

— Eu nunca ouvi a música deles — admitiu Toby, passando uma das mãos sobre seus cabelos loiros em corte tigelinha. — Mas um pessoal me disse que são realmente bons. Fora que são a única banda da cidade de Hamilton. Todos os outros que tocam aqui vêm de Oak Hill.

— Legal.

Me sentindo desconfortável, me ajeitei na cadeira. Consciente de que Wesley devia estar com os olhos em mim. A forma como ele me observava era insana, e eu esperava que Toby não percebesse o quanto estava me contorcendo. Ele provavelmente pensaria que eu precisava ir ao banheiro ou qualquer coisa assim.

— Eu terminei *O morro dos ventos uivantes* — falei, tentando desesperadamente começar uma nova conversa que pudesse afastar Wesley de meus pensamentos. Demorou um minuto para eu perceber que provavelmente esse não era o assunto ideal.

— Você gostou? — perguntou Toby.

— Bem, me fez pensar em muitas coisas. — Eu podia ter dado um tapa em minha própria cara naquele instante. Não era culpa daquela porcaria de livro eu ter surtado? Por que fui falar nele? Era muito tarde para mudar de assunto. Toby estava muito animado em poder falar do livro comigo.

— Eu sei, sempre me perguntei o que levou Emily Brontë a criar personagens tão desagradáveis. Quero dizer, durante o livro inteiro, eu só conseguia pensar que tanto Heathcliff quanto Linton eram uns canalhas, e Cathy…

Brinquei com meu canudinho sem prestar muita atenção no que ele dizia. Todas as vezes que Toby falava *Heathcliff*, meus olhos automaticamente buscavam Wesley por cima de seu ombro. Como sempre, ele estava lindo, usando jeans e uma camiseta branca justa por baixo de sua jaqueta de couro preta ligeiramente larga. Estava de costas para o bar e com os cotovelos apoiados no balcão. Sozinho. Sem garota alguma se jogando em cima dele. Pelo amor de Deus, até mesmo Harrison havia desaparecido. Joe era a única pessoa próxima o

suficiente com quem ele podia conversar, mas parecia estar muito ocupado com um bando de adolescentes góticos e sedentos.

Os olhos de Wesley estavam fixos em mim. De onde eu estava, ficava difícil perceber com qual expressão me encarava, mas ele não desviou o olhar nem por um segundo. Sim, aquilo estava me dando nos nervos, porém eu sabia que me sentiria desapontada, até mesmo ferida, se ele desviasse os olhos. Eu conferia de vez em quando para ver se ainda estava sendo observada.

— Bianca?

Assustada, olhei para Toby novamente.

— Hein?

— Você está bem? — perguntou ele.

Meus dedos estavam brincando com o pingente em forma de B sem que eu mesma percebesse o movimento. Imediatamente afastei a mão da correntinha.

— Estou bem.

— Casey me avisou que quando você diz isso quer dizer que alguma coisa vai mal — disse ele.

Trinquei os dentes e lancei um olhar feio para minha suposta amiga no meio da pista de dança. Ela acabava de ser adicionada à lista de pessoas que eu iria socar muito em breve.

— E acredito que ela esteja certa — murmurou Toby.

— O quê?

— Bianca, você acha que não estou percebendo o que está acontecendo? — Ele olhou por cima do próprio ombro em direção a Wesley e, quando olhou de novo para mim, fez um movimento afirmativo com a cabeça. — Ele está olhando diretamente para você desde que entramos aqui.

— Ah… está?

— Consigo ver o reflexo dele naqueles espelhos ali. E você está olhando de volta para ele — disse Toby. — E não é uma coisa que começou hoje. Eu já percebi a forma como ele encara você na escola. Nos corredores. Ele gosta de você, né?

— Eu não sei, acho que sim. — Meu Deus, que momento constrangedor... Continuei a brincar com o canudinho, acompanhando as pequenas ondas de bolhas que apareciam na superfície de minha Coca-Cola. Eu não podia olhar nos

olhos de Toby.

— Eu nem preciso adivinhar — disse ele. — Está tão óbvio! A maneira como olha para ele me faz achar que você está apaixonada também.

— Não! — falei, soltando o canudinho e encarando Toby. — Não! Não! *Não!* Eu não estou apaixonada por ele, o.k.?

Toby olhou para mim com um sorrisinho nos lábios.

— Mas você tem sentimentos por ele.

Eu não percebi nenhum sinal de dor em seus olhos, apenas um toque de interesse. Isso me deu forças para responder:

— Sim, acredito que sim.

— Então vá até ele.

Sem conseguir me controlar, revirei meus olhos. Foi algo automático.

— Meu Deus, Toby! — falei. — Isso parece uma péssima fala de um filme ruim.

Toby deu de ombros.

— Talvez, mas estou falando sério, Bianca. Se você sente algo por ele, devia ir lá agora.

— Mas e…?

— Não se preocupe comigo — continuou ele. — Se você está a fim do Wesley, deveria estar com ele agora. Namorar comigo não vai fazer seus sentimentos desaparecerem… E eu devia saber disso. Definitivamente, não se preocupe comigo, Bianca. A verdade é que estou na mesma situação que você. Eu só não queria admitir.

— Como?

Agora Toby era quem estava encarando sua bebida, parecendo constrangido, empurrando os óculos de volta para o lugar.

— Eu ainda não superei a Nina.

— Nina, sua ex?

Ele assentiu.

— Nós terminamos há um mês, mas ainda penso muito nela. Adoro você, então pensei que, se saíssemos juntos, talvez conseguisse esquecê-la. E por um momento consegui mesmo, mas então…

— Bem, então você devia ligar pra ela — sugeri. — Em vez de ficar sentado

aqui, fazendo beicinho, devia ligar pra ela e contar tudo o que sente. Hoje.

Ele me encarou novamente.

— Você não está brava? Não se sente usada?

— Eu seria uma grande hipócrita, principalmente levando em consideração que eu também estava usando você. Mesmo que não fosse minha intenção. — Eu me levantei e me equilibrei nos saltos altos. — E, para sua informação, se a Nina não aceitar você de volta, ela é uma burra. Acho que você é provavelmente um dos caras mais doces e educados que já conheci. Minha paixonite por você durou anos. Eu realmente queria que você fosse o cara certo pra mim.

— Obrigado — disse Toby. — E se Wesley partir seu coração, prometo que vou… Eu ia dizer dar um chute nele, mas ambos sabemos que isso é fisicamente impossível. — Ele olhou para seus braços finos. — Então vou escrever uma carta com palavras bem fortes para ele.

— Então é isso. — Respirei fundo e dei um beijo no rosto de Toby. — Muito obrigada, mesmo.

Ele me deu um último sorriso perfeito, um sorriso do qual eu me lembraria para o resto de minha vida. E disse:

— Você está radiante. Anda logo, vai lá!

— Certo. Vejo você na aula, Toby.

— Adeus, Bianca.

Respirei fundo de novo, tentando me acalmar, e fixei meus olhos nos de Wesley. Então, com um sorriso leve no rosto, comecei a abrir caminho por entre a multidão, deixando para trás o cara mais legal do mundo. A já familiar música techno havia parado de tocar, e todos na pista estavam se apertando à espera da banda que subiria ao palco. Tive de fazer zigue-zague entre os corpos que se recusavam a se mover, ninguém era educado o suficiente para me dar passagem por um segundo.

Visualizei Casey no meio da multidão — sua cabeça loira mais alta do que a de todos, exceto pelo jogador de basquete ao lado dela, um garoto em quem, eu sabia, ela estava de olho havia semanas; ela não ia gostar da minha decisão. Para Casey, era culpa de Wesley de eu tê-la negligenciado. Ela ficaria chateada comigo. Ela poderia até ficar brava. Poderia pensar que eu a estava deixando para trás de novo. Eu ia precisar provar que ela estava errada. Provar que Toby,

que ela simplesmente adorava, não era o cara certo para mim.

Quando estava a três metros do bar, um som alto saiu dos alto-falantes, mas não era a música emo que eu estava esperando. Em vez disso, levei um tremendo susto com o som de microfonia. Fiquei tão apavorada que dei um pequeno sobressalto, o que não seria nenhum problema com sapatos baixos.

Acontece que meus pés, quando atingi o chão, escorregaram e eu perdi completamente o equilíbrio. Antes que eu pudesse me aprumar, torci um dos tornozelos, o que me fez voar — o rosto primeiro, naturalmente — em direção ao chão. Maravilhoso. Perfeito!

Não pude deixar de gemer de dor por causa do meu tornozelo torcido.

— Ai, ai, aaaaai! Meu Deus, como odeio esses sapatos!

— Então por que diabos você usa essa droga?

Minha pele se arrepiou com o toque das duas mãos que me ergueram pelos ombros e tentaram me ajudar a ficar de pé. Percebendo que eu não conseguia me equilibrar, Wesley pôs seu braço por baixo dos meus, segurou minha cintura e me ajudou a chegar até o bar.

— Você está bem? — perguntou, me ajudando a sentar. Eu podia dizer pelo seu sorriso que ele estava enfrentando uma guerra interna para não dar uma gargalhada.

— Sim — murmurei, me permitindo um sorriso. Não me sentia mais tão envergonhada. Não com Wesley. Se fosse com qualquer outra pessoa eu teria corrido — ou me arrastado — para fora do clube, mas com Wesley tudo estava bem. Podíamos rir disso juntos.

O sorriso se perdeu, e o rosto dele ficou sério. Ele me encarou por um longo momento. Seu silêncio estava me levando à loucura quando ele finalmente abriu a boca.

— Bianca, eu…

— Bianca! Meu Deus! — Jessica se materializou ao meu lado, suas bochechas rosadas de tanta empolgação. Atrás dela, a banda começava a tocar (ou a tentar tocar) a versão emo de uma música de Johnny Cash. O som estava muito alto, mas de alguma forma Jessica conseguia fazer sua voz prevalecer. — Bianca, eu finalmente a encontrei! Você viu? Harrison e eu estávamos dançando juntos. Acho que ele vai me convidar pra formatura! Isso não seria maravilhoso?

— Que ótimo pra você, Jessica.

— Preciso contar à Angela! — Foi então que ela viu Wesley. Um sorriso que eu conhecia muito bem apareceu no rosto dela. — Vejo vocês mais tarde. — E, com um salto, seu rabo de cavalo se perdeu na multidão.

Wesley observou Jessica se afastando e depois disse:

— Ela sabe que o Harrison gosta de garotos, né?

— Deixe que ela mantenha a esperança — respondi, sorrindo para mim mesma.

Ele voltou sua atenção para mim.

— Sim. Esperança pode ser uma coisa boa. Bianca, eu… — Ele deu um sorriso sarcástico. — Eu sabia que você iria se entregar, mais cedo ou mais tarde. — Ele pôs a mão sobre meu joelho e começou a subir lentamente pela minha coxa. — Você está prestes a admitir que me ama, né?

Dei um tapa em sua mão e interrompi seus avanços.

— Primeira coisa — falei —, saiba que não amo você. Amo minha família, talvez Casey e Jessica. Amor romântico leva anos pra acontecer. Portanto, eu não amo você. Mas vou admitir, ando pensando demais em você e definitivamente tenho sentimentos por você… sentimentos que não o ódio da maior parte do tempo. É possível que, no futuro, eu venha a… amar você. — Hesitei, um pouco assustada com as palavras que saíam da minha boca. — Mas ainda quero matar você na maior parte do tempo.

A ironia no sorriso de Wesley desapareceu, pois agora ele era genuíno.

— Cara, como eu senti sua falta. — Ele se inclinou para me beijar, eu coloquei minha mão em seu peito para afastá-lo.

— Qual é o problema? — perguntou.

— Só quero deixar claro que você e eu não vamos transar hoje, seu babaca — falei, me lembrando de Vikki e da situação assustadora que ela havia enfrentado. Não que eu fosse me tornar uma freira ou qualquer coisa do tipo, mas, depois de perceber como poderia acabar na mesma situação, soube que nosso relacionamento precisaria mudar. — Se vamos fazer isso, vamos fazer do jeito certo. Vamos namorar na velocidade normal de um namoro de ensino médio.

Wesley estendeu os braços e alcançou o pingente com a letra B no meu peito,

virando o presente que minha mãe havia me dado com a ponta de seu dedo, quase como se não estivesse ali tendo aquela conversa.

— Mas nenhum de nós dois é normal.

— Isso é verdade — concordei. — Mas nessa parte vamos ser normais. Olha, não estou dizendo que não vamos voltar ao ponto em que estávamos. Mas vamos… Vamos um pouco mais devagar.

Wesley pensou por alguns segundos antes de deixar seu sorriso malicioso voltar aos lábios.

— Então tudo bem — disse ele, inclinando-se um pouco mais para me encarar. — Pra mim está ótimo. Existem outras coisas que a gente pode fazer. — Seus dedos soltaram meu pingente e se moveram em direção à minha nuca, produzindo um pequeno arrepio na minha coluna. — Eu preciso terminar uma coisinha. Fomos interrompidos da última vez, no seu quarto… Mas posso te mostrar novamente como se faz. Estou ansioso por isso.

Respirei fundo, tentando ignorar aquelas palavras e o estado de excitação em que elas me colocaram.

— Você vai me levar pra encontros — continuei, limpando a garganta. — Encontros bacanas. E nunca mais vai me chamar de Duff.

O sorriso irônico desapareceu outra vez.

— Bianca — disse ele baixinho —, desculpa, eu não sabia quanto isso machucava você. Nunca devia ter chamado você daquilo. Eu não te conhecia na época. Eu não…

Balancei a cabeça.

— Não se incomode em pedir desculpas — respondi. — Não perca seu tempo, o fato é o seguinte: eu sou uma Duff. Como todas as pessoas no mundo. Somos todos Duffs.

— Eu não sou um Duff — disse Wesley de maneira confiante.

— Isso é porque você não tem amigos.

— Ah é! Verdade.

— E — continuei — eu provavelmente serei uma vaca a maior parte do tempo. Garanto que descobrirei razões pra berrar com você todos os dias, e não se surpreenda se copos de bebida forem jogados na sua cara de vez em quando. Essa sou eu, e você terá de lidar com isso. Não pretendo mudar por sua causa ou

por ninguém. E eu…

Wesley deslizou de sua banqueta e pressionou seus lábios contra os meus antes que eu pudesse continuar a falar ou me soltar. Um de seus braços enlaçou minha cintura, me puxando para junto de seu corpo, e com sua mão livre ele acariciou meu rosto. Wesley me beijou de forma tão apaixonada que eu podia sentir nossa temperatura subir.

Foi só depois que nos desgrudamos em busca de ar que consegui raciocinar de novo.

— Seu idiota! — gritei, empurrando-o para longe de mim. — Você me beijou pra me fazer ficar quieta? Cara, você é muito cretino. Eu *jogaria* uma bebida em você agora!

Wesley deu um sorriso malvado enquanto se apoiava no balcão do bar, quando repentinamente me lembrei dele dizendo que achava sexy quando eu ficava brava com ele. Vai entender.

— Licença, Joe. — Ele chamou o bartender. — Acho que a Bianca quer uma Coca Light.

Apesar de meus esforços para não fazer isso, sorri. Ele não era perfeito, nada nem perto disso. De qualquer forma, eu também não era. Nós dois éramos um par de pessoas problemáticas. De algum modo, isso fazia tudo ficar mais empolgante. É doentio e bizarro, mas também é bem real, não é mesmo? Já que escapar é impossível, porque não abraçar o caos?

Wesley pegou minha mão com as dele e entrelaçou os dedos nos meus.

— Você está linda esta noite, Bianca.

Agradecimentos

Agradeço às pessoas incríveis com quem tive a honra de trabalhar. Minha editora, a incomparável Kate Sullivan, cujos cuidados e insights me ajudaram a tornar este livro um milhão de vezes melhor do que eu jamais pensei que poderia ser. Todo o pessoal da Poppy com seu entusiasmo incrível. E minha agente fabulosa, Joanna Stampfel-Volpe — que é, sem dúvida, a maior fã deste livro —, por sempre entender exatamente o que eu queria dizer. Obrigada a todos por fazerem os meus sonhos se tornar realidade.

Um agradecimento especial a todas as minhas chefes de torcida: Hannah Wydey, Linda Ge e Krista Ashe, por lerem este livro logo no comecinho e ainda assim amá-lo; Amy Lukavics, minha melhor amiga virtual, uma mulher impressionante, que me incentivou desde o primeiro capítulo — o destino realmente fez nossos caminhos se cruzar!; Kristin Briana Otts, Kirsten Hubbard e Kristin Miller, por serem o melhor grupo de apoio *de todos os tempos*. Espero que um dia tenhamos uma noite de autógrafos do nosso livro coletivo. E um enorme agradecimento ao pessoal do Teens Writing for Teens, YA Highway e Absolute Write. Jamais poderia ter feito isto sem vocês.

Minha mais profunda gratidão aos amigos que sempre me apoiaram: Shana Hancock, Molly Troutman, Stacy Timberlake, Aja Wilhite, Kyle Walker, Cody Ogilby e Allison Austen. Obrigada por ficarem ao meu lado enquanto escrevia este livro, mesmo quando eu deixava vocês completamente *loucas*!

E, acima de tudo, obrigada à minha família, mamãe, papai e Chelle: vocês sabiam que eu seria escritora, mesmo quando pensei que isso fosse impossível. Eu não chegaria a lugar nenhum sem o incentivo, a paciência e o amor de vocês. Nem todo mundo é abençoado com uma família que apoia suas inclinações artísticas. Muito obrigada por acreditarem em mim. Eu amo vocês.